



Universidade Católica Portuguesa

**PERCEÇÕES DAS FAMÍLIAS SOBRE O SERVIÇO DE
APOIO ALIMENTAR**

**Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do
Grau de Mestre em Serviço Social**

Por

Vera Lúcia Narciso Lopes

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro de 2015



Universidade Católica Portuguesa

**PERCEÇÕES DAS FAMÍLIAS SOBRE O SERVIÇO DE
APOIO ALIMENTAR**

**Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do
Grau de Mestre em Serviço Social**

Por

Vera Lúcia Narciso Lopes

Sob orientação de:

Professora Doutora Maria Inês Amaro

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro de 2015

Resumo

O presente trabalho tem como base de estudo a população que recorre ao Serviço de Apoio Alimentar promovido pelo Banco Alimentar e dinamizado por entidades de carácter social. Trata-se portanto de um estudo desenvolvido à volta dos conceitos de pobreza e exclusão social, na procura de compreender os seus significados, aproximações e distanciamentos, mas mais concretamente quais as influências que poderão ocorrer nas vidas dos indivíduos e famílias que vivenciam estes ambientes de vulnerabilidade. No âmbito de um estudo dedicado a estes fenómenos, pretende-se conhecer a realidade sob uma perspectiva em que se pretende captar as trajetórias de vida das famílias e indivíduos, conduzindo a uma maior compreensão acerca das suas perceções acerca dos apoios alimentares tentando obter desta forma uma compreensão mais aproximada de como é que organizam os seus pensamentos, vivem e o que sentem relativamente a si e à sua ligação com a realidade em que vivem. Assim, tornou-se pertinente realizar sete entrevistas a homens e mulheres apoiados pelos Serviços de Apoio Alimentar para compreender melhor o que pensam sobre o serviço.

Abstract

The present study is dedicated and based in the beneficiaries of the Support Food Service promoted by Banco Alimentar and streamlined by social institutions. It's a study developed in turn of the concepts of poverty and social exclusion, to reach their meaning when they stand together or are apart, but is to understand also how they influence the life's of the individuals and families who live in the state of vulnerability. In this investigation dedicated to these phenomena, it is necessary to know the trajectories of live of families and individuals, to understand what they think about Support Food Service and knowing how they organize their thoughts, live and how they feel about themselves and what's the connection they have with their reality. It was important to do this investigation with the collaboration of seven people (man and women) beneficiaries of Support Food Service to understand clearly what they think about the service.

Agradecimentos

Mais do que uma necessidade de aumentar o meu grau académico, a frequência do Mestrado em Serviço Social foi o retomar do caminho do conhecimento teórico, descobrir novas perspetivas dos autores e encetar um percurso há muito desejado num espaço de interrupção profissional.

Esta caminhada iniciou-se de uma forma muito turbulenta e desfocalizada, no entanto a descoberta do meu objeto de estudo tornou-se uma luzinha ao fundo do túnel. Tenho portanto a agradecer à minha orientadora, Dr.^a Maria Inês Amaro, por me ter aumentado a luz e introduzir numa temática que inicialmente me pareceu confusa, depois intrigante e agora mais um pouco solidificada. Nada foi um repetir de conhecimentos, tudo foi novo e descoberto com maior avidez e com grandes períodos de reflexão e de necessidade de reconhecimento da realidade das instituições. Mas, tal como já me tinha sido dito, este é um percurso solitário e esse também foi um obstáculo que tive de ultrapassar pois não faz parte de mim o trabalho isolado. Agradeço sempre nestes momentos à minha orientadora que me foi incentivando de várias formas, lembrando, ajudando a refletir e a recuperar a noção da realidade que me rodeia, recordado dos tempos e principalmente que eu não estava sozinha nos momentos de investigação, análise e escrita da tese.

Ao Centro Social e Paroquial de Pontével e às Conferências Vicentinas Femininas que me proporcionaram o acesso às famílias que apoiam no Serviço de Apoio Alimentar, principalmente à D. Maria de Jesus que se disponibilizou sempre para esclarecer as minhas dúvidas e que foi a minha principal fonte de proximidade com a realidade para que conseguisse compreender melhor as teorias.

Agradeço também à minha família, filha e marido, que nunca me deixaram desistir, mesmo quando me deparei com uma passagem sem ponte. Á minha filha agradeço o facto de me ter acompanhado no nosso percurso escolar como amiga e colega principalmente nas horas em que ambas estudámos e partilhamos as alegrias e dificuldades, principalmente no período de escrita e análise das informações que coincidiu com um período de grandes dificuldades no percurso escolar dela e pelo qual espero ter sido exemplo. Ao meu marido tenho a agradecer o facto de ter na reta final sido o meu guia e quem me recordou que os projetos têm de ser terminados, mas que isso não significa que os laços relacionais criados

se quebrem; que me disse vezes sem conta que eu sou corajosa e me incentivou a crescer mais um bocadinho.

Ao meu pai e à minha mãe que me desafiaram para iniciar o projeto de Mestrado, e tal como todos os pais e todas as mães garantiram que eu terminasse. Este projeto é sem sombra de dúvida um presente para eles que tanto se esforçaram nas suas vidas pessoais para que os filhos tivessem um bocadinho mais. Como prova de amor, ajudaram-me a ser a primeira licenciada da minha família e agora espero que fiquem orgulhosos de mim.

A todos os meus amigos que me acompanharam nesta jornada.

Ao Pedro, para sempre meu irmão, que me deixou perdida mas que ensinou-me a ser mais forte, mais sábia e mais “eu”. Tu permanecerás para sempre em mim.

Índice

Introdução.....	8
Capítulo I - O Serviço de Apoio Alimentar: breve caracterização do campo de estudo.....	14
CAPITULO II - Enquadramento Teórico.....	21
2.1 Viver em contexto de pobreza e exclusão social.....	21
2.1.1 A Pobreza e a Exclusão Social: aprofundando conceitos.....	26
2.2 Repensar as Políticas Sociais.....	38
2.3 Intervenção Social.....	49
Capítulo III - Metodologia.....	66
Capítulo IV – Análise dos dados obtidos.....	74
4.1 Perceções das famílias acerca do apoio alimentar.....	76
4.1.1 Fase da Infância e Juventude.....	80
4.1.2 A Fase da Vida Adulta.....	90
4.2 Relação com o Serviço de Apoio Alimentar.....	100
Conclusão.....	117
Bibliografia.....	125
Anexos.....	127

Introdução

O estudo dos fenómenos da pobreza e exclusão social são recorrentes nas investigações do Serviço Social. Devido à complexidade e amplitude de ambos os fenómenos, ainda persistem lacunas no que respeita à construção das trajetórias de vida de alguns indivíduos que se conseguem afastar do processo de vulnerabilidade, enquanto outros permanecem em trajetórias prolongadas de pobreza, que os conduzem à dependência institucional. A visibilidade da pobreza que tal como Bruto da Costa et al (2008) referiu, faz parte das vivências diárias de cada cidadão. Dirigir o estudo para os apoios alimentares coloca em ênfase a intervenção social junto de indivíduos que dependem de apoios institucionais para conseguirem superar as suas limitações essencialmente de cariz económico. Mas remete também para um questionamento acerca do modo como se intervém sobre a vulnerabilidade que estes indivíduos se encontram diariamente envolvidos.

Quem recorre ao apoio alimentar vive em situação de pobreza, vulnerabilidade e nos limites das suas capacidades. Porém surgem questões no que respeita à intervenção social que é realizada em volta dos apoios alimentares, mas também na importância que estes têm para as famílias e indivíduos: os apoios alimentares atenuam a vulnerabilidade vivida e sentida?; solucionarão a pobreza e a exclusão social?; poderá esta forma de intervenção potenciar a criação de ciclos de pobreza?; de que forma os agregados familiares conseguem sair da rede formal de suporte que os apoia?; como é que as instituições intervêm de forma a conseguir autonomizar as famílias e os indivíduos no sentido de desenvolverem competências e capacidades para superar as dificuldades?; como olham as famílias e os indivíduos para estes apoios que lhes são cedidos?

O apoio alimentar é um recurso que apoia nas situações de pobreza e mais concretamente no que respeita às carências alimentares, mas não evita, nem colmata todas as necessidades dos agregados familiares. Sendo apenas um recurso, depende de outros para que toda a intervenção social funcione de forma plena. Mas depende fundamentalmente das famílias e dos indivíduos que a ele recorrem, sendo pertinente compreender quais as suas

trajetórias de vida e de que forma encaram esta forma de apoio nas suas vidas. Partindo dessa intenção elaborou-se uma pesquisa de entidades que prestam apoio alimentar na zona territorial do estudo, sendo eles:

- **Fundo Europeu de Auxílio aos Carenciados** – programa promovido pela Comunidade Europeia e gerido pela Segurança Social. Este apoio é concedido uma ou duas vezes por ano aos agregados familiares eleitos através de análise dos seus rendimentos.
- **Refeitórios Sociais** - têm como objetivo o acesso das famílias e indivíduos de forma gratuita ou a custo reduzido a bens alimentares já confeccionados; esta forma de apoio implica uma intervenção social através de um acompanhamento que visa a construção de um projeto de vida exequível, negociado e que permita aos indivíduos desenvolver capacidades e competências na procura constante de autonomia pessoal e familiar.
- **Banco Alimentar Contra a Fome** - implementado em 1990 em Portugal e têm como base de intervenção o reaproveitamento dos excedentes alimentares produzidos pelas indústrias afim de redistribuí-los por famílias e indivíduos que vivem em situação de carência alimentar. Alargou-se a todo o território nacional através da criação de protocolos com instituições/ entidades que já desenvolviam a sua prática nesta área específica; este programa tem como pedra basilar o voluntariado implicando desta forma a mobilização da sociedade civil para combater a pobreza e a exclusão social;
- **Campanhas de Angariação de Fundos** - são usualmente realizadas para complementar os bens que o Banco Alimentar atribui; estas campanhas são dirigidas à comunidade local e a alguns estabelecimentos comerciais.
- **Cantinas Sociais** - foram criadas em 2012 através de protocolos com Instituições Particulares de Solidariedade Social com valências no âmbito alimentar, e a sua

intervenção baseia-se na disponibilização de refeições através de participações simbólicas das famílias, que dependem dos rendimentos do agregado familiar.

- **Programa Pera (Programa Escolar de Reforço Alimentar)** - implementado nos estabelecimentos de ensino do concelho do Cartaxo desde 2012 e tem como objetivo fornecer pequenos-almoços às crianças identificadas em situação de carência alimentar; estendendo-se aos agregados familiares das crianças.
- **Apoios Pontuais a instituições e entidades** – são distribuídos cabazes alimentares a famílias e indivíduos identificados pelos Serviços de Ação Social com periodicidade anual.

De todos os projetos que se encontram implementados na comunidade do Cartaxo, optou-se por eleger o Apoio Alimentar concedido através do Banco Alimentar, dado que tem uma maior aproximação à vivência da pobreza e exclusão social e daí permitir conhecer em maior profundidade as necessidades das famílias e indivíduos que recorrem a este apoio.

O presente estudo passará inicialmente por esclarecer como está organizado o Serviço de Apoio Alimentar associados ao Banco Alimentar, contextualizando e esclarecendo a eleição das entidades eleitas para elaborar o estudo. No segundo Capítulo parte-se de um conhecimento da abordagem dos fenómenos da pobreza e exclusão social, como ponto de partida para uma reflexão acerca da intervenção social e das políticas sociais na sociedade contemporânea. No terceiro Capítulo pretende-se delinear as metodologias utilizadas neste estudo, que teve como base o modelo de Maxwell (2005) tendo como foco a perceção das famílias acerca do Serviço de Apoio Alimentar. No entanto, apesar de se colocar em evidência a perspectiva das famílias acerca dos apoios que lhes são concedidos pretende-se aprofundar os seus pensamentos e considerações, evitando cair numa avaliação acerca do funcionamento das entidades/ instituições que lhes prestam apoio. Assim, no Capítulo quarto, revela os contornos do estudo que refletem a influência das experiências de vida e da compreensão da sua construção identitária de cada indivíduo, com o objetivo principal de apreender as suas perceções acerca da realidade que os rodeiam. A linha de

investigação seguiu então uma linha de desconstrução das histórias de vida com o objetivo final de perceber de que forma é que as experiências de vida influenciam a percepção dos indivíduos acerca do mundo que os rodeiam e mais concretamente acerca do Serviço de Apoio Alimentar. No capítulo da conclusão aponta para linhas orientadoras delineadas pelos autores no que respeita à intervenção social cruzando com os resultados obtidos nas entrevistas, de forma a apontar para intervenções mais ajustadas às realidades de cada indivíduo.

A investigação visa então compreender a percepção das famílias e indivíduos sobre o Serviço de Apoio Alimentar e a valorização que lhe concedem na sua vida diária. Parte-se do pressuposto de que quem recorre a estes serviços encontra-se numa situação de vulnerabilidade, fundamentalmente no que respeita aos recursos e aos rendimentos disponíveis mas também, relativamente à sua identidade. Procura-se através deste estudo compreender de que forma é que as limitações (endógenas ou exógenas) dos indivíduos contribuem para torná-los autónomos e independentes desta forma de apoio. Atendendo ao campo de ação eleito para desenvolver a presente investigação, torna-se pertinente estruturar um enquadramento teórico tendo por base dois conceitos base: pobreza e exclusão social.

Este posicionamento perante a realidade em análise irá permitir por um lado, compreender como estão a ser repensados e reajustados os conceitos, tendo em conta as mudanças societárias que têm vindo a ocorrer e quais as consequências práticas que essas mesmas mudanças têm vindo a ter nas vivências diárias de quem se encontra em situação de pobreza e exclusão social, e por outro lado, ter a percepção das diferentes perspetivas que existem sobre ambos os conceitos de forma a apreender melhor a sua essência. A análise das diferentes perspetivas encetadas pelos investigadores das ciências sociais no que respeita a estas questões de pobreza e exclusão social permitirá compreender o cerne dos conceitos mas também, contribuir para uma visão mais clara das vivências dos indivíduos e das famílias e uma aproximação às possíveis formas de intervenção mais adequadas a cada realidade.

Sob este ângulo de análise o o exercício passou pela aquisição de capacidade reflexiva quanto ao Serviço Social e à sua intervenção junto da população que recorre ao Serviço de Apoio Alimentar, como também às perspectivas apontadas por alguns teóricos, fazendo um esforço para aproximar o agir da teoria. A técnica da reflexividade, implica que os profissionais tenham uma postura de responsabilidade face às diferentes perspetivas de pensamento, levando a exercitar o distanciamento do terreno/ agir com o objetivo de obter uma maior compreensão da realidade que envolve o contexto em estudo, e levando a repensar modelos de intervenção e teorias defendidas, procurando o reforço nas bases metodológicas que orientam os técnicos.

Na prática a prática da reflexividade permite aos Assistentes Sociais debruçarem-se de forma exaustiva sobre as suas acções e a dos seus clientes, conduzindo-os a avaliar acerca da sua adequabilidade, mas também a produzirem conhecimento teórico. Segundo Schon (1987), o profissional que assuma uma postura reflexiva tem de assumir a consciência de que as teorias existentes são linhas orientadoras fundamentais para desenvolver a intervenção, o que por vezes leva a um questionamento acerca da realidade das sociedades contemporâneas e conseqüentemente a repensar as teorias, questionamento das políticas sociais implementadas relativamente à sua adequabilidade e a possíveis resposta face às novas formas de pobreza e de vulnerabilidade que surgem nesta sociedade em contante mutação.

Os profissionais que tenham em si desenvolvida a capacidade de reflexividade conseguem ter um olhar distanciado e crítico que lhes permite avaliar os moldes da intervenção e ajustá-la de forma a respeitar a individualidade e os direitos dos indivíduos, mas também, a analisar as situações tendo em conta um quadro referencial teórico que poderá guiá-los na procura de conhecimento e de novas formas de intervenção. Assim, um profissional reflexivo parte do saber prático, com a consciência e a responsabilidade de que está a construir um conhecimento e a fundamentar a sua acção como profissional, podendo contribuir para o ajustamento das políticas e medidas sociais implementadas de forma a adequá-las à complexidade das sociedades em que intervém. Segundo Schon (1987), a

reflexividade implica reflectir enquanto se age, ou seja, pensar o que se está a fazer, enquanto se está a fazer. Esta é portanto segundo o autor, uma competência que permite aos investigadores abstrair-se da realidade e entrarem num mundo virtual no qual conseguem ter um diálogo reflexivo consigo mesmos, em termos de problema/ situação, com o objetivo de (re) construir os indivíduos no seu pleno de forma a que consigam acompanhar as mutações da sociedade.

Capítulo I - *O Serviço de Apoio Alimentar: breve caracterização do campo de estudo*

Introduzir o tema do Serviço de Apoio Alimentar conduz a compreender de que forma foi criado este serviço, qual a forma da sua intervenção e organização na sociedade, tornando-se inevitável refletir sobre a pobreza e exclusão social. Ambos os fenómenos fazem parte de uma realidade diária de muitos indivíduos, que se vêm impossibilitados de aceder a recursos alimentares, fundamentalmente por diminuição ou ausência total de recursos financeiros/ económicos. É porém estéril debater ambos os fenómenos, dissociando-se os indivíduos que recorrem a estes serviços e mais concretamente os seus sentimentos e pensamentos acerca dos momentos que vivenciam diariamente.

Para analisar e compreender a intervenção dos Serviços de Apoio Alimentar do Banco Alimentar, é percorrer um caminho de conhecimento que parte do geral para o particular, coltando novamente ao início com um conhecimento esclarecido sobre a realidade que convivemos diariamente. Assim, o Banco Alimentar é uma entidade sem fins lucrativos que promove uma resposta social de carácter “provisório” (www.bancoalimentar.pt). Surgiu com o objetivo de responder à Declaração Universal dos Direitos dos Homens, que defende que todos têm “*direito a um nível de vida suficiente que lhe assegure e à sua família, a saúde o bem estar, principalmente quanto à alimentação*” (art.º 25), DR n.º 57/78 de 9 de março de 1978). O projeto do Banco Alimentar foi criado e desenvolvido em Portugal a partir da década de 90, e teve como objetivo garantir o direito à alimentação através da recuperação dos excedentes da indústria de produção alimentar. Após recolhidos, os excedentes são distribuídos de forma gratuita pelas famílias identificadas como vivendo em situação de carência alimentar. No entanto, os Serviços de Apoio Alimentar dependem do Banco Alimentar, e resultam da articulação entre a sociedade civil, nomeadamente Instituições Particulares de Solidariedade Social e outras entidades, que se dedicam a apoiar aqueles que vivem em situações de ausência total ou parcial de recursos que os impossibilita de fazer face às suas necessidades básicas.

Estas instituições de carácter social que têm protocolo com o Banco Alimentar, sejam elas as Instituições Particulares de Solidariedade Social, Organizações Não Governamentais ou outras entidades, organizam-se segundo os directrizes estabelecidas pela entidade “mãe” que promove os seguintes valores: voluntariado, solidariedade, partilha, dádiva, gratuidade e mecenato. O voluntariado é um dos pilares basilares do funcionamento dos Serviços de Apoio Alimentar, na medida em que este projeto não envolve uma dimensão económica/ financeira de forma direta, aostando numa valorização da solidariedade, partilha e dádiva. O voluntariado faz parte de toda a cadeia de angariação e distribuição dos bens, o que significa que as instituições/ entidades desenvolvem em si uma maior capacidade de organização e gestão para distribuir e apoiar as famílias e os indivíduos que lhes recorrem.

O papel de proximidade que as entidades/ instituições têm na intervenção com as famílias e indivíduos que vivem em situação de pobreza, atribui-lhes uma capacidade de detetar, identificar e sinalizar as vulnerabilidades existentes dentro das suas comunidades. Este contacto direto que mantêm com a realidade permite reunir nestas organizações um conhecimento mais aprofundado, não somente sobre as famílias que acompanham, mas também sobre a realidade vulnerável que os rodeiam. Mais do que um fenómeno patente na sociedade, a pobreza é um estado de vida de alguns agregados familiares, que sempre existiu, mas com a emergência das sociedades contemporâneas e o aumento do bem estar e da sociedade de consumo, foi-se criando também um “gap” na aquisição de bens materiais. Ou seja, actualmente a pobreza tornou-se mais visível e facilmente identificável, segundo Bruto da Costa et al (2008). Mas este fenómeno, para além das consequências que tem na sociedade, afeta também a identidade de cada pessoa que vivencia esse estado de vulnerabilidade e fragilidade sem que se possa compreender até que ponto é que a vivência prolongada nesta situação poderá eventualmente causar danos na personalidade dos indivíduos. Isto porque, a ausência parcial ou total de recursos e a necessidade de pedir apoio a uma rede de suporte formal, coloca o indivíduo face a face com as suas próprias limitações e vulnerabilidades.

As sociedades contemporâneas desenvolvem-se segundo o princípio do progresso social tornando-se este o epíteto da garantia de uma maior qualidade de vida para os

indivíduos, transformando o fenómeno da pobreza num obstáculo para a evolução, pois segundo Bruto da Costa (2008) a vivência de uma situação de carência (ausência total ou parcial de recursos mínimos para a sobrevivência) limita os indivíduos na sua vivência diária e como consequência abranda o ritmo do progresso da sociedade. No entanto, a grande questão colocada para definir o conceito de pobreza é: como distinguir um pobre de um não pobre?; a ausência de bens materiais é um dos critérios, tal como a ausência de recursos (internos ou externos ao próprio indivíduo)?; a pobreza está associada apenas a factores económicos, mais concretamente ao desemprego ou emprego precário?

Limitar a pobreza a questões económicas poderá conduzir-nos a conhecer apenas uma faceta do fenómeno, dado que a pobreza detém em si características multidimensionais que impossibilitam a sua caracterização associada a único factor (Bruto da Costa et al, 2008: 30). Daí que Bruto da Costa et al (2008) defenda que a intervenção sobre a pobreza deverá incidir na ausência de recursos das famílias, colmatando não somente os factores externos como os internos (capacidades e competências dos indivíduos) para que consigam superar as suas privações.

Bruto da Costa (2008), sublinha ainda a existência de um fenómeno que surgiu com a emergência das sociedades contemporâneas e que muitas vezes é confundido com a pobreza, dado que condiciona igualmente a vivência dos indivíduos na sociedade: a exclusão social. Segundo o autor, este fenómeno poderá eventualmente estar associado a situações de carência, mas na sua essência refere-se a situações ou vivências que, por diferentes motivos, condicionam a forma de viver dos indivíduos. A pobreza quando associada à exclusão social, coloca os indivíduos em situação de grande vulnerabilidade, pois ultrapassa as questões relativas à ausência ou diminuição de recursos que leva a situações de carência, mas também a um desacreditar em si, nas suas potencialidades e competências levando-os a afastar-se dos centros de decisão e no limite a situações de isolamento.

Ambos os fenómenos afectam directamente a vivência dos indivíduos e contribuem, principalmente em situações de pobreza, para a urgência de intervenção de carácter social a

fim de colmatar as suas necessidades básicas. Daí a necessidade que surgiu em criar o Banco Alimentar em Portugal recuperando, por um lado, os excedentes do comércio de retalho e dos donativos da sociedade civil e outras entidades e, por outro lado, respondendo às necessidades alimentares dos indivíduos, através da distribuição equitativa às famílias e indivíduos que se encontram a vivenciar situações de privação. No entanto, esta resposta descentralizou-se a nível nacional para que se conseguisse dar resposta a todas as famílias e indivíduos do país, surge assim a colaboração protocolada com Instituições Particulares de Solidariedade Social e outras entidades de carácter social. No entanto, dever-se-à sublinhar que o Banco Alimentar é considerado uma resposta provisória face às situações de carência que surgem pois segundo Bruto da Costa (2008), responde apenas a uma parte da vivência da privação, à satisfação das necessidades.

Assim, o presente estudo visa compreender a perceção das famílias e indivíduos sobre o Serviço de Apoio Alimentar e a valorização que lhe concedem na sua vida diária. Parte-se do pressuposto de que quem recorre a estes serviços encontra-se numa situação de vulnerabilidade, fundamentalmente no que respeita aos recursos e aos rendimentos disponíveis mas também, relativamente à sua identidade. Procura-se através deste estudo compreender de que forma é que as limitações (endógenas ou exógenas) dos indivíduos contribuem para torná-los autónomos e independentes desta forma de apoio. Atendendo ao campo de ação eleito para desenvolver a presente investigação, torna-se pertinente estruturar um enquadramento teórico tendo por base dois conceitos base: pobreza e exclusão social.

O presente estudo teve como base a população do Centro Social de Bem Estar Social de Pontével, que desenvolve a sua intervenção com o Serviço de Apoio Alimentar há cerca de seis anos. Desde o início esta instituição tem prestado apoio alimentar às famílias mais carenciadas da freguesia e de mais duas outras freguesias, articulando-se estreitamente com os Apoios Alimentares concedidos pela Segurança Social, evitando desta forma a sobreposição dos Apoios Alimentares. Esta instituição apoia cerca de 90 famílias, sendo que os apoios são concedidos mensalmente às famílias e indivíduos. No entanto, às famílias que residem fora da freguesia e não detêm transporte próprio o Centro Paroquial assume a entrega em casa das famílias dos cabazes alimentares.

A segunda entidade sobre a qual o estudo se debruçou, foi a Conferência de S. Vicente de Paulo Feminina que está implementada na freguesia do Cartaxo e apoia entre 90 a 100 famílias. A prática das Regras Vicentinas leva a que o apoio prestado às famílias e indivíduos carenciados esteja muito associado à religião católica e a base da sua intervenção tem como cerne de intervenção uma preocupação “*com a promoção do homem na sociedade através de um sentimento de afeto e respeito pela dignidade de cada pessoa*” (www.ssvp.pt). Esta forma de intervenção é realizada com um cariz de caridade religiosa do amor ao próximo que vive em situação de pobreza, desenvolvendo no próprio grupo, que trabalha há mais de duas décadas na freguesia do Cartaxo, o dever de mitigar o sofrimento das famílias e dos indivíduos que os procuram. Assim, para além dos seus próprios recursos o grupo socorre-se de outros recursos comunitários que ajudam a complementar os bens recolhidos pelo Banco Alimentar mas também a abranger um número maior de beneficiários. A mobilização de recursos locais permite que esta entidade tenha mais disponibilidade para apoiar mais famílias e com uma maior regularidade que é definida consoante as necessidades de cada agregado, mas também permite uma aproximação das famílias através da realização de visitas domiciliárias.

A motivação inicial que serviu de força motriz para a realização do presente estudo em duas instituições, esteve relacionado com os constrangimentos que surgiram quando o projeto foi apresentado e os impedimentos que foram sendo colocados para a realização do estudo, daí que tenha surgido a necessidade de solicitar a participação de mais uma instituição. No entanto, e longe de tornar a abordagem assumida como comparativa, pretende-se desde já esclarecer que não há qualquer tipo de comparação que possa ser feita. Ambas as instituições intervêm na mesma linha de acção em regime de voluntariado, em freguesias distintas e que por isso trazem à análise aspectos muito particulares e específicos da intervenção que é realizada em ambos os serviços.

No entanto, foi durante o trabalho de pesquisa que se acentuaram algumas diferenças na organização e funcionamento dos Serviços de Apoio Alimentar que poderão repercutir-se na análise das entrevistas realizadas, nomeadamente: a Instituição Particular de

Solidariedade Social intervem no terreno há menos de uma década enquanto que as Conferência Vicentina Feminina, encontra-se no terreno há mais de duas décadas; a primeira trabalha num contexto mais rural enquanto que a segunda em ambiente citadino; entre outros aspetos. As conclusões que se poderão tirar à partida acerca das divergências contextuais estão relacionadas com o tempo de intervenção junto de situações de pobreza, no entanto, não se trata de uma questão linear e da qual se possam tirar ilações à partida pois ambos os trabalhos se distinguem pelos voluntários, organização e funcionamento do Serviço de Apoio Alimentar.

Assim, este estudo foi desenhado para compreender quais as perceções das famílias e indivíduos acerca dos Serviços de Apoio Alimentar em particular, tentando captar o “olhar” de quem está dependente de ajudas externas para suprir as suas necessidades básicas. Este foi sem dúvida o foco da investigação: dar voz àqueles que beneficiam de apoios alimentares, tentando compreender de que forma é que esses mesmos apoios influenciam o seu modo de vida e quais as suas expectativas futuras. Seria no entanto, muito redundante debruçar-se apenas nesta visão dos Serviços de Apoio Alimentar, assim o aprofundamento do estudo passa pela análise da trajectória de vida dos beneficiários com o intuito de perceber de que forma é que as suas vivências influenciam a sua visão sobre os apoios e sobre si próprios. As entrevistas foram realizadas a sete beneficiários (quatro mulheres e três homens) das ambas as instituições em que o critério teve por base o tempo de apoio e a idade dos beneficiários.

Durante a seleção dos entrevistados surgiram alguns constrangimentos no que respeita à disponibilidade dos indivíduos para realizar as entrevistas, mesmo sendo explicitado o carácter de anonimato das mesmas e de confidencialidade, existiram alguns beneficiários que recusaram alegando diferentes motivos, mas fundamentalmente por estarem a receber pela primeira vez e há menos de um ano, ou até mesmo por os filhos não terem conhecimento de que os pais, já idosos, se encontravam a receber este tipo de apoio. Assim, antes mesmo do início das entrevistas apreendeu-se sentimentos de vergonha escondida entre o grupo de beneficiários que se tornou um obstáculo na marcação e realização das entrevistas, mesmo com a referência de que as entrevistas seriam apenas para

um estudo académico e que ocorriam sob a base do sigilo profissional e institucional. Por outro lado, as famílias e os indivíduos que recorrem há mais tempo a este tipo de apoio demonstraram uma maior disponibilidade para conversar.

A análise das entrevistas, realizada com base na análise de conteúdo desenvolvida por Isabel Guerra (2012), é construída de forma sequencial, tendo por base o guião das entrevistas e cruzadas com os aspectos teóricos desenvolvidos no enquadramento teórico. Este estudo tornou-se muito enriquecedor, não somente pelos aspetos de investigação teórica com pelos conhecimentos que se conseguiu reunir. Ou seja, microscopicamente o investigador pode verificar em todas as entrevistas e de uma forma cronológica a construção da identidade destes indivíduos, bem como a sua percepção acerca da sua vida, necessidades que se tiveram de debater dia-a-dia, mas também sobre aquilo que sentem e pensam sobre os outros, não apenas aqueles que estão presentes diariamente nas instituições/ entidades, mas por todos os que fazem parte do sistema social que se encontra instituído. A generalização das conclusões retiradas para todas as instituições e famílias que são apoiados pelos Serviços de Apoio Alimentar a nível nacional é um dos aspetos que não poderá ser retirado deste estudo pois trata-se de uma realidade temporal e espacial específicas. NO entanto, considera-se que a necessidade de captar o que é que as famílias realmente procuravam no Serviço de Apoio Alimentar: a satisfação em termos alimentares e/ ou outros possíveis recursos que a ele possam estar associados como o diálogo, a empatia e o conforto emocional perante a fragilidade e vulnerabilidade que vivenciam.

CAPITULO II - Enquadramento Teórico

2.1 Viver em contexto de pobreza e exclusão social

O presente estudo visa compreender a perceção das famílias e indivíduos sobre o Serviço de Apoio Alimentar e a valorização que lhe atribuem. Parte-se do pressuposto de que quem recorre a estes serviços encontra-se numa situação de vulnerabilidade, fundamentalmente no que respeita aos recursos e aos rendimentos disponíveis, mas também relativamente à sua identidade. Procura-se através deste estudo compreender de que forma é que as limitações (endógenas ou exógenas) dos indivíduos contribuem para torná-los autónomos e independentes desta forma de apoio. Atendendo ao campo de ação eleito para desenvolver a presente investigação, torna-se pertinente estruturar um enquadramento teórico tendo por base dois conceitos base: pobreza e exclusão social.

A pobreza e a exclusão social são dois conceitos que traduzem um estado/ situação em que se encontram os indivíduos. No entanto, identificar situações de pobreza é, segundo Bruto da Costa uma tarefa fácil, na medida em que ela se encontra associada a comportamentos e hábitos específicos que se desviam daquilo que é considerado padrão para todos os elementos da sociedade. Definir a pobreza é então mais do que determinar um conceito teórico, mas descrever formas de viver e de estar na vida, que por norma se desvia dos padrões de vivência da sociedade em que o indivíduo vive.

Seguindo a linha de pensamento de Bruto da Costa, a pobreza é uma “*situação de privação resultante da falta de recursos*” (Bruto da Costa et al, 2008: 28) que tem consequências na vivência diária de quem a vive, e reflete-se a longo prazo no exercício da cidadania e na participação ativa na sociedade. No entanto, compreender o verdadeiro significado da pobreza permite captar a melhor a sua essência, e apurar de que se trata de um fenómeno complexo, transversal que afeta todos os indivíduos em todas as suas dimensões, ou seja na forma como vivem com os outros e consigo próprios. Um olhar mais profundo sobre o conceito de pobreza e exclusão social remete assim, para um abandono daquilo que é visível e superficial, caminhando-se no sentido de compreender as verdadeiras

causas e consequências que geram estas situações limite que fazem parte do dia-a-dia das sociedades.

O enquadramento teórico deste estudo baseia-se numa reflexão sobre as teorias da pobreza e exclusão social, e que segundo Bruto da Costa, são fenómenos que apesar de se apresentarem muitas vezes intrincados em determinadas situações, são na realidade distintos. A aproximação, sobreposição e distanciação de ambos os conceitos exponenciam o grau de complexidade e transversalidade na observação e compreensão de ambos os fenómenos. Perante esta complexidade existe também a necessidade de compreender quais as medidas de proteção e intervenção social que poderão ser construídas e aplicadas nestes contextos específicos, conduzindo a repensar formas de intervenção adaptadas aos indivíduos e tendo em conta o contexto em que vivem.

Este posicionamento perante a realidade em estudo permitirá por um lado, compreender como estão a ser repensados e reajustados os conceitos, tendo em conta as mudanças societais que têm vindo a ocorrer mas também no impacto que têm vindo a ter nas vivências diárias de quem se encontra em situação de pobreza e exclusão social. Por outro lado, ter a perceção das diferentes perspetivas teóricas sobre ambos os conceitos permite apreender melhor as suas essências e também as suas mutações ao longo do tempo. A análise encetada pelos diferentes investigadores das ciências sociais no que respeita a estas questões de pobreza e exclusão social permitirá compreender o cerne dos conceitos contribuindo para uma visão mais clara das vivências dos indivíduos e das famílias e uma aproximação às possíveis formas de intervenção mais adequadas a cada realidade.

Clarificando desde já a perspetiva que servirá de linha orientadora para a presente investigação, sublinha-se que será adotada a linha de pensamento anglo-saxónica, em que o fenómeno da pobreza é explicado como um estado de carência resultante da falta de recursos (Bruto da Costa et al, 2008). O fenómeno encontra-se associado, segundo o autor primeiramente a aspetos de carácter economicista que afetam todas as dimensões sociais e pessoais dos indivíduos, traduzindo-se na investigação que a população identificada e apoiada pelo Serviço de Apoio Alimentar vive em situação de privação por falta de recursos económicos, facto que a impossibilita de colmatar as suas necessidades básicas, conduzindo-

a por sua vez a apoios institucionais, como forma de superar essa mesma situação.

O apoio alimentar concedido às famílias e indivíduos alivia as consequências da pobreza, ou seja, dá resposta a uma necessidade biológica básica do ser humano. No entender de Bruto da Costa (2008) a superação da vivência da pobreza passa, igualmente por capacitar os sujeitos tornando-os auto-suficientes. Ou seja, para ultrapassar a situação de pobreza os indivíduos têm de se “capacitar” para fazer face às suas limitações e dificuldades afim de garantir que conseguem dar resposta às suas necessidades básicas. Assim, para capacitar os indivíduos, no entender do autor, passa por apoiá-los diretamente com o objetivo de identificarem e recuperarem os recursos que têm disponíveis para se tornarem autónomos e independentes de apoios institucionais e conseguindo superar as suas fragilidades.

A vivência em situação de pobreza e exclusão social reflete a existência de redes relacionais fragilizadas que poderão resultar da carência de bens essenciais para a subsistência, e existência de incapacidades internas ou externas nos indivíduos que se tornam obstáculos difíceis de superar. A fragilidade dos laços sociais poderá gerar no limite situações de isolamento que se traduzem num afastamento das interações sociais, mais concretamente, do centro de decisão da sociedade (seja por motivos internos ou externos ao próprio indivíduo). A somatização destes fatores poderá causar um crescente desinteresse individual nas tomadas de decisão sociais e a emergência de um sentimento de “*auto-afastamento*” do acesso a bens e serviços que se vão tornando cada vez menos prioritários, tal como o exercício da cidadania e da liberdade.

O acesso dos indivíduos à satisfação das necessidades básicas como forma de garantir a sobrevivência altera a valorização do papel que cada indivíduo desempenha na organização da sociedade principalmente no que respeita ao exercício dos seus direitos e deveres. A passagem por momentos de vulnerabilidade e mais concretamente de situações de pobreza e exclusão social poderá alterar as prioridades individuais de cada um podendo inclusive expor a existência de fragilidades dos laços sociais entre os indivíduos e a sociedade. A pobreza e a exclusão social estão associadas às necessidades materiais, tal

como sublinha Bruto da Costa (2008), mas também à restrição do exercício da liberdade de ser pessoa, ou seja, reflete-se na ação dos indivíduos afetando todas as dimensões sociais em que ele se encontra incluído, limitando-lhe por sua vez o acesso aos mais variados recursos existentes nas sociedades.

O Serviço de Apoio Alimentar é um dos recursos disponíveis para que os indivíduos que vivem em situação de pobreza e/ ou exclusão social possam recorrer para atenuar o seu sofrimento, sendo determinantes em dois sentidos: relembram, por um lado, aos elementos da sociedade que o exercício de cidadania é um direito que todos deverão exercer e, por outro, que a vivência em sociedade implica uma solidariedade para com todos os elementos que a constituem para que todos tenham acesso aos recursos mais elementares. No entanto, aqueles que por si só não detêm capacidades para superar as suas limitações poderão beneficiar desses mesmos laços de solidariedade mantidos no seio da sociedade, revelando-se como uma resposta de emergência para responder às situações sociais que se situam no limite. Por outro lado, os serviços de apoio alimentar apoiam os indivíduos em situação de carência alimentar colmatando as suas necessidades de subsistência, permitindo atenuar a ausência de recursos que os indivíduos e famílias vivenciam. No entanto, estes apoios solucionam apenas a situação de privação das famílias, segundo Bruto da Costa et al (2008), a situação de pobreza só poderá ficar plenamente resolvida quando os indivíduos conseguirem solucionar a limitação de acesso aos recursos, de forma a tornar-se *“auto-suficiente em matéria de recursos, o que significa que a pessoa em causa deixa de estar dependente de formas extraordinárias de ajuda”* (Bruto da Costa et al, 2008:26), passando a conseguir por si obter os meios necessários para manter a sua subsistência.

Aqueles que recorrem ao Serviço de Apoio Alimentar são na sua maioria uma população constituída por indivíduos que se encontram a viver numa situação de pobreza ou exclusão social que inicialmente se apresentam através de carências alimentares. No entanto os pedidos de apoio poderão considerar-se uma forma de manter uma relação com a sociedade, traduzindo-se também numa maior possibilidade de dependência dos serviços e dos apoios concedidos. Perante estas situações de vulnerabilidade, poderá levanta-se a

questão acerca do que as pessoas pensam e sentem acerca de si próprias e da experiência que vivenciam.

Levantam-se assim algumas questões relativamente ao contexto dos Serviços de Apoio Alimentar e dos seus beneficiários: o Serviço de Apoio Alimentar salvaguarda a dignidade das pessoas “devolvendo” a liberdade que tendem a perder, ou serão guardiões de uma dignidade que nunca será resgatada?; quais os limites da dignidade humana quando os indivíduos e as suas famílias têm de recorrer a apoios fora do seu espaço relacional para manter a sua subsistência? Segundo Sen (Bruto da Costa et al, 2008) a pobreza está diretamente associada à ausência de liberdade, ou seja, “*uma pessoa com fome não é livre*” (2008; 23), para o autor liberdade traduz-se na existência de recursos que permitam ao indivíduos escolher, sendo a ausência desse direito uma negação clara dos “*direitos humanos fundamentais*” (2008; 23).

A urgência de suprir as necessidades básicas é fulcral na medida em que as pessoas que recorrem a estes apoios poderão experienciar igualmente sentimentos de desvalorização identitária (Paugam, 2003; 23) conduzindo-as por sua vez a pensamentos de inferioridade, desvalorização e sofrimento psíquico que no limite poderão gerar situações de isolamento social e no extremo uma rutura relacional com a sociedade, revelando-se uma experiência marcante no que respeita à identidade pessoal dos indivíduos, segundo Soulet (2003).

A pobreza e a exclusão social são fenómenos visíveis na sociedade nomeadamente pela ausência de bens materiais, tornando-se mais evidentes numa sociedade que promova o consumo generalizado de bens e serviços. Decorrem em grande medida a partir de limitações individuais (de carácter externo ou interno) que impedem os indivíduos de obter, de forma autónoma, as respostas adequadas para satisfazerem as suas necessidades básicas e ultrapassarem as suas fragilidades intrínsecas.

Aprofundar o conhecimento dos fenómenos da pobreza e exclusão social leva a compreendê-los e a distingui-los, pois apesar de se confundirem ou como refere Bruto da Costa et al (2008: 19), parecerem pertencer à mesma realidade e serem muitas vezes

utilizados em discursos políticos como sendo sinónimos, são efetivamente conceitos diferentes que se podem interligar e sobrepor, mas que têm origens, contornos, consequências e implicações diferenciadas no dia-a-dia de quem as vive. Implicam inclusive formas diferentes de intervir, daí a necessidade de compreender a situação da família e/ou indivíduo a fim de atenuar os efeitos das experiências pessoais que estas pessoas vivenciam e simultaneamente reforçar as suas competências.

Pretende-se assim, com este estudo aprofundar o conhecimento da pobreza e da exclusão social, mais concretamente a vivência das situações de pobreza em que foram acionados recursos institucionais. Sendo este o ponto de partida desta investigação, existe também a necessidade de se desenvolver competência reflexiva, através do distanciamento consciente do micro, por forma a compreender com maior especificidade quais os constrangimentos e oportunidades que os indivíduos enfrentam. Mas também, compreender em que medida é que essa vivência poderá constituir um momento fulcral para ativar as suas competências ou constituir um permanente obstáculo no desenvolvimento das capacidades necessárias para reforçar as suas competências pessoais e sociais.

2.1.1 A Pobreza e a Exclusão Social: aprofundando conceitos.

A pobreza é um fenómeno que tem assumido ao longo dos séculos diferentes formas de interpretação. Segundo a tradição judaico-cristã, a pobreza encontrava-se associada aos valores da humildade e simplicidade que deveriam orientar a existência espiritual dos crentes. Por oposição, os detentores de riqueza eram considerados moralmente responsáveis pelos mais pobres, zelando por eles através do exercício da caridade (Paugam, 2003: 23).

A sociedade contemporânea, porém é marcada por valores associados ao sucesso e riqueza, tornando-se estes sinais determinantes para o progresso social. Assim, os fenómenos da pobreza e exclusão social representam por oposição ao progresso social, uma forma de fracasso social que segundo Paugam (2003), se apresenta como um defeito no mecanismo estrutural da sociedade e que conseqüentemente abranda o seu ritmo evolutivo. A assumpção de uma perspectiva individualista nas sociedades contemporâneas, em que se considera que cada indivíduo é responsável pela sua situação pessoal e social, torna-se uma realidade intolerável (Paugam, 2003), pois separa a sociedade em indivíduos isolados entre si sem laços relacionais que os unam. Segundo esta linha de pensamento, os apoios sociais assumem uma vertente reparadora, pois centram a intervenção em ações pontuais que tendem a atenuar as anomalias que surgem na sociedade.

Segundo Bruto da Costa et al (2008), identificar o fenómeno da pobreza é uma tarefa fácil, no entanto, poderá cair-se numa abordagem ao tema superficial que poderá conduzir uma perceção muito redutora do conceito. A simplificação do conceito de pobreza poderá até transformar este problema social num tema secundário nas agendas políticas, dado que alguns elementos que constituem a sociedade poderão assumir que se trata de uma situação natural que ocorre no seio da sociedade.

Debater o fenómeno da pobreza e exclusão social, pressupõe assumir que existem desigualdades sociais entre os elementos da sociedade e que nem todos detêm os recursos necessários a superar as suas limitações. Segundo Dorling (2013), as desigualdades sociais são fomentadas por cinco crenças instituídas ao longo do tempo e sustentam a injustiça social

ganhando ênfase principalmente junto daqueles que ocupam posições de poder de decisão na sociedade e que vão reforçando e vincando essas mesmas crenças no âmago sociedade, sendo elas: o elitismo é eficiente, a exclusão é necessária, o preconceito é natural, a ganância é boa e o desespero é inevitável.

Para Dorling (2013), a existência do elitismo na sociedade traduz-se na distinção clara entre os indivíduos que detêm capacidades para liderar e os liderados. Esta divisão marcante da sociedade separa naturalmente aqueles que ocupam lugares de poder daqueles que ocupam o seu lugar na sociedade e que se mantêm concentrados nas suas vivências diárias. Esta diferenciação assume um peso na trajetória de vida familiar de cada indivíduo, tornando-se mais ou menos relevante na construção da sua identidade pessoal. O autor exemplifica este paradigma com o contexto educativo, no qual as crianças assumem à partida uma postura de igualdade de conhecimentos, no entanto esse é o local onde se inicia a distinção através das capacidades e competências que os indivíduos demonstram ter, gerando a crença de que existem crianças limitadas no que respeita à aprendizagem e logo serão mais aptas a serem lideradas. O sistema educativo, segundo Dorling (2013), é um fator decisivo na diferenciação dos indivíduos e dos seus percursos de vida (que começam muitas vezes antes mesmo de nascerem e ainda quando se encontram no seio das suas mães e que se vai perpetuando ao longo da vida social e pessoal dos indivíduos). O elitismo é então concebido como uma forma de organização da sociedade que torna as relações mais eficientes e nas quais os indivíduos ocupam o seu lugar sem questionar aceitando livremente o seu papel de líder ou liderados.

A crença de que a exclusão é necessária, resulta do pressuposto anterior de que o elitismo é natural, que consequentemente afasta dos centros de decisão todos os outros elementos que têm “competências” para serem liderados. Ao considerar-se o elitismo e a exclusão eficientes e necessárias, no que respeita à separação dos líderes e liderados, presume-se a existência do preconceito como um sentimento e atitude natural no seio da sociedade. Desta forma, as desigualdades acentuam-se de forma gradual e o fosso que separa aqueles que se excluem, por se considerarem líderes, e os que se excluem por não se sentirem

valorizados pela sociedade aumenta exponencialmente com o passar do tempo.

Segundo a linha de pensamento de Dorling (2013), o progresso social permitiu um fácil acesso a bens e serviços, mas colocou os indivíduos perante a crença de que a ganância é boa. O autor sublinha que, o significado de ganância assume aqui uma perspectiva de que deter bens materiais que constituam propriedade privada é um aspeto positivo na vivência diária dos indivíduos, sendo considerado até uma mais-valia. A noção de propriedade privada traduz uma perspectiva individualista da sociedade que coloca em foco os indivíduos e a sua capacidade de “ter”, afastando os que não têm para os limites da exclusão e do preconceito. Passa-se de um discurso em que o “ter” é mais valorizado do que o “ser”, desvirtuando a essência do indivíduo como ser humano e por isso Dorling (2013), aponta para a última crença: o desespero é inevitável.

Perante aqueles que reúnem em si todas as capacidades e recursos, persiste um fosso de desigualdade face àqueles que não detêm capacidades nem competências para superar as suas dificuldades. O sofrimento dos indivíduos é inevitável na medida em que a sociedade não é estanque, e os sentimentos só poderão ser atenuados através de medidas concretas que o minimizem as suas consequências. A sobrevalorização do individualismo e de uma sociedade que permite a existência de desigualdades sociais assente em crenças incutidas ao longo das décadas, transforma a definição científica do conceito pobreza. Ou seja, o grau de complexidade, amplitude e transversalidade do fenómeno em si (Bruto da Costa et al, 2008) é exponenciado. Segundo os investigadores, a pobreza como fenómeno que compõe a sociedade, é apenas um sintoma do verdadeiro problema social, que pelas suas especificidades se traduz através de um efeito dominó, que atinge as diferentes dimensões da vida dos indivíduos em sociedade. É igualmente um fenómeno que detém características transversais, pois revela a ausência de limites, no que respeita aos diferentes grupos sociais, nomeadamente idosos, toxicodependentes, beneficiários de prestações sociais, ou outros. Sem que haja um fator identificador concreto, a vivência em situação de pobreza afeta o indivíduo e a sua família, mas segundo alguns investigadores, afeta também todas as ligações relacionais que estes mantêm com a sociedade podendo assumir proporções inimagináveis e

causando danos em todas as dimensões do indivíduo.

Assim, tendo em conta a complexidade do fenómeno da pobreza, fica definido à partida que o presente estudo terá como linha orientadora a definição anglo-saxónica de pobreza, ou seja, parte-se da conceção de que a pobreza está relacionada com situações de privação por falta de recursos. Tal como definiu Bruto da Costa et al (2008), a ausência total ou parcial de recursos poderá conduzir a uma situação de carência por privação dos bens essenciais à sobrevivência humana. Assim, torna-se fundamental definir dois conceitos: privação - forma de carência que pode derivar de inúmeros fatores sejam eles de carácter material ou imaterial; e falta de recursos – refere-se à ausência ou diminuição de rendimentos que por sua vez não permitem aceder a recursos considerados básicos (Bruto da Costa, et al, 2008).

Segundo a linha de pensamento de Bruto da Costa et al (2008), que se baseia na tradição anglo-saxónica, o objetivo do presente estudo é analisar os aspetos distributivos da sociedade a fim de compreender qual a sua influência na criação e perpetuação de situações de carência. No entanto, e apesar da pobreza se encontrar associada a fatores económicos isso não significa que estes sejam determinantes na sua definição, constituindo apenas uma das suas características mais visíveis. Os fatores económicos são essenciais para constituir o ponto de partida por forma a compreender como é que a pobreza afeta todas as dimensões da vida privada (alimentação, vestuário, educação/ formação, condições habitacionais, entre outras), contribuindo por sua vez para a diminuição das condições básicas de vida (Bruto da Costa et al, 2008). Esta é, sobretudo uma perspetiva que permite compreender como é que o desenvolvimento progressivo da situação de privação poderá influenciar as relações entre o indivíduo e a sociedade e consequentemente o “afastamento” da vivência compartilhada em sociedade.

A privação por falta de recursos é uma situação que resulta da aglomeração de carências, que se somatizaram ao longo do tempo e vão constituindo um entrave na

participação na sociedade (devido à alteração do padrão de vida, hábitos e na forma de participação em atividades sócio-culturais que poderão conduzir a constrangimentos endógenos e/ ou exógenos ao próprio sujeito), podendo também ser sinónimo de ausência ou diminuição do poder de decisão, ou seja, de perda de liberdade para reivindicar os direitos mais fundamentais do ser humano (Bruto da Costa, 2008: 23). Segundo Serge Paugam,

“(...) somos pobres quando privados de recursos ou rendimentos, porque, por falta de saúde, de uma ocupação remunerada, de instrução, de relações, de capital negociável ou mesmo intransmissível, não podemos fazer valer os direitos sobre outrem (...)” (2003: 24).

A ausência de rendimentos retira aos indivíduos a capacidade de serem auto-suficientes na supressão das suas necessidades básicas, colocando em evidência as suas carências e privações conduzindo-os a um lento afastamento dos principais centros de decisão. Assim, as respostas sociais de carácter alimentar visam apenas atenuar as situações de privação, no entanto, esta forma de resolução não apresenta resoluções diretas sobre a questão relativa à falta de recursos. Esclarece-se que o conceito de recursos refere-se a: meios económicos que possibilitam o acesso a bens e serviços necessários para satisfazer as necessidades básicas; competências e capacidades que cada indivíduo detém em si e que lhe permitem ultrapassar as suas limitações pessoais e sociais no meio que os envolve; mas também, aos meios institucionais que permitem aos indivíduos a sua (re) inserção no mercado de trabalho e a criação de um espaço relacional entre estes e a sociedade.

Enquanto o conceito de pobreza reporta para a vivência em situação de privação por falta de recursos, o conceito de exclusão social distancia-se deste traduzindo-se pela rutura dos laços relacionais entre o indivíduo e a sociedade. O conceito de exclusão social tem a sua origem na tradição francesa (Bruto da Costa et al, 2008: 59-60), segundo a qual os académicos atribuem uma maior importância ao conhecimento e desconstrução das relações sociais que os indivíduos mantêm com a sociedade e vice-versa. No entanto, este é um conceito que está associado para Robert Castel, à fase final do processo de marginalização, ou seja, o autor exemplifica a exclusão como um percurso descendente em que vão

ocorrendo rupturas, entre o indivíduo e a sociedade, que resultam num afastamento gradual das redes relacionais formais e informais (in Bruto da Costa, 1998) podendo até levar no limite a situações de isolamento total do indivíduo face à sociedade.

O processo de marginalização está, portanto associado, segundo Bruto da Costa (2008), às etapas da vida dos indivíduos que são marcados por acontecimentos negativos que vão acentuando uma perspectiva mais desigual entre os indivíduos. O autor dá o exemplo do desemprego, pois esta forma de integração na sociedade é a forma mais privilegiada de socialização e simultaneamente de participação na vida comunitária. Seja o trabalho de carácter temporário ou prolongado, é que ele garante o acesso aos sistemas sociais básicos. O trabalho é também uma das formas mais comuns de reforçar os laços relacionais entre indivíduos-trabalhadores (Soulet, 2003), dado que é também desta forma que os indivíduos criam as suas redes de relação informais nas quais criam rotinas de participação ativa na dinâmica da sociedade. A inexistência ou intermitência do emprego reflete-se pela ausência de um meio de subsistência e pela quebra das redes relacionais alargadas resultando num confinamento ao espaço doméstico e familiar. A passagem de uma vida ativa, para um estado de adormecimento das capacidades relacionais alargadas contribuem para o isolamento físico e emocional dos indivíduos.

O processo de marginalização é um estado em que o indivíduo, por um lado, vai estreitando a sua convivência ao contexto familiar limitando a socialização às suas redes de amizade e vizinhança, e em que simultaneamente poderá desenvolver sentimentos de sofrimento emocional. No limite, a ruptura total com as redes relacionais e familiares é na sua maioria resultado de um acumular de fracassos individuais, ausência de esperança e de sentimentos de inutilidade perante a sociedade (Soulet, 2003) que se desenvolve contemporaneamente com base nos valores do progresso e sucesso.

A exclusão social assumida como a última fase do processo de marginalização, caracteriza-se essencialmente pela degradação da rede de relações familiares (Bruto da

Costa, 1998), que poderão conduzir ao isolamento do indivíduo face à sociedade. Esta forma de isolamento poderá ser físico, como por exemplo, os idosos com incapacidades e limitações que os poderão “prender” em casa, havendo uma redução de contactos com o exterior. Mas poderá traduzir-se também, num isolamento cultural, como no caso das minorias étnicas que vivem junto dos seus congéneres, restringindo ao mínimo os seus contactos com os restantes membros da sociedade.

A exclusão, não é portanto, um fenómeno que resulte unicamente da falta de recursos para fazer face às necessidades básicas, apesar de em algumas situações possa ocorrer uma sobreposição com situações de pobreza material. De um modo geral, a exclusão social é um fenómeno que pressupõe a questão: excluído de quê? Esta perspetiva cria a perceção de que a exclusão social se encontra em constante interligação a um determinado contexto no qual o indivíduo, por oposição, não está incluído (Bruto da Costa et al, 2008). Assim, ao analisar o conceito de exclusão social, apreende-se a noção de que quem vivencia este fenómeno se encontra a viver à margem da sociedade, mas nunca do lado de fora. Sendo a sociedade um espaço em que todos os indivíduos agem livremente, aqueles que se encontram em situação de exclusão posicionam-se no limite desse mesmo espaço. Afastam-se lentamente do centro da sociedade, onde ocorre o maior nível de dinâmica social, mas continuam a pertencer-lhe, pois não é possível viver sem pertencer a lado nenhum. Neste sentido Garcia et al (2000), sublinham que os excluídos não necessitam de programas de inserção social, porque na realidade eles nunca deixaram de estar incluídos na sociedade. Ou seja, a exclusão social é um conceito que se traduz na ausência de pertença dos indivíduos à sociedade, comporta em si também o facto de que a sociedade é um conceito muito vasto que impossibilita que os seus elementos não estejam incluídos nela. Poderão eventualmente encontrar-se afastados de algumas dimensões (laboral, formativa, desportiva, partidária) no entanto, incluem-se noutras dimensões que igualmente a constituem.

Quando Bruto da Costa define exclusão social, sublinha a questão que se encontra implícita: excluído de quê? A resposta dada por Garcia et al, (2000) remete para a dificuldade em conceber a exclusão dado que segundo a sua perspetiva todos os elementos da sociedade

se encontram incluídos. A exclusão transforma-se para o autor um fenómeno vazio de significado pois implica o estar do lado de fora da sociedade e isso só faz sentido quando um indivíduo habite sozinho numa ilha, estando desta forma excluído da sociedade. Partindo deste pressuposto para Garcia et al (2000) os programas de inserção e inclusão, intervêm junto dos indivíduos e famílias que estão incluídos na sociedade, mas que eventualmente poderão encontrar-se afastados ou desvinculados de algumas dimensões sociais.

A reflexão sobre a exclusão e a inclusão, implica portanto perceber-se onde é que se está incluído, pois na realidade os indivíduos podem estar incluídos em alguns sistemas sociais e ausentes de outros. Segundo Bruto da Costa (2008), os sistemas sociais que compõem a sociedade dos quais os indivíduos podem encontrar-se afastados da sociedade são:

1. Social – rede de relações formais e informais, de maior ou menor proximidade, que permitem a socialização e promovem sentimentos de integração e de pertença dos indivíduos na sociedade; são fundamentalmente os laços que mantêm o indivíduo ligado aos outros membros da sociedade e que aumentam os seus níveis de integração;
2. Económico – esta dimensão inclui meios que geram recursos mas também, o mercado de bens e serviços e as poupanças; por recursos entende-se, meios financeiros que apoiam a fazer face às necessidades básicas do ser humano, mas também as competências individuais dos indivíduos e as instituições sociais que têm um papel relevante para esses;
3. Institucional – sistemas de serviços prestados aos indivíduos e suas famílias (sistema de educação, saúde, justiça e em algumas situações habitação) mas também, sistemas que promovem os direitos cívicos e políticos dos cidadãos;

4. Territorial – refere-se a sistemas em que os indivíduos considerados excluídos se encontram concentrados em zonas territoriais (bairros sociais, zonas rurais, entre outros), sendo a sua integração na sociedade passa pela criação de projetos locais que contribuam para a melhoria das condições de vida e a devolução dos direitos aos seus elementos;
5. Referências simbólicas – remetem para um conjunto de valores relacionados com a identidade dos indivíduos, na qual a pobreza representa um conjunto de perdas pessoais (auto-estima, autoconfiança, perspectivas de futuro, capacidade de iniciativa, motivações, entre outras) que os afastam da sociedade, considerado como espaço de partilha e de integração dos cidadãos.

Ao delimitar as dimensões acima descritas, Bruto da Costa (1998) refere-se ao exercício do direito da cidadania no acesso aos sistemas sociais básicos. A cidadania transforma-se numa das questões centrais na análise do fenómeno da exclusão social, na medida em que os excluídos, também se encontram afastados do poder de decisão e de exercer os seus direitos de forma plena. Segundo Bruto da Costa (1998), as dimensões sociais que constituem os indivíduos, poderão sobrepor-se aumentando a probabilidade de gerar situações de exclusão social associadas a situações de pobreza pela limitação do acesso a alguns sistemas sociais básicos. Bruto da Costa (1998), sublinha que a exclusão social é um fenómeno com uma amplitude e heterogeneidade que poderá gerar diferentes tipologias de exclusão diretamente relacionadas com a dificuldade de acesso aos sistemas sociais básicos, nomeadamente:

- 1) Carácter económico – esta tipologia de exclusão encontra-se associada à ausência ou precariedade do emprego (na generalidade está associada à existência de baixas qualificações académicas ou profissionais) o que se traduz na ausência total ou parcial de recursos e poderá gerar situações de múltipla carência por dificuldade no acesso a

bens e serviços essenciais para a sobrevivência;

- 2) Carácter social – associada ao rompimento das relações informais que contribuem para a ativação da vida social (relacionamento com colegas de trabalho, redes de vizinhança, entre outros) e que no limite poderão conduzir a situações de isolamento físico, como no caso dos idosos e deficientes, mas também a um isolamento psicológico e emocional. Esta forma de exclusão social, está associada à manutenção das redes relacionais formais e informais, não estado diretamente ligada à ausência total ou parcial de recursos.
- 3) Carácter cultural - a diferença cultural poderá constituir um fator de exclusão social, na medida em que as minorias étnicas tendem a unir-se em pequenas comunidades dentro das quais praticam atividades relacionadas com os seus países ou regiões de origem; estas comunidades tendem a isolar-se motivadas fundamentalmente pelas dificuldades de (re) integração plena numa sociedade com diferentes hábitos e costumes.
- 4) Carácter patológico – esta forma de marginalização está associada a situações do foro psicológico ou mental que poderão contribuir para a rutura das relações afetivas mais próximas, nomeadamente família e de amizade, devido à incapacidade de manter um nível equilibrado de estabilidade comportamental. Bruto da Costa (1998) salvaguarda a situação dos sem-abrigo, sublinhando que estas situações poderão estar inicialmente relacionadas com outras dimensões sociais, mas a permanência prolongada no tempo nestes ambientes poderá contribuir para o desenvolvimento de doenças do foro psiquiátrico e mental.
- 5) Carácter resultante de “*comportamentos auto-destrutivos*” - esta tipologia de exclusão encontra-se associada a todos os consumos aditivos que gerem dependência e que estejam associados a comportamentos de auto-destruição da própria pessoa (física ou psicológica), contribuindo desta forma para situações de auto-exclusão. No limite estes

indivíduos causam danos graves nas relações familiares e de amizade motivados essencialmente pela sua dependência.

As diferentes características da exclusão social afastam de uma ou de outra forma os indivíduos da sociedade colocando-os no limiar ou numa posição mais distanciada dos centros de decisão. A sobreposição das tipologias de exclusão social poderão conduzir ou gerar situações de privação por falta de recursos (pobreza), e associada a situações de pobreza, complexifica as situações das famílias e dos indivíduos no que respeita ao emaranhamento relacional com a sociedade.

Por outro lado, a pobreza, segundo Bruto da Costa et al (2008), como forma de exclusão social afasta os indivíduos da satisfação das suas necessidades básicas, o que os leva a experienciar situações de privação e condicionando a sua ação na sociedade. Existem porém, situações de exclusão social que não se traduzem na vivência de situações de pobreza, Bruto da Costa et al (2008) sugere como exemplo os idosos que se encontram em situação de exclusão social devido às suas limitações físicas, que os impossibilitam de ser ativos e de estarem plenamente integrados na sociedade mas que não se traduzem na ausência de recursos para fazer face às necessidades básicas de sobrevivência.

A pobreza e a exclusão social são fenómenos sociais que ganham eco nas sociedades ao longo dos séculos, assumindo diferentes significados consoante as perspetivas dos investigadores sociais que perante o fenómeno pretendem compreender as causalidades e implicações de ambos os conceitos para a sociedade e para o indivíduo. Partindo desta análise aprofundada, poder-se-á afirmar que mais que uma ausência material que assume consequências nas vivências diárias das famílias, estes fenómenos refletem a negação da liberdade e do acesso aos direitos fundamentais do homem (Bruto et al, 2008:23) e consequentemente á liberdade de escolha dos indivíduos sobre a sua própria vida.

2.2 Repensar as Políticas Sociais

As políticas sociais fomentadas pelo Estado Social sofreram alterações durante o século XX. Tendo afetado o princípio do equilíbrio social e da coesão social (Soulet, 2007a). A persistência do Estado Providência marcou um grande período do século XX, revelando com o tempo as suas lacunas em termos de sustentabilidade e que se vieram a confirmar durante a crise económica que se instalou na Europa durante as décadas de 80 e 90. As debilidades do Estado Providência contribuíram para repensar o sistema de bem-estar social e mais concretamente as questões sociais e as políticas sociais até aí adotadas, renovando o pensamento sobre a forma de organização do Estado Social e a definição do seu papel na sociedade e a sua postura perante os indivíduos que a constituem.

Segundo Soulet (2007a), a nova conceção das políticas sociais assenta num modelo sócio-cultural individualista e individualizante, característico do pensamento das sociedades contemporâneas. A evolução da sociedade baseia-se em padrões de vivência individualista em que cada um se encontra separado do todo, por oposição ao conceito de sociedade aglomeradora de indivíduos. Este modelo apresentado por Soulet, é um potencializador do risco e da confiança e poderá gerar sentimentos de incerteza e vulnerabilidade, pois os indivíduos desenvolvem uma auto-consciência de que dependem unicamente de si próprios para conseguirem alcançar os seus objetivos. Esta noção intrínseca de que em si estão reunidas capacidades propícias para agirem mas também, limitações que têm de ultrapassar e controlar para se tornarem seres completos, torna-os mais vulneráveis perante o risco. A emergência do individualismo na sociedade torna-se assim um desafio claro para aqueles que se conseguem distinguir e destacar-se dos outros por seu próprio mérito (aqueles que detêm a capacidade/ competência de liderança). Mas ficarão sempre estagnados, aqueles que por inúmeras variáveis não o conseguem fazer sendo remetidos para um segundo plano em que lhes são impostos objetivos inalcançáveis. Ficarão então à margem do risco e da confiança, pois apresentam em si debilidades que não lhes permitem assumir o seu lugar na sociedade.

Assim, segundo Soulet (2007b) as mutações sociais que ocorreram nas sociedades contemporâneas tiveram um impacto muito grande nas dinâmicas sociais, tendo contribuído para reposicionar o indivíduo perante uma sociedade à qual todos pretendem pertencer tendo em conta as suas capacidades e competências individuais. Soulet aponta para cinco dimensões sociais que foram afetadas pelas mutações sociais, e que alteraram o conceito de sociedade tal qual a concebíamos, alterando inclusive as dinâmicas sociais instituídas:

1. O mercado do trabalho sofreu grandes mudanças no que respeita ao aumento do sector terciário, alterando por inerência o perfil dos colaboradores. Existe assim, uma maior valorização das qualificações profissionais dos sujeitos, mas também da sua capacidade de autonomia profissional, responsabilidade e autonomia pessoal, no desempenho das suas funções. Perante as condicionantes do mercado de trabalho em relação aos seus colaboradores, gerou-se simultaneamente a precariedade das relações laborais, ou seja, estas tornaram-se mais frágeis e débeis. A unicidade dos colaboradores torna-se um fator decisivo no que respeita à dissociação do coletivo, conduzindo os indivíduos a pensar em si e a aderir ao sistema laboral de forma assertiva e concreta. O mercado de trabalho torna-se determinante na separação dos indivíduos, ou seja, em separá-los consoante as suas competências e capacidades de auto-gerir os seus conhecimentos e assumir as consequências inerentes às decisões tomadas através de uma gestão dos sentimentos de confiança/ risco, que resultam numa construção identitária sólida. Os fracassos e as fragilidades dos sujeitos passam a ser assumidos segundo uma perspetiva individualista que se premeia as qualidades individuais visto que elas representam as capacidades de agir e de ultrapassar as limitações pessoais.
2. Outra dimensão apontada por Soulet é a conceção do Estado Social, que segundo o autor era um espaço que englobava todos os elementos que compunham a sociedade independentemente do seu grau de participação. O seu objetivo inicial era assegurar situações sociais de carência e por sua vez criar uma rede de suporte formal que apoiasse as situações consideradas de maior vulnerabilidade. No entanto, as mutações sociais que têm vindo a ocorrer nas sociedades contemporâneas conduziram a repensar o conceito de solidariedade, partindo do princípio

individualista emergente na sociedade. Assim, a transferência de responsabilidade do Estado para o indivíduo no que respeita á sua proteção, integração, participação na construção da sociedade, estão segundo Soulet (2007b) associadas ao exercício pleno da cidadania. Desta forma, o autor defende que esta transferência da proteção social ganha maior relevância na medida em que cada um se torna responsável pela sua própria proteção. O conceito de solidariedade participativa e individualizada emerge assim numa sociedade em que cada um é responsável pela sua integração e participação ativa na dinamização do seu “eu”, num mundo que se foi complexificando. O Estado Social passa a assumir o papel de apoiar na criação de uma sociedade de produtores/ criadores/ empreendedores que estão conscientes do seu papel na dinamização, desenvolvimento e crescimento da sociedade, mais do que com uma perspectiva solidária (Soulet, 2007a) e protetora.

3. Como a sociedade deixou de ser o centro da vida social, no que respeita ao seu papel normativo e regulador das instituições e dos indivíduos, transformou-se numa realidade de coletivo ténue, pois os indivíduos vão-se dissociando e “desfiliando” do todo e agindo de forma cada vez mais individualista e auto-centrada. A sociedade deixa de ser um espaço integrador dos indivíduos, e assume um papel de produto/ resultado da soma das interações dos indivíduos que pretendem por sua vez criar uma sociedade que reflita o esforço individual de cada um para alcançar o sucesso pessoal (Soulet, 2005c). A socialização passa a ser uma construção que tem a sua génese no interior do indivíduo, ganhando enfâse e solidez através das suas ações. No entanto, é neste espaço partilhado pelos indivíduos ativos responsáveis pela sua auto-construção que se transforma aquilo que se concebia como sociedade, no entanto não se encontram aqui a partilhar este espaço aqueles indivíduos que por fragilidades intrínsecas são considerados “inativos” ou limitados nas suas capacidades e competências.
4. A noção de “sujeitos completos” reporta para indivíduos que estão conscientes da sua existência e são autónomos nas suas decisões, que se constroem a partir de uma socialização autonomizante. A socialização implica portanto que o indivíduo se coloque no centro do debate social, vincando a sua capacidade de autonomia,

conferindo-se a si próprio a capacidade de agir e de se perspetivar no futuro. A socialização passa a ser um processo individualizante, na medida em que se constrói através de interações a que o indivíduo se expõe propositadamente para obter experiências pessoais próprias. Esta forma de socialização baseia-se em três pressupostos: 1) ausência de hierarquias; 2) interiorização dos modelos pré-existentes através da experimentação da realidade percebida; 3) e no desenvolvimento da capacidade permanente de introspeção e de reflexão individual acerca da sua construção identitária. O indivíduo é concebido como um sujeito responsável por si, consciente dos apoios existentes evitando diluir-se neles.

5. A nova conceção do conceito de risco está associada à substituição do modelo solidário por um modelo de responsabilidade perante o risco. O conceito de risco deixa de comportar o significado ou tradução de perigo, do qual os indivíduos devem ser protegidos e caso atingidos deverão ser reparados os danos sofridos através de medidas compensatórias de forma a diminuir as desigualdades entre indivíduos. Nas sociedades contemporâneas, o risco é percebido como uma oportunidade que deve ser defendida, assumindo um significado positivo de forma a permitir aos indivíduos desenvolverem as suas capacidades profissionais e pessoais, tendo por base o princípio da responsabilização pessoal. O homem que assume o risco, segundo Soulet, é um cidadão completo na sua identidade, na medida em que contribui para a dinamização da sociedade, assumindo apenas os riscos que consegue garantidamente assumir, mantendo em simultâneo a sua dignidade pessoal. São no fundo sujeitos que agem com precaução, conscientes do ambiente de incerteza que os rodeia e das suas competências e capacidades pessoais e também conscientes dos riscos/ oportunidades que conseguem suportar.

A preocupação central quando se debate os conceitos de pobreza e exclusão social é segundo Soulet (2005c), a integração dos indivíduos na sociedade. A integração é concebida no âmbito da política social, como a responsabilidade de garantir o acesso a diferentes possibilidades de reconstrução a nível pessoal e profissional, que por sua vez permitam alcançar uma plena integração exigindo por outro lado uma participação responsável e

autônoma, para, ocupar um lugar na sociedade (Soulet, 2005c) ou seja exercer o direito/dever de cidadania (Soulet, 2007b).

O ambiente de incerteza que envolve a sociedade contemporânea resulta também da transferência para o indivíduo a responsabilidade de se auto-construir desafiando o risco (entendido numa perspectiva positiva e concebida portanto, como oportunidade) gerando sentimentos de confiança que poderão potencializar o aumento da vulnerabilidade (Soulet, 2007a) pessoal e social. O estado de vulnerabilidade, segundo Soulet (2007a) é endógeno ao sistema social e resulta como forma de caracterizar a fragilização das relações entre o indivíduo e a sociedade, mas também aprofundar as questões relacionadas com a integração e marginalização. Compreender o estado de vulnerabilidade dos indivíduos conduz a compreender a relação que existe entre estes e o ambiente social que os envolve. Mas também, conduz a apreender que cada indivíduo tem uma diferente capacidade de agir a partir de si (Soulet, 2007b), dependendo das suas capacidades e limitações. Desta forma, segundo o mesmo autor, torna-se imprescindível repensar os conceitos de solidariedade, socialização e cidadania, adequando-os à realidade das sociedades contemporâneas.

A vivência de sentimentos de vulnerabilidade pode também ser considerada, segundo Soulet, uma lacuna do sistema social das sociedades contemporâneas, no que se refere à avaliação das situações de pobreza e exclusão social que envolvem todos os elementos da sociedade (Soulet, 2007a). No entanto, alguns indivíduos encontram-se mais capacitados para enfrentar o risco/ oportunidade, do que outros que reúnem em si incapacidades externas ou internas que não lhes permitem conseguir ultrapassar sozinhos. A responsabilização dos indivíduos pela sua própria reconstrução pessoal e profissional/ social, exige a consciencialização das limitações e fragilidades do “self” de cada um, e igualmente a capacidade de agir sobre elas para as ultrapassar. Trata-se portanto de uma intervenção com duas vertentes: conhecer para ajustar e preparar para agir.

A auto-avaliação e construção dos sujeitos não é possível para todos, pois existem sujeitos que devido a limitações de recursos pessoais, vêm-se impedidos de participar ativamente na construção de si e da sociedade. A fragilidade dos laços relacionais com a sociedade (Soulet, 2007a) retira-lhes a possibilidade de responder de forma assertiva e

coerente às exigências do individualismo e da autonomia. Esta incapacidade de participar na dinâmica social poderá causar sofrimento nos indivíduos que, segundo (Soulet, 2007a), resulta da sua percepção e consciencialização real de que detêm em si limitações insuperáveis que lhes permitam serem-em-sociedade.

A incapacidade de agir, ultrapassar fragilidades e limitações, torna os indivíduos mais vulneráveis, contribuindo para o aumento do sofrimento social, pois nestas situações são confrontados com os custos e as consequências da responsabilização sobre as suas proteções (Soulet, 2007b). O sofrimento psíquico dos indivíduos transforma-se uma questão social na medida em que, afeta todas as dimensões do seu ser, da dinâmica da sociedade e consequentemente a necessidade de adoção de políticas sociais que visem atenuar esse mesmo sofrimento. Segundo Soulet (2007b), existem três possíveis respostas sócio-políticas destinadas aos sujeitos que se encontram ou poderão estar numa situação de sofrimento social e psíquico, sendo elas:

1. Uma intervenção em que o autor sublinha a perspetiva de Robert Castel, em que se parte da interiorização do sofrimento por parte do indivíduo para que se consiga conhecer e gerir as suas falhas. Através desta proposta, propõem-se ao indivíduo a realização de uma auto-reflexão sobre si com um duplo objetivo, por um lado prevenir e promover a saúde pessoal e por outro, conseguir ter uma estrutura base para planear a sua trajetória futura (projetos, ambições, ações, entre outras). Segundo esta linha de pensamento, o indivíduo tem a oportunidade de exercitar a sua capacidade de reflexão sob as suas competências e fragilidades com o objetivo de balizar os seus objetivos a longo prazo e delinear um plano de ação.
2. Outra perspetiva apontada por Soulet está associada à promoção de terapias consoladoras e de compaixão, ou seja, este modelo de intervenção baseia-se na escuta terapêutica e tem como objetivo conter os efeitos psicológicos causados pelo sofrimento (Soulet, 2007a) dos indivíduos. No âmbito deste modelo não é atribuída importância ao acompanhamento social per si, mas sim regular a vulnerabilidade dos indivíduos, para controlar e atenuar o seu sofrimento mantendo as suas redes de relações formais e informais.

3. Uma terceira perspectiva apresentada por Soulet refere-se a políticas de intervenção que se centram somente na pessoa, valorizando-se a proximidade relacional entre o técnico e o indivíduo. Esta intervenção deveria ser desenvolvida num espaço de convívio descontraído e acolhedor, pois privilegia-se o reconforto e a proteção dos indivíduos perante o sofrimento e contribuindo para a resolução desses sentimentos negativos e por vezes destruidores do “ser”.

O desafio das políticas sociais, segundo Soulet (2007b) baseia-se num apoio aos indivíduos com o objetivo de que eles se desprendam das suas limitações e simultaneamente permitir-lhes um espaço em que se possam (re) construir tendo por base o passado, presente e o futuro, para que se tornem cidadãos cada vez mais ativos. Neste sentido o conhecimento do passado é a base do processo de (re) construção do indivíduo, na medida em que o indivíduo consegue fazer uma reflexão acerca das competências e fragilidades que detêm, para que no presente consiga delinear o futuro com o objetivo de se tornarem cidadãos mais ativos. Soulet (2007b), refere ainda que a existência de políticas sociais que apontem para uma perspectiva de capacitação dos indivíduos fragilizados, no sentido de que consigam avaliar a sua situação atual e criar/ desenvolver estratégias para as ultrapassarem, promoverem cidadãos mais “completos” e por sua vez, uma sociedade mais dinâmica. O Estado deixa então de ter um papel de regulador que garanta o bem-estar dos elementos que constituem a sociedade através de medidas que promovam a igualdade, passando a assumir o papel de criador e potencializador de políticas gerais emancipadoras dos indivíduos, mas também de si enquanto instituição/ entidade.

Segundo Soulet (2005c), as políticas sociais assumem nas sociedades contemporâneas contornos individualizados e individualizantes pois encontram-se centradas no indivíduo ou seja, o indivíduo é concebido como um ser autónomo e responsável, numa sociedade que o premeia pelas suas capacidades e competências, mas também pelos resultados que as suas ações apresentam. O indivíduo é então a base fundamental para a criação das políticas sociais, na medida em que ele encontra sozinho na (re) construção da sua trajetória de vida. As políticas sociais são, portanto individualizadas, no sentido em que são adaptadas e personalizadas às necessidades dos indivíduos e individualizantes pois

isolam os indivíduos do coletivo. Segundo Soulet (2005c), as características mais visíveis das políticas sociais, que se centram na inserção dos indivíduos na sociedade apresentam-se através das seguintes medidas:

1. Medidas que se apresentam com o objetivo de dotar os indivíduos de competências, através de um processo de aprendizagem reflexivo para lhes permitir ocupar um lugar na sociedade. Ou seja, o indivíduo envida num percurso de reflexão pessoal em sistema de acompanhamento sistemático, com o objetivo de criar ou reforçar as suas competências para que possa estruturar a sua trajetória de vida e principalmente a sua identidade pessoal. Estas medidas de intervenção implicam um processo de negociação da contratualização realizada, pois o sujeito é considerado um co-produtor do serviço que lhe é prestado, pois ele contribui na mesma medida que o técnico, para a intervenção.
2. Medidas que têm em vista a inserção social e que por sua vez implicam um processo de consciencialização e transformação das fragilidades sociais e psíquicas para que o indivíduo consiga a sua inserção na sociedade. Esta forma de intervenção visa essencialmente analisar e trabalhar sob as fragilidades e limitações que os indivíduos identificam, de forma a criarem estratégias para as superarem e transformarem-nas em forças e oportunidades na sua construção identitária.
3. O autor aponta ainda para medidas que visam apoiar os indivíduos na delineação dos seus próprios objetivos de vida, tendo como por base duas linhas ação que norteiam a intervenção: a) construção identitária dos sujeitos, que passa por capacitar e focalizar os indivíduos para a ação, apoiando-os na elaboração de estratégias que os orientem face às suas limitações (assumidas à partida); b) e apoiar os sujeitos a descobrir a sua identidade como pessoa, tendo por objetivo definir os seus projetos de vida, pessoais e profissionais.

Enquanto Soulet aponta para três grandes medidas de execução das políticas sociais, Branco (2009) centra-as em duas linhas de intervenção, nomeadamente:

- a) A primeira medida coloca no centro o indivíduo, concebido como um ser responsável e autónomo, dissociado do coletivo. A intervenção assume um carácter personalizado, devido ao processo de individuação das sociedades contemporâneas, que prevê o sujeito como uma pessoa única, distinta e inconfundível. Ou seja, cada indivíduo deverá ser analisado como único, com características específicas que o definem como pessoa. A intervenção passa a ser um trabalho de aproximação ao sujeito com o objetivo de criar respostas personalizadas e adequadas. Deixa, portanto de fazer sentido a criação de políticas globais e generalistas confinadas a uma determinada problemática específica, no entanto existe a preocupação da especificidade das respostas criadas terem em conta múltiplos fatores, entre eles o território onde vivem os indivíduos.
- b) A segunda linha de orientação apontada por Branco (2009) remete para a necessidade de ter em conta o contexto, biografia pessoal/ profissional e os recursos disponíveis do indivíduo. Estas informações são fundamentais aquando da elaboração da proposta de intervenção, pois assume-se o indivíduo como um todo, sendo ele o princípio, meio e fim de si mesmo na construção identitária a que se propõe. No entanto, o trabalho de (re) construção é realizado tendo em conta fatores endógenos ao próprio indivíduo, ou seja, trabalha-se apenas com os recursos que o indivíduo detém em si por forma a desenvolvê-los e afiná-los tendo como objetivo principal a integração no seio da sociedade. O sub-desenvolvimento das capacidades e competências dos indivíduos poderá ser considerado um motivo de não integração.

Tal como já foi desenvolvido anteriormente, as mudanças sociais tiveram influência nas diferentes dimensões da vida privada e social dos indivíduos, no entanto segundo Branco e Amaro (2011), tiveram também consequências sobre a perceção do Estado Social nomeadamente no que respeita à conceção e criação de políticas sociais, havendo uma necessidade de que elas se transformem em ativas (Branco e Amaro, 2011). O indivíduo encontra-se no centro do debate social, e assume-se como um sujeito com competências e capacidades de gerir a sua trajetória de vida, cheio de responsabilidade e autonomia. A redefinição do conceito de sociedade deixa de ser concebida como um espaço de socialização e adquirir a forma de um espaço de experiências e avaliações permanentes acerca dos

comportamentos e ações desenvolvidas pelos indivíduos tornando-se este espaço social, uma fonte de informações e conhecimento (auto-socialização) colocadas à disposição de serem partilhadas, sendo também este local onde os indivíduos desenvolvem a sua (re) construção identitária. As políticas sociais definem-se através de características que ganharam um novo sentido, ou seja, privilegiam alguns conceitos base: ativação, territorialização e individualização (Branco e Amaro, 2011).

Quando se introduz o conceito de ativação nas sociedades contemporâneas que são marcadas pelo princípio do individualismo, está-se a vincar a renovação das políticas sociais, o que significa que estão intrinsecamente incutidos o sentido de responsabilidade e autonomia dos indivíduos sob a lógica da contrapartida negociada. Isto é, os indivíduos beneficiam das medidas sociais após já terem encetado tentativas que visem alterar as suas circunstâncias iniciais (Branco e Amaro, 2011), assumindo-se o pressuposto de que já existiu um trabalho reflexivo prévio e uma motivação intrínseca do indivíduo para alterar a sua situação antes de recorrer aos apoios sociais. O conceito de ativação cruza-se com as lógicas da integração social na medida em que estas pressupõem a integração no mercado de trabalho numa lógica de inserção (Branco e Amaro, 2011). No entanto, a inserção implica igualmente a participação ativa de sujeitos (autónomos e responsáveis) na sua reconstrução pessoal e social e a integração na sociedade. A ativação dos indivíduos é fundamental para que possam decidir e escolher com liberdade, quem querem ser com a consciência objetiva de que têm de ultrapassar os seus próprios limites, superando-se a si próprios – lógica da ativação.

Outra característica das políticas sociais apontadas por Branco e Amaro (2011) é a territorialização, que remete para que as respostas sociais sejam mais centradas em projetos e ações que cumpram objetivos territoriais, ou seja, há uma necessidade de descentralizar a intervenção social para que possa ser adaptada às necessidades das comunidades locais (Branco e Amaro, 2011). Os modelos universais e centralizadores das políticas sociais desconstroem-se para que se possam criar modelos específicos para cada território, havendo cada vez mais uma liberdade de criação de respostas específicas a cada população. Branco e Amaro (2011) sublinham ainda, que as mutações das políticas sociais resultam da transferência de responsabilidade social do Estado para as instituições particulares e associações civis, como forma de descentralizar a execução das medidas sociais. No entanto,

esta noção permite questionar acerca da responsabilidade do Estado na defesa dos indivíduos mais fragilizados.

Uma terceira característica, apontada pelos mesmos autores é a de que as políticas sociais assumem nas sociedades contemporâneas, o princípio do individualismo. Este princípio tem consequências na vida dos indivíduos na medida em que eles se tornam responsáveis pela sua construção identitária, contribuindo dessa forma para a dinâmica da sociedade. Porém, a criação de medidas e respostas individualizadas e individualizantes, poderão criar no sujeito um sentimento de solidão pela ausência total de redes de suporte que os sustentem em situações de fragilidade.

A responsabilidade que os indivíduos assumem de agir e participar na dinâmica da sociedade através da auto-socialização, mobilização e proteção são características marcantes no que respeita à desresponsabilização do Estado perante os membros da sociedade. Ao Estado cabe a responsabilidade de criar possibilidades/ oportunidades para que os indivíduos fragilizados, aqueles que não conseguem usar plenamente as suas competências e capacidades, ocupem um lugar na sociedade através de medidas que promovam a sua ativação, ajustadas aos territórios em que vivem e tendo por base o princípio do individualismo – o indivíduo no centro de tudo.

No entanto, a criação de possibilidades para os sujeitos numa lógica do individualismo das sociedades contemporâneas, leva a que não exista outra forma de agir dedicada àqueles, que devido às suas incapacidades endógenas se vêm incapazes de “agarrar” as oportunidades que o Estado promove. Isto é, as políticas desenhadas pelo Estado pressupõem uma adesão livre, espontânea e interessada dos sujeitos às intervenções sociais, no entanto, são omissos todos os sujeitos que vivem nos limites, isolados e desintegrados das mudanças sociais mas que de uma forma ou de outra resistem através de apoios institucionais, tornando-se estes apoios parte das suas vidas. Como poderão ser esses indivíduos ativados nos seus territórios? Quais serão as formas de intervenção junto de indivíduos vazios de si, numa sociedade que privilegia o individualismo e o isolamento social? Como poderão as políticas sociais, através da intervenção, adequar-se às necessidades de cada indivíduo atenuando o seu sofrimento?

2.3 Intervenção Social

No sentido de realizar um exercício reflexivo acerca da intervenção social em contexto de pobreza e exclusão social, torna-se pertinente analisar ambos os conceitos tendo em conta a sua transversalidade temporal, ou seja, compreender de que forma é que os conceitos se alteraram tendo em conta as mudanças sociais que têm vindo a ocorrer no último século. Mas também de que forma é que essas mesmas transformações afetam as políticas sociais atuais. Assim, pretende-se criar uma aproximação entre o agir e a teoria, estabelecendo uma base de reflexão que irá proporcionar um enquadramento do indivíduo no seu ambiente e proporcionar uma análise e avaliação das práticas e expectativas acerca dos técnicos, instituições e comunidade em geral relativamente à ação.

Desenvolver a competência reflexiva exige segundo Angela Everitt, que se consiga assumir um espírito investigativo tornando-se este um aspeto fundamental na compreensão da complexidade da temática eleita. A reflexividade é portanto, um instrumento fundamental na intervenção dos Assistentes Sociais e de todos os técnicos que trabalham com o social, dado que as novas realidades emergentes comportam um grau de complexidade que exige a elaboração de uma reflexão profunda sobre a realidade do Outro e sobre as formas mais adequadas de apoiar. A criação de novas formas de intervenção mais amplas e mais concretas poderão permitir criar novas respostas adaptadas às realidades do Outro, e em simultâneo uma maior integração dos indivíduos na sociedade contemporânea.

A complexificação da realidade conduz o Assistente Social a exercitar a sua competência reflexiva colocando o técnico numa posição e que tem de assumir uma postura de observação da situação em concreto e simultâneo treinar a capacidade de compreender o ambiente em que o indivíduo se encontra envolvido. Segundo Malcom Payne (1998: 119),

“understanding the purpose and context of our work does not, therefore, gives us any easy answers, and we must find ways of connecting our knowledge and

understanding of society, policy and people with the actions we will take as social workers”.

A intervenção dos Assistentes Sociais passa por compreender a situação em que os indivíduos se encontram, mas também, intervir de forma ativa na criação de respostas, políticas e medidas sociais que constituam uma mais-valia na intervenção com os sujeitos que tenham o seu ponto de partida o indivíduo na sociedade e que visem a sua crescente autonomia pessoal. Desta forma a profissão assume o seu carácter transversal no que respeita à intervenção social, pois revela o conhecimento da realidade das populações, partido daqui para a elaboração de estudos científicos para justificar a elaboração de medidas e políticas sociais mais adequadas às realidades dos indivíduos.

Emerge na intervenção social, a par das sociedades contemporâneas o paradigma da eficácia e da eficiência, que se traduz em contexto institucional na valorização, de forma mais premente, na obtenção de resultados associados na sua maioria ao desenvolvimento de uma intervenção baseada no controlo dos processos (Branco e Amaro, 2011:662) e não tanto nos processos em si. Assumir a consciência destes aspetos da intervenção social para se caminhar num sentido que possibilite conhecer a realidade, criar estratégias de observação que filtrem aquilo que é essencial e fulcral, igualmente para os indivíduos e famílias na procura de uma vivência social integrada que caminhe para a eficácia e eficiência a médio/ longo prazo, dado que se trata de intervenção social com pessoas e das suas vidas experiências e expectativas (sonhos) e não apenas de processos burocráticos.

O individualismo emergente nas sociedades contemporâneas é uma das consequências das mudanças sociais que ocorreram e que influenciaram a forma como atualmente concebemos a sociedade em termos de organização e estrutura. O foco da atenção da sociedade no indivíduo e na sua ação contribuiu para entender o sujeito como um ser com capacidades, competências e fragilidades inerentes que se baseiam fundamentalmente na sua formação pessoal (estrutura interna). A capacidade de desenhar uma trajetória de vida pessoal e profissional, tornou-se a base angular para que os indivíduos contribuam para a

construção de um espaço comum no qual existe uma partilha de experiências e conhecimentos (“nova” conceção da sociedade).

As medidas compensatórias promovidas pelo Estado Providência, representam uma forma de intervenção que por um lado tende a proteger o indivíduo da sociedade, tal como defendia Donzelot citado por Soulet (2007d:11) centrado para os indivíduos com limitações (independentemente da sua origem) com o objetivo de lhes proporcionar acesso a bens e serviços essenciais para a sua sobrevivência e garantindo a sua participação na sociedade. A intervenção social nas sociedades contemporâneas desenvolve-se através da necessidade de intervir preventivamente sobre as fragilidades dos indivíduos reforçando a sua posição na estrutura da sociedade. O Estado apresenta-se com uma postura securizante para todos os elementos da sociedade com uma forma inclusiva de agir, ou seja para além da prestação de serviços de apoio alimentar àqueles que vivenciam momentos de maior fragilidade, torna-se essencial a criação de uma estrutura que apoie os indivíduos na sua ativação através primeiramente da sua construção identitária mas também, no apoio na estruturação do seu projeto de vida, tendo sempre a consciência de que estas formas subtis de apoio contribuem para a construção da dinâmica societal. Tal como afirma Soulet (2007d:11), o papel do Estado deverá constituir uma *“ajuda emancipadora como meio absoluto de evitar a armadilha da pobreza e de luta contra a dependência”*.

Aos indivíduos é portanto somada a responsabilidade pela sua construção identitária mas também, pela contribuição na dinâmica social que é mais exigente e desafiante para todos os que nela participam. A persecução de um espaço social partilhado por todos os cidadãos, é um objetivo da sua plena consciência dos valores de cidadania. Segundo Soulet (2007d), há uma tendência para desenvolver uma política social generativa ou seja, por um lado, existe uma exigência de que as políticas sejam individualizadas e dedicadas a cada indivíduo e mais concretamente à sua trajetória de vida com o objetivo de transformar os seus *handicaps* em forças, incentivando a participação ativa na sociedade e libertando desta forma o Estado Social das obrigações com características securizantes e compensatórias. No entanto, esta forma de sociedade aglomeradora dos seus membros apresenta-se com a particularidade de que todos têm o direito de ser protegidos e apoiados *“na sua capacidade*

de participação na produção da sociedade” (Soulet, 2007d:11), através do desenvolvimento de competências e capacidades. No entanto, a proteção dos indivíduos passa a ser definida como uma forma de incentivar e autonomizar os sujeitos para se ativarem e assumirem a responsabilidade das suas decisões e ações evitando as medidas compensatórias que preveem conter as desigualdades da sociedade.

A grande questão social que emerge na sociedade contemporânea deixa portanto de estar associada à exclusão social, passando a centrar-se cada vez mais na integração dos indivíduos. Assume-se um “olhar” compreensivo sobre o funcionamento, estrutura e organização da sociedade, o que por sua vez conduz ao aprofundamento de aspetos que podem eventualmente iniciar e/ou perpetuar situações de fragilidade social que impossibilitam a (re) construção das trajetórias de vida individuais e a adesão ao projeto de uma sociedade dinâmica que se desenvolve em volta dos seus cidadãos. Tal como refere Soulet (2007a:6), *“raisonner en termes de vulnérabilité (...) c'est souligner le lien intrinsèque que unit un mode d'organisation et de représentation des rapports sociaux et les déficits qu'il génère.”*. Ao analisar o quotidiano social consegue-se compreender quais as limitações da organização social e somatiza-las às fragilidades pessoais dos indivíduos, que por sua vez conduzem a dificuldades na integração dos indivíduos.

A intervenção social assume uma perspetiva generativa que, segundo Guiddens, exige maior responsabilização dos indivíduos que se encontram em situação de vulnerabilidade, isto porque cada sujeito passa a assumir a responsabilidade de se (re) construir tendo como base os seus recursos pessoais (capacidades e limitações). Assim, o objetivo da intervenção passa por colocar o indivíduo no centro da ação, partindo-se de uma perspetiva de que todos têm capacidade de agir sobre si, tendo por objetivo final a participação ativa na sociedade. O autor defende que, desta forma, se cria uma estratégia para atenuar a inatividade gerada por políticas de carácter assistencialista fundamentalmente no que respeita à participação dos indivíduos na sociedade.

A sociedade transforma-se num espaço partilhado por aqueles que aderem livremente a um projeto participativo comum de partilha de experiências de vida que em larga medida influencia o estar e viver em sociedade como uma experiência de plena participação através do real exercício da cidadania. A sociedade transforma-se num conjunto de indivíduos que procuram incessantemente aperfeiçoar as suas capacidades e competências, criando uma dinâmica própria que se desenvolve a partir das ações dos indivíduos. Esta mudança de conceção do espaço societal revelou-se fundamental pela importância atribuída ao indivíduo e à sua capacidade de ultrapassar por si os obstáculos com os quais se confronta, desenvolvendo em simultâneo competências essenciais para assegurar a sua proteção face ao risco (oportunidade) e por sua vez conduzindo-o a novos desafios na procura do sucesso.

As mutações sofridas pela sociedade tiveram influência na lógica de ação das políticas sociais, Soulet (2005c) destaca nesta linha três fatores fundamentais aquando da (re) estruturação da conceção das medidas sociais baseadas na noção de integração social, sendo elas:

- 1) Responsabilização dos indivíduos face ao risco – o risco passa definir-se como uma oportunidade que deve ser defendida. Os indivíduos passam a estar expostos às oportunidades que lhes surgem tendo como recurso as suas competências e capacidades para fazer face a esse mesmo “risco”. Parte-se do princípio que as ações desenvolvidas pelos indivíduos são tomadas de forma consciente e responsável. Este duplo movimento, em que o indivíduo é exposto a oportunidades e tem de as superar com responsabilidade, é fundamental para a dinamização da sociedade, na medida em que permite aos indivíduos o seu aperfeiçoamento pessoal, tornando-o um cidadão mais completo. Por outro lado, estas ações desenvolvidas mantêm a dinâmica da sociedade igualmente ativa, através de uma noção e atitude empreendedora assumidas pelos indivíduos.
2. (Re) estruturação das políticas sociais - as políticas sociais e consequentemente as medidas sociais têm sofrido reestruturações no que respeita às suas conceções,

assume-se o objetivo de promover autonomia dos indivíduos, através de um processo de ativação na procura incessante do seu sentido de vida. Esta nova perspetiva de observar a sociedade, afasta os indivíduos das medidas compensatórias que durante muito tempo foram promovidas pelo Estado Providência e que criavam uma dependência dos serviços e apoios concedidos/ atribuídos. No entanto, as medidas sociais do Estado Social, que Soulet apelida de ativo, têm como objetivo promover uma dinâmica participativa dos indivíduos no que respeita à (re) construção da sua trajetória de vida e da sua identidade pessoal. Partindo deste pressuposto, os indivíduos poderão conseguir assumir os riscos/ oportunidades que lhes são propostos. A intervenção social transforma-se num trabalho que visa apoiar a superar as limitações pessoais através de um trabalho continuado de introspeção e (re) construção identitária.

3. Soulet (2005c) citando Anthony Giddens, sustenta a sua posição relativamente à existência de uma perspetiva “generativa” das medidas sociais, ou seja, o autor defende que há uma necessidade dos indivíduos melhorarem o seu desempenho pessoal, com o objetivo de criarem uma sociedade mais equilibrada no que se refere à justiça social (direitos e deveres). Encontra-se no entanto, subjacente a ideia de que os riscos sociais são mantidos controlados na medida em que os indivíduos assumem comportamentos ajustados e responsáveis (Soulet, 2005c), afim de, promoverem um ambiente de reduzida vulnerabilidade. Uma intervenção social intensiva sobre a vulnerabilidade pessoal de cada indivíduo possibilite uma gestão mais facilitada das fragilidades interiores dos indivíduos criando em simultâneo formas de ultrapassá-las. Por outro lado, as medidas sociais de carácter preventivo passam pela responsabilização de cada indivíduo relativamente a um caminho de auto-conhecimento de si, para que adequem as suas competências afim de alcançarem melhores resultados. É uma perspetiva sobre a intervenção social em que se assume que existe um controlo do ambiente externo com o objetivo de beneficiar um ambiente propício ao conhecimento aprofundado do *self* de cada um.

O desafio da intervenção social nas sociedades contemporâneas passa inicialmente e segundo Soulet, por desconstruir a imagem do Estado como entidade que garante a segurança de todos os elementos que compõem a sociedade, dado que as mutações sociais que têm vindo a ocorrer na sociedade vão deixando de garantir uma proteção integral para contribuintes e beneficiários. Assim, e tendo por base o processo de individuação, a intervenção social continua a ter como foco da sua ação sujeitos conscientes e responsáveis pelos seus comportamentos e acções, sendo que a protecção dos indivíduos depende da sua capacidade intrínseca de gerir as suas capacidades e limitações. A intervenção social passa a estar mais associada a um apoio àqueles que se encontram fragilizados e que têm dificuldade em lidar com as suas capacidades e competências no sentido de se fortalecerem para fazerem face às oportunidades que lhes possam surgir.

Tal como sugere Branco (2009), o trabalho social orienta-se por um desempenho assente no processo de individuação em que se privilegia uma intervenção dirigida ao indivíduo e ao seu meio envolvente, de forma a criar respostas mais assertivas. Cria-se assim um espaço de intervenção com carácter personalizado que visa proteger os indivíduos fragilizados com o objetivo de apoiar na sua (re) construção identitária. Este trabalho de intervenção tem como foco uma linha condutora para a autonomia dos indivíduos, sem carácter invasivo, na medida em que se limita a criar um espaço protegido do clima de incerteza e vulnerabilidade vivido nas sociedades contemporâneas. A intervenção neste espaço permite aos indivíduos exteriorizar o seu sofrimento mas também, apoiar na criação de recursos internos que levem à superação das oportunidades com que se confrontam diariamente.

Segundo Soulet (2007d), as políticas sociais que norteiam a intervenção social têm dois grandes planos de ação: o trabalho social generativo (defendido igualmente por Anthony Giddens) e que tem como foco de intervenção desenvolver as competências dos indivíduos evitando sentimentos “estagnação”; e o trabalho social paliativo que visa manter a dignidade dos indivíduos através de uma intervenção que tende a proteger e a atenuar o sofrimento. No entanto, ambas as formas de intervenção apresentam dificuldades no que respeita à necessidade de existir um apoio na redefinição das formas de desenvolver a ação.

A intervenção apresenta-se assim com o objetivo fundamental de trabalhar no sentido de ativar os indivíduos através da promoção das suas competências e capacidades, motivando-os para alcançar os seus próprios objetivos e apresentarem-se como membros ativos da sociedade. Por outro lado, Soulet (2007d) sublinha a necessidade de existir uma forma de intervenção social que vise atenuar o sofrimento dos sujeitos fragilizados através da redução e manutenção dos riscos, isto para que os indivíduos quando se sintam confrontados com obstáculos consigam ultrapassá-los com as capacidades e competências adquiridas. Sob esta perspetiva, a intervenção tem como objetivo estimular e reforçar os vínculos sociais entre os indivíduos, evitando situações de exclusão social e marginalização que poderão colocar os indivíduos à margem da dinâmica societal.

Branco (2009) defende, tal como Soulet, que a intervenção desenvolve-se em “*dois movimentos articulados: a construção do utente pessoa-sujeito social concreto e a construção do sujeito social contratual-responsável*” (Branco, 2009:85). O autor sublinha que a dualidade do trabalho social no que respeita a apoiar o indivíduo na sua (re) construção e simultaneamente na manutenção da relação contratual entre ambas as partes (indivíduo e técnico), o que por sua vez influencia não apenas a relação entre ambas as partes e comporta inúmeras implicações para a própria intervenção. A responsabilidade de participar mais concretamente fazer parte da “*produção do cidadão sujeito de direitos, mas a produção do cidadão como pessoa*” (Branco, 2009:86), comporta em si vantagens para uma intervenção individualizada e personalizada com maiores probabilidades de integração.

Por outro lado, Branco (2009) faz também referência que a intervenção social não é apenas um trabalho com indivíduos, mas também reporta a um trabalho de investigação e construção de políticas e medidas que tenham como base atenuar o sofrimento dos indivíduos (que os restringem na persecução dos seus objetivos) e que possibilitem desenvolver formas de ativar os indivíduos a fazerem parte da sociedade. A intervenção social é muito mais do que um trabalho personalizado com o indivíduo, é também um trabalho exploratório que visa compreender os fenómenos sociais que ocorrem nas

sociedades contemporâneas com o objetivo de desenhar propostas que se adequem às realidades vividas e sentidas pelos indivíduos.

A intervenção nas sociedades contemporâneas tem como base o processo de individuação, pelo que um dos principais instrumentos da ação segundo Branco (2009) é o trabalho com o Outro que se traduz num trabalho de maior proximidade com o indivíduo fragilizado. Esta forma de atuação privilegia um trabalho mais personalizado e individualizado no que respeita à conquista dos objetivos pessoais dos sujeitos. Inicia-se portanto o acompanhamento com um momento de reflexão sobre os recursos pessoais do sujeito, seguido de um processo de negociação que culmina na projeção da (re) construção identitária possível e pretendida pelo indivíduo. A intervenção não é estanque, é um processo de constante negociação que exige responsabilização do sujeito pelas suas ações apoiando-o no amadurecimento em termos de autonomia e conseqüentemente libertando-o, ou segundo Branco (2009), ativando-o relativamente à tomada de decisões no seu percurso de (re) construção identitária. Esta nova perspectiva de intervenção caracteriza-se positivamente face ao indivíduo, na medida em que o concebe como um ator responsável pela sua trajetória de vida, com capacidade de agir e não apenas como um sujeito que necessita de apoio para garantir as suas necessidades básicas.

Para além dessa perspectiva de ativação dos sujeitos, a intervenção social assume uma vertente paliativa que, segundo Soulet (2007d), é dirigida aos mais fragilizados e que apresentam limitações estruturais na sua personalidade devido às suas vivências. Essa fragilidade intrínseca exposta ao ambiente de incerteza das sociedades contemporâneas que os envolve transforma a intervenção social num processo de acompanhamento ilimitado no tempo. Isto porque, por um lado, é criado um espaço de conforto e confiança em que o sujeito se sinta seguro e confortável para enunciar o seu sofrimento (Soulet, 2005c) atuando num modelo de intervenção de compaixão. A relação de proximidade entre ambos os atores que fazem parte da intervenção (indivíduo e técnico) promove o desenvolvimento da capacidade de apreender oportunidades e constrangimentos do meio envolvente e conseqüentemente identificar quais os recursos que o sujeito detém. Tendo como base da intervenção ambos os pressupostos, este é o ponto de partida para a (re) estruturação identitária dos indivíduos. A

proximidade entre ambos os atores permite gerar sentimentos de empatia e confiança, que irão conceder ao sujeito a liberdade para exprimir as suas experiências e fragilidades sem que se sinta lesado no seu íntimo, reforçando-se igualmente os laços sociais e estimulando sentimentos de autonomia.

No entanto a intervenção social com carácter paliativo assume a postura de reabilitar os indivíduos através de um acompanhamento continuado em que se prevê a criação de um espaço de diálogo, no qual são reforçados os laços de confiança e promover o aumento da auto-estima dos sujeitos. Considera-se portanto que ao potencializar sentimentos positivos do sujeito relativamente a si próprio, poderá contribuir para que se consiga refletir sobre as experiências pessoais do indivíduo e redefinir a sua trajetória de vida. É então uma intervenção em que se pretende recolher as experiências e vivências dos indivíduos para reconhecer e identificar quais os recursos que o sujeito detém em si para fazer face às suas limitações, permitindo criar uma base de reconstrução e organização da estrutura interna do indivíduo e igualmente a possibilidade de reconhecer competências e capacidades até à altura desconhecidas para si, levando-o a percorrer um caminho que o levará a uma crescente autonomia, mesmo que essa seja limitada e não o permita viver sem o apoio de entidades de apoio.

O trabalho social paliativo tende para uma intervenção que visa estabilizar as situações dos indivíduos não mobilizados (ou seja, inativos), através de um trabalho de escuta ativa que coloca em evidência as potencialidades e as competências dos sujeitos. Desta forma, torna-se possível manter os riscos externos controlados para que o indivíduo consiga por um lado, reforçar a relação com os outros e por outro lado, continue a acreditar em si e no seu potencial. A ligação às redes informais de apoio são consideradas suportes para o indivíduo, que o ajudam a manter-se ligado à sociedade (Soulet, 2007d). O espaço temporal desta forma de intervenção não tem quaisquer limites, pois pretende-se intervir em conjunto com o indivíduo na (re) construção do seu self e reforçar as relações informais com o exterior, evitando o desligamento total da sociedade. A intervenção paliativa privilegia então o tempo, confiança e a persistência, pois o objetivo é criar uma rede relacional forte e

musculada para que o sujeito consiga sustentar-se na sociedade contemporânea com responsabilidade e autonomia.

Para conseguir desenvolver este modelo de intervenção com uma forte componente de compaixão, torna-se fundamental criar uma relação de empatia entre o técnico e o sujeito, de forma a criar e reforçar sentimentos de confiança relacional que irão proporcionar o aumento da auto-estima e de segurança. A promoção destes sentimentos irá proporcionar a criação de uma relação que mais do que resolver a privação, tem a pretensão de responder de forma incisiva à fragilidade emocional e estrutural dos indivíduos, apoiando-os na sua (re) construção identitária num ambiente que potencializa o acompanhamento prolongado no tempo que permita a enunciação do sofrimento e por sua vez possibilite a aquisição e redescoberta dos recursos internos que poderão atenuar o sofrimento (Soulet, 2005c).

O processo de negociação transforma-se também no foco central da intervenção, pois o acompanhamento tem como base a reconstrução interior do indivíduo que, segundo Soulet (2007d), tem de cumprir quatro objetivos essenciais no sentido de co-gerir o sujeito na construção da sua trajetória de vida:

1. Controlar e minimizar os riscos – torna-se essencial numa fase inicial afastar os sujeitos das situações que lhes poderão causar sofrimento emocional e colmatar questões relacionadas com a ausência de recursos que podem levar a situações de privação. Esta forma de ação tem como objetivo controlar a situação atual do indivíduo e restringir ao mínimo as interações e as influências exteriores, criando assim um espaço de proteção em que as necessidades básicas de sobrevivência são garantidas e em que o acompanhamento começa a ser definido. Trata-se assim de proteger o indivíduo de todas as interações exteriores que lhe possam aumentar os sentimentos de fragilidade e de sofrimento.

2. Criar um caminho para a autonomia – a definição do caminho resulta do trabalho negocial e em parceria entre o sujeito e o técnico, no qual se torna fundamental identificar as competências, capacidades e recursos do sujeito que constituam uma mais-valia para incentivá-lo a desenvolver a capacidade de agir (“poder fazer” in Soulet, 2007d: 18) na sua vida quotidiana. Este trabalho implica que haja uma reaprendizagem e interiorização de competências básicas no que respeita à gestão diária ou mesmo, trata-se então de um trabalho que aposta na reabilitação dos sujeitos de forma gradual, para que possam caminhar de forma lenta mas segura e consistente. Esta fase da intervenção segue um percurso de aquisição gradativa de autonomia para que o indivíduo se sinta em segurança durante todo o processo de reflexão e decisão e nomeadamente face aos desafios e oportunidades que pretende assumir.

3. Desenvolvimento da capacidade relacional – pretende-se nesta fase desenvolver a capacidade de compreender o “Outro” ou seja, de restaurar as capacidades relacionais do indivíduo. Esta fase da intervenção é dirigida apenas a sujeitos que apesar de se encontrarem em situação debilitada e fragilizada ainda mantêm relações, embora que ténues, com o “Outro”. Neste sentido, trata-se aqui de reforçar as relações existentes para que não exista uma desvinculação do social, evitando um estado de marginalização grave que se poderá traduzir na ausência de qualquer tipo de redes relacionais. Dado que as relações são “alimentadas” diariamente torna-se fundamental restaurar e treinar esta capacidade nos indivíduos, pois as redes informais são as que suportam os sujeitos e os apoiam na primeira instância. As redes informais, ou mais concretamente a família e os amigos são fundamentais neste processo, pois são as primeiras a apoiar os sujeitos em situação de debilidade, daí a importância de reforçar a rede relacional existente.

4. Inserção Profissional – este objetivo é cumprido quando os indivíduos se inserem no mercado de trabalho, dado que a sua integração já é assumida quando as redes relacionais estiverem à partida reforçadas. No entanto, a inserção profissional dos sujeitos, permite desenvolver a capacidade de “poder fazer” num ambiente de incerteza e vulnerabilidade e que devolve ao indivíduo a certeza da sua autonomia. O acompanhamento transforma-se num campo experimental em que se solidifica o “Eu” e se adquire capacidades e competências essenciais para enfrentar a sociedade

contemporânea. Este campo experimental da intervenção social refere-se a um espaço em que são desenvolvidas diferentes técnicas pessoais de enfrentar as limitações e que decorrem de uma tentativa-erro que permite aos sujeitos desenvolverem as suas competências e ganharem maturidade, sem que haja um guião técnico pré-estabelecido das etapas que se têm de percorrer. Daí a indefinição do acompanhamento dos sujeitos, pois a construção da sua autonomia depende dos seus próprios ritmos e não dos estabelecidos pelos serviços/ instituições.

A intervenção social neste contexto assume uma postura preventiva, na medida em que evita a quebra dos vínculos sociais apoiando o sujeito a reforçar essas mesmas ligações. No entanto, a questão da integração plena é considerada como uma etapa fulcral, sendo que na maioria das vezes é inalcançável, pois reconhece-se que alguns sujeitos não detêm capacidades necessárias para superar as suas limitações, pelo que se mantém o sujeito sempre num estado que Soulet designa de “*reaquecimento*” (Soulet, 2007d). Ou seja, os recursos colocados à disposição da intervenção são aqueles que vão sendo construídos pelo próprio indivíduo no acompanhamento e que resultam de uma reflexão continuada em que o mesmo compreende, analisa quais as suas capacidades e competências e desenha estratégias para ultrapassar as suas próprias limitações, evoluindo de forma consciente na construção de si e da sociedade num ambiente de incerteza (Soulet, 2007d:22). No entanto, este acompanhamento nem sempre é suficiente para inserir na sociedade os indivíduos de forma a conseguirem assumir a sua autonomia pessoal pois por um lado, trata-se de um trabalho feito sobre o outro e que necessita de muito acompanhamento direto e por outro lado a inserção implica a existência de abertura no mercado de trabalho.

A intervenção social neste âmbito coloca o técnico numa posição de ator/ parceria, assumindo uma postura negocial com o indivíduo, num trabalho que se orienta pelas expectativas, recursos e objetivos delineados pelo sujeito e que assenta nas suas competências e capacidades. Este trabalho de co-construção depende à partida de sentimentos de segurança, auto-estima e confiança dos sujeitos em si, e no “Outro”, mas tem em conta também que cada um tem os seus próprios tempos. A intervenção social assume-se numa vertente experimental, pois visa a criação de uma relação de confiança que tende a

controlar os riscos e a fomentar a mudança de atitude dos sujeitos perante a vida. Trata-se, segundo Soulet (2007d), de uma intervenção transitória que se desenvolve entre o clima de incerteza da sociedade, em que os riscos são incontroláveis, e uma crescente autonomia e confiança que permite controlar e minimizar as consequências desse ambiente de incerteza. Mesmo com a ausência de uma resposta positiva, pois nessa fase os sujeitos já conseguem gerir as suas limitações e incapacidades, este tipo de intervenção desenvolve-se em três fases essenciais na (re)construção do indivíduo:

- 1) **Triagem** – permite ao indivíduo um espaço de reflexão que lhe permita reposicionar-se perante o mundo; a inexistência de limitações temporais permite-lhe analisar e perceber quais as suas expectativas, objetivos e recursos face ao futuro; este “time-out” dentro da realidade é uma bolsa de oxigénio que poderá contribuir para realizar um balanço das capacidades e limitações individuais; este processo faz parte do crescimento do próprio indivíduo que “(...) *a pouco e pouco, vai ganhando consistência (...) realista e apropriada*” (Soulet, 2007d:20). Assim nesta fase da intervenção o indivíduo “olha” para si e elabora uma auto-avaliação, tendo em conta as suas experiências vividas e o reconhecimento de competências e capacidades necessárias para encetar o seu percurso. Este é um exercício básico que vai ser essencial ao longo da sua vida para avaliar as suas ações.
- 2) **Assumir o “Eu”** – o trabalho social paliativo mais especificamente, promove a manutenção da situação dos sujeitos e garante o desenvolvimento de sentimentos de segurança face ao ambiente de incerteza na sociedade contemporânea. A confirmação da existência de si respeita essencialmente aos indivíduos que estão preparados e que têm confiança no seu potencial, para enfrentarem o ambiente de incerteza e os desafios da “nova” sociedade. No entanto, assumir o “eu” permite também aos indivíduos compreenderem que detêm capacidades e competências essenciais para ultrapassar as limitações existentes e dá ênfase que o sujeito é o princípio e fim das suas próprias limitações (no âmbito do princípio da individuação).

- 3) Organização – dado que a inserção dos sujeitos é limitada, mas que há uma necessidade intrínseca de que os indivíduos se sintam reconhecidos pelos seus pares, como sujeitos capazes de mudar de atitude face às suas limitações e de ultrapassá-las sem atribuir essas mesmas incapacidades a fatores externos. Esta é também, uma forma de manter a estabilidade dos laços sociais, pois o reconhecimento de si é essencial para evitar situações de marginalização e exclusão.

A garantia de estabilidade é um dos objetivos principais da intervenção social paliativa, na medida em que existe uma consciência plena por parte dos técnicos de que os sujeitos têm dificuldade na sua mobilidade e portanto, não têm em si desenvolvida a capacidade de mudança, confrontando-se com limitações em termos de integração e com um diminuto poder face a situações em que têm de tomar decisões. Torna-se então fundamental que o trabalho da intervenção passe por apoiar os sujeitos na sua transformação de cidadãos imobilizáveis ou com dificuldade em mobilizar-se, em indivíduos “completos” e capazes de agir autonomamente na sua produção identitária.

Esta nova perspetiva pressupõe que o indivíduo tenha que assumir uma nova visão sobre a sociedade que o rodeia e mais concretamente sobre a relação que deseja manter com esta. Assim, para participar na dinâmica da sociedade é essencial insistir no trabalho com o “Outro” sob uma perspetiva de parceria e cumplicidade que ajude o indivíduo a crescer interiormente através do exercício de reflexividade em que tenha em conta as suas experiências e consiga avaliar e analisar qual o seu significado. A perspetiva de intervenção em que o técnico assume uma postura em que pretende trabalhar para e com, tem por base uma relação de respeito e confiança que vai garantir sentimentos de segurança e permitir criar relações estáveis e equilibradas num espaço muito maior cheio de incertezas e constrangimentos.

O reconhecimento do parceiro/ ator num trabalho de co-construção do sujeito desenvolve-se essencialmente pela vontade manifestada pelos indivíduos de agir e de ser acionado para deste modo pertencer à sociedade, ou seja integrar-se. Desta forma, o

indivíduo manifesta uma vontade de ser reconhecido pelos outros como uma forma de se sublimar e manter as redes sociais. A intervenção encontra-se então associada ao desenvolvimento de um estado de confiança de si e no “Outro” através de um processo constituído por três fases que segundo Soulet (2007d) são:

- a) Problematizar toda a situação envolvente ao indivíduo para que seja mais claro para ele se organizar e conseguir agir sobre si próprio, ou seja, pretende-se que o indivíduo desconstrua as suas vivências e experiências com uma postura de questionamento acerca da sua interpretação; partindo deste trabalho de reflexão pretende-se que o indivíduo consiga compreender quais os recursos que dispõem para utilizar na gestão dos seus problemas;
- b) Elaborar e (re) construir recursos pessoais resultantes do trabalho reflexivo sobre si, desenvolvido sempre em articulação com o técnico e que no fundo se trata de um processo de relembrar a utilização dos recursos pessoais através de experiências de vida positivas;
- c) Interpretar as experiências sociais dentro de um limite temporal alargado que permita criar um espaço de questionamento sobre o lugar que o sujeito ocupa no mundo e qual a importância do seu papel.

A intervenção social transforma-se assim, num processo que conta com duas componentes essenciais: tempo e interação. Ambos os fatores funcionam em paralelo num ambiente de co-construção em que se pretende solucionar as situações pessoais dos indivíduos tendo como ponto de partida o seu *self*, tendo a consciência plena de que ele é também o objetivo final e o instrumento principal para a ação. Assim, através de um trabalho de compreensão das experiências do sujeito, reflexão acerca do seu significado e (re) construção de um sujeito mais completo, cabe ao Assistente Social ser segundo Soulet (2007d), um guia da interação que vai gerindo as situações de maior sofrimento durante todas as etapas do processo de intervenção promovendo a sua integração numa sociedade centrada nas ações dos indivíduos que passam a ser a base da construção da “sociedade contemporânea”.

Capítulo III - Metodologia

O presente estudo dedica-se à análise da percepção que as famílias e indivíduos, beneficiários do Serviço de Apoio Alimentar do Banco Alimentar têm em relação ao apoio que lhes é prestado. Para desenvolver este tema tornou-se pertinente, eleger métodos de análise da realidade que possibilitem analisar de forma exaustiva os dados recolhidos através de uma análise qualitativa. As metodologias qualitativas seguem a referência matricial da abordagem de Max Weber, que defendia que o estudo sociológico deveria ser mais centrado no indivíduo e nos seus comportamentos (Guerra, 2012:7). Segundo Isabel Guerra (2012) um paradigma compreensivo procura analisar o funcionamento da sociedade através da ação/comportamentos dos sujeitos, procurando compreender, por um lado, o sentido que essas ações assumem na vida quotidiana e, por outro, a forma como essas ações promovem mudanças sociais.

O paradigma compreensivo assume então uma perspetiva mais *“pertinente para explicar períodos de crise, particularmente aqueles em que se assiste a transformações culturais com profundas mudanças ao nível das práticas sociais”* (Guerra, 2012: 8). Assim, a investigação segundo o paradigma compreensivo, permite apreender a relação que os sujeitos mantêm com os sistemas sociais, assumindo à partida as críticas existentes de que a análise de uma só realidade não pode constituir uma única base sólida para *“dar conta das complexidades das dinâmicas sociais e, sobretudo, dos processos de mudança...”* (Guerra, 2012: 9). Isto porque a complexidade da sociedade e das relações entre os indivíduos, eleva-se a um nível que exige uma compreensão mais aprofundada do indivíduo como um todo e não apenas como um ser isolado desligado de tudo o que o rodeia.

A perspetiva compreensiva procura assim, um conhecimento em profundidade dos assuntos em debate, e desenvolve-se através da apreensão dos acontecimentos e do significado que se poderá extrair a fim de analisar qual o seu impacto sobre as dinâmicas sociais. Permite assim, apreender o quotidiano dos indivíduos e em simultâneo aprofundar o conhecimento acerca da emergência de novos fenómenos sociais (Guerra, 2012)

conduzindo à eleição de métodos qualitativos na realização da investigação que contribuirão para interpretar essa mesma realidade.

A presente investigação assenta portanto no modelo qualitativo de Joseph A. Maxwell, que se caracteriza por apresentar uma estrutura dinâmica e interativa, na medida em que todos os componentes da construção da investigação se encontram interligados de forma harmoniosa (Maxwell, 2005) e fluída. Desta forma, ao longo do estudo existe a possibilidade de construir a estrutura do presente projeto, mas em simultâneo atribuir-lhe a possibilidade de reconstruir novamente a investigação, tendo em conta os constrangimentos que possam surgir. A flexibilidade do presente modelo permite igualmente, a interligação de todas as componentes do processo investigativo permitindo criar uma maior aproximação ao objeto de estudo através de uma reflexão contínua ao longo da investigação. Assim, pretende-se adotar uma perspetiva reflexiva em todas as etapas do processo e mais concretamente no que respeita às implicações que as suas escolhas têm na condução da investigação assumindo a sua consciência e as implicações que poderão ter na investigação.

Maxwell considera que o modelo de investigação qualitativo por si apresentado, é vantajoso na medida em que sugere um planeamento detalhado e consciente na construção da estrutura do estudo, tornando claro qual o percurso que o processo investigativo irá percorrer. No entanto, o autor apresenta cinco pilares que considera essenciais na construção de uma investigação qualitativa (que se interligam e entrecruzam entre si) e que permitem simultaneamente refletir e conduzir esse mesmo estudo (Maxwell, 2005), sendo eles:

- 1.1.1. Delineação do **objetivo** - segundo o autor, definir o objetivo da investigação é o ponto de partida, dado que nesta fase se torna importante delimitar o objeto de estudo e mais concretamente o objetivo pessoal do investigador. O objeto de estudo é então definido tendo por base três objetivos: *pessoais* (aqueles que motivam pessoalmente o investigador a realizar o estudo; qual a realidade ou fenómeno que pretende conhecer de forma mais aprofundada); *práticos/*

pragmáticos (resposta a uma necessidade expressa de uma entidade/ instituição) e de pesquisa (lógicas e razões da ocorrência do fenômeno específico que o investigador pretende compreender). Esta é a fase mais importante da investigação, pois é o momento em que se clarifica, de forma simples e sem recorrer a conceitos teóricos, qual a trajetória que se pretende percorrer com a investigação.

1.1.2. Enquadramento Teórico - com base no objetivo do estudo elabora-se uma pesquisa bibliográfica que permita construir um enquadramento teórico acerca da temática eleita, dado que o conhecimento sobre teorias existentes posicionam o investigador face ao seu objeto de estudo, e permitem definir quais considera mais pertinentes e adequadas na persecução do estudo. No entanto, tal como refere Schon (1986), as referências teóricas são apenas linhas orientadoras para o investigador e para a investigação.

1.1.3. Questões de pesquisa - as questões de pesquisa são desenvolvidas a partir do objetivo de estudo e da pesquisa bibliográfica. Nesta etapa do processo de estudo são elaboradas questões que constituem o cerne do processo investigativo, pois através delas especifica-se o objeto e objetivo de estudo tendo como base as teorias e investigações previamente desenvolvidas.

1.1.4. Métodos - após construir questões de pesquisa baseadas nos conhecimentos teóricos e no objeto de estudo, define-se quais as técnicas de recolha de dados que lhe permitam compreender o objeto de estudo em maior profundidade. Os métodos qualitativos de recolha de dados encontram-se centralizados nas diferentes técnicas de entrevista, que permitem obter as informações necessárias para a investigação (Guerra, 2012), bem como na observação dos comportamentos dos entrevistados às questões elaboradas.

1.1.5. Validade – este pilar da investigação é transversal a todo o processo, dado que se encontra presente em todas as fases da construção do estudo e permite ao investigador refletir sobre as ameaças à investigação, questões éticas e influências internas e externas que o estudo poderá estar sujeito. A consciencialização plena acerca de todos estes fatores por parte do investigador contribuirá para uma melhor compreensão do estudo e do caminho percorrido.

A interatividade, dinâmica e flexibilidade do modelo de Maxwell, permite ao investigador desenvolver a capacidade reflexiva, na medida em que o processo de investigação pode ser ajustado em qualquer etapa do estudo, aproximando-o do seu objeto de estudo e mantendo as ameaças à validade devidamente esclarecidas.

Tendo por base metodológica o modelo de investigação qualitativo de Maxwell, tornou-se pertinente definir o ponto de partida da investigação, tendo em conta todos os critérios apontados pelo autor. Assim, a investigação tem como caminho definido à partida: compreender a realidade que envolve os Serviços de Apoio Alimentar e mais concretamente apreender as trajetórias de vida, pensamentos, expectativas, sentimentos e olhares das famílias e indivíduos que recorrem ao Serviço de Apoio Alimentar.

Assim, o objetivo do presente estudo é: **compreender qual a perceção das famílias/ indivíduos sobre o Serviço de Apoio Alimentar**. Pretende-se mais do que conhecer a realidade das famílias e das instituições/ entidades, ter em grande consideração as reflexões das famílias/ indivíduos sobre as suas vivências e trajetórias de vida (oportunidades/ vulnerabilidades), mas também, compreender quais as perceções que têm sobre os recursos de ação social disponibilizados para combater as situações de privação.

O objeto de estudo da presente investigação partiu então da curiosidade do investigador em compreender a realidade dos Serviços de Apoio Alimentar, mas uma

questão que foi surgindo ao longo da investigação prendeu-se com: se o Serviço de Apoio Alimentar é uma forma de apoio pontual, porque é que perdura no tempo?; porque é que os beneficiários não se tornam autónomos e são apoiados durante grandes períodos temporais?; qual a ligação e o laço relacional que os beneficiários estabelecem com os técnicos?

Numa altura de grande crise económica e mutações sociais a intervenção social deverá ser refletida no sentido de desenhar possíveis respostas adequadas à realidade de cada agregado familiar e indivíduo. Daí a necessidade de compreender de que forma os Serviços de Apoio Alimentar poderão passar de um apoio pontual, para uma intervenção social que vise um acompanhamento continuado que preveja a autonomia dos indivíduos e dos seus agregados familiares tornando-os membros ativos da sociedade e independentes de ajudas de entidades formais. Para compreender toda esta realidade, pretende-se compreender as trajetórias de vida daqueles que recorrem ao Serviço de Apoio Alimentar, para analisar qual a sua relação, sentimentos, possibilidades e qual o papel do Serviço Social quando tem presente este recurso na sua instituição/ entidade.

Tendo em conta o campo de ação eleito pelo investigador, o Serviço de Apoio Alimentar do Banco Alimentar, as orientações bibliográficas eleitas para a elaboração do enquadramento teórico, encontram-se centradas nos conceitos da pobreza, exclusão social, vulnerabilidade e as formas de intervenção social que os autores apontam como mais adequadas tendo em conta o contexto social envolvente e mais concretamente a identidade dos indivíduos que recorrem a estes serviços de apoio. Tendo por base a pesquisa dos conceitos e das noções defendidas pelos autores, elaborando simultaneamente a definição do percurso teórico em que se pretende observar o objeto de estudo.

As questões de pesquisa constituem, segundo Maxwell, a ligação entre os objetivos e o quadro conceptual definido, sendo a sua função primária explicitar quais as linhas orientadoras da investigação a fim de obter uma perspetiva específica sobre o objeto de estudo. As questões de pesquisa são igualmente um patamar intermédio da investigação, pois

é a partir delas que o investigador escolhe os métodos mais adequados para recolher as informações mais pertinentes para a investigação e avaliar a validade das mesmas.

A definição das questões de pesquisa tem como base, o objetivo do estudo e as pesquisas bibliográficas estudadas e aprofundadas. Estruturam-se de forma a permitir ao investigador compreender a perspectiva das famílias/ indivíduos sobre as prestações atribuídas pelo Serviço de Apoio Alimentar, mas também captar os fenómenos da pobreza e exclusão social que as famílias e os indivíduos vivenciam no seu quotidiano através do seu discurso direto. Foram para esse efeito elaboradas três questões de pesquisa:

1. De que forma é que as trajetórias de vida das famílias/ indivíduos influenciam a perceção construída a respeito do Serviço de Apoio Alimentar?
2. Quais as perceções das famílias/ indivíduos sobre o Serviço de Apoio Alimentar?
3. Qual a perceção das famílias/ indivíduos sobre o Serviço de Apoio Alimentar e sobre as suas perspetivas pessoais para o futuro?

A investigação passa assim por tentar apreender as perceções dos beneficiários do Serviço de Apoio Alimentar do Banco Alimentar, procurando enquadrar qual o impacto que esta resposta social tem junto de populações que vivenciam o fenómeno da pobreza, vulnerabilidade, fragilidade social e exclusão social, tendo por base a sua vivência diária e a sua trajetória de vida.

A recolha de informações e dados necessários para a investigação, guiou-se pela aplicação do método das entrevistas em profundidade, pois colocam o indivíduo no centro do conhecimento. Esta forma de recolher informações e dados permite ao investigador compreender as trajetórias de vida dos beneficiários eleitos para a entrevista e compreender como percecionam o Serviço de Apoio Alimentar nas suas vidas. Desta forma poder-se-á

apreender melhor o sentido que as famílias e os indivíduos atribuem às suas ações individuais e qual a influência que poderá gerar nas suas dinâmicas diárias, mas também na sociedade (Guerra, 2012).

As entrevistas a famílias e indivíduos que recorrem ao Serviço de Apoio Alimentar, teve como intuito criar uma proximidade da realidade vivida e sentida pelas das famílias e indivíduos. No entanto, tornou-se importante estabelecer igualmente critérios de entrevista que permitissem ao investigador reunir uma maior amplitude de conhecimentos e de vivências tendo em conta: idade do beneficiário; tipologia do agregado familiar (nuclear, monoparental; isolado; alargado); género; e o tempo que os indivíduos e famílias recebem apoio alimentar (menos de 1 ano; entre 3 e 5 anos e mais de 6 anos).

Tornou-se então necessário construir um guião de entrevista que teve como base os parâmetros estabelecidos por Guerra (2012) de forma a desconstruir as questões de pesquisa, mas também a criar uma grelha analítica para posteriormente dissecar as entrevistas e o seu conteúdo tendo sido estabelecidas duas dimensões diferenciadas de conhecimentos a recolher, sendo elas:

- A origem e Trajetória Familiar – o objetivo do investigador passa por apreender as trajetórias familiares dos beneficiários desde a fase da infância até à fase adulta de forma a compreender quais as suas vivências pessoais, relações formais e informais, trajetos profissionais, transformações/ alterações das dinâmicas familiares e desvendar quais as suas expectativas face ao futuro. As informações recolhidas irão permitir ao investigador conhecer melhor as dinâmicas internas das famílias/ indivíduos, mas também qual a sua relação com o exterior, ou seja com o ambiente que o rodeia, bem como os apreender quais os sentimentos que se vão manifestado pela dependência de outras entidades sustentando aqui necessidade do investigador compreender como as dimensões identitárias poderão estar salvaguardadas ou não.

- A relação com o Serviço de Apoio Alimentar do Banco Alimentar – o investigador pretende compreender quais as causas que levaram a família/ indivíduos a recorrer a prestações de carácter alimentar, mas também quais as expectativas, sentimentos experienciados, considerações, perceções sobre o funcionamento dos Serviços de Apoio Alimentar e quais as expectativas relativamente à relação entre a família e os indivíduos e este apoio prestado.

Na presente investigação é patente a necessidade de aprofundar não somente o conhecimento da história de vida dos indivíduos e famílias que recorrem aos Serviços de Apoio Alimentar, mas também de que forma é que este apoio “entrou” nas suas vidas e alterou ou não a sua conceção sobre a si próprios e o ambiente que os rodeia. Sublinha-se no entanto que este é um estudo com características muito específicas e que os resultados obtidos não deverão ser generalizados a todos os beneficiários de Serviço de Apoio Alimentar, pois as histórias de vida não se repetem, diferenciam-se pelas suas experiências de vida tornando as suas trajetórias únicas e irrepetíveis.

A análise qualitativa segundo Maxwell permitiu ao investigador trilhar um caminho para o conhecimento acompanhado sempre pela ideia concreta de que as mutações sociais que as sociedades contemporâneas se encontram a passar comportam em si vulnerabilidades e fragilidades que poderão carregar mais ou menos os indivíduos na sua busca de autonomia e contribuição para o progresso social. A reflexão permanente durante a realização do estudo levou a equacionar muitas questões e deambulações acerca da intervenção social junto desta população concreta, levando o investigador a compreender que cada agregado familiar necessita de intervenções diferenciadas e complementares às suas formas de vida levando a uma necessidade de (re) construir a intervenção tendo em conta a unicidade de cada agregado familiar.

Capítulo IV – Análise dos dados obtidos

Para o presente estudo foram realizadas sete entrevistas através das quais se tentou apreender quais as percepções das famílias e indivíduos que recorrem ao Serviço de Apoio Alimentar. No entanto, para compreender melhor as percepções dos entrevistados tornou-se pertinente analisar de forma mais atenta a trajetória de vida de cada um dos indivíduos e posteriormente analisar cuidadosamente a forma como a sua construção identitária influencia a percepção acerca do apoio que lhes é concedido. O percurso investigativo trilha então um caminho que passa por ouvir, desconstruir e apreender as histórias contadas de forma a traçar a identidade pessoal dos entrevistados e compreender de que forma esta influenciou a sua visão e postura sobre a vida.

Ao longo do trabalho exploratório tornou-se evidente que o objetivo traçado era muito ambicioso, pois por um lado, tentava-se captar pormenores sobre a vida dos entrevistados a fim de compreender que se apreende muito pouco através de uma entrevista, ou seja ouvem-se pequenos fragmentos que se vão soltando e vão sugerindo de uma forma de vida que poderá ou não coincidir com a real. Ou seja, o processo de investigação viveu assim um impasse que passou por uma grande reflexão do investigador que compreendeu que a vida das pessoas aqui retratadas é apenas o início de uma investigação, pois muito poderia ser tratado, debatido e inquirido.

O resultado das entrevistas remete-se então para o momento em que os entrevistados concederam as entrevistas, um momento espartado tempo, escolhido por si próprios de toda a sua vivência e que permitiu ao investigador observar e ouvir as histórias das pessoas e famílias aqui entrevistadas. No entanto, surgiram algumas dificuldades na realização das entrevistas, nomeadamente quando foi solicitada a colaboração de indivíduos e famílias apoiadas há menos de um ano pelo Serviço de Apoio Alimentar. A sua não participação deveu-se a, segundo os técnicos das instituições/ entidades, sentimento de vergonha sobre a situação em que se encontram a vivenciar e à exposição perante os outros membros da

sociedade. Estas são na sua maioria pessoas que ajudaram e contribuíram pelo menos uma vez na vida para o Banco Alimentar e que o facto de passarem para o outro lado do apoio, os leva a tentar ocultar esta realidade até mesmo das suas próprias famílias. Assim, apesar de os indivíduos e agregados familiares que recebem apoio há menos de um ano pelo Serviço de Apoio Alimentar terem sido abordados para concederem uma entrevista confidencial, apenas um acedeu a dar a entrevista.

Para que o conteúdo obtido das entrevistas tivesse uma maior riqueza e diversidade tornou-se pertinente realizar entrevistas tendo em conta o tempo em que recebiam ajuda do Serviço de Apoio Alimentar, a idade dos entrevistados e o seu género. As entrevistas foram realizadas no domicílio dos entrevistados a fim de proporcionar um ambiente de maior conforto em que por um lado, permitisse a presença de outros elementos do agregado familiar integrando a sua participação como uma mais-valia e por outro lado, criar um espaço de conforto, de discurso informal e de escuta ativa. Este ambiente permitiu ao investigador mostrar-se disponível e recetivo perante todas as histórias contadas levando a que os entrevistados abordassem algumas temáticas que extrapolavam a presente investigação, possibilitando ao entrevistador/ investigador ir mais além do guião de entrevistas dando a possibilidade de compreender melhor a realidade vivida e sentidas destas pessoas sem limites.

4.1 Percepções das famílias acerca do apoio alimentar

As histórias analisadas nesta investigação, valem por si, pois são autênticos retratos no tempo, de quem foi entrevistado e revelam sentimentos e atitudes ao longo da vida que de uma forma ou de outra, colocam em evidência as identidades de cada um no que respeita às suas fragilidades, vitórias, silêncios e solidão. Mas, mais do que retratos de sete pessoas são a sua visão sob o mundo que os rodeia e também sobre a vivência num ambiente de pobreza e vulnerabilidade ao longo das suas vidas.

Dos entrevistados selecionados para o presente estudo, quatro são mulheres e três homens, com idades compreendidas entre os 20 e os 70 anos, havendo uma maior predominância entre os 40 e os 60 anos (3 mulheres e 3 homens). A maioria dos processos de ambos os Serviços de Apoio Alimentar estão em nome de mulheres, sendo que dado que são elas os elementos familiares que tomam a iniciativa de pedir apoio, o que significa que a os homens que recorrem a este recurso estão na sua maioria a viver sozinhos. No entanto, a participação dos homens no Serviço de Apoio Alimentar, está associada na maioria dos casos relacionada com o facto de as esposas/ companheiras estarem impossibilitadas de ir levantar os alimentos, por diferentes motivos.

Segue-se assim à análise das entrevistas, tendo em conta as histórias de vida dos entrevistados iniciando na fase da infância e adolescência afim de compreender quais as trajetórias originais dos entrevistados, mas também quais as suas experiências durante esta fase das suas vidas. Assim, tem-se em consideração as experiências em comunidade, as relações formais e informais, a entrada na escola, as considerações acerca da vivência que tinham no seu agregado familiar e as expectativas que tinham relativamente ao seu futuro. Passando à fase adulta pretendeu-se captar a saída dos entrevistados deixaram as suas famílias de origem, a inserção no mercado de trabalho, nascimento dos filhos e as relações conjugais. Numa fase final das entrevistas foi abordada a temática do Serviço de Apoio

Alimentar, tendo por base a relação que os entrevistados mantinham com esse mesmo serviço e com os técnicos que lá se encontram.

A necessidade de traçar um perfil temporal dos entrevistados é valorizado pela forma como se consegue apreender as suas experiências de vida e como estas poderão estruturar o seu pensamento e poderão influenciar a forma como concebem os Serviços de Apoio Alimentar e os apoios que lhes são concedidos.

Origem e Trajetória Familiar

Os agregados familiares de origem dos entrevistados eram na sua maioria núcleos constituídos por pai, mãe e fratrias de irmãos e meios-irmãos, na sua maioria famílias numerosas. Durante a fase da infância dos entrevistados, existiram porém algumas alterações na constituição dos agregados familiares, mantendo-se apenas até à idade adulta quatro entrevistados que viveram com os pais e irmãos, sendo que um foi para um Lar de Acolhimento, outro viveu numa família recomposta e um terceiro vivia numa família monoparental. Algo que é transversal a todos os agregados familiares é o facto de que a grande maioria já vivia integrado num agregado familiar pobre e com fracos recursos económicos. A pobreza é então um fator predominante em algumas das famílias entrevistadas e essas realidades vividas e sentidas tenderam-se a repetir, marcando as identidades dos indivíduos.

“(...) vivi lá até aos seis anos com os meus pais. (...), as comidas eram à base das sopas, toda a gente tinha horta (...) entretanto os meus pais separaram-se e a minha mãe levou os meus irmãos mais velhos, e eu fiquei eu a minha irmã e os meus irmãos gémeos com o meu pai. (...) Entretanto como o meu pai na altura trabalhava (...) nós tivemos de ir para um colégio eu e a minha irmã... (...) e os meus irmãos foram, para uma família de acolhimento.” (E1)

“(...) vivia com a minha mãe (...) e com o meu pai (...)” (E2)

“a minha mãe viveu com o meu pai até eu ter 4 anos e depois juntou-se com aquele senhor que já tinha dois filhos, teve mais dois... Ficámos cinco.” (E3)

“Só vivi com a minha mãe, com o meu avô, com o meu pai não.” (E4)

“vivi na barraca. (...) Com os meus pais só tive até à idade de 12 anos (...), num caniço, a urinar no mesmo balde, (...) dormir em cima de uma esteira, as irmãs para baixo e os rapazes para cima a cama era do meu pai e do miúdo que nascesse,” (E5)

“o meu pai (...) abandonou a minha mãe e deixou a minha mãe com seis filhos (...) eu vim de Angola tinha dezoito meses (...). O meu pai teve lá para a tropa e depois foi lá para a polícia, a minha mãe foi ter com o meu pai (...) o meu pai voltou para a companhia da minha mãe tinha eu para aí 14 ou 15, voltou.”(E7)

Para além de terem vivido em ambientes de pobreza durante a maioria da sua infância/ juventude e depois na fase adulta, os entrevistados têm em comum o facto de terem vivido uma parte da sua infância em ambientes rurais. A ressalva para este aspeto está relacionado com o facto de que em ambiente rural todos se conhecem e a situação de pobreza é mais visível e por isso facilmente identificada ao contrário do que acontece nos meios citadinos. Os ambientes rurais permitem igualmente que as comunidades mantenham muitas relações

familiares havendo uma memória muito presente das trajetórias de vida das famílias e dos indivíduos.

Um dos entrevistados refere que todos o conhecem e era do conhecimento público que a sua família era pobre e por isso todos ajudavam e continuam a ajudar, apesar de o entrevistado revelar que desde que recebe a prestação de Rendimento Social de Inserção e o apoio alimentar, tenha feito um esforço para evitar pedir às portas das pessoas, situação que não impede que as pessoas que o conhecem o continuem a prestar-lhe ajuda.

“nessa altura éramos mais pobres, era mais miséria e agora temos mais um bocadinho (...)a gente nem tinha mesa, era a comer na mão, em casa dos meus pais era a comer na mão, ou aqui no colo (...). Tinha que andar a pedir à porta das pessoas (...) e então naquela altura não havia dinheiro para comprar azeite nem óleo, eu ia a casa da minha madrinha ela tinha fritado peixe, punha para dentro de uma garrafa e guardava para os pobres (...). (...) uma senhora dizia, a minha mãe (...) “Ó G. há-de lá mandar o rapaz lá ao casal porque eu tenho lá hortaliças”, fazia horta não é? E lá ia eu daqui quase até aos VL a é buscar hortaliça e depois vinha outra que o marido era caçador, o meu pai era caçador, dizia “Hás-de dizer ao rapaz que é para ir lá ter com a mulher que ainda apanho lá umas couves, apanho isto apanho aquilo”, lá ia eu.(...)” (E5)

Parte-se para a análise destas entrevistas com alguns pressupostos que são fundamentais, nomeadamente no que respeita ao tema que irá ser desenvolvido, pois a maioria dos entrevistados viveu num ambiente de pobreza, definido por Bruto da Costa et al (2008) *“situação de privação por falta de recursos”* esta situação deveu-se fundamentalmente à ausência total ou parcial de recursos económicos, ou seja de recursos de cariz económico e que os conduziu a pedirem apoio a vizinhos inicialmente ou a organizações que se dedicavam a suprir as necessidades dos mais pobres. Esta situação de pobreza vivida pela maioria dos entrevistados afetou-os de forma transversal na medida em que alterou e modificou todas as suas dimensões, tendo a sua identidade sido marcada por essa fragilidade e revelando-se na sua grande fragilidade emocional e identitária, baixas competências e capacidades psicológicas para conseguirem “romper” com este ciclo de recorrer a apoios informais para conseguirem ser autónomos na sua vida.

4.1.1 Fase da Infância e Juventude

A infância e juventude dos entrevistados foi vivida pela maioria, envolta num ambiente de fragilidades e vulnerabilidades devido à ausência total ou parcial de recursos, mas também à debilidade dos vínculos afetivos que refletem nos seus discursos. Assim, as recordações de infância e juventude remetem os entrevistados para um período da vida em que é inculcido aos indivíduos um conjunto de valores e princípios que constituem o pilar da sua identidade e que se vão revelando ao longo da sua vida, nomeadamente nas vivências e experiências pessoais. Esta fase da vida dos entrevistados foi passada junto da sua família, constituída na sua maioria pelos pais e fratrias numerosas, no entanto o ambiente familiar era um espaço marcado por ruturas conjugais, separação dos irmãos, discussões, agressividade, violência, abandono e com uma limitada criação de laços afetivos, pois não houve tempo para os alimentar. A rutura lenta dos agregados familiares, levou os entrevistados a olharem a vida numa perspetiva diferente, carregando dentro de si o sofrimento causado pela sua experiência, sendo que os entrevistados revela que:

“A minha infância... foi boa, acho que depois de tudo o que eu passei (...). Não tenho qualquer trauma de infância.” (E1)

“Não me lembro de nada. Olhe, já foi há tantos anos, não me lembro de nada.” (E2)

“Da infância não tenho nada de bom para recordar aliás, nem me recordo da minha infância (...) não me recordo de ter colegas, de ter amigos, isto até aos 4 anos. (...) Tenho muito poucas coisas de infância assim, que me recorde porque não foi uma infância normal.”(E3)

A fase da infância é aquela que por excelência, os indivíduos iniciam a construção identitária, sendo que as convulsões vividas, imprimiram nas suas personalidades a marca do sofrimento redefinindo a sua personalidade. No entanto, o confronto perante a vulnerabilidade reflete-se nos discursos dos entrevistados anulando em algumas situações possíveis vivências felizes antes e após estas experiências menos positivas e que afetaram a sua estrutura identitária tornando-os mais frágeis perante a sociedade. A maioria dos

entrevistados foram crianças que viviam em ambientes de pobreza e que absorveram para si estas experiências vividas e sentidas como uma limitação dos pais perante a situação em que se encontravam.

De todos os entrevistados apenas um teve uma experiência de infância e juventude sem quaisquer alterações e viveu num ambiente familiar alargado feliz que lhe proporcionou ao longo da vida a procura de experiências positivas e prazerosas principalmente no que respeita à escolha da profissão, vida familiar e oportunidades de participar ativamente na sociedade, no entanto, a redução da pensão de reforma, uma filha menor e o terceiro elemento do agregado em situação de desemprego sem subsídio, levaram a que este entrevistado recorresse ao apoio alimentar há cerca de dois anos. Estas mudanças familiares forma marcantes para os entrevistados, especialmente numa fase da vida muito precoce, tornando-se mais evidentes aquando a escolha das trajetórias de vida. No entanto, um dos entrevistados refletindo sobre a sua vivência refere que a alteração de toda a sua vida doméstica foi um acontecimento positivo visto que, ao ficar institucionalizado teve a oportunidade de aprender e viver experiências que de outra forma não teria vivido em oposição as vivências dos irmãos que não foram institucionalizados. O entrevistado revela que,

“Hoje eu vejo que fui feliz sim (...). Tive uma infância onde ia à praia, onde tinha acesso a muitas coisas...” (E1)

Mas esta consciência da realidade é apenas uma reflexão numa fase muito posterior e com uma consciencialização plena sob a sua trajetória de vida e de todas as experiências que passou. Apesar desta rutura ser atualmente percecionada sob um ponto de vista positivo, o mesmo entrevistado revela que na altura a rutura causou-lhe muito sofrimento tendo-se refletido nas escolhas que mais tarde fez na sua vida agindo de forma precipitada com o objetivo não realizar o mesmo percurso de vida dos pais. É esta forma de fazer, que a maioria dos entrevistados procura ao longo das suas vidas não reproduzir as vivências dos pais, no entanto não é claro se o seu percurso não tendeu para a repetição das experiências que observaram durante a fase da infância e juventude.

Como os agregados familiares da maioria dos entrevistados vivia em situação de carência e de grandes dificuldades económicas, existe nos discursos destes a consciência de que o dia-a-dia era vivido de forma difícil devido à existência de condições precárias e à convivência com situações de violência doméstica (física e emocional), levando a maioria dos entrevistados a revelarem sentimentos de revolta perante aquilo que viram e ouviram:

“(...) a única imagem que eu tenho do meu pai e da minha mãe, ou seja de família é o meu pai a bater na minha mãe (...)” (E3)

“(...) dormir numa esteira (...) a cama era do meu pai e do miúdo que nascesse (...) nessa altura eramos pobres, era mais miséria ...” (E5)

“(...) Era uma infância assim boa, com um bocado de dificuldade que já havia naquele tempo (...)” (E6)

“A minha vida de infância foi difícil... o meu pai agredia muito que é mesmo assim, abandonou a minha mãe com seis filhos e foi muito mau (...) difícil porque passei muita fome (...)” (E7)

Os sentimentos gerados pelas experiências vivenciadas ficaram impressos nas identidades dos entrevistados, tornando-se relevante que aquilo que viveram é sempre uma forma de comparação com aquilo que vivem atualmente. Esta perspetiva sobre a vida resulta possivelmente para demonstrarem que fizeram um longo percurso de afastamento do seu ponto de partida ou seja, da sua família de origem. Assim, pode-se afirmar que as limitações e as vulnerabilidades, inerentes às experiências vividas nesta fase, apesar de se terem perpetuado no tempo assumiram uma outra forma derivado ao sofrimento arrastado e a uma fragilidade insistente que os debilitou perante as tomadas de decisões e os levou a tomar decisões precipitadas a fim de atenuar o sofrimento permanente em que viviam.

Persiste porém nos entrevistados a necessidade de fecharem “portas” e sanarem aquilo que viveram, mas por outro lado a existência de desequilíbrios no julgamento no que respeita às atitudes a tomar, leva-os a que todas as suas atitudes e ações sejam decididas de forma muito pouco sustentada. A incapacidade de assumir as dificuldades internas e externas, projetando uma forma de ultrapassar as suas próprias limitações, arrasta a maioria dos entrevistados a não se deterem sob os aspetos positivos e negativos que as suas atitudes

podem gerar no imediato e no futuro, pois a sua perspectiva de vida é sempre em busca da mudança no aqui e agora, sem que se questionem a si próprios para onde e com que objetivo e fundamento se movem.

A infância e a juventude são fases da vida expôs estes indivíduos a diferentes experiências que os introduziram numa aprendizagem de socialização em fase inicial com os pais, que foram apreendidos de duas formas diferentes: com muito carinho e de forma emotiva e por outro lado, com sentimentos de indiferença e distanciamento. Esta dualidade de sentimentos está relacionada com as atitudes tomadas pelos pais e pelas “mensagens” que foram transmitindo aos filhos, ou seja o entrevistado institucionalizado, apesar de sentir uma grande perda na sua vida manteve a relação com o pai considerando-o o seu melhor amigo e justificando que ele tinha de trabalhar, mas que apesar de tudo fazia visitas semanais na instituição, o que leva o entrevistado a considerá-lo o seu melhor amigo. Os pais que ajudaram os filhos, que mantinham a família unida, mas também aqueles que sentiam este companheirismo apenas pela parte de um dos progenitores criaram laços fortes durante esta fase da vida, e por isso estabeleceram uma base sólida para se (re) construir como pessoas.

“(...) o meu pai era o meu melhor amigo, (...) o meu melhor amigo tudo. O meu pai ia todas as semanas lá ver-me ao colégio eu não posso sentir falta de uma coisa que nunca tive.”
(E1)

O distanciamento emocional de ambos os pais ou apenas de um revela que essa relação precária iniciou-se com um distanciamento físico que gerou sentimentos de vazio e ausência total de relação. Esta rutura entre os filhos e os pais foi sentida de forma brusca ou até, por insistência dos filhos mantida até ao limite da desistência dos mesmos que decidiram em determinada altura da sua vida, deixar de investir numa relação em que apenas havia uma via de comunicação. Os entrevistados afastados dos progenitores com quem mantêm uma relação menos positiva, revelam:

“(...) Às vezes as pessoas perguntam-me se eu não tive falta de ter uma mãe... (...) não posso sentir falta de uma coisa que nunca tive.” (E1)

“(...) eu ia visitar o meu pai às escondidas da minha mãe (...) com o meu pai, não houve aquele relacionamento pai e filha. Tanto que eu não consigo chamar pai ao meu pai (...). Eu e a minha mãe nunca tivemos aquela ligação de mãe e filha.” (E3)

“(...) Nunca tive relação com ele (...) não quis dar-me o nome (...).” (E4)

“Não me dava com o meu pai (...) a minha mãe só queria que a gente andasse a pedir (...) Eu não tenho pai... nunca tive (...).” (E5)

“ter o amor, o carinho, o não sei o quê, o afeto, acho que nunca tive isso (...).” (E7)

Este desligamento emocional de um ou de ambos os progenitores é um fator crucial na vida dos entrevistados pois esta ausência física e emocional poderá ter levado a uma estrutura identitária mais fragilizada e debilitada, devido à ausência desse suporte relacional primário.

Durante a fase da socialização, as relações de amizade e vizinhança foram importantes na medida em que os entrevistados podiam comparar as rotinas da sua família a outras, mas também eram relações em que existia um ambiente de entreatajuda e solidariedade, mas também de sentimentos de maior tristeza e sofrimento.

“(...) o meu pai tinha batatas dava à vizinha que lhe dava couves. Na altura era mesmo assim. A minha vizinha precisava que o meu pai lhe cortasse lenha, e a vizinha dava-lhe um coelho ou uma galinha ou ovos ou coisas assim. Era assim que funcionava na altura. Por exemplo, a minha mãe cozia pão e ela e a minha avó coziam para nós e na altura cozia-se o pão para o mês todo e as minhas vizinhas já senhoras de idade não podiam estar a amassar a minha mãe ia e depois elas davam qualquer coisa.” (E1)

“Tive bons amigos, pelo menos lá na escola primária em O tive bons amigos (...). Brincávamos só durante o tempo da escola e aos fins-de-semana, (...) eu sou uma pessoa que faço amizades com muita facilidade só que para mim é assim. Amigos, amigos, amigos têm se ser mesmo amigos do peito em todas as situações (...).” (E3)

“Não me dava bem com os meus colegas, porque eles chamavam-me nomes porque eu era muito ... não me dava com ninguém, estava sempre sozinha, não tinha relação com eles.” (E4)

“Era amigo de toda a gente ainda sou, nunca tive inimigos, dava-me bem com toda a gente, respeitador e respeitava...” (E6)

“(...) tínhamos lá muitos amigos (...). Amigos de rua tinha muitos porque eu andava lá no atletismo (...).” (E7)

Sublinha-se que os discursos dos entrevistados relativamente às redes de amizade e vizinhança (redes informais), retratam apenas a fase da sua infância e juventude no tempo não havendo uma memória ou ligação posterior nas suas vidas.

A escola, espaço de socialização privilegiado em que coloca os indivíduos independentemente da sua origem com igual acesso aos conhecimentos académicos que lhes permitem desenvolver as suas capacidades e competências, foi para a maioria dos entrevistados um espaço em que se confrontaram com outras formas de vida diferentes das suas famílias de origem. A vivência em ambiente escolar é então por um lado, concebida como um grupo de pessoas (nomeadamente professores e auxiliares) que ao longo do tempo os incentivaram nas suas atividades académicas, valorizando os seus conhecimentos, no entanto, estes reforços positivos fizeram emergir discursos de felicidade quanto a este ambiente que poderia servir de refúgio da vulnerabilidade do ambiente familiar. No entanto, a ausência de valorização do espaço de aprendizagem conduziu a maioria dos entrevistados a um abandono do percurso académico, mesmo nas situações em que poderiam existir oportunidades de possível sucesso.

“Sempre fui boa aluna, gostava da escola. (...) Sim sempre gostei dos meus professores. (...) Nunca pensei tirar um curso ou qualquer coisa. (...) também nunca pensei em desistir da escola (...). Entretanto outras coisas ocorreram e eu vim-me embora do colégio e desisti da escola.”(E1)

“Naquela altura nós entrávamos aos 7 e saíamos aos 11. (...) eu (...) fiz a quarta classe, fiz tudo. (...) Se não fui estudar foi porque não quis, também o dinheiro não era muito mas fazia-se um esforço assim como os meus pais fizeram para o meu irmão.” (E6)

Mas a escola como espaço de integração e integrador das crianças e jovens pleno de oportunidades, revelou-se também um espaço que colocava em evidência as fragilidades e vulnerabilidades das identidades pessoais e cada um, havendo uma maior confrontação real com a existência da desigualdade entre os pares. A grande maioria dos entrevistados revela claramente que não tinham capacidades para aprender e relatam experiências menos positivas que marcaram de forma determinante as suas identidades pessoais.

“Sim, mas eu fui burra e não aprendi a ler. (...) não tinha memória para aprender. (...) Sinto (triste) que é preciso assinar uma coisa qualquer ou assim e tenho que pedir às outras pessoas, e se eu soubesse ler não era preciso.” (E2)

“Tenho a quarta classe quase toda, o ciclo não o tenho todo porque não tinha cabeça para andar na escola (...)” (E4)

“Foi até aos 14. (...) fiz a primeira (...) eu não tinha cabeça para a escola (...) Ora, eu nunca puxei para a escola, eu na escola certas coisas chateavam-me, andava sempre a partir as pedras nas cabeças dos outros, mandava com o saco, era um saco de pano partia aquilo e depois não fazia as contas de casa, a cópia já não ia à escola ao outro dia porque eu não fiz a cópia, a professora batia-me” (E5)

“Andei lá na escola... (...). Até à quarta classe (...). Eu gostava de andar na escola eu gostava, mas era um para ser sincero na altura era malandro (...). chumbei algumas vezes por causa dos erros (...) erros meus (...) e também da vida que ia lá em casa que é mesmo assim era muito complicado.” (E7)

O desligamento da escola, apesar da existência de fatores positivos poderá estar também associado às experiências de trabalho sazonal durante o período de férias que tinham como objetivo angariar dinheiro e ou bens alimentícios para ajudar as suas famílias. Todos os entrevistados entraram de forma precoce no mundo do trabalho, alguns inclusive ainda durante a fase da infância, o que permitiu a alguns compreenderem e definirem à partida qual a profissão que gostariam de aprender, enquanto outros foram-se desdobrando-se em diversas áreas profissionais que fossem surgindo para essencialmente ajudar a sua família original, mas também para se tornarem rapidamente independentes. Alguns dos entrevistados revelam também, que a desistência da escola esteve muito relacionada com dificuldades de aprendizagem, financeiras e essencialmente vivências familiares conturbadas que não lhes permitiram reunir capacidades emocionais suficientes para desenvolverem uma aprendizagem saudável e a rentabilizarem todas as oportunidades que este espaço lhes poderia proporcionar.

Mas a escola como entidade que coloca as crianças em igualdade de oportunidades para alcançar os seus objetivos, foi o centro da desigualdade e de confrontação dos entrevistados com a realidade que os rodeava, tanto que muitos revelam nos seus discursos

formas de viver diferenciadas e este pólo integrador torna-se um espelho que reflete a realidade das vivências de cada um e distancia os pares.

“(...)quando era o recreio, lá ia eu a correr que mora mais abaixo onde está o arvoredor verde deste lado, num primeiro andar branco ia a correr galgava os ferros das escola e ia a correr para a avó dela dar-me duas fatias de pãozinho com doce, doce de tomate, que já estava lá guardadinho para mim” (E5)

“(...)estudava-se e depois púnhamo-nos ali um bocadinho a conversar, uns já tinham revistas de coisas de cowboys aqueles que podiam comprar e a malta punha-se a ler ali aquilo e depois vínhamos até cá fora escola (...)” (E6)

Perante toda a realidade que envolvia os entrevistados, denota-se claramente nos discursos uma vontade muito explícita de entrar no mercado de trabalho, já experimentado e possivelmente mais valorizado pela família e conseqüentemente pelos próprios. Esta possibilidade de entrar no mundo do trabalho e de desligar-se da família original é assumida pelos entrevistados como uma perspectiva positiva relativamente ao futuro. Essa vontade de ser adulto com celeridade, ainda durante a fase da adolescência, concretizou-se na realidade através da rutura com a escola causada pela urgência de tomarem conta de si, escolherem o seu caminho e de terem a possibilidade de “romper” com as experiências passadas no sentido de (re) começar tudo de novo tendo por base as experiências vividas e a percepção que os entrevistados foram tendo da realidade que os rodeava.

À semelhança da adaptação ao meio escolar, a vida comunitária dos entrevistados manteve-se na sua maioria ativa durante toda a fase da adolescência, nomeadamente dois dos entrevistados integraram-se em atividades de carácter cultural e desportivo, nas quais se envolveram até à fase adulta. A frequência destas atividades tornou-se decisivas na forma como ambos os entrevistados perceberam a sua vida e conseguiram obter experiências positivas através do convívio com outros pares e da partilha de experiências de vida. Tal como a escola, as atividades de carácter cultural e desportivas permitiram obter experiências de vida diferentes.

“(...) quando era novito havia um bailarico a gente não pagava a entrada porque o meu pai fazia parte lá da banda (...) depois comecei a entrar no teatro na igreja (...), na música e depois para a casa do povo, comecei a jogar futebol já mais velho (...) fazíamos encontros de futebol que eram as bolas de trapo até aparecer as bolas de cachu (...) havia o cinema mudo (...) o ecrã era na parede (...) Ia eu e todos ... de vez em quando ajudava (...) numa altura havia um intervalo ia-se com o boné fazer a coleta e eu ajudava-os” (E6)

“(...) eu andava lá no atletismo (...), treinos de futebol ou de atletismo (...). Eu com 12 anos fui para os bombeiros”(E7)

Apesar da família de origem ter vivido em ambientes de pobreza e vulnerabilidade, torna-se pertinente sublinhar que as interações com a comunidade tiveram uma preponderância muito grande na forma como ambos os entrevistados se posicionam face às escolhas que foram fazendo ao longo da sua vida. A comunidade foi para estes entrevistados um recurso imprescindível na medida em que conseguiram apreender através do convívio com os pares novas formas de viver.

A vivência continuada em ambiente de pobreza poderá conduzir os indivíduos a imprimirem nas suas personalidades limitações no que respeita a olharem o mundo com todas as possibilidades e oportunidades que poderão ter à sua disposição. No entanto, as fragilidades intrínsecas de cada indivíduo poderá também impossibilitá-lo de ver essas mesmas oportunidades, ou até mesmo de as “agarrar” pois acreditam que não detêm em si capacidades e competências para conseguir gerir essas mesmas oportunidades nem de suportar a frustração de falhar. Esta ausência de estrutura interior dos entrevistados, para suportar a pressão e as contrariedades que lhes possam surgir, advem principalmente do facto de terem sido crianças que construíram as suas identidades em ambientes frágeis e repletos de vulnerabilidades que ficaram impressas nas suas personalidades.

As expectativas destes jovens face ao futuro, conduz-nos a compreender que as suas identidades são frágeis e limitadas, muito devido às vivências e experiências que viveram imbuídos, mas que os entrevistados mantiveram uma perspetiva positiva relativamente ao seu futuro, muito associados aos seus desejos pessoais e à vontade de criarem algo de novo diferente daquilo que tinham vivido. Estas expectativas positivas foram incentivadas na sua maioria por pessoas significativas para os entrevistados que lhes incutiram essa possibilidade

de conseguirem ser felizes e por consequência de se afastarem dos modelos que tinham vivenciado.

“ (...) o meu pai sempre esperou que eu fosse feliz.” (E1)

“Era o que ela (avó) queria era que eu fosse feliz porque é assim ela sabia que eu tinha responsabilidade, tinha capacidade para assumir família, para assumir o meu trabalho, para assumir qualquer coisa.” (E3)

“Ela dizia para eu ser como ela para trabalhar.” (E4)

“Pensava ser enfermeiro, era o que queria ser (...)” (E5)

“A minha mãe sempre me disse a mim (...) e aos meus irmãos (...) ”olha “toda a profissão que tu escolheres é bom, desde que ganhes o teu dinheirinho e fazes a tua vida conforme tu quiseres (...)” (E7)

As expectativas dos entrevistados relativamente ao futuro, baseia-se fundamentalmente naquilo que aqueles que consideravam mais importantes para si iam colocando neles. No entanto, a vivência prologada em situações de dificuldade e de “luta” constante conduziram os entrevistados a obstáculos gigantescos perante os quais não detinham recursos necessários para os ultrapassar. Perante esta realidade vivenciada torna-se possível a existência de sentimentos de vazio perante um futuro que lhes ia parecendo incerto. Assim, os sentimentos de “derrota” perante as suas fragilidades e limitações levou a maioria dos entrevistados a viverem o dia-a-dia sem pensarem muito sobre o futuro. Esta resiliência face às suas limitações pessoais é revelada pelos obstáculos que foram surgindo ao longo das suas vidas e que tiveram dificuldade em superar de forma a cimentarem a sua estrutura emocional.

“(...) eles (pais) sobre mim nunca tiveram conversas nenhuma de certezinha absoluta. (...) mas nem ela comigo nem com os meus irmãos.” (E3)

“(...) eles não queriam que eu fosse nada (...) nunca tiveram essa conversa com nenhum dos filhos (...) isso nunca entrou dentro dessa barraca (...)” (E5)

“(...) o único trauma que eles tiveram principalmente o meu pai foi ter casado tão cedo (...) ao casar cedo deixei de ajudar praticamente, às vezes eu é que os tinha de ajudar...” (E6)

“a minha mãe (...) sempre disse (...) “Não estudes não amanhã vai-te fazer falta” e é verdade, agora o meu pai não tenho essa ideia (...)” (E7)

A fase da infância e juventude dos entrevistados foi envolta em contornos de pobreza e vulnerabilidade das suas famílias de origem e que lhes imprimiram uma identidade/ personalidade resiliente mas simultaneamente vulnerável. A vulnerabilidade dos entrevistados, coloca-os numa posição em que quando confrontados com oportunidades de mudança e fortalecimento das suas personalidades na persecução de ultrapassar obstáculos nas suas vidas, eles facilmente se ajustam às dificuldades e tentam superar as suas próprias limitações. No entanto, a vivência em constante sobrevivência comporta na maioria dos entrevistados a possibilidade de obterem sucesso. No entanto, o sonho de liberdade e felicidade, que passa pela autonomia, reconhecimento dos outros como pessoas e afastamento dos valores da família de origem, apesar de longínquo é aquele que desejam para si e não apenas a sobrevivência diária a uma vulnerabilidade constante e permanente.

4.1.2 A Fase da Vida Adulta

A vida adulta iniciou-se para a maioria dos entrevistados ainda durante a fase da adolescência, saindo da casa dos pais para constituírem as suas próprias famílias, sendo o objetivo fundamental afastarem-se das realidades vividas para começar tudo de novo. A procura de relações conjugais harmoniosas e dentro dos parâmetros que sonharam e idealizaram tornou-se difíceis de conquistar, dado que não detinham em si modelos conjugais de convivência. No entanto, a saída de casa foi para a maioria uma “*fuga para a frente*” que os conduziu a tentar alterar as suas formas de vida e criar um ambiente mais harmonioso para as suas famílias, demonstrando uma vontade manifesta de procura de mudança e de procura de felicidade.

Durante a vida adulta, a maioria dos entrevistados revelou que tiveram mais do que um relacionamento amoroso ou mesmo conjugal, o que poderá traduzir-se em várias tentativas no sentido de assumir as suas vidas e reforçar os sentimentos de auto-estima e

empolar a sua necessidade de procurarem a felicidade, limar as suas identidades pessoais e no fundo constituir a sua família idealizada. As diferenças entre a idealização de uma relação conjugal e a realidade relações conjugais dos entrevistados revelam que apesar das relações serem inicialmente equilibradas expõem fragilidades iniciais. Assim, perante as expectativas criadas relativamente ao casamento e à vida conjugal a realidade foi um pouco diferente, gerando diferentes tipos de sentimentos nomeadamente, acomodação, passividade perante as suas escolhas pessoais, mas em simultâneo com uma grande vontade de romper com as experiências passadas. A procura da felicidade não foi portanto uma conquista fácil, pode sublinhar-se que a solidão acompanhou durante muitos anos a vida dos entrevistados, repetiram-se histórias de violência doméstica, de abandono e de experiências dolorosas.

“Éramos opostos (...) muito diferentes (...) vivíamos, dávamo-nos bem (...). Não houve decisões, as coisas foram correndo.” (E1)

“(...) arranjei namoro com este... com ele (...) valia mais nunca casar (...)” (E2)

“(...) com 16 anos juntei-me com o pai da minha filha (...) Fugi para casa dele (...) eu queria era constituir família, arranjar um trabalho, arranjar um negócio e seguir com a minha vida em frente.” (E3)

“Eu tive um namorado (...) era muito mais velho do que eu (...) engravidei dele (...)” (E4)

“(...) fui obrigado a casar (...) antes de ir para a tropa. (...) era aquela mulher que só casou para me agarrar” (E6)

“(...) tive sete oito anos casado, não deu para mais porque fui traído (...) eu fui o primeiro a casar (...) não sabia como era via-me muitas vezes às aranhas, como é como não é, eu ao longo da vida fui aprendendo...” (E7)

A ausência e/ou intermitência de afetos contribuiu grandemente para que os relacionamentos fossem ficando cada vez mais fragilizados tornando-se mais vazios de sentimentos e de significado. Esta confrontação com a realidade, deixou a maioria dos entrevistados com um sentido de necessidade assumir as responsabilidades que tinham escolhido.

“(...) ele começou a beber (...) e saía muito com os amigos e isso (...) eu já tinha outra maturidade e já não me importava assim tanto (...) não brigávamos apenas tínhamos ideias diferentes (...) era-me indiferente (...) o tempo também me ensinou que também não valia pena falar com ele porque (...) ele não entendia (...). Eu não era infeliz, mas...” (E1)

“(...) o A gostava tanto de mim que eu não podia sair de casa sozinha. Eu tenho esse problema com os homens (...) o A foi uma coisa doentia, um amor doentio (...) o A bebia batia-me, depois era do gênero de eu estar deitada na cama ele chegar às três, quatro da manhã puxar por mim pelos cabelos e andar de rojo comigo pela rua (...). Mas isso acontecia muitas vezes (...) mas eu gostava muito dele. (...) Tivemos 14 anos, houve duas ou três separações” (E3)

“uma rapariga que veio cá esteve em casa da minha irmã (...) logo ao fim de uma semana (...) depois eu bati-lhe né, bati-lhe que ela mereceu... (...).” (E5)

“(...) estragou-me a vida só me fez dívidas (...) abandonou-me três vezes à quarta queria que eu fosse buscá-la e eu não fui buscá-la.” (E7)

No entanto, a continuidade das relações conjugais deveu-se essencialmente ao nascimento dos filhos, sendo que um dos entrevistados revela que só se manteve na relação pois não queria que acontecesse aos filhos aquilo que lhe aconteceu (separação dos pais), tentando romper com um ciclo de vida através da busca de vivências mais tranquilas, embora com a sombra de uma indiferença e vazio sentimental que foi superado pelo amor aos filhos.

“O importante era a minha filha até porque eu não lhe ia fazer a ela aquilo que me fizeram a mim que eram os pais separarem-se (...) eu estar com ele também passava mais por eu ter a minha filha.” (E1)

A rutura final das relações conjugais foi na sua maioria uma consequência quase que previsível do desgaste de anos de violência, ausência e abandono constante que levou os entrevistados a tomar uma posição nas suas vidas. Esta rutura deveu-se à vivência, na maioria dos casos de situações de demasiado sofrimento físico e emocional que conduziu os entrevistados a terminar com aquele tipo de relacionamento que não se alterou com o nascimento dos filhos. Apesar da rutura ser devastadora em termos emocionais, os entrevistados já se encontravam numa fase da vida em que o desgaste das relações conjugais e a forma como esta afetava a sua identidade revelou-se uma experiência positiva pois conseguiram romper com anos de sofrimento, solidão e perda de identidade.

“(...) eu perdi a minha filha no acidente, eu não tinha que sujeitar-me mais àquilo. (...) Eu achei que era altura de eu gostar um bocadinho de mim...” (E1)

“(...) tive várias separações do A (...) Tivemos 14 anos, houve duas ou três separações e separei-me porque houve uma altura em que a minha filha já me dizia assim “Oh mãezinha vai-te embora senão ele mata-te.” (...) Depois na altura vim para aqui.” (E3)

“Engravidei dele (...) mas perdi, o bebê estava morto (...) E eu depois deixei-o porque se não queria aquele filho também não me queria a mim...” (E4)

“Ela não se segurava (...) eu tinha que andar sempre com um olho nela. (...)” (E5)

Alguns dos entrevistados ao romperem com o primeiro relacionamento, tomaram a decisão de se manterem sozinhos e continuarem com as suas vidas, enquanto outros tiveram mais relacionamentos nos quais tentaram retomar as suas vivências e experiências de forma positiva. Mas as suas vulnerabilidades e fragilidades intrínsecas são reveladoras da ausência de uma estrutura emocional que não foi solidificada durante a fase da infância e juventude nem na fase adulta. Daí que enquanto no primeiro relacionamento os entrevistados revelem a existência de sentimentos de amor, nos seguintes relacionamentos eram mais considerados como uma aproximação afetiva, emocional e essencialmente de companheirismo.

“(...) eu com ele nunca foi amor (...). Não havia carinhos, não havia afetos não havia nada. E o que nos levou a estarmos mais juntos e mais próximos e chegarmos onde chegámos foi eu ser uma boa ouvinte (...). Até que a gente começou-se a envolver (...) ele ajudou-me a sair do mundo da droga (...) cheguei à conclusão que era mais gratidão. (...) nunca vivemos juntos (...). Ele tem mulher ele vive com a mulher.” (E3)

“E depois passado um ano conheci o pai da minha filha, tivemos a nossa vida tive uma casa com ele (...) fiquei logo grávida logo pouco tempo. (...) Começamos bem... até descobrirmos que era uma menina depois começou a mudar que não queria uma menina (...) batia-me, e dava-me pontapés e chamava-me nomes também. (...) quando a minha filha nasceu foi quando tudo mudou (...) eu depois fui-me embora (...) já estava farta dele e da maneira de ele me tratar (...)” (E4)

“(...) houve lá outra que tive lá em casa dela (...) o marido largou-a e depois eu tinha pena das crianças... (...) quando lá voltei já tinha um homem (...) eu fiquei surpreendido... (...)” (E5)

“Com a I foi uma amizade e depois foi crescendo. Ela é totalmente diferente (...) querer ajudar, tanto faz em trabalho, como em conversas, moral ... muita coisa (...). A coisa foi andando, e chegou uma altura em que tínhamos de arranjar uma casa, um lar...” (E6)

“(...) depois eu namorei uma rapariga, correu mal depois namorei outra correu mal depois já não foi namorar foi namorar (...)” (E7)

No entanto, algumas histórias de violência doméstica perpetuaram-se e em algumas relações conjugais e relacionais e continuam, com a convivência de autoridades, entidades e instituições. São histórias na sua maioria que se repetem com outros companheiros e que

levam a que alguns dos entrevistados sintam verdadeiramente a sua fragilidade como pessoas, impossibilitando-os de romper com o ciclo de violência e maus tratos.

“(...) sofri muito com tiros e facadas e catanas (...) chegou-me bater muitas vezes, cheguei a chamar a GNR (...) Cheguei a fazer queixa dele em tribunal (...) mas depois não ía com elas avante (...) Com ele só ou ele acaba comigo ou ele morre ou morro eu...” (E3)

Porém, denota-se uma separação clara entre as relações conjugais das relações parentais, ou seja, a maioria dos entrevistados revela que esta foi a etapa mais feliz das suas vidas, experienciada como um recomeço, uma nova oportunidade perante a adversidade que os rodeava. Emerge um discurso dos entrevistados fazendo referência a uma ténue dúvida relativamente ao futuro dos seus filhos, apesar de haver a pretensão e o desejo de que não repitam as suas histórias com eles. Sobressai nos discursos dos entrevistados um traço de felicidade quando falam do nascimento dos filhos que é paralela ao sentimento de tristeza perante uma vida conjugal difícil. Esta felicidade é por alguns momentos símbolo de uma possibilidade de ser diferente, de capacitação para alterar o rumo da sua vida e no fundo de uma mudança nas suas vidas. A alteração do foco de mudança da vida conjugal para a parentalidade permite que se sintam com capacidades e competências para ultrapassar as suas limitações e obstáculos transmitindo-lhes a necessidade de se superarem a si próprios no sentido de criarem condições para que os filhos sejam felizes.

“(...) eu fiquei grávida e as coisas mudaram (...) pensei logo: pronto as coisas vão ter de mudar (...). É a melhor sensação que uma mulher pode sentir eu acho que não há nada na vida que nos faça mais feliz. A primeira vez que eu vi a minha filha, sei lá é a melhor coisa que existe (...) é algo que as palavras não são suficientes para explicar (...) a minha filha me trouxe foi alegria e não o contrário, o facto de poder construir algo (...) tudo isso me dava motivação e não o contrário.” (E1)

“Tive três (...)” (E2)

“(primeiro filho) recordo-me que foi uma sensação, é uma sensação única.(...) (segundo filho) era uma gravidez de risco, porque já tinha antecedentes (...) porque já tinha a idade que tinha... (...) foi uma gravidez muito complicada porque eles com cinco meses queriam sair (...) até que aos sete meses nasceram.” (E3)

“(primeiro filho) Fiquei contente. (...) (segundo filho) eu não me preocupava achava que íamos ter tudo, ele tinha medo, eu estava tranquila (...)” (E4)

“(primeiro filho) chego a ir a casa dela, às vezes telefono (...) mas há sempre aquela preocupação, aquele cuidado, é a minha filha por amor de Deus. E depois a S. é uma reguila que apareceu aqui e que não estava no programa...” (E5)

“Tivemos dois.” (E7)

Esta é portanto uma etapa importante na vida da maioria das famílias e que permite aos entrevistados refletir sobre a possibilidade de haver uma mudança nas suas vidas, uma nova fonte de oportunidades que lhes “prometiam” que tudo poderia ser diferente do que já tinham vivido até aí. As ruturas conjugais e as ausências de um dos progenitores foram vividas de forma mais cimentada e assumida pelo pai/ mãe presente com preocupação. Transparece assim nos discursos destes pais, a necessidade de transporem para os filhos essa emoção e sensibilidade que foram apreendendo ao longo das suas vidas dando competências e capacidades aos filhos a fim de diminuir o grau de vulnerabilidade e fragilidade dos mesmos.

Para a maioria dos entrevistados, que tiveram filhos ou que voltaram a ter depois de terem perdido, a relação de parentalidade comporta em si o significado da possibilidade de conseguirem ainda “romper” com as suas próprias vivências passadas. Daí insistirem que que os filhos estudem, em serem agradecidos, participarem nas discussões familiares e fundamentalmente compreenderem que nas suas vidas existem redes de suporte formal que os apoiam nas carências diárias. A necessidade que os filhos tenham conhecimento da fragilidade e vulnerabilidade em que vivem podem expô-los perante duas realidades distintas: o sentimento de ultrapassarem estas dificuldades num processo de (re) construção identitária; ou a assumirem em si as fragilidades tendo maior dificuldades em reunir em si competências e capacidades repetindo as vivências que observaram e ouviram dos pais.

A perda dos filhos, por falecimento ou retirada para instituições, levou alguns entrevistados a investirem na sua própria felicidade abandonando as suas relações conjugais, mas outros desistiram de si e afastaram-se e desligaram-se afetivamente da relação conjugal, da família de origem e de tudo o que os rodeia alienando-se e auto-excluindo-se da realidade a que pertencem.

“A minha filha faleceu no acidente, o bebé (...) com o embate acabou por morrer” (E1)

“O menino que era o mais velho morreu, a mais nova está aqui em VC e a mais velha está em S. (...) não tinha posses para as criar e a outra é o pai que é assim. (...) valia mais nunca ter nenhuns.” (E2)

“A minha ex-mulher estava com problemas psicológicos e tive que assinar um termo e entregá-la à minha cunhada que é madrinha dela (...) criarem a minha filha até eu ter possibilidades. (...) (a ex-mulher) pôs o menino num centro de acolhimento, num lar. E eu fui a tribunal e fui buscá-lo (...). (filha) Foi complicado (...) o B meu enteado nunca foi aceite na palavra neto pelos meus pais o J é aceite como neto pelos meus sogros (...). A minha mais nova (...) a minha mãe só começou a perceber que era avó para aí há um ano, mas nunca engraçou da ideia de ter mais uma neta” (E7)

No entanto, na generalidade a maternidade e a paternidade são sentimentos vivenciados inicialmente como momentos de mudança nas suas vidas e por isso mesmo sentidos como fatores positivos e de grande felicidade. O discurso sobre os filhos é para os entrevistados um tema delicado, na medida em que estes pais sublinham que tentam suportar emocionalmente os seus filhos mesmo com as debilidades e fragilidades que assumem que têm aprendendo através das telenovelas que vêem, observação dos comportamentos de outros pais ou até mesmo com conversas com os filhos que lhe vão contando as vivências dos amigos.

Esta forma diferente de “fazer” e aprender permitiu aos entrevistados controlar as suas fragilidades internas, mas segundo o discurso de alguns filhos que estiveram presentes nas entrevistas, não é de forma alguma suficiente para quebrar o estigma a eles associados, referindo que os outros pares os consideram “pobrezinhos”. No entanto, estes pais tentam transmitir aos filhos competências e capacidades para ultrapassarem essas dificuldades diárias que lhes vão surgindo na vida, ensinando-lhes que cada um pode mudar o seu percurso de vida e que as ajudas externas são importantes para que não tenham de “lutar” pela sobrevivência. As instituições e entidades que os apoiam são para os entrevistados como uma extensão de si, que permite com que os filhos tenham acesso a bens essenciais e a oportunidades que eles não conseguiriam de outra forma colocar à disposição deles.

Tal como a sua vida conjugal, a vida profissional dos entrevistados iniciou-se antes mesmo de serem pais, integrando-se no mercado de trabalho ainda durante a fase da juventude. No entanto, a grande maioria dos entrevistados obteve trabalhos temporários e sazonais, mantendo sempre um vínculo laboral precário. Ao longo do tempo, a vida profissional manteve-se inalterável, os trabalhos sempre precários e sazonais exceto um dos entrevistados que manteve trabalhos estáveis até à idade de reforma. No entanto, a maioria dos entrevistados mantém uma relação estreita com o Rendimento Social de Inserção, beneficiando de formações e de projetos de inserção no mercado de trabalho, criando um ciclo no qual se têm mantido há alguns anos.

“(...) comecei a trabalhar na loja de fotografias (...) a minha filha nasceu em julho e eu em setembro já estava a trabalhar, nas campanhas das vindimas (...) Eu trabalhava num supermercado (...) gostava muito daquilo que fazia (...) eu gostava muito do que fazia.” (E1)

“No campo e assim (...) andei no tomate e assim (...)” (E2)

“Eu gosto de trabalho... de coisas que eu me mexa (...) trabalhos pesados coisas duras, que ande para trás e para a frente que me mexa. (...) Conseguí abrir um negócio (...) levantar-me cedo e ir trabalhar para o campo (...) trabalhar depois nas obras (...). Mas sempre trabalhei, nunca tive medo de trabalhar, seja trabalho limpo seja trabalho coiso, sempre trabalhei, é preciso é haver.” (E3)

“Nunca trabalhei, só ele. Ele é que trabalha (...)” (E4)

“(...) eu acartei água (...) dantes não havia água canalizada e vinha aqui a esta fonte ganhava cinco tostões em cada quarta (...)” (E5)

“fui tirar o curso de mecânica de (...) eletrodomésticos (...) ía por iniciativa era da firma porque vendíamos gás e era preciso pessoal especializado para fazer reparações em fogões, esquentadores, eletrodomésticos (...) depois saí de lá e fui para os bombeiros. (...) Gostava

muito mesmo, adorava, adorava a profissão de bombeiro. Embora fosse uma profissão de risco. (...) Na altura em que saí de lá estava na parte do Comando (...) eu era adjunto estava lá a tempo inteiro (...)” (E6)

“ fui para bombeiro (...) depois pedi transferência para a A. (...) mas estou arrependido, arrependido, mas estava tão farto daquilo (...) eu sonhava com tudo (...) e isso para mim foi uma morte (...). Como isto também está muito mau de trabalho, eu também tenho alguns trabalhos feitos e não me pagam.” (E7)

Quando abordados relativamente às redes de relações formais, os entrevistados referem que mantêm essa rede de forma consciente de que vão sempre necessitar da ajuda de outrem nas suas vidas, expondo de forma clara que atualmente não conseguem suportar as suas carências e a médio/ longo prazo sendo tudo indefinido. Assim, os elos de ligação que a maioria destas famílias mantêm, estão associadas às redes de suporte formal nomeadamente Serviços de Ação Social ou o próprio Serviço de Apoio Alimentar que protegem face à vulnerabilidade e a fragilidade que estas famílias vivenciam. Mas mais do que uma rede de suporte formal que vai suprimindo as carências básicas dos agregados familiares estas são redes relacionais que mantêm os entrevistados ligados à dinâmica da sociedade, sendo considerados quase como uma extensão de si próprios, mantendo-se desta forma a manutenção do laço social. Assim, os Serviços de Apoio Alimentar e toda a rede de suporte formal que rodeia os entrevistados intervém no sentido de os manter protegidos das mutações sociais num ambiente securizante, com o objetivo de desenvolver sentimentos de confiança e estabilidade – intervenção com carácter paliativo.

As redes sociais informais, nomeadamente familiares e de vizinhança, dos entrevistados são enunciadas pelos mesmos com sentimentos de tristeza, muito provavelmente associado às vivências familiares vividas e sentidas na primeira pessoa e ao facto de não terem criados laços relacionais estreitos. Ao refletirem sobre a sua vida, alguns entrevistados revelam que em algumas alturas das suas vidas fizeram algumas tentativas de se aproximarem dos seus familiares, amigos e vizinhos, através de troca de ajudas embora soubessem interiormente que à primeira vista seria uma relação de mero interesse não retirando daí qualquer sentimento mais profundo.

“o meu irmão veio morar para aqui mais a minha cunhada porque eles não tinham casa e eu precisava de alguém (...) e assim eles ajudam-me e eu ajudo-os. (...) o pior do acidente para cá foi eu saber que tenho dez irmãos, mas sabia que se eu um dia precisasse de alguém que não tinha ninguém (...).” (E1)

“(...) eu falo bem com toda a gente (...) faço amizades com muita facilidade. Toda a gente gosta de mim.” (E3)

“Eu (...) não tenho amigos da minha idade nem lá nem cá, nunca me dei com ninguém... (...) Se precisar de alguma coisa vou simplesmente ali à D. R que ela ajuda-me.” (E4)

“Amigos tenho, tenho amigos às vezes não faço mais amigos porque às vezes a gente vale mais poucos que muitos (...) chega-me a amizade que eu tenho (...). Com os meus irmãos (...), outros dou-me bem, outros dou-me mal” (E5)

“eu falo com todas as pessoas eu dou-me com todas as pessoas.” (E6)

Á ausência de ligações relacionais, persistiu de forma insistente a tentativa de não repetir as vivências e experiências das suas famílias de origem, insistindo que as novas gerações procurem outro sentido para a vida vivenciando sentimentos de amor, carinho, afeto, preocupação e necessidade de integração não somente na famílias mas também, no ambiente social que os rodeia (meio escolar, comunidade, entre outros). As expectativas que os entrevistados têm em relação aos seus filhos é que eles consigam constituir a sua família tornando-a um centro da socialização harmonioso, apesar de terem vivenciado momentos de fragilidade e sofrimento. Esta preocupação com as novas gerações revela-se através de uma aproximação maior e constante para que as suas vivências sejam diferentes ou que pelo menos, esta nova geração tenha a possibilidade de ver as diferentes oportunidades que a vida lhes pode proporcionar.

“(...) o facto de eu ter de estar preocupada com eles de lhes estar a ensinar (...) isso também me motivou e era um objetivo (...) por exemplo eu não vou à escola mas sou eu que ligo para saber como é que elas se andam a portar. (...) eu faço o papel da má, mas também sou a melhor amiga delas. Eu por exemplo do pouco que tenho ainda as mando cortar o cabelo, no Natal ninguém lhes deu nada mas eu comprei umas calças para elas, percebe, é essas coisas assim (...).” (E1)

A grande preocupação dos entrevistados ao longo das suas vidas e no futuro a médio prazo, foi tentar sair desse ciclo de grande fragilidade e tentar aproximar-se o máximo possível da sua conceção de “família”. A noção de família que detinham encontra-se entre o

que observaram da sua família e aquilo que observaram à sua volta, tentando copiar modelos e aproximando-se deles apesar das suas incapacidades e limitações intrínsecas. Este caminho insistente na procura de algo melhor, suportado essencialmente por um “sonho” e a idealização daquilo que pretendiam para si, traduz-se para os entrevistados numa vivência diferente da sua para os seus filhos e netos.

Mas é de sublinhar que a vivência destas crianças e jovens foi igualmente marcada pela observação das fragilidades e limitações dos pais perante as dificuldades da vida e baseada numa perspetiva face à vida de que os apoios formais fazem parte do seu meio envolvente e das suas rotinas. Surge assim a questão: será possível que os filhos dos entrevistados consigam ser autónomos nas suas vidas dependendo apenas de si tal como os pais desejam e também como se defende no princípio do individualismo que prolifera nas sociedades contemporâneas?

4.2 Relação com o Serviço de Apoio Alimentar

Os Serviços de Apoio Alimentar que foram observados para a realização do presente estudo, apresentam uma grande componente religiosa, por um lado, as Conferências Vicentinas Femininas do Cartaxo intervêm em apenas uma paróquia, sendo o Serviço de Apoio Alimentar uma continuação do serviço que já prestavam anteriormente. O protocolo estabelecido entre as Conferências Vicentinas Femininas e o Banco Alimentar foi em grande medida o acrescentar de mais um recurso essencial para apoiar o trabalho que já se vinha fazendo no terreno há mais de duas décadas, que passava por gerir os recursos locais para fazer face às carências das famílias e indivíduos que recorriam ao seu apoio, mas também apoiar estas mesmas famílias através das visitas domiciliárias nas quais as vicentinas acompanham individualmente todas as famílias, prestando apoio moral e espiritual com o objetivo de orientar os beneficiários para os recursos existentes na comunidade a fim de melhorarem a sua qualidade de vida. O Serviço de Apoio Alimentar de Pontével surgiu há

cerca de seis anos, assumindo a população de três paróquias. A criação destes serviços teve como objetivo de dar resposta às situações sociais mais prementes e também àquelas que foram sinalizadas pelas várias entidades locais.

As realidades de ambos os Serviços de Apoio Alimentar são bastante distintas, pelo que se sublinha que este estudo não é comparativo relativamente à organização e funcionamento de ambas as entidades, mas torna-se pertinente para o investigador compreender de que forma é que as trajetórias de vida dos entrevistados e dos seus agregados familiares influenciam a sua visão sobre o Serviço de Apoio Alimentar que se baseia segundo Branco (2009) no trabalho com o Outro de uma forma muito próxima da realidade e do indivíduo ganhando contornos de intervenção personalizada.

Esta análise tem então como ponto fulcral os percursos de vida que os indivíduos que atualmente se encontram envoltos em ambientes de pobreza e vulnerabilidade e daí recorrerem a este tipo de apoio para colmatar as necessidades básicas alimentares. Dos entrevistados que recorreram ao Serviço de Apoio Alimentar não se conseguiu captar a história de alguém que tenha vivido de forma mais equilibrada financeiramente e que atualmente, devido a diferentes motivos tenha caído na situação de pobreza. No entanto, e segundo o que foi acima referido a grande maioria dos entrevistados já viviam nas suas famílias de origem em agregados familiares envoltos num ambiente de pobreza e vulnerabilidade que faz parte do conhecimento público da comunidade. Esta forma da comunidade/ sociedade “olhar” para a pobreza assume características muito interessantes na medida em que Dorling (2013) refere que a separação entre os ricos e os pobres era uma evidência concebida como natural, tal como o elitismo, ou seja, o autor afirma que “*was unimaginable that there would not be a ‘natural elite’*” (2013:5). Daí que um dos entrevistados revele no seu discurso algo muito natural para ele, mas que reflete bem a forma como se pensava ainda durante o século XX relativamente à “hierarquização” da sociedade:

“nessa altura então não havia mesmo nada da Assistente Social, não havia Assistentes Sociais era só a igreja, e então quando a gente eramos... não era por carta... (...) elas, as senhoras a

gente chamava senhoras e chamemos senhoras não é mas agora já não é tão ligado às senhoras e dantes era tudo senhoras (...) (E5)

Assim, relativamente a apoios formais que existiam na comunidade, os entrevistados revelam que as suas famílias de origem nunca receberam esse tipo de apoio, excetuando o entrevistado que esteve institucionalizado e revela a intervenção da Segurança Social no sentido de protegê-lo devido a ser menor na altura.

“Na altura nós tínhamos algumas dificuldades, mas as pessoas também se ajudavam muito (...) depois precisei e fui para casa da Dr.^a (...) que era Assistente Social (...).” (E1)

A permanência durante alguns dias na casa da Assistente Social, poderá revelar que a organização dos recursos formais ainda não se encontrava plenamente implementada no terreno, daí quando questionados relativamente aos apoios alimentares, os entrevistados revelem que este tipo de apoio quase que não existia, estando na maioria das situações associados à Igreja e ao seu legado de apoiar os pobres ou então a vizinhos/ familiares que davam ou trocavam meios de subsistência. O apoio alimentar não se centrava apenas nas pessoas que frequentavam a Igreja, organizando-se a partir das famílias mais abastadas, ou outras que mantinham culturas agrícolas e que davam àqueles que mais necessitavam e que eram assumidamente conhecidos pela comunidade. Foi assim que a rede de suporte formal se iniciou e começou a desenvolver de forma mais organizada.

“Tinha que andar a pedir à porta das pessoas para dar azeite dos fritos, para a minha mãe poder fritar o peixe que a gente pedia na praça (...) guardavam esse óleo e quando os pobres lá fossem pedir (...) uma senhora dizia à minha mãe (...) “hás-de lá mandar o rapaz lá ao casal porque eu tenho lá hortaliças” (...) eu um dia fui comer a casa do Sr. Padre e ia outro meu irmão noutra dia, e outro comer noutra dia (...) depois a mãe “F., está aqui este saquinho leva à sua mãe” (...) era peixe frito enrolado num papel” (...). (E5)

Esta estrutura informal existente devia-se essencialmente a uma forte componente caritativa da Igreja e de grupos a ela associados que exerciam a caridade como uma continuidade da vida como cristão, mas também ao facto de se tratarem de meios rurais em que todos se conheciam. A emergência dos apoios formais nas comunidades era

desconhecido, podendo-se levantar duas questões: 1) o apoio da igreja conduzia a uma proteção dos indivíduos, mantendo à distância os meios formais de suporte aos carenciados; 2) ou, a diminuta existência de serviços de apoio formais e a dificuldade que poderiam eventualmente ter relativamente à realidade vivida por estas famílias, limitava-os na criação de novas respostas no âmbito da pobreza.

Ambas as questões são importantes para refletir, na medida em que a perpetuação da vivência da pobreza se manter nas vidas da maioria dos entrevistados, motivada possivelmente pelas vivências que experienciaram, mas também por um trabalho social de acompanhamento que visava colmatar as necessidades alimentares básicas das famílias assumindo uma forte componente religiosa.

A carência alimentar que os entrevistados se referem durante a entrevista está muito associada à perda de poder económico que impede a aquisição de bens essenciais para a sua sobrevivência. Daí considerarem que o Serviço de Apoio Alimentar é uma forma de suprir as suas necessidades básicas com alguma regularidade temporal, garantindo a sua subsistência e o afastamento da mendicidade. No entanto sublinha-se o facto de que dois entrevistados, que recebem há mais de 10 anos, revelam nas suas entrevistas que a continuidade dos apoios ao longo do tempo se deve à existência de limitações físicas, dado que um deles é tetraplégico e o outro entrevistado refere-se ao apoio como um direito adquirido.

Assim, este apoio continuado contribuirá por um lado para uma melhoria da vivência dos indivíduos e dos seus agregados familiares, mas revela também, a confrontação com as suas incapacidades e limitações para conseguirem ultrapassar as oportunidades que lhes são colocadas à disposição. Relativamente à intervenção poder-se-á referir que as entidades/instituições em algumas situações poderão estar a ceder “espaço” para que os indivíduos e agregados familiares sintam que o apoio concedido como uma oportunidade para

melhorarem e organizarem as suas vidas enquanto aguardam em simultâneo a reinserção no mercado de trabalho.

Recorrer ao Serviço de Apoio Alimentar foi para as famílias apoiadas a solução limite para evitar viverem em situação de real pobreza derivada da ausência de recursos, no entanto continuam a viver no limiar da pobreza. Assim, este apoio mantém as famílias e os indivíduos com carências no âmbito alimentar controlada e proporcionam a sobrevivência sem que tenham de recorrer à mendicidade. Recorrer ao Serviço de Apoio Alimentar é então uma forma de suprir as dificuldades económicas com que se confrontam diariamente, daí que nos seus discursos os entrevistados revelem a forma como gerem os apoios atribuídos, mas também aqueles que têm de adquirir pelos seus próprios meios.

“se ele tivesse de comprar essas coisas que nos são dadas pelas conferências então era muito, mas mesmo muito mais complicado.” (E1)

“(...) o meu ordenado é pouco (...) não dá para duas pessoas comerem.” (E2)

“(...) não tinha comida, não é, não tinha hipótese de comprar (...)” (E5)

“(...) não tinha dinheiro para nada, e eu tinha os meus filhos como tenho (...) e acho que os miúdos não têm culpa disso (...)” (E7)

Então mais do que uma necessidade de colmatar as necessidades básicas, há uma perceção de que o apoio alimentar para os entrevistados é mais do que um saco com alimentos, encontra-se associado a aspetos do foro emocional e relacional. Este grande mecanismo promovido pela sociedade civil que defende que os indivíduos deverão ser protegidos da grande máquina que é a sociedade cria formas de compensar as fragilidades e limitações dos indivíduos que por si não conseguem ultrapassar as oportunidades que lhes surgem, mas sempre de forma pontual exigindo a necessidade de um acompanhamento mais aprofundado para que se consiga realizar a triagem entre aqueles que conseguem anda reunir recursos em busca da autonomia e os que devido às suas fragilidades se devem motivar e manter num ambiente securizante para aumentar a sua auto-estima.

O primeiro contacto dos entrevistados com os Serviços de Apoio Alimentar foi realizado, na sua maioria, através da intervenção de vizinhos e conhecidos que foram percebendo as dificuldades dos agregados familiares. Daí que, recorrer ao Serviço de Apoio Alimentar foi igualmente o reconhecimento do “mundo” exterior sobre as vivências dos agregados familiares e mais concretamente uma exposição de si próprios ao mundo real. Portanto e no seguimento do que Bruto da Costa et al (2003) defende, a pobreza é portanto um fenómeno que não se consegue esconder entre quatro paredes, pois somos seres socializantes e a interioridade dos agregados familiares transparece para aqueles que estão mais perto e depois para a comunidade, mais concretamente para estes Serviços de Apoio Alimentar que são atualmente a linha da frente das situações de pobreza.

“(...) foi alguém uma senhora que é daqui (...) que foi logo no início do Banco Alimentar ela sabia da minha situação e da minha dificuldade que eu tinha e que vivia sozinha com os miúdos e que não tinha trabalho e isso assim e ela é que me trouxe o papel da inscrição e eu inscrevi-me.” (E3)

“(...) uma senhora que me falou (...) de que eu não tinha alimentos (...) e ela falou com a MJ e ela ligou-me para o telefone e disse «Olha é neste dia e traga um saquinho».” (E4)

A consciencialização dos entrevistados relativamente às suas dificuldades económicas é um sentimento também ligado à perceção que os outros têm da realidade em que os agregados se encontram, ou mais concretamente é a exposição das suas vivências a terceiros que poderá implicar a assumpção de sentimentos de fragilidade e vulnerabilidade perante a realidade. Por outro lado, esta consciencialização transporta consigo também sentimentos de tranquilidade face aos obstáculos que vão surgindo nas suas vidas, mais concretamente nos entrevistados que recebem apoio há mais tempo têm um discurso em que o Serviço de Apoio Alimentar faz parte das suas vidas não existindo outra solução alternativa que lhes permita superar as dificuldades. Esta limitação e sentimentos de auto-exclusão leva a que os indivíduos comecem a isolar-se do “mundo exterior”, mantendo este laço com o exterior, mais especificamente com o Serviço de Apoio Alimentar, aquele que vai perdurando ao longo do tempo. Ou seja, a grande maioria dos entrevistados assume que o Serviço de Apoio Alimentar faz parte das suas vidas e das suas interações, faz parte deles consideram-na até como uma extensão da sua “família”.

“sempre que tenho um problema ou preciso e qualquer coisa elas estão lá é aquela família. (...) são tipo o meu porto de abrigo (...) eu sei que elas estão á e isso dá-me uma segurança muito grande.” (E1)

Essa aproximação relacional com os elementos do Serviço de Apoio Alimentar, garante aos entrevistados um sentimento de segurança relativamente a tudo o que os rodeia, mas mantêm-nos ligados relacionalmente aos voluntários que lá desempenham as suas funções, mantendo com eles relações próximas, transparecendo em alguns discursos a relação de proximidade que mantêm com os mesmos que ultrapassa o apoio concedido.

“Eu gostei muito delas (...) sei lá havia de haver muita mães assim, porque ela não julga as pessoas ela mesmo quando diz as coisas ela diz de uma forma carinhosa (...) às vezes eu preciso só de saber «eu estou aqui». (...) o saber que eu vou dormir descansada porque eu tenho alguém (...) mais que não seja para às vezes falar ou desabafar (...). Isso é o mais importante de tudo.” (E1)

“Tudo gente simpática e porreira. (...) É bom, uma maravilha, é espetacular, é divertido é de confiança porque já me conhecem...” (E3)

“(...) dou-me bem com elas, gosto delas. Também são a minha família, com que eu posso contar.” (E4)

“são excelentes pessoas não haja dúvidas qualquer pessoa que lá está e qualquer uma que lá estivesse. (...) A relação boa, boa, não tenho nada a dizer qualquer um deles e das senhoras que lá estão falo com qualquer uma...” (E5)

“(...) vejo tudo com espírito de voluntariado, simpáticas, atenciosas, colaboram...” (E6)

“Eu com elas é um espetáculo, são uns anjos.” (E7)

Os entrevistados têm no Serviço de Apoio Alimentar uma proximidade relacional que se deve principalmente à forma como foram recebidos a primeira vez que procuraram apoio, havendo uma correspondência quase que automática com as expectativas que tinham relativamente ao que iriam receber em termos materiais mas também, em termos de suporte emocional e de reforço da auto-estima perante o estado de vulnerabilidade que se encontravam naquele momento específico das suas vidas. Na sua maioria os entrevistados, apesar de alguns constrangimentos que vivenciaram, revelam que se sentiram bem acolhidos

pelos técnicos do Serviço de Apoio Alimentar, situação que tem um grande peso na forma como depois percebem o trabalho realizado e o serviço prestado.

Assim, a perspectiva de um apoio não é considerada pelos entrevistados como um recurso que existe na comunidade e que de certa forma lhes alivia o sofrimento material, mas é fundamentalmente uma forma de se sentirem apoiados emocionalmente por alguém, mesmo que seja uma instituição/ entidade, que de uma forma formal lhes proporciona para além dos alimentos uma compreensão subentendida das fragilidades e do sofrimento que vivenciam diariamente. A informalidade destes serviços estudados, permite então que os entrevistados desenvolvam uma maior proximidade com os técnicos, permitindo por um lado gerar sentimentos de maior segurança e conforto mas por outro lado, permite aos técnicos compreenderem a realidade das vidas dos beneficiários. O conhecimento obtido dessa aproximação à realidade é privilegiado pois conseguem mais facilmente identificar as causas e as consequências da pobreza e da exclusão social individualmente, mas permite igualmente ajustar o funcionamento e organização da instituição de forma a apresentar possíveis respostas comunitárias que conduzam mais beneficiários para a autonomia.

A empatia que os entrevistados sentem pelos técnicos que se encontram nas instituições/ entidades revela-se essencialmente pelo reconhecimento por parte do Outro, que lhes transmite sentimentos de conforto e empatia que os leva a referir que as instituições/ entidades e os técnicos que lá se encontram são como a “família” que nunca tiveram.

“Eu nem sequer esperei (...) elas estavam logo prontas. Eu fiquei (...) foi algum anjo que caiu (...) porque normalmente (...) a pessoa precisa de saber o porquê de estar a pedir o porque é que precisa.” (E1)

“Eu na altura senti uma alegria tão grande, até chorei (...) embora fosse pouca coisa na altura, a mim soube-me tão bem.” (E3)

“sinto que me estão a ajudar e preciso e fiquei contente (...) e estão sempre a perguntar se é preciso alguma coisa...” (E4)

“(...) senti-me um bocadinho melhor porque as pessoas estavam-me a dar não é. (...) a gente sente-se mais aliviado, não é. (...) A primeira vez que eu fui à igreja (...). Senti-me contente, sim porque nessa altura então não havia mesmo nada da Assistente Social (...)” (E5)

“(...) vejo que é uma maneira das pessoas não passarem, taparem mais um bocadinho a miséria que há em Portugal, as pessoas são obrigadas a recorrer a isto parece-me bem, não é mal nenhum e acho que uma ajudinha a cada um ajuda. (E6)

“A primeira vez que cá vim, pensei quem me viu e quem me vê, podia ter tudo ou quase tudo e ando aqui a tirar aquilo que os outros merecem mais, eu penso assim tenho braços para trabalhar pernas para andar eu tenho tudo só me falta trabalho e o dinheiro (...)” (E7)

Ao longo do tempo as relações entre os beneficiários e os técnicos vão-se estreitando criando espaço para sentimentos de alívio e tranquilidade face à resolução da situação de carência dos indivíduos e agregados familiares. No entanto, persiste uma necessidade crescente de integração destes indivíduos, através de processos de ativação que lhes permitam desenvolverem-se de forma autónoma, tornando-os desta forma mais responsáveis perante si mesmos, o seu desenvolvimento como seres com competências e capacidades para ultrapassar os obstáculos com que se confrontam diariamente e consequentemente essas ações terão consequências na dinâmica da sociedade. A consciencialização da sua fragilidade acontece simultaneamente ao reconhecimento dos outros sobre a sua vivência que podem ser interiorizadas pelos indivíduos de suas formas: natural ou como um grito de revolta acerca da sua incapacidade de ultrapassar os obstáculos. Esta exposição torna-se demasiado dolorosa para os entrevistados, levando alguns dos entrevistados a sentirem-se incapazes, frágeis assumindo que essa é imagem que têm de si é realmente passiva relativamente à restante sociedade.

“(...) não tenho vergonha, mandaram-me lá ir e eu fui (...). Não tive vergonha porque eu dava-me bem com ela.” (E2)

Eu tinha vergonha era eu estar a precisar, os meus filhos estarem com fome e eu dizer não, não quero. (...) (filho) Eu tenho vergonha. (...) depois pensam que nós somos pobrezinhos (...). E depois gozam...” (E3)

“(...) estava envergonhada (...). Senti vergonha (E4)

(...) revoltado (...) porque me senti obrigado pelas circunstâncias embora, não há muito, não há abundância não se passa fome mas é um bocadinho frustrante (...)” (E6)

“Doí-me o coração (...)” (E7)

Relativamente às expectativas que os entrevistados tinham criado acerca do Serviço de Apoio Alimentar e a realidade com que se depararam, a grande maioria revela sentimentos de satisfação com o apoio concedido tendo alguns referido que esperavam receber menos. Os entrevistados sublinham que este apoio é um complemento aos bens que conseguem adquirir, servindo inclusive para equilibrar as finanças domésticas, pois desta forma conseguem gerir de melhor forma os bens atribuídos ao agregado familiar e aqueles que têm de adquirir. As expectativas que tinham relativamente ao que iam receber foram na generalidade superadas aquilo que realmente receberam inicialmente, no entanto com o passar do tempo os bens atribuídos foram diminuindo (situação provavelmente associada ao aumento do número de indivíduos e famílias que necessitavam de apoio, mas também a um controlo dos serviços no sentido de evitar a sobreposição dos apoios alimentares) e alguns dos entrevistados revelam um sentimento de injustiça e de dúvida sobre o funcionamento do Serviço de Apoio Alimentar. Esta perspetiva dos entrevistados parece estar muito associada à ausência de informações concretas sobre os motivos que levam à diminuição dos apoios e às formas implementadas de distribuição.

Subentende-se no discurso dos entrevistados que existe uma ausência de informação sobre as regras e funcionamento do Serviço de Apoio Alimentar, por isso quando questionados sobre estas questões os entrevistados são muito vagos nas suas respostas e apenas avaliam aquilo que presenciam ou que vêem não havendo um conhecimento mais informado, confundindo-se muitas vezes com o espírito de voluntariado e com as pessoas que fazem a distribuição dos alimentos. Independentemente das suas avaliações perante o serviço prestado, denota-se que há uma valorização do trabalho realizado pelos técnicos, devido possivelmente à criação de uma relação de empatia de suporte ao sofrimento que

tende a evitar segundo Guiddens, citado por Soulet (2007d), a estagnação emocional dos indivíduos.

“Elas fazem o que mais ninguém anda aí a fazer, é suficiente sim, é mais do que suficiente (...) elas fazem o que podem e coitadas (...) o que elas se esforçam para conseguirem dar o que dão (...) elas não param, não param mesmo.” (E1)

“Eu acho bem feito.” (E2)

“Tenho pouco conhecimento de como é que aquilo funciona porque é só chegar lá trago o saco e entrego o saco, entrego vazio e trago cheio não estou na altura a ver o que está e o que não está (...). A distribuição, quanto a mim, está mal gerida não sei, mas também não sei como é que aquilo funciona lá dentro. (...) sou bem recebida, bem atendida.” (E3)

“Eu quando lá chego, calha a minha vez eu entrego o saco que trouxe entrego-o despejado e vem-me outro que já tem as coisas a gente não vê. (...) a gente não vê as coisas a gente chega ali tem uma mesa a gente encosta-se à mesa, entrega o saco vazio e ele vai lá dentro acho que no saco tem um nome num papelinho chega ali mete no saco, «Boa tarde», «Boa tarde», e só em casa é que a gente vê.” (E5)

“Eu acho que não se pode sobrecarregar as pessoas que são voluntárias nessas coisas (...) vejo tudo com espírito de voluntariado, simpáticas, atenciosas, colaboram...” (E6)

“(...) eu acho que elas deveriam ter mais alguém para ajudar aqui na distribuição (...) nós sabemos que elas têm uma certa idade e já não se conseguem mexer tão bem.” (E7)

A pouca informação e conhecimento sobre o funcionamento dos Serviços de Apoio Alimentar, leva em parte à criação de uma imagem negativa dos mesmos, tendo por base os bens que as famílias recebem, conseguindo os entrevistados identificar alguns procedimentos que consideram irregulares. Esta irregularidade não resulta de um funcionamento anormal no serviço, mas a dificuldade em identificar critérios e regras da entidade que gere a distribuição poderá levar a mal-entendidos e criar sentimentos de preferencialíssimo e injustiça. Muitas destas dúvidas surgem particularmente, segundo os entrevistados, em conversas informais que os beneficiários têm nos dias seguintes ao da distribuição, mas também a comentários que vão ouvindo.

“eu acho injusto é por exemplo, eu e dois filhos recebo uma quantia de alimentos (...) vai outra pessoa que é ela sozinha mais o marido recebe mais alimentos, e alimentos diferentes. Acho que não está bem distribuído. (...) depois falamos umas com as outras (...)” (E3)

“Se eu for buscar a alimentação uma vez por ano (...) à Assistente Social naquele mês não recebo na praça e no princípio recebia (...). Não estou a perceber aqui esta jogada que isto é uma jogada entre a alimentação dada pela Assistente Social (...) no princípio a gente recebia dos dois lados se da Assistente Social não vinha (...) contávamos que dali vinha (...). (...) desde que falei naquela garrafa de óleo e ela disse que não tinha e eu nunca mais perguntei, mas às vezes (...) acho que lhe roía a consciência ia lá dentro, ver não sei o que era, e trazia uma garrafa de óleo, mas primeiro não tinha, mas tinha eu de trabalhá-lo para me dar (...) e não podia estar ninguém lá.” (E5)

Um dos entrevistados que recebe há cerca de 10 anos do Serviço de Apoio Alimentar do Banco Alimentar refere que inicialmente recebia o cabaz de alimentos tinha sempre curiosidade em ver, no entanto atualmente quando se dirige ao Serviço o seu interesse sobre os bens que recebe diminuiu pois segundo o mesmo, a realidade era diferente. Esta valorização dos bens encontra-se associado ao seu valor comercial, mas também a um simbolismo que parece que o entrevistado já não consegue resgatar.

“Não tenho já aquela coisa que tinha antigamente parece que antigamente as coisas eram diferentes a gente tinha mais aquele carinho àquilo que davam e a gente ia logo ver o que era, tínhamos aquela ansiedade de ver o que era. Hoje a gente já sabe mais ou menos o que é já não vamos ver o que é que lá está no mesmo dia não é. Eu chego aqui com a alimentação meto aqui, lá para a noite ou à tarde é que eu vou ver e antigamente não. (...) Dantes quando eu era mais novo davam um pacote de arroz, esse pacote de arroz para a gente era como se fosse um saco cheio de alimentos é a isso que eu quero chegar. Um quilo de açúcar era uma festa, aquilo era uma festa (...) hoje o açúcar é muito barato já não é aquela coisa que a gente tem que ... um açúcar é um quilo de açúcar e antes não era uma coisa muito diferente (...), a gente agarrar e irmos com o açúcar... mesmo que dessem só um pacote de massa a gente ficava contentes aquele pacote de massa a gente fazia, comíamos com satisfação (...)”(5)

Relativamente aos bens recebidos, a maioria dos entrevistados encontra-se satisfeito com aquilo que recebem e sentem-no como um complemento na sua vida diária, o qual não dispensam e que contribui muito para gerirem as suas finanças domésticas. Os discursos revelam igualmente sentimentos de conforto associados ao facto de receberem apoio alimentar que lhes permite viver a sua vida de forma mais tranquila, dado que a sua vida gira e torno daquilo que recebem nos cabazes alimentares e depois gerem tudo o resto de que necessitam.

“(...) as senhoras davam-me arroz e a massa e essas coisas assim, e ainda hoje me dão. Sim é suficiente é muito bom saber... porque depois começa-se a contar com aquilo percebe? Começa a fazer parte... (...) podemos contar com aquilo por isso, vai comprar peixe carne porque aquelas coisas já tens (...)” (E1)

“Estava à espera que viesse um bocadinho mais (...).” (E2)

“(...) quem precisa, precisa sempre, neste caso é uma situação em que vivo sozinha, não tenho trabalho. (...) Portanto, quem precisa na minha situação precisa sempre. (...) Não estava à espera de tanta coisa (...) houve um ano no Natal veio um cabaz tao recheado (...) trazia tudo que eu digo assim «Meu Deus saiu-me o totoloto» (...) é sempre bem vindo e parece que vem sempre nas alturas certas” (E3)

“Eu achava que ia receber menos (...)” (E4)

“(...) tudo o que vem é ajuda, seja o que for (...). A gente recebe aquilo que nos dão (...)” (E6)

“(...) não tenho razão de queixa de nada, aliás aquilo que tenho hoje, presentemente posso-lhes agradecer a elas tanto faz alimentos, tudo, tudo, tudo. (...) aquilo que vem é sempre ganho e sempre uma grande ajuda.” (E7)

Assim, na generalidade os entrevistados sentem que a realidade relativamente aos apoios recebidos, superou as expectativas que tinham acerca do apoio alimentar e conseguem gerir os bens que lhes são atribuídos de forma adequada para que não tenham carências ao longo do mês. No entanto, existem relatos de alguns entrevistados de que algumas vezes recebem alimentos que por norma não consomem e os redistribuem a familiares ou vizinhos que têm dificuldades económicas, mas que não têm apoio de qualquer entidades/ instituições. Surge assim a existência de redes informais de apoio entre os indivíduos que se encontram a vivenciar situações de pobreza e exclusão social, e que se mantêm ativas devido a um estado de alerta que todos os que estão nesta situação vão mantendo. Surge no entanto a questão: porque não se dirigem estas pessoas aos apoios formais?

(...) a gente reparte com alguém que precise, porque às vezes pode acabar por se estragar damos...” (E6)

A criação de uma rede informal de suporte a outros que se encontram na mesma situação, mas que não se encontram identificados pelo Serviço de Apoio Alimentar, geram novas formas de solidariedade e uma rede de relações informais, entre todos os que também

detêm fragilidades e vulnerabilidades. Esta ligação com os outros e com os serviços formais, nomeadamente o Serviço de Apoio Alimentar traduzem a construção de uma rede de suporte que sustem os indivíduos para que eles mantenham os vínculos sociais, evitando situações mais extremas de exclusão em que haja a possibilidade de colocar os indivíduos e situação de não-integração.

O Serviço de Apoio Alimentar é para os entrevistados mais do que um apoio alimentar que visa colmatar as suas necessidades, é igualmente um prolongamento da sua família, uma ligação com o mundo, mas mais concretamente uma nova forma de superar as suas limitações de recursos para fazer face às carências. No entanto, a distribuição dos bens é valorizada pelos entrevistados devido à parte prática de gestão dos recursos que têm à sua disposição, bem como a manutenção de relações positivas com os voluntários que estão das entidades/ instituições que têm o Serviço de Apoio Alimentar. A grande questão que aqui se coloca é que os indivíduos que recorrem a este apoio são emocionalmente e identitariamente fragilizados, viveram a maior parte do tempo em ambiente de pobreza e vulnerabilidade, no entanto, este *know-how* dos Serviços de Apoio Alimentar é desenvolvido no sentido de colmatar a situação de carência destes agregados familiares e mais concretamente dos entrevistados. A conquista de recursos, desenvolvimento de capacidades e competências é um trabalho que deverá ser desenvolvido pelos próprios indivíduos tendo por base o princípio da individuação promovido pelas sociedades contemporâneas. Assim, “exige-se” que os indivíduos consigam por si só superar as suas limitações e fragilidades de forma a ultrapassarem os obstáculos da vida reforçando as suas capacidades e competências.

Confrontados com as suas expectativas relativamente ao futuro, a maioria dos entrevistados tem a expectativa de deixar de necessitar do Serviço de Apoio Alimentar, conseguindo ser auto-suficiente na sua vida e gerindo-a de forma autónoma e independente. No entanto, estas expectativas são baseadas em discursos de vida fragilizados de quem pretende romper com o ciclo de vulnerabilidade e recomeçar tudo de novo com os conhecimentos que têm atualmente, mas também em pessoas que ultrapassaram inúmeras

dificuldades ao longo das suas vidas e que continuam acreditar que é possível ser autónomo dos apoios informais.

“(...) eu para mim, mesmo agora como eu estou se em dissessem assim «olha...»... eu mexo em computador e faço montes de coisas (...) «...tu fazes isto e vais receber este dinheiro», acredite que eu preferia do que estar a pedir.” (E1)

“Eu gostava de não receber, era bom sinal. Adorava não receber para dar a oportunidade a outras famílias que estejam em dificuldades também. (...) Adorava que me saísse o totoloto, só o dinheiro suficiente para eu sair daqui e começar uma vida nova. Ter uma casa e um trabalho mais nada.” (E3)

“(...) é um bocado incerto.” (E6)

“Isto tem de acabar, queria ver se acabava com isto se tivesse um trabalho que fosse para o estrangeiro...” (E7)

No entanto, esta auto-suficiência e independência de apoios sociais é nos discursos dos entrevistados algo muito ténue, ou seja a sua vontade é manifestada de forma clara mas não apresentam um projeto futuro com objetivos concretos. Este facto deve-se essencialmente à fragilidade identitária que os entrevistados revelam que não lhes permite desenvolver as suas competências e capacidades de forma a superarem as suas limitações e alcançarem as oportunidades que lhes surgem. Nestas entrevistas ficou muito patente que apesar da necessidade que os entrevistados sentem em mudar, não existe nenhum apoio que lhes conceda/ apresente um caminho para que consigam estabelecer essa estrutura que parte de si e que volta a si no sentido de auto-conhecimento e auto-superação. São indivíduos e agregados familiares que vão rompendo com os seus ciclos de pobreza, mas que devido à sua fragilidade manterão sempre alguma dificuldade em serem autónomos e independentes de apoios como o Serviço de Apoio Alimentar e de outros serviços formais.

Apenas dois dos entrevistados foram evasivos quanto a esta resposta, e compreendendo as suas trajetória de vida torna-se fácil compreender a inexistência de expectativas, são pessoas que vivem há muito tempo de apoios de carácter informal e formal e que não conseguem conceber as suas vidas sem o suporte do apoio alimentar. São entrevistados que fundem a pobreza com a exclusão social, num estado de pobreza humana por quase ausência do ser. Nestas situações a intervenção assume-se com um carácter

paliativo mantendo a dignidade e salvaguardado o ténue laço que os une ao Serviço de Apoio Alimentar.

A intervenção do Serviço de Apoio Alimentar, passa então por intervir junto dos beneficiários numa estrutura que já se encontra devidamente expandida, tornando o centro da intervenção a recuperação do sujeito e das fragilidades que têm impressas em si, convertendo-as em capacidades e experienciando com eles o ultrapassar de obstáculos que lhes poderão parecer inicialmente difíceis. Daí Soulet (2007d) defender que esta forma de intervenção assume um carácter paliativo na medida em que o processo é negocial entre ambas as partes, não tem durabilidade definida, responsabiliza o beneficiário e vai libertando-o à medida que ele se vai sentindo mais autónomo nas suas decisões. Mas existe também a noção clara de que nem todos poderão ser integrados na sociedade e poderão ser ativados, então terão de passar por um processo que Soulet designa de “re-aquecimento” em que se tentará sempre preparar para a integração e reforçar as competências e capacidades dos indivíduos.

A grande questão que se coloca em relação às expectativas dos entrevistados relativamente ao futuro não se fica apenas nas suas próprias esperanças, mas também naquilo que esperam e desejam para os seus filhos. Esta posição perante a realidade faz com que os entrevistados coloquem nas suas expectativas de uma melhor vida sobre os destinos dos seus filhos, mas estes também vivenciaram as fragilidades e limitações dos pais. Irão as gerações futuras “copiar” aquilo que observam e vivenciam diariamente? Ou irão tentar, tal como os entrevistados, melhorar as suas condições de vida para tentar não repetir as trajetórias de vida das suas famílias, evitando e afastando-se lentamente do limiar de pobreza e conseqüentemente dos apoios formais existentes? Todas estas questões colocadas numa perspetiva futura dos apoios sociais, levam a ter em consideração e a repensar a intervenção social que se pratica no terreno, pensando sempre nas conseqüências que estas poderão ter no futuro e que “imagem social” poderá ser impressa nestes indivíduos e agregados familiares. Trata-se fundamentalmente de compreender que adultos está a nossa sociedade a exigir e se estes “futuros” adultos estarão preparados para integrarem-se numa sociedade que promove o princípio do individualismo em que cada um de forma isolada e autónoma (re)

constrói a sua identidade pessoal. Terão estes jovens, capacidade e competências para superar as exigências das sociedades contemporâneas?

A intervenção do Serviço de Apoio Alimentar é uma medida em que se pretende apoiar os indivíduos a superar as carências alimentares, colmatando uma parte da definição de pobreza defendida por Bruto da Costa et al (2008). No entanto, como um recurso que se encontra próximo da realidade das comunidades locais e dos indivíduos que a eles recorrem (uma das entidades em análise neste estudo realiza visitas domiciliárias e apoia na procura de emprego) tem um papel privilegiado no que respeita a uma intervenção mais personalizada que vise um acompanhamento de proximidade e negociado com os beneficiários. No entanto, dever-se-á sublinhar que é um apoio pontual, mas sem tempo definido. Durante as entrevistas não ficou clara a intervenção das entidades/ instituições na persecução da autonomia dos seus beneficiários, ou então uma parceria com outra entidade que realizasse um acompanhamento complementar à resolução da carência.

Mensalmente os entrevistados dirigem-se aos locais destinados para a distribuição dos cabazes alimentares e como eles próprios afirmam são atendidos com um cumprimento geral e em simultâneo entregam o saco vazio, minutos depois saem com um saco de alimentos. Esta forma de intervenção reflete que a instituição/ entidade faz uma distribuição centrada na satisfação das carências, cabendo ao próprio individuo autonomizar-se dos apoios formais. No entanto, nem todos o conseguem construir a sua autonomia sozinhos, sem uma referência a quem possam recorrer quando não conseguem superar os riscos. Sublinhando Bruto da Costa et al (2008) a supressão da carência é apenas a primeira parte da intervenção para atenuar a pobreza nas nossas sociedades, é urgente criar recursos capazes de dar resposta aos indivíduos no sentido de os preparar para lidarem com as suas próprias fragilidades, transformá-las em capacidades e assumir a responsabilidade sobre os riscos.

Conclusão

O presente estudo teve como ponto de partida, compreender os fenómenos da pobreza e exclusão social junto das famílias e indivíduos que beneficiam do Serviço de Apoio Alimentar do Banco Alimentar em duas freguesias do concelho do Cartaxo. Mas mais do que apenas compreender estes fenómenos tratava-se de perceber qual o seu “olhar” sobre este apoio e qual a importância que eles detinham sobre a sua vida e os apoios que na altura do estudo lhes estavam a ser concedidos. No entanto, não se trata de um estudo comparativo, pois existem diferentes caminhos para alcançar o mesmo objetivo: manter e salvaguardar a dignidade da pessoa.

Esta investigação faz então parte de um processo investigativo que pretendeu trilhar os caminhos do conhecimento no âmbito dos apoios alimentares e da intervenção a que estes se encontram associados. O campo de ação do Serviço Social nesta área específica detém em si uma amplitude e uma transversalidade na medida em que a aproximação ao terreno permite agir e realizar um levantamento acerca das necessidades dos indivíduos e partindo dessa realidade adaptar formas de intervenção mais ajustadas, tendo igualmente a possibilidade de participar de forma ativa na elaboração de políticas e medidas sociais ajustadas à realidade territorial dos indivíduos.

O foco da investigação centralizou-se na pobreza e exclusão social, na medida em que as pessoas que recorrem ao apoio alimentar vivenciam situações de vulnerabilidade e fragilidade que vão ganhando visibilidade através da carência alimentar. No entanto existem fatores associados à pobreza e exclusão social mais vinculados e que poderão eventualmente gerar consequências endógenas e exógenas nas vivências diárias dos indivíduos. Durante a realização das entrevistas revelou-se que a maioria dos entrevistados viveu com a sua família de origem em situações de pobreza e vulnerabilidade, causadas pelos reduzidos recursos económicos que conduziam a carências alimentares. Esta vivência dos entrevistados “empurrou” alguns para pequenos trabalhos ou até mesmo para a mendicância para apoiar a família e mais concretamente os irmãos.

Entre a frequência escolar e a execução de pequenos trabalhos para apoiar a família, a maioria dos entrevistados escolheu a segunda opção, mesmo nas situações em que um dos progenitores consideravam que deveriam continuar a estudar. Mas mais do que ajudar a família, a maioria dos entrevistados mantinha a vontade de criar o seu próprio caminho, iniciar uma vida familiar por si idealizada. No entanto, os entrevistados já tinham impresso nas suas trajetórias de vida sentimentos de fragilidade e vulnerabilidade que os levaram a questionar acerca da possibilidade de conseguirem superar as suas próprias limitações, tornando-os dependentes nas suas ações, decisões e mais concretamente de todos os apoios que lhes são concedidos como forma de compensar as essas mesmas fragilidades.

As histórias captadas denunciam então histórias de vida imersas em grande fragilidade que marcaram de forma determinante a identidade dos indivíduos, conduzindo-os por caminhos de vida que se foram revelando difíceis e com muitos obstáculos que foram ultrapassados pelos entrevistados devido a uma vontade insistente de tentarem superar-se, quase que um forma resiliente de enfrentar a vida. A maioria dos entrevistados vivenciaram sentimentos semelhantes entre si: abandono (físico ou emocional), consumos de drogas, violência doméstica e solidão. Estas experiências não se restringiram apenas à fase da sua infância e juventude, mas prolongaram-se durante a fase adulta marcando de forma quase que inevitável as suas identidades. Assim, ao longo das suas vidas foram experienciando que o mundo em que viviam era diferente para todos e, imbuídos pelo contexto que os rodeava de fragilidade e vulnerabilidade foram sobrevivendo e construindo em si a sua personalidade através daquilo que observavam nas casas dos vizinhos, telenovelas, histórias que ouviam e refletiam sobre as experiências que tinham em casa. A sua socialização pautou-se pela observação das vivências exteriores em comparação com as suas vivências pessoais em que de certa forma conseguiram perceber o que era correto.

A consciência sobre a realidade em que viviam imersos e e em contraponto com a idealização das vidas, foi uma confrontação dura na maioria das situações levando os entrevistados a nunca desistirem mesmo com as fragilidades identitárias que detêm, daí que

a existência de diversos relacionamentos afetivos poderá ser considerado como que a vontade de iniciar tudo de novo apostando sempre na idealização que tinham acerca das suas vidas futuras e nunca desistindo da possibilidade de alcançar a felicidade.

As trajetórias de vida dos entrevistados na generalidade apresenta-se com traços de muita vulnerabilidade, fragilidade mas também de insistência perante as oportunidades que lhes surgem. No entanto, dois dos entrevistados apresentam sinais de resignação e apatia perante a realidade que vivem diariamente, mantendo laços ténues com a comunidade local e mostrando-se evasivos nas respostas. Ambas as situações conduziram a um questionamento acerca da possibilidade de que a vivência prolongada na pobreza poderá causar consequências a nível da identidade e do self dos indivíduos.

No entanto no geral as vivências dos entrevistados leva-os a considerar o Serviço de Apoio Alimentar como uma forma de compensar as lacunas na sua gestão doméstica e financeira que é marcada ao longo dos anos pelo desemprego, beneficiários de Rendimento Social de Inserção, reforma, ausência total de rendimentos, empregos precários e/ ou sazonais. Daí esta necessidade de conseguir compensar o orçamento familiar com bens alimentares que não conseguem adquirir e que de outra forma teriam mais dificuldade em consumir. Mas este apoio revelou em si ter um significado mais do que apenas a doação de bens alimentares, pois os entrevistados revelam claramente que sentem uma diminuição dos bens mas não deixam de prescindir da rotina mensal ou quinzenal de receber. Assim, para os entrevistados, o Serviço de Apoio Alimentar é um recurso importante no que respeita ao alívio do seu sofrimento, havendo a possibilidade de se conseguirem focalizar em outras oportunidades que lhes possam surgir.

Para uma perceção positiva do Serviço do Apoio Alimentar também contribui a relação que mantêm com os voluntários do Serviço de Apoio Alimentar, que consideram a extensão das suas famílias, que para a maioria dos entrevistados se encontra ausente física e emocionalmente. Poderá então significar que os bens alimentares são considerados pelos

entrevistados como a criação/ manutenção de uma relação afetiva que à partida é isenta de opinião e que cria em volta dos entrevistados sentimentos de suporte emocional e conforto.

Segundo a linha de pensamento de Bruto da Costa et al (2008) os Serviços de Apoio Alimentar são de facto essenciais para colmatar a carência dos indivíduos e manter o laço social com a sociedade. No entanto, é igualmente fundamental que a intervenção social junto destas famílias se mobilize no sentido de realizar um acompanhamento no tempo (sem limites temporais estabelecidos) de forma a reconhecer em conjunto com os indivíduos que detêm capacidades e competências com as quais conseguiram construir a sua trajetória de vida. Este reconhecimento valorização pessoal é essencial para desenvolver uma intervenção focalizada no individuo e nos seus projetos de vida para prosseguir no caminho da sua própria autonomia. Parte-se assim da relação que os beneficiários criam com os voluntários do Serviço de Apoio Alimentar, com o objetivo de apoiar os entrevistados na sua (re) construção identitária através da criação de um espaço de escuta que promova o desenvolvimento das suas competências e capacidades no sentido de dar resposta à criação de recursos.

Esta ligação com o Outro poderá ser sentida como um reconhecimento dos Outros, nomeadamente pelos voluntários que se encontram nos centros de distribuição, sendo este uma forma de motivá-los a continuar e a permanecer nos Serviços de Apoio Alimentar. Ou seja, os entrevistados deste estudo são na sua maioria indivíduos com percursos de vida muito instáveis e que imprimiram em si a debilidade e fragilidade que os rodeava (as fragilidades foram assumidas principalmente por aquilo que viveram durante a fase da infância e juventude) tornando mais difícil o acesso a oportunidades com que se confrontassem; as suas relações ao longo das suas vidas revelam-se igualmente instáveis apesar de a sua maioria ter recomeçado por diferentes vezes as suas vidas sempre com a crença de que o projeto idealizado por si iria resultar; todas as experiências que viveram somada à confrontação da sua incapacidade de superar as suas fragilidades conduziu a maioria dos entrevistados a pedir apoio a instituições e entidades que fazem parte da rede social de suporte e a verem-se reconhecidos como pessoas. Esta é portanto a altura ideal para intervir diretamente com os indivíduos para que eles consigam refletir e reunir em si

competências e capacidades internas para superar as oportunidades externas que se lhes apresentam.

No entanto, perante a possibilidade de uma intervenção social paliativa, segundo defende Soulet, nesta área específica os técnicos deverão ter a consciência de que nem todos os indivíduos conseguem desenvolver as suas capacidades a fim de assumirem a sua autonomia, ou seja, trata-se de indivíduos que por diferentes motivos deixaram de investir em si e lentamente se vão desligando das redes sociais que os rodeiam, caindo facilmente numa situação de exclusão social. Alguns dos entrevistados revelaram esta forma de sentimentos que os mantêm num estado de dormência e apatia perante o que os rodeia, sendo o apoio alimentar uma tarefa que já faz parte das suas rotinas. Perante estas situações cabe aos técnicos manter a dignidade pessoal do indivíduo e promover a sua integração social sabendo à partida que dificilmente conseguirão ser autónomos e em simultâneo criar um espaço/ relação que permita aos indivíduos exteriorizar as suas fragilidades e dificuldades, trabalhando-as para que consiga compreender-se e simultaneamente ultrapassar pequenos obstáculos com que poderá ser confrontado num ambiente controlado em que lhe seja permitido refletir e escolher a forma mais adequada de agir. Manter este estado de conforto e estabilidade, nestas situações específicas, contribui para que os indivíduos consigam melhorar a sua auto-estima e atenuar o seu sofrimento.

Sublinha-se no entanto que a vulnerabilidade das sociedades contemporâneas atinge toda a estrutura da sociedade e todos os seus elementos, na medida em que este é um sentimento e um fenómeno que comporta em si o significado de fragilidade, precaridade e debilidade. Assim, o impacto desta situação junto dos indivíduos comporta em si a necessidade de que estejam devidamente capacitados para fazer face às dificuldades com que se poderão confrontar nas suas vidas e que o façam através de um processo de análise da situação, reflexão e de plasticidade de si à situação, tendo como resultado final a superação das dificuldades através de uma atitude ativa, mas também das suas fragilidades interiores e portanto um reforço da sua auto-estima e indubitavelmente um crescimento pessoal. Este processo é uma constante na vida dos indivíduos, comportando em si a

capacidade que cada um tem de avaliar e ultrapassar as suas próprias dificuldades no sentido de se superar a si próprio e de vincar o seu papel ativo na sociedade.

A presente investigação foi muito importante para compreender a realidade dos Serviços de Apoio Alimentar tendo como ponto de partida o olhar das famílias e dos indivíduos que são apoiados, percebendo a dependência das instituições se devem a uma necessidade da intervenção social se focalizar na procura de recursos conjunta para que os beneficiários se tornem cada vez mais autónomos de entidades formais de forma continuada. O percurso investigativo foi marcado por muitas pausas, observações e reflexões sobre a realidade do Serviço de Apoio Alimentar de Pontével e do Cartaxo e os seus efeitos nas famílias, na sociedade e também nas instituições que acolhem esta valência. O grupo de entrevistados deste estudo permitiu ao investigador compreender a vivência em situação de pobreza mas também que, estas vivências fazem parte de um conjunto de experiências acumuladas ao longo da vida marcadas por vulnerabilidades externas e internas que conduzem na sua maioria à existência de lacunas na construção da sua personalidade que não lhes permite que consigam por si desenvolver as suas competências e capacidades. Esta incapacidade à partida torna os indivíduos e as suas famílias mais vulneráveis às mutações sociais que têm vindo a ocorrer na sociedade contemporânea, no entanto o investigador defende, tendo por base os investigadores do Serviço Social, que estas pessoas têm potencial de sucesso caso sejam sujeitas a um acompanhamento social persistente e que se desenvolva quase que num contexto laboratorial que lhes transmita conforto e segurança, sem que haja quaisquer limites temporais nem uma procura de resultados imediatos.

Em ambas as entidades estudadas o investigador conseguiu perceber as potencialidades do Serviço de Apoio Alimentar junto da sua população, fundamentalmente por se encontrarem integrados numa rede social que lhes permite a dinamização de diferentes recursos da comunidade. O facto de ambas se localizarem em zonas ainda muito ruralizadas permite que estes serviços tenham um maior conhecimento da realidade, das causas do sofrimento dos beneficiários e das suas maiores necessidades, possibilitando respostas mais adequadas a cada indivíduo e o seu agregado familiar. Este conhecimento prático da realidade poderia portanto, proporcionar um atendimento mais individualizado a cada

beneficiário, para que a intervenção se torne mais precisa pois tem em conta a trajetória de vida de cada um e também dos seus objetivos pessoais. A intervenção social junto destes indivíduos passaria então por um trabalho de ativação dos mesmos apostando na sua integração na comunidade e na sociedade.

Tornar-se-ia interessante na sequência do presente estudo, desenvolver um trabalho junto dos entrevistados e dos seus agregados familiares, mas também dos respetivos Serviços de Apoio Alimentar, de forma a compreender se esta forma de intervenção apontada pelo investigador que tem por base as diretrizes de Soulet e de outros autores, poderia contribuir de alguma forma para autonomizar os indivíduos. Um trabalho reflexivo entre técnicos e beneficiários poderá ser benéfico para avaliar as suas fragilidades e desenvolver competências e capacidades através da criação de estratégias e formas de atuação que melhor defendam os interesses gerais dos indivíduos. Esta forma de intervenção tem em conta a proximidade com os indivíduos e com a comunidade em geral, para que em conjunto se desenvolvam esforços para integrar cidadãos na comunidade e em simultâneo contribuir para o seu próprio bem-estar tornando-os uma mais-valia para a comunidade em que estão inseridos. Seria igualmente curioso ter a oportunidade de entrevistar novamente os mesmos entrevistados para perceber se este espaço de entrevista, considerado pelo investigador de reflexão acerca da sua trajetória de vida, teve implicações na forma como começaram a perceber as suas vidas e como poderá influenciar na forma como poderão refletir uma segunda vez sobre os seus olhares que têm sobre aquilo que os rodeia.

Para o Serviço Social o foco de intervenção é sempre a pessoa que se encontra numa sociedade que procura de forma incessante o progresso social, individualismo e a autonomia dos indivíduos. É fundamental compreender de que forma é que os Assistentes Sociais poderão intervir explorando ao máximo os recursos existentes em prol dos indivíduos que se encontram em situação de vulnerabilidade ou em risco de cair nessa mesma situação. O papel do Assistente Social é muito importante a vários níveis de intervenção, seja na elaboração e construção de medidas e políticas sociais, seja na intervenção direta com a população tendo em conta sempre a procura da dignidade e de reconhecimento do Outro como pessoa.

O Serviço Social é uma profissão do século XXI, fundamentalmente porque abrange um leque de áreas de conhecimento muito variadas e tem um campo de ação amplo e simultaneamente complexo, pois é desenvolvida para pessoas que são em si mundos inteiros de conhecimento. É também uma disciplina transversal pois implica o aprofundamento das vivências dos indivíduos, compreender as suas trajetórias de vida, expectativas, recursos pessoais e fragilidades; e por outro lado permite desenvolver esse conhecimento do agir em teoria e mais concretamente em medidas e políticas sociais que se adequem às comunidades locais e territoriais afim de que estas sejam cada vez mais específicas. Assim, o Serviço Social é o elo de ligação entre as pessoas e as sociedades que buscam o progresso social através do princípio do individualismo, defendendo todos aqueles que não conseguem acompanhar o ritmo da sociedade.

Bibliografia

Bibliografia Temática

Albano, Cristina (2009), *Pobrezas Vividas: Estudo da População Utente de um Serviço de Apoio Alimentar*, Tese de Mestrado em Serviço Social, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa

Amaro, Maria Inês (2012) *Urgências e Emergências do Serviço Social: Fundamentos da profissão na contemporaneidade*, Universidade Católica Editora, Lisboa

Branco, Francisco (2009) *Acção Social, Individuação e Cidadania: A construção do acompanhamento social no contexto do Estado Social Activo*, Cidades, Comunidades e Territórios (pp. 81-91)

BRANCO, Francisco e AMARO, Inês (2011) *As práticas do “Serviço Social activo” no âmbito das novas tendências da política social: uma perspetiva portuguesa*, Serv. Soc. Soc. N.º 108, São Paulo (p.656-679)

Bruto da Costa, Alfredo (1998), *Exclusões Sociais*, Grandiva - Publicações, coleção Fundação Mário Soares, Lisboa

Bruto da Costa, Alfredo (coord.), (2008) *Um Olhar sobre a Pobreza: Vulnerabilidade e Exclusão Social no Portugal Contemporâneo*, Grandiva Publicações – Trajectos, Lisboa

Castro, Alexandra e Guerra, Isabel (coord.), (2010) *Os Caminhos da Pobreza: Perfis e Políticas Sociais na Cidade de Lisboa*, Centro Editorial da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa

Dorling, Daniel (2013) *Injustice: why social inequality persists*, Policy Press, Reino Unido

Decreto-Lei n.º57//78 de 9 de março *Declaração Universal dos Direitos do Homem*

Garcia, José Luís (2005) *Tecnologia, Mercado e Bem-Estar Humano: Para um questionamento do discurso da inovação*, Alicerces, Lisboa, Edições Colibri (pp. 19-31)

Giddens, Anthony (1997) *Sociology*, Polity Press, Cambridge – Reino Unido

Lopes, Vera Lúcia (2012) *A Reflexividade na Prática e Investigação do Serviço Social*, Trabalho da cadeira de Mestrado em Serviço Social: Questões Avançadas em Serviço Social

Paugam, Serge (2003), *A Desqualificação Social: Ensaio sobre a nova pobreza*, Porto Editora – Coleção Educação e Trabalho Social, Porto

Paugam, Serge (coord) (2007), *Repenser la Solidarité: L'apport des sciences sociales: L'apport des sciences sociales*, Presses Universitaires de France: Le Lien Social, Paris

Soulet, Marc- Henry (2005c) *L'individualisation des politiques sociales: une réponse à l'exclusion durable?*, Conférences lille (pp. 1-10)

Soulet, Marc-Henry (2005a) *Reconsiderer la Vulnérabilité*, Revista Empan (pp. 5-11)

Soulet, Marc-Henry (2007d) *O Trabalho Social Paliativo: entre redução de riscos e integração relativa*, Cidades, Comunidades e Territórios n.º 15 (pp. 11- 27)

Soulet, Marc-Henry (2007b) *la Vulnérabilité comme catégorie de l'action publique*, (?) (pp. 49- 58)

www.bancoalimentar.pt

www.ssvp.pt

Bibliografia Metodológica

Albarelo, Luc et al (1997) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Grandiva – Publicações, Lisboa

Guerra, Isabel Carvalho (2012), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de Uso*, Principia, Cascais

Maxwell, Joseph A. (2005) *Qualitative Research Design: An Interactive Approach*, Sage Publications – Applied Social Research Methods Series, California, 2ª edição

Quivy, Raymond; Campenhoudt, Luc Van (1998) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Grandiva – Publicações, Lisboa

Anexos

Anexo A – Guião de Entrevistas

1) *Origem e Trajetória Familiar*

a) Infância e Juventude

- i) Como se recorda da sua infância e juventude? (com quem vivia, como eram as relações com os seus pais, o que esperavam de si, como se sentia)
- ii) Gostava do sítio onde vivia? (como era, relação com os vizinhos, vivência de rua, relação com os amigos)
- iii) Como foi o seu percurso escolar? (gostava da escola; qual o nível de escolaridade/ formação que conseguiu obter antes de sair de casa dos pais; do que se lembra mais; gostava dos professores; o que queria ser; quais as suas expectativas e as dos seus pais relativamente ao futuro);
- iv) Enquanto viveu com os seus pais, recorreram aos serviços de assistência alimentar? (em que circunstâncias, o que sentiu, como era a relação, durante quanto tempo);

b) Fase Adulta

- i) Quando é que saiu de casa dos seus pais, e quais os motivos que a/o levaram a tomar essa decisão?
- ii) Como foi a sua vida desde então? (relação conjugal, nascimento dos filhos na sua vida, vida laboral/ profissional)
- iii) Como é a sua relação nesta altura com os seus pais, amigos e vizinhos?

2) *A relação com o Serviço de Apoio Alimentar*

- a) Quais os fatores que contribuíram para que tenha recorrido ao Serviço de Apoio Alimentar, pela primeira vez?
- b) Como é que se sentiu quando recorreu ao Serviço de Apoio Alimentar pela primeira vez?
- c) Como tem sido a experiência? (há quanto tempo tem apoio; quais eram as expectativas que tinha em relação ao Serviço de Apoio Alimentar; em que medida o serviço responde às suas necessidades; esperava mais)

- d) Qual a importância deste apoio para si e para o seu agregado familiar?
- e) O que pensa sobre o funcionamento do Serviço de Apoio Alimentar e como, na sua opinião se poderia melhorar/ potencializar a resposta às famílias que são apoiadas?
- f) Quais as suas expectativas relativamente à sua reação com o Serviço de Apoio Alimentar?
- g) Como é sua relação com os profissionais que estão no Serviço de Apoio Alimentar?

Anexo B – Entrevistas

Entrevista 1

Entrevistador: Acerca da sua trajetória familiar, gostaria de saber o que é que se recorda da sua infância e da sua juventude?

A: Eu sou daqui (...), vivi lá até aos seis anos com os meus pais. Na altura, também havia lá as dificuldades que estamos a passar agora naquela altura também havia, com a agravante de que agora, comparado com aquela altura ainda estamos muito melhor. Na altura nós tínhamos algumas dificuldades, mas as pessoas também se ajudavam muito e também não tínhamos aquelas coisas, as comidas eram à base das sopas, toda a gente tinha horta e pronto... só que entretanto os meus pais separaram-se e a minha mãe levou os meus irmãos mais velhos, e eu fiquei eu a minha irmã e os meus irmãos gémeos com o meu pai.

Entrevistador: Quantos irmãos eram?

A: Naquela altura? Não me lembro. Tenho de contar... somos ao todo 11 hoje. A minha mãe levou os mais velhos... não são todos do meu pai, do meu pai são sete. E fiquei eu e esses meus irmãos os gémeos e uma irmã. Entretanto como o meu pai na altura trabalhava na B e fazia aqueles coisões de ir nos camiões nós tivemos de ir para um colégio eu e a minha irmã...

Entrevistador: Para não estarem muito tempo sozinhos. É isso? Para ficarem acompanhados.

A: É isso, embora no mesmo terreno vivessem a minha avó e a minha tia, mas não dava para estarmos... mesmo para ir à escola e aquelas regras... não dava. Entretanto eu e a minha irmã fomos para um colégio em T e os meus irmãos foram, para uma família de acolhimento. Ficaram, lá até ao meu irmão casar. E eu fiquei no colégio até aos meus 16 anos, entretanto saí, arranjei um trabalho numa casa de fotografia e sai. A minha infância... foi boa, acho que depois de tudo o que eu passei e agora já adulta se me perguntassem se (...) queria viver com os meus pais sempre ou se queria ter ido para o colégio. Eu preferia ter ido para lá, aprendi muito, vivi muito, brinquei muito eramos imensas. Eramos quarenta e qualquer coisa na altura... sempre tive festas de anos, sempre tive o natal diferente e mesmo com aquelas coisas que às vezes eramos repreendidas, mas também na nossa casa também somos todos. Não tenho qualquer trauma de infância.

Entrevistador: Qual era a relação com a sua mãe e com o seu pai?

A: Com o meu pai, o meu pai era o meu melhor amigo, o meu pai já faleceu mas com o meu pai era a minha mãe, o meu pai, o meu melhor amigo tudo. O meu pai ia todas as semanas lá ver-me ao colégio. Eu sabia, na altura era um sino e eu sabia que quando chegava mais ou menos aquela hora que devia ser o meu pai e já ia a correr porque sabia que devia ser ele. O meu pai ia sempre ver-me.

A minha mãe até aos meus 14 anos, tive se a ver desde os 6, portanto a relação que tive com a minha mãe... hoje é uma pessoa conhecida.

Entrevistador: É-lhe indiferente?

A: Não, não me é indiferente porque eu acho que até as pessoas que nós conhecemos e... porque se calhar eu sinto por ela, aquilo que ela nunca sentiu percebe? Mas com pena, porque eu acho que uma pessoa que não consegue gostar de alguém é... tenho pena. Por exemplo as senhoras da Conferência, conto mais com elas do que propriamente com a minha mãe percebe.

Entrevistador: mas acha que tem a ver com ela ter saído quando tinha seis anos?

A: Acho que é naquela altura em que criamos laços, nós não os criamos assim tão pequenos, é quando nós começamos a ter noção das coisas e damos por isto ou por aquilo, ou porque precisamos de conversar ou porque chegamos a casa da escola e temos a mãe ali, não é. É nessa altura que nós criamos aqueles laços e eu não os tive. Eu sabia da minha mãe. Eu recordo-me uma coisa que me marcou muito, foi uma vez que o meu pai levou a minha mãe para nos ir visitar, estávamos nós no colégio, e como eu era a mais velha, era só um ano que era só tenho um ano a mais que a minha irmã...

Entrevistador: Então era tudo assim muito pertinho.

A: Eram todos, um ano. O meu pai disse-me: olha a tua mãe está ali no café, ela não tinha autorização de nos ir ver ao colégio também... a tua mãe está ali e veio cá para vos ver. Já eu tinha 14 anos e a minha irmã tinha 13 e eu lembro-me de nós termos entrado no café e a minha irmã... e eu cumprimentar com um beijo porque sabia que ela estava lá, não foi porque a conheci e a minha mãe dizer-me, e isso é que me ficou marcado: esta é que é a nossa mãe? Ficou-me marcado porque normalmente os filhos não perguntam...

Entrevistador: Reconhecem...

A: Exatamente. E ficou marcado. Não tenho qualquer rancor com a minha mãe.

Entrevistador: Ficou resolvido.

A: Ficou resolvido com o passar do tempo, porque às vezes nós tomamos decisões na vida que ... depois até nos arrependemos mas o que é facto é que as tomamos naquela altura e muita coisa mudou por causa disso. Mas não tenho qualquer problema com ela, falo com ela ainda agora há dois dias lhe liguei, para saber como é que eles estavam... mas não há aquela ligação.

Entrevistador: passou muito pouco tempo com os seus pais, mas principalmente com o seu pai, qual é que acha que era a expectativa que ele tinha em si. O que é que acha que ele esperava de si?

A: O que é que eu acho que o meu pai esperava de mim, acima de tudo eu acho que o meu pai sempre esperou que eu fosse feliz. O meu pai nunca foi aquela pessoa de dizer faz assim ou faz aquilo ou vai por aqui ou acolá. O meu pai apenas dizia que achava que devia ser assim, entende? Mas se eu escolhesse outro caminho ele apoiava-me. O meu pai era o meu melhor amigo, às vezes não concordava com as minhas decisões, mas podia-me dizer que não, mas dizia também para fazer aquilo que eu achava que devia fazer. Ele estava sempre lá.

Entrevistador: E lembra-se dos sentimentos que tinha na infância. O que é que sentia? Sentia-se feliz, tinha festas de nos no colégio...

A: Sentia-me feliz sim. Nos primeiros anos... quando eu fui para o colégio aquilo era tudo tão diferente...

Entrevistador: Foi com que idade para o colégio?

A: Tinha sete. Eu entrei num sítio... eu estava habituada a tudo tão pequeno eu sou dos (...) e aquilo é tudo pequeno, eu entrei num colégio onde se contava as histórias das bruxas, porque naquela altura se contava porque aos miúdos se contava que havia as bruxas com os caldeirões e aquelas coisas... eu entrei num sítio onde tudo era comercial, não é. O refeitório, a cozinha, aquelas panelas enormes, onde eu fiquei tão assustada onde eu rezava todos os dias porque era um colégio católico e foi-nos logo imposto a catequese e ir à igreja e essas coisas. E eu chegava à noite e rezava para que a minha mãe fizesse as pazes com o meu pai para eu voltar para casa. E depois com o passar do tempo é que eu fui-me em princípio habituando e hoje, em relação àquilo que eu vejo dos meus sobrinhos e de outras pessoas, eu tive uma infância rica e muita coisa que os miúdos hoje não têm. O poder brincar com outros, hoje é tudo mais playstation's e internet e mais nada. Por isso eu tive uma infância boa, nesse aspeto. Ser era feliz. Na altura, pensando na altura... eu acho que sim. Também não ligava muito entende? Era uma criança que brincava e o ser feliz ou não vejo hoje percebe? Porque na altura não pensava nisso. Chegava ao fim do dia e pensava que gostava de estar com os meus pais, como era obvio. Hoje eu vejo que fui feliz sim, porque eu tenho... por exemplo eu tenho uma irmã mais velha que ficou com a minha mãe e que não sabe ler nem escrever (...) é nesse sentido que eu hoje vejo que fui feliz entende. Tive uma infância onde ia à praia, onde tinha acesso a muitas coisas que se calhar a minha irmã na mesma altura não teve.

Entrevistador: Gostava do sítio onde vivia?

A: Gostava.

Entrevistador: Tanto nos (...) com os seus pais como no colégio.

A: Tenho mais recordações no colégio de (...), mas gostei.

Entrevistador: Tinha muitas amigas?

A: Sim. Ainda hoje eu olho para o colégio que agora já metade é escola tenho um carinho uma coisa que...

Entrevistador: É a sua casa.

A: Exatamente.

Entrevistador: É a sua referência de casa.

A: Sim, mas o sítio também era agradável, tinha um recreio enorme, era giro. Tínhamos árvores de frutos tínhamos horta e essas coisas e assim.

Entrevistador: E ajudavam?

A: Todas tínhamos uma tarefa.

Entrevistador: Como é que foi o seu percurso escolar. Gostava da escola?

A: Sempre fui boa aluna, gostava da escola.

Entrevistador: E da professora.

A: Sim. A professora era... eu sempre tive assim nas pessoas mais velhas a mãe que eu nunca tive não é. Portanto a minha professora primária foi toso os quatro anos, foi sempre a mesma. Sim sempre gostei dos meus professores.

Entrevistador. E quais eram as suas expectativas em relação à escola? Queria continuar na escola ou não era interessante era bom, mas o seu caminho era outro.

A: Lá está mais uma vez, vendo hoje na altura eu pensava no dia-a-dia. Nunca pensei tirar um curso ou qualquer coisa. Gostava da escola sempre gostei, também nunca pensei em desistir da escola, percebe? Nem nunca fiz, quando pensava gostava muito de ir para psicologia ou qualquer coisa assim do género porque sempre gostei muito de falar com as pessoas e tentar entendê-las sem

julgar e essas coisas assim. Mas naquela altura nem pensei em desistir por que no colégio não nos permitiam, mas também não pensei em vou já fazer isto ou fazer aquilo. Entretanto outras coisas ocorreram e eu vim-me embora do colégio e desisti da escola.

Entrevistador: E que coisas ocorreram?

A: Ocorram que eu vim... comecei a trabalhar e com 17 anos fiquei grávida e depois, como fui mãe com 17 anos já...

Entrevistador: Já não tinha permissão para estar no colégio.

A. Eu saí do colégio para ir trabalhar, porque comecei a trabalhar na loja de fotografias e eu estava na casa deles então eu ia com eles quando eles tinham casamentos e ia e eu gostava. Gostava e eu acho que hoje em dia já não é bem assim, mas na altura em que eu estava no colégio não havia a liberdade que as miúdas que estão lá hoje em dia têm não é. Eu tinha o horário da escola, porque eu andava na escola fora do colégio, mas tinha que cumprir aquele horário davam-me aquele espaço de tempo para eu chegar ou para ir um bocadinho antes para... davam aquele espaço do caminho mas nada mais. Se me atrasasse ficava logo de castigo e essas coisas assim. E o que aconteceu foi que eu vi uma maneira de poder libertar-me daquela gaiola entre aspas.

Entrevistador: Já se estava a tornar uma gaiola.

A: Sempre foi, mas quando era miúda, como brincava e as brincadeiras passam mais por estar a brincar (...) como tinha lá as outras miúdas não sentia falta de outras coisas depois comecei a crescer e senti como todas as adolescentes. E foi isso, o erro foi estar muito presa, porque se tivesse aquela liberdade de sair de lá, nunca tinha trocado a escola ou o ir para casa por um trabalho ainda por cima, passava por ter que limpar a casa das outras pessoas. Aquilo trazia-me uma liberdade diferente, ter o meu dinheiro...

Entrevistador: O poder comprar e sair...

A: Exatamente o poder sair para aqui ou para acolá sem ninguém estar a dizer... Foi quase como sair da prisão e ter uma liberdade diferente. Exatamente por isso é que no caso eu cometi o erro que cometi que não foi erro foi a melhor coisa que eu tive foi a minha filha. Mas a liberdade traz-nos ...

Entrevistador: Responsabilidade.

A: Não no meu caso eu pensava que podia tudo. Quando alguém que tem muitas regras de repente vê-se sem elas, acha que pode tudo. E não é bem assim, porque meti os pés pelas mãos e fiquei grávida. Assim que eu fiquei grávida as coisas mudaram. Eu sempre fui muito responsável, mesmo

de pequena, porque quando a minha mãe se foi embora eu tinha 7 anos e a minha irmã tinha 6 e eu achei que devia protegê-la de tudo e de todos. Eu nunca deixei que alguém fizesse mal à minha irmã ... na escola sempre... porque aquilo que eu sentia doía tanto que eu não queria que ela sentisse o mesmo e então tentava dessa maneira fazer com que ela não sentisse o mesmo. Não tem nada a ver, mas para uma criança era assim que eu pensava, portanto sempre fui assim muito responsável no sentido que a minha irmã era a mais pequena e eu tinha de a proteger de qualquer maneira, portanto sempre fui. Quando fiquei grávida, nem sequer fiquei aflita porque, porque pensei logo: pronto as coisas vão ter de mudar e ela vem aí eu, eu vou ter de ... tive de trabalhar. Só achava que ela não tinha de passar pelas coisas que eu passei.

Entrevistador: Quando saiu do colégio a sua irmã saiu consigo ou continuou lá?

A: A minha irmã ainda ficou lá um tempo e depois saiu.

Entrevistador: Antes de estar no colégio quando ainda vivia com os seus pais, alguma vez se lembra de ir lá a casa dar comida, ou não? Ou receber algum apoio?

A: Não. Na altura também não havia.

Entrevistador: Era mais ajuda entre vizinhos?

A: Era o meu pai tinha batatas dava à vizinha que lhe dava couves. Na altura era mesmo assim. A minha vizinha precisava que o meu pai lhe cortasse lenha e a vizinha dava-lhe um coelho ou uma galinha ou ovos ou coisas assim. Era assim que funcionava na altura. Por exemplo a minha mãe cozia pão e ela e a minha avó coziavam para nós e na altura cozia-se o pão para o mês todo e as minhas vizinhas já senhoras de idade não podiam estar a amassar a minha mãe ia e depois elas davam qualquer coisa. Era assim que as pessoas... não era como agora que há esses apoios não também havia na altura. (...) Lembro-me na altura de haver a Segurança Social, que depois eu precisei ir para casa da Dr.^a (...) que era assistente social, lembro-me dela, mas era uma coisa tipo uma lei. Não era como agora... era mais ela não tem nós é que decidimos o que vai ser feito ela vai para o colégio por exemplo. Era visto dessa maneira embora a Dr.^a (...) fosse uma excelente senhora. Agora qualquer coisa se vai à Segurança Social e se pede isto ou pede aquilo na altura, também as pessoas não pediam tanto, por exemplo não foi o meu pai que pediu para haver uma intervenção da parte da segurança social, foram eles que foram lá

Entrevistador: Souberam e foram ver.

A: Agora é diferente eu tenho qualquer problema e vou lá porque preciso disto, vou lá porque preciso daquilo, as pessoas pedem na altura as pessoas não pediam as pessoas tinham muitas dificuldades, muito mais do que agora, mas tentavam resolver elas mesmo essas dificuldades. E hoje não dói-nos qualquer coisa e vamos ao médico ou precisamos de qualquer coisa e vamos à Segurança Social.

Entrevistador: Quando saiu do colégio não engravidou logo. O que é que se passou entre a saída e ter engravidado?

A: Eu saí porque fui trabalhar. Mas não trabalhava de manhã à noite, 24 horas, quando saía ia com uma outra miúda da minha idade. Comecei a namorar e fiquei grávida uns meses depois, nove meses para aí.

Entrevistador: De um namorado que já conhecia antes no colégio...

A: Não. Que conheci depois e que vivi com ele até ter o acidente e ainda um tempo depois de ter o acidente, depois é que as coisas terminaram.

Entrevistador: Como é que foi a estar grávida, já me disse que assumiu essa postura de que tinha de resolver, tinha de trabalhar e assumir essa responsabilidade.

A: É a melhor sensação que uma mulher pode sentir eu acho que não há nada na vida que nos faça mais feliz. A primeira vez que eu vi a minha filha, sei lá é a melhor coisa que existe, não existe sensação nenhuma melhor no mundo. Não sei explicar, é algo que as palavras não são suficientes para explicar porque é uma coisa é um completar de tudo é... sou eu naquele bocado que está ali, naquele bebé.

Entrevistador: E como é que viveu essa mudança. Estava a viver em casa dos senhores da loja...

A: Sim. Aluguei casa, fui viver com o namorado, trabalhávamos os dois, a minha filha nasceu em Julho e eu em Setembro já estava a trabalhar, nas campanhas das vindimas e assim. Como é que foi a mudança? Depois da separação dos meus pais, da separação dos meus irmãos, porque quando... o difícil não foi os meus pais foi os meus irmãos...

Entrevistados: Eram muito próximos?

A: Porque havia uma ligação que os irmãos hoje não têm, por exemplo nós dividíamos tudo, até o pouco que tínhamos era dividido era diferente. O separar-me dos meus irmãos foi difícil, a partir daí todas as coisas são fáceis de adaptação. Além, do que a minha filha me trouxe foi alegria e não o contrário, o facto de poder construir algo, eu... tudo isso me dava motivação eu não o contrário.

Entrevistador: Como é que era a sua relação conjugal? Era uma relação equilibrada, estável?

MA: Éramos opostos completamente. Éramos muito diferentes mas éramos muito diferentes. Eu fiquei grávida e acho que o que nos manteve foi a minha filha, não posso dizer que era aquela coisa... vivíamos dávamo-nos bem, não discutíamos ele trabalhava eu também eu é que orientava as coisas porque ele já não era assim tão orientado. Não houve decisões as coisas foram correndo, depois quando a minha filha tinha para aí três anos estávamos a viver cá, fomos viver para (...) e depois para (...) onde eu trabalhava numa loja, num supermercado e café era as duas coisas... ele quando nós mudámos para lá as coisas mudaram completamente, ele começou a beber, bebia muito e saía muito com os amigos e isso, mas também eu já tinha outra maturidade e já não me importava assim tanto. Nós dávamo-nos bem mas não havia ... hoje as pessoas dizem eu estou com o meu marido porque o amo e não sei o quê, o amor é uma coisa que é uma ilusão também das pessoas, o amor às vezes é o respeito que se tem pela outra e essas coisas assim não é e chega... e a paixão acaba, digam o que disserem a paixão acaba. O que depois fica é aquela cumplicidade, aquela somos duas pessoas... Eu não posso dizer que nos dávamos muito bem e que nós... mas não nos dávamos mal, não brigávamos apenas tínhamos ideias diferentes e às vezes não as discutíamos muito cada um estava no seu canto ele tinha os amigos dele eu tinha os meus e dávamo-nos bem. Quando tínhamos de fazer coisas em conjunto fazíamos, íamos aqui e acolá, íamos à praia (...) mas também éramos os dois muito novos, mas não discutíamos não tínhamos aquelas discussões. Ele saía com os amigos e eu ficava em casa com a minha filha ou ia para casa de uns amigos ou às vezes também havia lá bailes no sítio onde nós morávamos ou íamos à sociedade... as coisas, nós vamos-nos habituando e eu nem sequer me queixava disso também era-me indiferente. Porque às vezes nós temos de tomar decisões e eu achava que era muito melhor assim do que andar a discutir por coisas que não. Nós não nos dávamos mal, ele trabalhava e não faltava nada à minha filha porque o essencial era isso, nós trabalharmos os dois e ela ser feliz. Não lhe faltava nada e a mim também não. Se calhar o que me faltava a mim às vezes era, alguém com quem eu falasse mas o tempo também me ensinou que também não valia a pena falar com ele porque aí entrava-lhe a 100 e saía-lhe a 200 e ele não entendia. Eu agora olhando, se fosse hoje eu iria-me sentir muito mal e não ia gostar da situação e se calhar ia dizer-lhe a ele “Olha pronto se não há conversa não há nada”

O importante era a minha filha até porque eu não lhe ia fazer a ela aquilo que me fizeram a mim que era os pais separarem-se, portanto eu não me importava. Eu não era infeliz, mas...

Entrevistador: Estava bem, estava confortável.

A: Exatamente, portanto não me fazia diferença. Hoje se calhar, olhando assim para trás vejo que de todo o tempo até mesmo quando namorámos nós nunca conversámos. Ele não sabia conversar comigo nem eu com ele, porque a maneira como ele era ele era diferente se calhar era... Se eu hoje voltasse atrás, claro que não jamais eu vivia com ele. Na altura não, não me pareceu assim, estou a falar do que eu senti na altura, porque hoje eu nem sei o porque da situação... não tínhamos nada a ver eu gostava de ler e essas coisas ele gostava de copos. Eu gostava de estar em casa e ter as minhas coisas, ele gostava de sair para os petiscos. Eu gostava de conversar e ele gostava de estar calado, porque também não dizia nada de jeito e quando falava... não tínhamos mesmo nada a ver. Acho que aquilo que nos fez ficarmos mais tempo foi mesmo a minha filha porque ambos tínhamos.

Entrevistador: Aquele motivo para estarem juntos...

A: Exato. Era isso.

Entrevistador: Com o nascimento da sua filha disse-me que ficou muito diferente. E com a sua vida profissional?

A: como eu lhe estava a dizer eu gosto muito de falar com as pessoas. Eu trabalhava num supermercado onde todos os dias... numa aldeia... onde as senhoras vão e trazem o dinheiro todo contado para o pão e depois já compram outras coisas e pagam com outro dinheiro, mas aquele vem sempre. Eu gostava muito daquilo que fazia, gostava de falar com elas, achava giro aquelas histórias. Gostava sim, não me sentia pouco realizada pelo facto de ter deixado a escola, não pelo contrário eu gostava muito do que fazia.

Entrevistador. E qual foi a grande mudança na sua vida. O que é que aconteceu?

A: Na véspera de natal no dia 24 de Dezembro eu ainda estive a trabalhar na loja onde estive a embrulhar as prendinhas para as pessoas que iam lá e quando chegou à noite vinha para casa do meu pai e tive um acidente. Isso foi o que mudou tudo. Tive um ano em hospitais (...) e uma clinica era tudo era pago pelo seguro de depois fui para B estive um ano e meio assim em hospitais...

Entrevistador: O que é que se lembra dessa altura do acidente?

A: Do acidente não me lembro de nada. Lembro-me que sai de casa. Não me lembro... Lembro-me de manhã que estive à hora de almoço a embrulhar as prendas... eu estava grávida outra vez... (...) mas não tive o bebé não é? A minha filha faleceu no acidente, o bebé (...) com o embate acabou por morrer e...

Entrevistador: Mas só soube isso mais tarde...

A: Exato. Eu quando acordei no hospital eu pensava que estava a sonhar porque eu não me lembrava... ainda hoje eu não me lembro do acidente e ainda bem. Deve ter sido horrível, mas não me lembro.

Entrevistador: Ia de carro, de mota?

A: Ia de moto, foi um carro que foi para cima de nós na mota. Numa curva ele em vez de ... e depois ainda tentou tirar o carro e foi isso que me fez eu ficar assim. Ele não saiu do carro ele andou foi com o carro por cima de mim para tentar tirá-lo. Eu cai numa valeta eu fiquei ali e o carro também ficou e ele tentou tirá-lo e não conseguiu tirá-lo, andou para trás e para a frente a tentar mas não conseguiu então deixou lá o carro e fugiu a pé.

Entrevistador: E no hospital quais são as primeiras imagens que tem?

A: Eu acordei pensava que estava a dormir. Estava a sonhar e pensei o que é que eu estava ali a fazer... na altura eu ainda falava porque eu lembro-me assim vagamente de ter conversado com alguém. Perguntei-lhes o que é que eu estava ali a fazer e eles disseram-me que eu tinha tido um acidente e eu pensei... estou a sonhar isto é gente parva e ... porque eu estava em semi coma ou estava em coma induzido e lembro-me disso. Depois lembro-me de voltar a acordar de tomar consciência de que alguma coisa tinha acontecido. Lembro-me das pessoas me irem visitar, algumas pessoas de ouvir a voz delas, mesmo que não as visse ... uma sensação de que estiveram lá que as ouvi, mas não me lembro de estar a falar com elas.

Entrevistador: Depois foi para B?

A: Depois ainda vim para o hospital., tive 7 meses (...) perdi a voz porque tive de fazer uma traqueoscopia, perdi a voz. Agora tem graça na altura não tinha graça nenhuma, uma vez sentaram-me na cadeira e eu tive um espasmo e cai, fiquei pendurada na cadeira e eu não fala e queria chamar a enfermeira e não conseguia fazer nada. Foi quando eu tomei consciência de que as coisas tinham mesmo mudado muito e que ia ser tudo diferente. Se me perguntar assim: sofreu muito pela mudança? Eu acho que nós não sofremos quando temos os acidentes, quer dizer sofremos as dores quando temos alguma coisa partida como é óbvio. A outra dor, as coisas vão-nos acontecendo

lentamente, nós vamo-nos apercebendo dela com o passar dos dias. Ainda hoje eu me apercebo de muita coisa, com o decorrer é que nós nos vamos percebendo de tudo não dá para dizer ah eu fiquei logo triste e estou a sofrer hoje, não sofrimento é uma coisa que... este tipo de sofrimento é... e depois quando se perde tudo, porque eu perdi mesmo tudo naquele acidente o facto de eu estar assim não é o pior.

Entrevistador: A sua relação terminou logo?

A: Não depois ainda estivemos a viver aqui um ano e tal, mas... não continuava igual eu depois também achei que tinha que ... eu estar com ele também passava mais por eu ter a minha filha, eu perdi a minha filha no acidente eu não tinha que estar a sujeitar-me mais àquilo.

Entrevistador: Perdeu os seus filhos.

A: Exato. Mas é diferente eu ter uma filha e estar grávida. Por mais que as pessoas digam... totalmente não tem nada a ver porque não pode estar a falar de uma coisa que ainda não viu, que não sentiu porque estar grávida é a melhor coisa que existe, mas o amor vem quando o vimos pela primeira vez. Quando olhamos para ele, quando o pegamos...

Entrevistador: E depois vai crescendo...

A: Exatamente. Não é quando ele ainda está na barriga, claro que sim já é nosso já há aquela ligação, mas é daí que dizem que criar é amar... quem cria ama e não quem tem. Muita gente que tem os bebés e os dão para adoção, porque não é a mesma coisa, quem o agarra, que o segura, quem o vê pela primeira vez é que o vai amar é diferente. Não estou a dizer que não tinha nenhum tipo de sentimento pelo bebé, mas posso-lhe dizer que agora eu disse que estava grávida mas normalmente eu falo da minha filha, não é por desvalorizar o bebé... só que é diferente.

Entrevistador: Era uma relação menos forte.

A: Eu acho que com toda a gente, ninguém sofre tanto por perder um bebé que se está grávido do que uma filha que se viveu ali aquele tempo todo que se amou, não tem nada a ver. Eu depois achei que a vida já tinha sido tão injusta que eu não ia deixar que mais, no caso dele não é... que todo aquele tempo toda a gente me dizia que ele tinha outras ... era-me indiferente porque eu tinha o meu trabalho e estava de bem comigo mesma e o facto de estar com ele passava mais pela minha filha. Depois eu achei que não que já não me bastava as minhas dores e não falo físicas e ainda ter que estar a aturá-lo porque às vezes vinha com cheiro a álcool, ou a saber que ele ia ter com outras e ... não achei que não. Eu achei que era altura de eu gostar um bocadinho de mim, passa mesmo por aí, chega a uma altura em nós nem olhamos para nós é sempre pelos outros e não estou a falar

outros com desprezo mas olhar sempre por alguém que não seja nós próprios. E chega a uma altura em que nós dizemos: não espera já que a vida foi tão injusta, a vida trouxe-me tantos dissabores que não vais ser tu que me vais... desculpa lá! E foi isso. E despachei-o.

Entrevistador: E a partir daí?

A: A partir daí, como é lógico eu tive de comprar a minha casa porque recebi uma indemnização e tive de comprar a minha casa. Tive a irmã dele que me vinha aí mas eu tinha-lhe de pagar, como é óbvio porque ninguém faz nada por ser-se bom. Entretanto o meu irmão veio morar para aqui, mais a minha cunhada porque eles não tinham casa e eu precisava de alguém (...) e assim eles ajudam-me e eu ajudo-os. Eles pagam a renda eu vou tomando conta dos miúdos, fui eu que lhes ensinei... eu aprendi a escrever com a boca para lhes ensinar as minhas sobrinhas quando foram para a escola. A minha cunhada não sabe ler, o meu irmão também pouco, esteve agora atirar um curso mas também...

Entrevistador: Este seu irmão foi um dos que foi com a mãe.

A: É o mais velho. Mas os meus irmãos mais velhos iam-me visitar ao colégio. Não posso dizer que houve aquela coisa de por exemplo eu com os outros que fomos criados de pequeninos, passávamos férias juntas e isso.

Entrevistador: Tinham essa ligação, mas também tinham com os outros...

A: Exatamente, só que de um modo diferente (...) nas lembranças de quando vivíamos juntos. Enquanto que, os outros as últimas lembranças era o verão, com os meus irmão era quando brincávamos quando eramos pequenos. Entretanto o meu irmão veio para aí (...) entretanto eu pedi uma cadeira de rodas quando saí de B à Dra. (...) que me deu pela Segurança Social, pelas ajudas técnicas. Entretanto eu precisava das baterias que eram para aí 200 euros, já não me recordo, não sei se era cada uma se eram as duas, porque elas eram de gel e eu precisava das baterias e pedi... os meus irmão não são assim como eu eles são muito de palavras, mas os atos ficam esquecidos eu sou mais ao contrário não gosto muito de palavras ou daquelas coisinhas, mas acho que quando é preciso eu estou lá, eles já são o contrário. Entretanto a minha cunhada... nós estávamos sempre a ver como é que eu havia de conseguir as baterias e houve alguém que disse se aqui não havia aqui a Conferência e eu não sabia, não fazia a mínima ideia (...). Vou-lhe dizer uma coisa que não tem nada a ver mas que tem tudo a ver o pior do acidente para cá foi eu saber que tenho dez irmãos, mas sabia que se eu um dia precisasse de alguém que não tinha ninguém (...).

Entrevistador: Mas porquê dada a fase da infância...

A: Porque eles não são assim como eu, como lhe acabei de dizer eles são do género ... “então estás boa? Estou. Olha se precisares de alguma coisa...Mas se calhar se eu precisar nunca veem... para ser bonito. E o pior de tudo é saber se alguma coisa me acontece, mesmo sem eu me poder desenrascar como tinha sido até aqui sempre eu, era difícil não ia ter. Não tinha com quem contar. Eu lembro-me que na altura nem havia a UCC e eu sempre que ficava sem a algália era sempre a uma sexta-feira, lá vinha aquele problema para mim era uma dor de cabeça e parece que era mesmo de propósito com os dias de semana que elas podiam vir porque é que isto me acontecia. Até que foi criada a UCC e me deu outra... pronto eu estou descansada porque sei que seja ao fim de semana ou quando eu ligo e elas veem. As senhoras das Conferências foram a mesma coisa. Eu liguei para elas para pedir as baterias e elas logo no outro dia (...) ligou-me a dizer que sim. E eu fiquei “ah!” Nunca ninguém tinha sido assim, eu agradei não é mas, até porque eu também não sabia pedir, nunca tive aquele jeito de pedir (...) porque fui criada posso não ter isto ou aquilo mas isso também não é por eu não ter que vou já pedir. Acho que as coisas pedem-se quando realmente são necessárias e portanto foi assim que eu fui criada e foi coisa que eu não tive ao longo da minha vida e isso não me dava o “coiso” de agora não tenho vou já pedir. O que eu quase toda a gente é assim, as pessoas não sabem o que é necessidades é eu não tenho eu vou pedir. E na altura eu fiquei assim ao mesmo tempo “isto não pode ser a sério”. N outro dia já estava cá a Sra. e a Dona. Aqui em casa, vieram falar comigo. Eu liguei logo à minha cunhada a dizer “Não estás bem a ver, elas viram aqui”. Elas virem e entrarem na minha vida foi mesmo eu poder ficar descansada nesse sentido, porque sempre que tenho um problema ou preciso de qualquer coisa elas estão lá é aquela família. Mas eu não digo isto como os meus irmãos porque fica bonito. (as três) são tipo o meu porto de abrigo porque eu sei, mesmo quando eu não falo com elas ou quando não estou a pedir preciso assim disto ou daquilo, eu sei que elas estão lá e isso dá-me uma segurança muito grande.

Entrevistador: E como é que foi esse tempo de espera.

A: Eu não fiquei à espera elas disseram-me que sim. Eu liguei à senhora e disse que estava a ligar, foi um telefonema assim meio estúpido. Porque eu não tinha jeito para pedir ainda hoje não sei bem como é que se faz. Há aquelas pessoas que fazem logo um filme eu não sei... há a técnica de tocar nas pessoas... elas lá sabem mas eu não consigo e eu liguei e disse: deram-me o seu número, falam-me eu tive um acidente estava a precisar e não sei o quê, disseram-me que se calhar me podiam ajudar e a senhora disse-me olhe eu vou ver mas depois falamos, porque ela estava com pressa. E quando me ligou já foi para me dizer “olhe nós já falámos e vamos lhe dar as baterias” Eu nem sequer esperei, eu achei que devia ligar outra vez para conversarmos para eu explicar o que realmente era ... sei lá diferente porque normalmente quando por exemplo quando foi para pedir a

cadeira tive que levar montes de papéis de médico daqui e acolá e como eu lhe digo não estava habituada a pedir e quando elas me dão assim seu eu sequer dizer o porquê ou ... elas estavam logo prontas “nós vamos ajudar”. Eu fiquei... sei lá! Fiquei tipo... foi algum anjo que caiu porque como é que... porque normalmente ... e eu acho bem a pessoa precisa de saber o porquê de estar a pedir o porque é que precisa eu quando lhe falei que era para a minha cadeira porque eu não tinha... a cadeira não tinha baterias e eu precisava dela elas disseram-me logo que sim eu fiquei... eu disse logo à minha cunhada “eu não acredito eu liguei” e ela disse-me “ah ainda bem”. Elas foram mesmo muito minhas amigas.

Entrevistador: E chegou a andar de cadeira?

A: Sim eu tenho cadeira. Tenho aquela que por acaso já dei à Conferência porque a cadeira quando foi pedida foi por um fisiatra do hospital (...) e ele não estava muito dentro porque o B entre o B e um fisiatra que trabalha no hospital cá fora vai uma diferença muito grande e ele pediu-me uma cadeira para... embora eu tivesse o espadarte alto era para paraplégico e eu sou tetraplégica. E entretanto o filho da dona (...) e a dona (...) viram na televisão o Salvador. E nós apresentámos uma candidatura e ele deu-me uma cadeira de tetraplégica que foi à volta de 10 mil euros também foi daquelas coisas que fizemos assim... e ele pediu para ir lá. Falei com ele e ele deu-me uma cadeira, que é uma cadeira ótima, quando nós fizemos o orçamento foi com uma terapeuta ocupacional que quando deu o orçamento juntamente com o Sr. (...) também não deram... fizeram assim um orçamento assim por alto... quando entrou o Salvador e eles têm Assistentes Sociais na (empresa da cadeira), quando veio a Assistente Social ver o orçamento que nós tínhamos pedido que eram 7 mil, quando ela foi a ver eu precisava de uma que custava 10 mil e não estava completa a todas as minhas necessidades... só a cadeira e ia ter o mesmo problema porque eu sou tetra e não ia ... o movimento que eu tenho é de ombro, o braço não tem movimento e então conduzi à mesma empurrando o ombro, mas quer dizer ninguém consegue estrá muito tempo a fazer força com o ombro e eu só fazia espaços pequeninos. Mas ela disse-me olha mas ela já vem preparada para ser adaptado um comando ou por boca ou daquele de queixo. E como tendo aquela elevação da cadeira de poder levantar ou baixar por exemplo para chegar a um balcão, entre isso e o comando saia mais caro essa parte de depois ela levantar e fazer o plano inclinado era mais caro, ela resolveu que viesse a cadeira assim e o comando eu depois pedia à Segurança Social, foi o que fiz agora. Foi-me dado o dinheiro 900 euros, já paguei 200 para mandarem vir o comando e depois de eles terem o comando da cadeira pago o resto. Portanto agora a Segurança Social ajudou-me novamente. Agora tenho umas talas mas até tenho vergonha de ir pedir, a fisiatra quer que eu as peça, mas eu até tenho vergonha, porque sei que as coisas estão tão más e custa-me... há quem tenha jeito, mas eu não tenho e quando são duas coisas assim seguidas até fico mal pronto. (...) Eu quando peço é

porque preciso e não tenho outra forma de conseguir, mas custa-me também saber que há outras pessoas... mas eu também quando me meto não é para passar por cima das outras pessoas... se vierem se não vier eu pelo menos tentei é mais ou menos isso.

Entrevistador: Lembra-se como é que se sentiu a primeira vez que as senhoras das Conferências vieram à sua casa falar consigo?

A: Eu gostei muito delas, quem veio foi (...). A Dona (...) tem uma cara que só a cara já nos conforta é como aquela pessoa dos contos e ela é assim. E depois ela tem uma coisa que muitas poucas pessoas têm que é o não julgar. Ela até podia às vezes ter uma resposta para dizer... mas ela não o faz. Isso só mostra a pessoa que ela é. A Dona (...) é uma chorona ela vem qualquer coisa chora logo mas é uma senhora com o coração do tamanho do mundo, todas elas porque mesmo aquelas que eu não conheço ou que conheci depois, porque já uma vez fui lá ter com elas... elas são todas assim, se bem que quando eu falo, falo (das três) porque são mais próximas. A Dona (...) e a Dona (...) vêm como Conferência a Dona (...) vem como amiga que é da Conferência mas não vem com o grupo. A Dona (...) é uma senhora ... sei lá havia de haver muitas mães assim, porque ela não julga as pessoas ela mesmo quando diz as coisas ela diz de uma forma carinhosa, quando elas aqui vieram elas vieram trazer-me aquilo que eu precisava, que era só “olha podes estar descansada que nós vamos estar sempre aqui”, às vezes não se precisa de nada, eu não preciso de dinheiro ou dos alimentos às vezes eu preciso só de saber “eu estou aqui”. Há alturas na vida em que nós, eu estou a falar por mim quando eu trabalhava, quando eu podia fazer as minhas coisas, todos os meses ou todos os dias “agora eu tenho uma ideia, vou fazer isto ou vou comprar aquilo” todos nós vivemos assim, vamos fazer mais isto, conquistar mais isto e mais aquilo. Há uma altura na vida em que isso não tem importância nenhuma e em que as coisas... eu quando tive o acidente as pessoas lá na terra onde eu morava foram-me ver ao hospital e todas gostavam de mim, onde todas me levavam coisas de frutas... porque estava no hospital, dinheiro, tinha muito dinheiro no hospital que elas punham num envelope e me davam eu tinha... mas sabe que eu apercebi-me que isso não tem valor nenhum que chega a uma altura na vida em que nós precisamos são de um “eu estou aqui” e as senhoras das conferências o que me trouxeram de melhor e pode querer que as baterias foram muito importantes, até os alimentos são, mas o melhor foi mesmo o “eu estou aqui” o saber que eu vou dormir descansada porque eu tenho alguém...

Entrevistador: Como se fosse uma mãe...

A: Exato. E não é só uma mãe é alguém que ... não é só mãe porque muita gente não teve mãe não é eu não tive, vejo outras pessoas que tiveram e também porque eu fui mãe. Não é a mãe porque para eu estar dizer isso parece que estou a julgar a minha. É mais ou menos um, às vezes até é um

amigo, porque a mãe quando eu, eu sou mãe é o meu dever de mãe ... elas não têm dever, elas são aquela pessoa que esta ali (...) e que numa altura da vida em que nós vivemos sempre na ambição disto e daquilo seja em que sentido for material ou não... é o que também nos faz também viver, lutar para isto para aquilo, primeiro vamos para a escola e depois porque acabamos depois porque vamos casa, porque vamos ter casa, porque vamos ter filhos, criá-los e depois vêm os netos e chega a uma altura na vida em que isso não faz sentido, porque para mim não fazia mais sentido, eu não podia viver mais com isso, não é. Não podia lutar por essas coisas, a única coisa que eu queria nem é que elas me quisessem dar dinheiro era que eu tipo eu vou ter um problema e elas vão estar ali, vai-me acontecer qualquer coisa e eu sei que vou ter ali aquelas pessoas, mais que não seja para às vezes falar ou desabafar ou qualquer coisa que esteja aqui entalada e elas estão sempre lá. Isso é o mais importante de tudo.

Entrevistador: Há quanto tempo recebe apoio alimentar?

A: Não me recordo, dois anos três ou quatro anos.

Entrevistador: E como é que tem sido... é mais do que as suas expectativas é menos...

A: É o suficiente, porque é assim cá em casa agora não são tantos porque os meus sobrinhos foram embora mas fomos muitos e era só o meu irmão a trabalhar. Só os meus sobrinhos eram quatro e depois era mais o meu irmão, eu a minha cunhada e depois tem mais a água a luz e essas coisas e as senhoras davam-me o arroz e a massa e essas coisas assim, e ainda hoje me dão sim é suficiente é muito bom saber, porque depois começa-se a contar com aquilo percebe? Começa a fazer parte...

Entrevistador: Da vossa rotina mensal.

A: Exatamente. Podemos contar com aquilo por isso vai comprar peixe carne porque aquelas coisas já tens: o azeite a massa e essas coisas assim.

Entrevistador: Achou na altura que ia receber mais antes de começar a receber?

A: Não, porque até nem estava a fazer conta com nada.

Entrevistador. Estava só a fazer conta com as baterias.

A: Só com as baterias, elas é que acharam que podiam ajudar dessa maneira e para nós foi muito bom porque como estava a dizer as coisas eram complicadas, mas foi bom claro. Eu acho que quem recebe, não tem de achar que precisava de mais, tem de agradecer o que vem, nem que seja só uma coisa a pessoa tem é de agradecer e não dizer “ah!” eu queria era mais, quer dizer não faz sentido.

Entrevistador: Qual a importância deste apoio para o seu agregado familiar? Estava-me a dizer que com este apoio pode comprar outro tipo de coisas.

A: Exatamente.

Entrevistador: Gerir o orçamento familiar de outra maneira.

A: Quer dizer este apoio faz com que ... o meu irmão agora está no desemprego, por exemplo o dinheiro que ele recebe é o do desemprego. Está bem que os meus dois sobrinhos á não estão cá, só estão as miúdas mas nós vivemos com o dinheiro que o meu irmão recebe do desemprego. Portanto se ele tiver para pagar a água, luz o que já é mesmo resvés, se ele tivesse de comprar estas coisas que nos são dadas pelas Conferências então era muito, mas mesmo muito mais complicado. Assim já é complicado, agora imagino sem isso, ele recebe 400 euros e com uma casa que tem de luz quase 100 euros e de água quase 40... estas coisas é compra-se a carne, compra-se o peixe, mas não se pode viver uma vida de grandes coisas. Claro que não tem de se continuar, isto é só uma ajuda que é muito boa e que sem ela as coisas eram bem mais complicadas, mas isso não quer dizer que como dão ali eu já posso viver uma grande vida. É impossível, neste momento quase para toda a gente.

Entrevistador: E acha que o serviço que elas prestam, em termos de apoio alimentar poderia ser melhor ou não, é suficiente?

A: Não elas fazem o que mais ninguém anda aí a fazer, é suficiente sim é mais do que suficiente, as pessoas têm que agradecer o que têm, elas fazem o que podem e coitadas sabe Deus. E o que elas se esforçam para conseguirem dar o que dão, eu vejo pela Dona (...) e a Dona (...) que elas não param, não param mesmo. E quer dizer não é uma família são muitas. E é precisamente por isso que eu não olho só para mim, tenho que olhar que outras pessoas precisam, as outras estão nas mesmas condições e se nós olharmos só para nós queremos só para nós e não vemos que se for dividido por todos que dá para todos. (...) A experiência de cada um faz com que a nossa vida... nos torne diferente. Eu às vezes vejo na televisão as pessoas que vão ali falar, sobre o que lhes aconteceu, pessoas como eu. Eu não acho que nós sejamos dizem... “ah és um herói”, és isto és aquilo eu não acho. Eu acho que todos nós temos uma capacidade enorme de dar a volta às situações (...) a mim aconteceu-me eu tive de usar essa parte da superação que todo nós temos tive da usar, outras pessoas não, e aquilo que eu dou a conhecer é que eu utilizei essa parte do ser humano, mas que toda a gente tem, alguns não precisam de utilizá-la e ainda bem (...). Acho que muita gente tem aquela coisa do ir pedir é muito ais fácil se calhar do que ter de ... eu para mim mesmo gora como eu estou se me dissessem assim olha ... eu mexo no computador e faço montes de coisas aprendi a formatar computadores e essas coisas assim, aprendi no telemóvel ainda agora

no computador faço mil e uma coisas, se me dissessem tu fazes isto e vais receber este dinheiro acredite que eu preferia do que estar a pedir, porque eu não sei o que faz com que as pessoas peçam que não sejam elas a lutar pelas coisas tem um sabor tão diferente quando nós podemos lutar e dizer eu consegui... é diferente. As pessoas não preferem que sejam as outras pessoas... e isso faz com que elas não tenham que usar aquela parte do eu lutei, ou superando as situações que nos vão acontecendo ao longo da vida, muitas pessoas não a utilizam porque sabem que “Eu vou ali e eles têm que se resolver eu não me interessa o que é que eu vou fazer?”. Hoje as pessoas vivem muito assim. (...) Eu como ainda sou da outra geração em que nós metemo-nos nela, temos de sair. (...) Tudo o que me dão, as senhoras das Conferências ajudam-me imenso, não há palavras que descrevam aquilo que elas fazem e já não estou a falar das coisas que elas me dão materiais ... comida... já nem estou a falar nisso. O descanso que elas me dão de eu não estar preocupada com o amanhã, faz com que eu consiga viver de outra maneira. Eu não tinha cama, esta cama foi elas... foi o Sr. Bispo que disse para me darem, mas foram elas que trataram, desde que as conheci... eu não tinha computador para mim era impensável algum dia mexer no computador foi o filho da Dona (...) que descobriu que havia um “Magic I” da guarda, que é uma das melhores coisas que nós temos e eu hoje posso mexer num computador, portanto elas só me vieram trazer coisas boas e mesmo que elas não me tivessem dado nada disso, que elas não me dessem os alimentos... só o facto de eu quando estou mis em baixo ou ... saber que tenho ali aquelas pessoas, já é muito mais do que aquilo que possa imaginar. (...) As coisas deixam de fazer sentido quando deixamos de ter objetivos, e os objetivos são criados por aquilo que nós fazemos. Por aquilo que nós podemos alcançar. Eu neste momento desde que tive o acidente posso alcançar muito pouco porque posso fazer muito pouco, o que me deixa a mim ainda mais... não ficar tão sem motivação é as minhas sobrinhas porque eu é que oriento a casa, eu tenho de tomar atenção por exemplo a que horas é que elas saem , a que horas é que elas vêm depois da escola porque senão ninguém toma. Eles não têm capacidade para... eles são daquele género que ... a educação a minha cunhada não sabe escrever nem ler para ela está-se bem o mundo pode acabar que ela é sempre paz e amor. O meu irmão é do género, se elas disserem ai ele mete-as logo de castigo, mas se elas fizerem coisas verdadeiramente más ... passou ao lado. Porque nós não podemos estar sempre ali... não podes, não podes. De vez em quando temos de dizer que sim, até para lhes dar motivação a eles e responsabilidade mas também não podemos dar... por exemplo quando eu vou para o hospital elas fazem tudo o que querem, não têm aulas mas vão na mesma para a rua, não têm aulas e inventam coisas do género... e são miúdas, miúdas problemáticas... desde os meus sobrinhos quando vieram para cá e já não falo tanto delas, mas os meus sobrinhos quando vieram para cá eles mexiam em tudo eles tiravam coisas na escola eles estiveram a ser acompanhados pela CPCJ uma vez alguém ali da (instituição) foi uma psicóloga que disse ah vocês não podem tratar assim o R porque ele coitadinho ninguém

lhe passa a mão, mas é assim eu toda a minha vida, lidei com muitas pessoas, fui criada num sítio em que nós devemos, mas ninguém melhor os conhece melhor do que nós. Eu podia dar corda ao R até um certo limite, a partir dali não podia deixar que ele passasse para cá senão então nem a mim me respeitava, a mim todos me respeitavam não posso dizer ... mas é assim eu tinha que manter ali aquela distância eu sou a tia ele é o sobrinho. Eu não me mexo ela a mim podia-me fazer mil e uma coisa mas ele a mim nunca me faltou ao respeito, porque eu também criei aquela coisa ... eu sou tua amiga, podes sempre contar comigo mas a partir do momento em que tu avances ou sigas nessa direção não tens nada de mim. A Dra. ligou, que o R era um coitadinho, nós é que estávamos todos a fazer mal. (...) E ele já pensava que podia tudo, está a ver aquela coisa que nós dizemos não faças assim ou assado, ele começava logo com as coisas dele... tipo “ah não é bem assim porque não é assim que me estão a dizer” e ele o que fez foi que uma vez foi à instituição enquanto ela fez qualquer coisa ou se distraiu roubou-lhe o dinheiro e roubou-lhe o telemóvel (...). Aqui em casa tem sido complicado com eles porque... mas fui sempre eu, por exemplo a minha cunhada vai fecha-se no quarto, ainda hoje eles fazem isso e os miúdos ficam aqui comigo, sempre fui. Ela às vezes fazia coisas que eu às vezes me passava, porque isso não me dá a mim uma obrigação, eu fazia porque queria. Mas eles por exemplo às vezes saíam os dois, nem sequer me diziam eu perguntava onde é que eles estão, tinham saído e deixavam-me aqui os miúdos como se (...) houve alturas em que era como uma obrigação. Mas isso ao mesmo tempo, o facto de eu ter de estar preocupada com eles de lhes estar a ensinar, eu cheguei a fazer tranças... a minha cunhada fui eu que lhe ensinei no meu cabelo “E agora põe para ali, agora aquele para ali, e aquele para ali” sem eu me poder mexer, fui eu que as ensinei. Eu agora olhando para trás, isso também me motivou e era um objetivo e era... porque quando a gente acorda e acordamos apenas não é bom, agora quando a gente acorda e, por exemplo eu todos os dias acordo e elas dizem “Oh tia vou para a escola” e eu digo “Que horas são?” e elas são malandras e elas “Ah são estas e não sei o quê.” E eu “Então vá, então vai”. Quando elas vêm à hora de almoço, que eu sei o horário delas, por exemplo eu não vou à escola mas sou eu que ligo para saber como é que elas se andam a portar. Porque se é a minha cunhada que vá lá e elas se portaram muito mal passa-lhe ao lado é-lhe indiferente, nem sequer são repreendidas eu ao mesmo tempo faço o papel da má. Porque os pais são os bonzinhos... Quando elas por exemplo têm alguma coisa e a minha cunhada se queixa “Ah a ela foste logo dar e a mim não” eu nunca peço mas elas veem-me dar porque é mesmo isso eu faço o papel da má, mas também sou a maior amiga delas. Eu por exemplo do pouco que tenho ainda as mando cortar o cabelo, no Natal ninguém lhes deu nada mas eu comprei umas calças para elas, percebe, é essas coisas assim, então ao mesmo tempo que eu faço o papel de má eu também sei que tem de se dar algo em troca, porque é mesmo assim. Agora quando se perde o sentido, que elas já estão a crescer e já têm outra idade, nós temos que arranjar qualquer coisa. O facto de eu começar a

sair e de poder dizer amanhã vou aqui ou vou acolá, isso faz com que eu continue a viver. Porque apenas se acorda e vai dormir sem nada, deixa de fazer sentido e sei lá já é tão difícil... às vezes é difícil mesmo quando eu acordo e digo assim... amanhã vou beber café ou tenho de fazer isto ou tenho de fazer aquilo. Eu neste momento estou a arranjar o computador da minha cunhada, pronto daqui a bocado já sei que tenho de ir procurar o programa para lhe instalar é diferente, agora quando as coisas se começam a tornar sem sentido é chato.

Entrevistador: Normalmente tende a arranjar um objetivo.

A: Qualquer coisa, depois também porque como aprendi a mexer nos computadores tenho sempre a minha sobrinha ou alguém ... (...) está-me sempre a pedir ajuda, para fazer isto ou aquilo, “olha agora isto aconteceu” e isso vai fazendo com que eu me vá sentindo útil, quando a gente deixa de ser uteis é mau, é o pior de tudo a gente luta uma vida inteira para ter dinheiro ou para conseguir uma casa ou um carro, para dar aos filhos... quando temos tudo na mão aquilo que é o importante da vida, quando nos acontece algo como me aconteceu a mim nós vamo-nos aperceber que o importante mesmo da vida é o tempo que se passa com o outro. É o carinho, aquela risada que se deu com alguém assim sem jeito nenhum, mas é isso que vai ficar e que não custou dinheiro, são essas coisas que nós precisamos para viver e para ser felizes. Isso não quer dizer que tenhamos de descuidar e que não tenhamos de trabalhar, não é isso que eu estou a dizer só que damos demasiada importância a isso e esquecemo-nos das coisas realmente importantes. É importante trabalhar, temos que comer, temos de pagar as nossas coisas temos que comprar as coisas que necessitamos. Só que temos que pôr como prioridade a vida e as pessoas que nós gostamos e depois o resto o trabalho e as coisas que nós precisamos de comprar e nós não fazemos assim.

Entrevistador: Sentiu isso quando teve o acidente e os seus irmãos ... como que desertaram?

A: Não sinto assim porque também nunca os tive. Os meus irmãos sempre foram assim do género muitas palavras. Eu lembro-me de uma vez eu fiz anos e fui passar o fim-de-semana a casa do meu pai, era miúda oito anos nove, (...) e os meus irmãos mais velhos foram lá dois e nunca souberam acho que ainda hoje não sabem quando eu faço anos portanto veja a ligação que nós temos, alguns, não estou a falar deste daqui... e disseram-lhe “Olha a A hoje faz anos” e eles foram-me comprar um bolo e umas velinhas para cantar os parabéns e eu tinha uma amiga que era a minha melhor amiga e eles cantaram e eu apaguei as velas comi o bolo e fui-me embora e quando voltei eles já tinham ido embora, porque eles moravam com a minha mãe em X (...) e eu cheguei e disseram-me eles ficaram muito chateados porque vieram aqui compraram e depois estiveste aqui um bocadinho e depois foste embora brincar e eu pensei “ficaram chateados porque, então eu não estive aqui” porque não era o facto de eu estar ali que era importante, porque o que importa é que eu tive lá

quando eles foram, cumprimentei-os estive com eles, mas não tinha que ficar ali a fazer sala porque não era importante. O importante foi que eu gostei foi aquilo que eu senti. O importante não é eles me dizerem palavras bonitas e eu ficar ali. A minha irmã quando veio aí é “a minha A a minha não sei o quê”, para que é isso se quando eu precisar ela não vais estar.

Entrevistador: E a sua irmã mais nova?

A: A minha irmã mais nova sempre foi muito protegida por mim, a minha irmã também é diferente ela também é ...porque como ela não passou por nada daquilo que eu passei porque eu não deixei... às vezes na escola havia quem me fizesse mal e eu sofria com isso, eu a ela mesmo tendo me do nunca deixei que lhe fizessem. A minha irmã também não é tão coisa de sentimentos ela é mais ao lado da minha mãe. Eles são do género assim, vêem que a pessoa precisa perguntam se ela precisa. Eu sou mais do género se eu vejo que a pessoa precisa porque é que eu lhe vou perguntar eu faço. O meu pai estava doente e elas iam lá visitá-lo e às vezes o meu pai ainda não tinha a loiça lavada porque a minha madrasta também tinha problemas e elas perguntavam quer que eu lave a loiça, como qualquer pessoa a gente diz logo “Não deixa estar que eu depois faço”. A pessoa que vê... precisa de perguntar? É como a pessoa que vai comer a casa da outra e que diz “Ah quer que eu ajude é só por dizer para ficar bonito. Se ela quer ajudar ela levanta e ajuda. Eu sou assim e elas são assim do género elas que não ligam dizem “Então estás boa? Eu digo “Estou. E elas “Então se precisares de alguma coisa já sabes, para quê se eu sei que quando vierem elas vão dar desculpas atrás de desculpas. Eu até lhes poupo o trabalho que sei que elas não... não vale a pena. (...) Eu tive o acidente e fui para B e estava na pior fase da minha vida, tinha perdido tudo estava naquela expectativa que B ia mudar tudo e que eu ia voltar a andar... foi isso que me meteram na cabeça e não era nada disso. Eu estava na pior fase da minha vida e sabia, soube que o meu irmão... a minha cunhada ela tinha ela acabou por falecer com cancro no útero e o meu irmão teve de deixar de trabalhar para estar com os miúdos, tinha dois miúdos pequenos, e ela estava mesmo doente e acho que tinha ido para o IPO, e tinha voltado e tinha precisado que ele estivesse em casa a tomar conta dela e eu sabia que eles não tinham que comer, que deva estar difícil... não porque eles me dissessem, mas porque... se o meu irmão não estava a trabalhar... eu nem sequer falei com o meu irmão, falei com a pessoa onde eu trabalhava, liguei-lhe e disse olhe o meu irmão está a passar por dificuldades, se você pudesse fazer um avio normal com leite onde há crianças, com a comida que era normal se pudesse lá ir e levar eu depois pago-lhe e ela foi. Eu não precisei que eles me estivessem a pedir porque eu sabia que eles iam precisar e naquela altura se eu fosse como eles eu ia pensar “Então eu é que estou aqui a precisar e estiou ainda a ligar aos outros. Mas porque eu acho que as pessoas são assim porque nós quando vimos é isso que vejo na Conferência eles não estão a precisar que eu implore porque eles sabem que eu preciso. Nós olhamos e vimos e

calculamos. Bolas se é assim só aquela pessoa é normal elas verem que eu preciso, porque vêm as dificuldades e vêm que é só o meu irmão, não preciso de estar ali “Aí por favor, por favor!” Porque eu acho que é assim, eu acho que é assim que tem de ser, porque se nós fossemos todos assim. Porque fica muito mais bonito para a fotografia palavras bonitas, claro que fica. Só que do que é que elas interessam se depois no fim não têm qualquer... O que me interessa a minha irmã quando me liga a dizer coisas... mas se ela precisar eu vou estar lá mesmo sem poder eu vou estar lá logo.

Entrevistador: E sempre foi assim? Ou mudou com o acidente?

A: Sempre. Não sempre fui assim, tanto que eu só tenho um ano a mais do que a minha irmã e eu acho que fui mais assim quando eu entrei no colégio. Ainda me estou a ver a mim e a ela naquele espaço. Eu pensei, aquilo que eu sentia doía-me tanto, aquele mundo ... tinham-me arrancado daquilo que eu era, daquilo que eu tinha conhecido anteriormente até ali. Foi como se me arrancassem tudo aquilo que eu tinha cá dentro e quilo doía tanto, de uma maneira que não é dor física, nem sei explicar é como se, era como se tudo aquilo que eu tivesse vivido me fosse arrancado assim a sangue frio... doía. Eu não podia deixar que a minha irmã sentisse o mesmo, porque eu gostava tanto dela, que achava que se ela tivesse a sentir o mesmo que eu... que coitada ela era muito pequenina, não era porque só tinha menos uma no do que eu mas eu acho que todo o tempo que eu tive no colégio acho que sempre olhei mais pela minha irmã do que por mim, se alguém lhe batesse diziam-me logo e eu ia lá logo, às vezes ia brigar com pessoas com o duas vezes, três vezes maiores que eu e só o facto de eu fazer frente para não lhe deixar que lhe batessem na escola e tudo... às vezes as pessoas nem faziam nada porque alguém lhes fazia frente, eu dizia sempre para lhe bateres a ela vais ter que bater primeiro a mim. Só tinha uma ano a mais do que ela e isso fez com que eu sempre lhe... a minha irmã é mais daquele género de falas bonitas que é como a minha mãe, quem a ouvir também não a leva presa. Porque ela é a minha A, minha rica filha isto doí-me o meu coração e eu quando vi a minha mãe a seguir ao acidente, isto é um bocado coiso, mas quando eu vi a minha mãe que eu me lembro de ela me ir ver ao hospital, foi antes de eu fazer a traqueotomia eu olhei para ela e disse “Bem feita!” e sabe com que intenção é que eu disse isso? Dela senti alguma coisa, de ela... porque imagine o que é acontecer alguma coisa a um seu... sofre. Não vai sofrer se acontecer a alguém que se ame e às vezes até é uma dor que nós pensamos às vezes quem me dera eu estar aí a sofreres e não passares por isto. Quando eu lhe disse bem feito se calhar era isso, com a intenção e que ela sofresse de alguma forma, que também era mentira porque ela não ia sofrer, mas foi isso que eu pensei quando eu disse. É bem-feita talvez sintas alguma coisa, é ridículo eu pensar isto, mas quando eu o fiz quando eu pensei aquilo foi mesmo com a intenção de que ela um dia pudesse sofrer por alguma coisa ou por alguém, também nunca vai saber o que é isso. Já o meu pai quando eu o vi com aqueles olhos a

brilhar o meu coração desfez-se. Eu não tenho qualquer rancor com a minha mãe porque ao fim ao cabo ela é triste porque ela não sabe o que é ... quer dizer sabe agora com a minha irmã porque ela adora a minha irmã... mas é uma pessoa que não sabe o que é os sentimentos que acha que os sentimentos passa por nós termos grandes coisas, ter uma casa com isto com aquilo, que ela está sempre a falar “Ah a mãe comprou uma mobília, a mãe tem isto tem aquilo” não está em nada disso, está naquilo que nós somos. Não é por eu falar de mim que sou mais do que eles não é. É por aquilo que nós somos cá dentro, é por eu ir dormir à noite e saber que tenho defeitos... tenho muitos, mas quando eles forem precisar eu estou lá... é por eu saber... uma vez a minha irmã mais velha eu liguei-lhe e ela estava a chorar porque a minha sobrinha tinha um namorado (...) a dizer que a vida dela tinha terminado. E eu pensei, aquilo que nós passamos muitas vezes na vida, faz com que nós comecemos a colocar as coisas nos devidos lugares, que é o que está em primeiro, segundo, terceiro, etc. e a minha irmã não sabe simplesmente, ela continua a achar, porque ela não sabe que o facto de a filha ter um namorico que é normal lhe podia até dar alguma dor de cabeça, mas não era nada de importante, há outras coisas (...) mas para ela que lhe deu sempre uma vida sem saber distinguir o que está primeiro segundo e terceiro na vida de cada um. Para ela aquilo era... e com que direito eu ia dizer “ah isso não é nada”, nenhum porque para ela aquilo é mesmo. Muito importante. O facto de eu estar assim e de ela me ligar a mim a dizer isso, não é importante. Porque eu jamais ligava a uma pessoa que tivesse um problema a dizer estou com um problema a minha filha agora namora e a minha vida acabou... e a chorar porque ela não disse assim. Estar-me a ligar a mim com tanta coisa que me passa diariamente pela cabeça e que realmente é triste, o facto de eu não poder levar uma vida normal de estar sempre dependente de outros e vir-me ligar porque a minha sobrinha namora... nós todos fizemos o mesmo. Ela tem 16 anos, tinha 16 ano na altura, a coisas só têm a importância que nós lhes damos. E tornam se muito importantes quando nós lhes damos essa importância toda. Eu acho que é das coisas mais certas que existem porque se nós acharmos que é uma coisa sem importância ela passa a ser isso mesmo a não ter importância nenhuma e isso passa. Porque nós temos de viver aquelas coisas, é o que nos faz a mulher do amanhã. Nós temos que viver aquilo, se nós evitarmos que isso aconteça, quando acontecer acontece o mesmo que me aconteceu a mim. Eu meto os pés pelas mãos porque penso agora já posso fazer tudo! Não é assim, nós todas essas coisas nós temos que passar por elas e que nos fazem crescer de algum modo e porque nos ensinaram, da próxima vez já não vai ser assim. Nós temos que passar mesmo por elas e faz depois nós sermos o que somos no dia de amanhã. (...) As vezes as pessoas perguntam-me se eu não tive falta de ter uma mãe... eu não posso sentir falta de uma coisa que nunca tive (...) Ninguém teve falta daquilo que nunca teve nós só sentimos falta daquilo que tivemos. Eu sinto falta do meu pai, sinto falta de algumas pessoas que eu gostava e que já não estão cá e que eu gostava imenso, mas não sinto falta daquilo que eu nunca tive (...) **FIM**

Entrevista2

Entrevistador: Eu gostaria de saber o que é que se lembra da sua infância e da sua juventude?

F: Não me lembro de nada. Olhe já foi à tantos anos, não me lembro de nada.

Entrevistador: Vivia onde?

F: Eu vivia com a minha mãe.

Entrevistador: Onde?

F: Lá nos C.

Entrevistador: Então e tinha irmãos, vivia com os seus irmãos.

F: Tenho. Não era só com a minha mãe e com o meu pai.

Entrevistador: Brincava muito?

F: Às vezes.

Entrevistador: Com os vizinhos...

F: Sim, sim era.

Entrevistador: Tem boas recordações da sua infância?

F: Bom, ando doente da cabeça e não tenho assim muitas coisas.

Entrevistador: Não se lembra de muitas coisas?

F: Pois.

Entrevistador: Como era a relação com os seus pais?

F: Ah! Estava lá com eles.

Entrevistador: E dava-se bem com eles ou nem por isso?

F: Dava. Dava-me bem com eles. Depois estive lá, estive lá a tratar do meu pai, o meu pai faleceu e depois fiquei a tratar da minha mãe. A minha irmã quis que eu me viesse embora, e eu vim-me embora.

Entrevistador: Gostava de morar lá?

F: Gostava mas aquilo não é meu, aquilo ainda não é meu. A minha mãe ainda é viva e a minha irmã é que é a mais velha ela é que manda.

Entrevistador. Andou na escola?

F: Sim, mas eu fui burra e não aprendi a ler.

Entrevistador: Não gostava da escola?

F. Gostava mas não tinha memória para aprender.

Entrevistador: Saiu da escola e foi para onde?

F: Fui para casa.

Entrevistador: E trabalhava.

F. Sim, a minha mãe tirou-me da escola, porque andava a gastar dinheiro comigo e eu não aprendia a ler.

Entrevistador: E como é que se sentiram relação a não aprender a ler?

F: Sinto (triste), sinto que é preciso assinar uma coisa qualquer ou assim e tenho que pedir às outras pessoas, e se eu soubesse ler não era preciso.

Entrevistador: Andou na escola até que ano?

F: Não sei, andei uma data de anos. E depois a minha mãe viu que eu não aprendia... tirou-me. (...)

Entrevistador: Gostava dos professores?

F: Eu gostava.

Entrevistador: Não gostava de ter continuado mais?

F: Sim, mas a minha mãe tirou-me por causa que, andava a gastar dinheiro comigo e eu não aprendia a ler. Minha mãe também era pobre era... e então tirou-me.

Entrevistador: Lembra-se, quando era mais pequenina, lembra-se de eles receberem algum apoio da Assistente Social...da igreja de alguém...

F: Não. Nunca receberam nada era só com o dinheiro deles.

Entrevistador: O seu pai trabalhava?

F: O meu pai trabalhava, só que depois foi para a velhice e já não trabalhava.

Entrevistador: Que idade é que tinha quando ele faleceu?

F: Olhe, não sei.

Entrevistador: Não se lembra.

F: Olhe, eu tenho aqui o bilhete de identidade, mas assim agora ... eu só com o bilhete de identidade.

Entrevistador: Nasceu em 1957.

F: Eu não tenho trabalho, se eu tivesse trabalho, eu ia trabalhar ... não tenho.

Entrevistador: E está reformada por invalidez.

F: Sim.

Entrevistador: Quando é que saiu de casa dos seus pais?

F: Já há uma data de anos.

Entrevistador: E saiu quando e porquê?

F: Então depois arranjei namoro com este com ele... saí.

Entrevistador: Saiu para casar.

F: Não, eu sou mesmo casada.

Entrevistador: Mas saiu de casa para casar, não foi para trabalhar ou...

F: Não, não, sim, sim.

Entrevistador: E como é que foi a mudança?

F: Sim, sim... mas valia mas nunca casar não é...

Entrevistador: Porquê?

F: Eu depois falo com a senhora outro dia... não está aqui ele...

Entrevistador: E pode estar a ouvir...

F: Sim...

Entrevistador: Mudou-se para casa, ambientou-se mais ou menos bem, foi-se adaptando. Teve filhos?

F: Tive três.

Entrevistador: E como foi o nascimento deles?

F: Foi sozinha. O primeiro foi sozinho e a segunda também só a última é que não, a última é que tive no hospital (...) mas depois (...) tiraram-me porque eu não era capaz...

Entrevistador: De tomar conta dela...

F: Sim.

Entrevistador: Ficou feliz quando os seus filhos nasceram?

F: Sim. E se aqui estivessem, mais feliz estava.

Entrevistador: E onde é que estão os seus filhos?

F: O menino que era o mais velho morreu e a mais nova está aqui em V e a mais velha está em C.

Entrevistador: O mais velho morreu de quê?

F: Doença. Pequeno.

Entrevistador: E as suas filhas? Veem vê-la?

F: As outras não. Não, nem sei se elas já são casadas se já são solteiras. Eu também não tenho posses para lá ir, também não tenho meio para lá ir.

Entrevistador: Gostava de as ver?

F: Sim. Mas elas não fazem caso de mim. Naturalmente é por não serem habituadas comigo ou assim.

Entrevistador: Elas não viveram consigo?

F: Não.

Entrevistador: Então elas foram retiradas de si pequeninas.

F: Sim.

Entrevistador: E o seu filho?

F: Eu tive o menino aqui e depois morreu.

Entrevistador: Mas passado muito tempo ou pouco tempo?

F: Passado pouco tempo.

Entrevistador: E do que é que ele morreu?

F: Doença o Dr. diz que era doença. Não sei se era se não.

Entrevistador: E porque é que as suas filhas lhe foram retiradas?

F: Porque não tinha... à uma não tinha posses para as criar e a outra é o pai que é assim.

Entrevistador: Assim, como?

F: Depois eu falo com a senhora outro dia...

Entrevistador: E trabalhou ou trabalhava?

F: Trabalhava quando tinha trabalho, quando não tinha não trabalhava.

Entrevistador: E trabalhava onde?

F: No campo e assim, em fábricas nunca trabalhei em fábricas... andei no tomate e assim, mas em fábricas nunca trabalhei porque não sabia ler.

Entrevistador: E sempre tiveram Apoio Alimentar ou não viveram sempre do vosso trabalho?

F: Sim. Depois e que eu comecei a ... disseram-me que era para ir lá falar com a Dona A. e eu fui lá falar com ela e ela deu-me e depois deixou-me de dar... foram lá dizer mal dele. (...) Ela deu-me uma vez mas depois, nunca mais me deu, depois fui à Cruz Vermelha, ela mandou-me ir lá à Cruz Vermelha deram-me lá um avio e depois nunca mais me deram nada. Depois lá na Cruz Vermelha é que me disseram que era para vir (...) mandou-me ir à Cruz Vermelha e deu-me aquele avio era massa era arroz aquele avio mas depois uma Dra. disse-me que era para me inscrever aqui no C depois nunca mais lá fui nunca mais me deram nada. Sim, mas aqui dão muita poucachinho coisa.

Entrevistador: Lembra-se quando e que foi pedir apoio pela primeira vez?

F: Não, não.

Entrevistador: Foi na altura em que a Dra.

F: Foi nessa altura quando ela me disse, mas não me lembro...

Entrevistador: O que é que sentiu quando foi pedir Apoio Alimentar?

F: Não tive vergonha, mandaram-me lá ir e eu fui até falei com uma chamada que está lá também que é daqui ...e ela é que me inscreveu. Não tive vergonha porque eu dava-me bem com ela, assim sou chegada com ela... já estou assim mais acostumada com ele então eu disse-lhe não sei que dia foi entregar-lhe o saco que eu trouxe com os alimentos e depois fui lá entregar disseram-me que era para lá ir entregar para a outra vez e fui la entregar, mas não era ela que lá estava era outra moça é que lá estava e entreguei e ...

Entrevistador: Pediu Apoio Alimentar porquê?

F: Porque o meu ordenado é pouco.

Entrevistador: E antes de pedir ajuda como é que faziam?

F: Comprava as coisas com o meu ordenado, mas é pouco... não dá para duas pessoas comerem.

Entrevistador: Vocês têm luz?

F: Olhe não tenho água, tenho que ir à água ao coreto que a malta até se admira de eu não ter água. Não tenho água para fazer o comer, não tenho agua para lavar roupa, não tenho nada! Luz também não. E agora nem gás tenho faço o comer a lenha que o dinheiro não chega porque está mais cara e eu para não ficar a dever às pessoas... eu não me importo de dizer que passo um bocadinho mais mal, em vez de comer uma sardinha inteira como uma metade que é para não ficar a dever à malta (...) quer dizer podia e buscar e ficar a dever... mas não quero. Antes quero passar um bocado mais mal ou andar com fome, que quero andar a dever à malta... que depois o meu dinheiro quando vem não chega para pagar.

Entrevistador: Há quanto tempo recebe os alimentos?

F:Eu não sei há quanto tempo é mas olhe...recebi sempre...sim

Entrevistador: A primeira vez que recebeu os alimentos o que é que estava à espera que viesse?

F: Estava à espera que viesse um bocadinho mais, mas só me deram aquilo tive de trazer aquilo que me deram.

Entrevistador: Ficou desapontada?

F: Sim, mas tenho de me contentar com aquilo que me dão.

Entrevistador: O que é que lhe fazia falta...

F: Se me dessem mais algumas coisitas agradecia, mas não me deram.

Entrevistador: O que é que acha do Apoio Alimentar, aquilo que fazem, como fazem. Acha que elas podiam fazer de outra forma ou não?

F: Eu acho que é bem feito. Eu estava para coisa mas depois não me dão mais nada. Estava para ir falar lá com a Dona ... ver se me dava mais alguma coisita mas agora são capazes de não dar agora é só para o mês que vem (...) mas agora não foi na quarta-feira e agora e só para o mês que vem.

Entrevistador: Mas já não tem alimentos?

F: Não, trouxe só um quilo de arroz, um quilo de massa esparguete e um pacote de cotovelinhos uma lata de salsichas, uma lata de atum, uma lata de grão e um pacote de leite.

Entrevistador: E não é suficiente para o mês.

F: Não vê que é muita gente a pedir.

Entrevistador: Então à sua parte compra a carne e o peixe.

F: Sim. E compro mais alguma coisita, não deram açúcar, não deram café, não deram nada dessas coisas (...) Só pelo Natal é que me deram mais alguma coisita, no Natal ate me deram umas batatas umas cebolas e um bocado de bacalhau...assim pelo Natal agora desde aí nunca mais... não, é muita gente a pedir.

Entrevistador: É importante para si receber este apoio?

F: Pois eu era para ir pedir mais alguma coisita mas são capazes de não me darem, agora é para o mês que vem só, mas é capaz de não darem. Olhe, tenho de passar um bocadito mais mal para o dinheiro chegar para não ficar a dever.

Entrevistador: Quais são as suas expectativas em relação ao apoio? Acha que vai receber durante mais tempo, gostava de não receber mais...

F: Não eu gosto de receber, mesmo pouco é melhor do que nada... tenho que comprar o pão, tenho que comprar cebolas, tenho que comprar essas coisas todas (...)

Entrevistador: E como se relaciona com as pessoas que lá estão?

F: Eu dou-me, ninguém me tratou mal.

Entrevistador: Gosta delas.

F: Eu gosto.

Entrevistador: E sente-se à vontade quando lá vai?

F: Eu sinto. Elas dão-me o avio e eu digo obrigada e até para o mês que vem. Gosto de lá estar, pergunto se elas estão boas e elas dizem que estão e depois dão-me o avio e depois eu digo muito obrigada até para o mês que vem e venho-me embora.

Entrevistador: Então gosta delas.

F: Gosto. É pena é não me darem mais uma coisita a mais, mas não dão diz que não podem, que é muita gente a pedir, é muita gente a pedir... é ciganos é tudo a pedir.

Entrevistador: E eles já vieram cá à sua casa?

F: Não.

Entrevistador: Acha que era importante elas virem?

F: Eu não quero que elas cá venham, que eu não tenho uma casa nenhuma capaz. A Dona (...) já sabe... eu não tenho casa capaz, não, não. Não tenho casa capaz para pessoas virem cá.

Entrevistador: Gostava de ter uma casa capaz?

F: Eu gostava, mas não tenho.

Entrevistador: O que é que é para si uma casa capaz?

F: Uma casa que tenha luz que tenha água e outras condições, não tenho casa de banho, não tenho nada. Não tenho nada capaz.

Entrevistador: E as suas filhas sabem da forma como vive?

F: Elas nunca mais ... não devem saber de mim só se for para apanhar alguma coisa.

Entrevistador: Já tentou encontrá-las e falar com elas?

F: Não... uma está em C está longe não sei se ela já é casada se não e a outra está aqui em V, esta mulher que está aqui em V não quer que eu fale com ela , não quer que ela fale comigo, como está aperfilhada por ela e por o marido... pois, agora esta em C também não tenho posses para andar lá no caminho as viagens são muito caras...

Entrevistador: Acha que foi melhor para elas viverem com outras pessoas?

F: Então eu não tinha posses valia mais nunca ter nenhuns.

Entrevistador: Custou-lhe muito elas não ficarem consigo?

F: Pois, não tenho, olhe, é assim.

FIM

Entrevista 3

Entrevistador: Do que é que se recorda da sua infância e juventude, o que é que se recorda, que sentimentos é que tinha, onde é que viveu, com quem é que viveu, qual era a relação com os seus pais...

L: Da infância não tenho nada de bom para recordar aliás, nem me recordo da minha infância. Pais... não me recordo de brincar de ter colegas, de ter amigos, isto até aos 4 anos. Relação com os pais, a única imagem que eu tenho do meu pai e da minha mãe, ou seja de família, é o meu pai a bater na minha mãe e eu com uma vassoura muito pequenita atrás deles. Da vida familiar pai e mãe é a única que tenho.

Entrevistador: Viveu onde?

L: Creio que vivi em C com a minha mãe na altura, ela nunca teve com o meu pai porque ele foi para a tropa, naquela altura em que eles iam para a tropa, e depois ela começou-se a envolver com outra pessoa e pronto. Foi só para me fazerem e mais nada. Tanto que a única imagem que eu tenho é aquela, não tenho uma imagem de ver a mãe e o pai sentados à mesa... essas coisas não existiram na minha cabeça. Depois a partir daí, isto tinha eu quatro anos, depois sei que a minha mãe se juntou com um outro senhor que já tinha dois filhos e fomos viver para S. Aí, já me recordo de ter mais aqueles dois irmãos, emprestados... de não conseguir chamar pai àquele senhor porque ele não me era nada. Recordo-me depois que andei numa escola particular, que era muito engraçada, que era um autocarro, a carcaça de um autocarro... o volante era o acento da professora. Tenho muito poucas coisas de infância assim, que me recorde porque não foi uma infância normal. (...) Com esse senhor... fomos viver para S, tivemos lá até eu ter 9 anos, depois entretanto ele foi despedido e tivemos que vir para os L. Nessa altura já tinham nascido mais dois irmãos, portanto acabamos por ser cinco. São meios-irmãos só da parte da mãe ou seja, do primeiro casamento da minha mãe sou eu filha única, (...) a minha mãe viveu com o meu pai até eu ter 4 anos e depois juntou-se com aquele senhor que já tinha dois filhos, teve mais dois... Ficámos cinco. Vivemos em S até eu ter 9 anos, precisamente por ele ser despedido e de não haver condições de trabalho viemos para aqui para casa dos meus avós.

Entrevistador: Lembra-se do nascimento dos seus irmãos?

L: Não. Lembro-me da minha mãe andar grávida do meu irmão J., porque ele tem uma diferença de mim de 5 anos, mas não me recordo de mais nada.

Entrevistador: Nem de brincar com eles...

L: Não porque depois foi assim, depois viemos de S para cá e eu tinha 9 anos fiz duas classes num ano porque era muito inteligente... fui para o 1º ano com 9 anos (...) tive de ir para o (colégio) porque não tinha idade para entrar para o público. Fui para o (colégio), aí fui viver para o F, para casa de um tio meu que eram padrinhos também. Tive aí dois anos. A minha infância com os meus irmãos... houve pouco relacionamento. Depois tive dois anos aí, depois regresssei novamente para aqui comecei a frequentar a escola pública, aí já ia a outra irmã minha, irmã que não é irmã, porque era da minha idade tem uma diferença só de meses. Andámos na escola, quando depois desautinei e saí da escola precisamente por causa do relacionamento aqui em casa, porque a minha mãe... passava-me com o meu padrasto, tratava-me mal a mim entre aspás, quer dizer não me batia nem nada mas, deixava de me dar as coisas a mim para poder dar aos outros, para se dar bem com o pai deles. E recordo-me que uma vez saí de casa por causa dessa situação.

Entrevistador: Com que idade?

L: 13 anos, porque nas férias, andava a trabalhar ali na cerâmica e essa irmã minha também andava e eu tinha de me levantar cedo, fazer o almoço para levar para o trabalho e chegava a casa e fazia o jantar para toda a gente e fazia a lida da casa e isso tudo. E a outra não fazia nada. E ao fim do mês eu recebia 11 contos e umas moedicas, eu tinha que dar uma parte do meu dinheiro para a casa, para as despesas e ela não. Ela era para comprar aparelhagens, para comprar discos... e aí começou aquela revolta... quer dizer já tinha revolta por não ter pai e essas coisas todas... ainda hoje sou muito revoltada por causa disso.

Entrevistador: Nunca mais viu o seu pai?

L: Isso depois foi assim uma situação um bocado estranha, porque é assim a minha mãe dizia mal do meu pai. Eu queria muito conviver com o meu pai, tanto que nessa altura fugi de casa e quando apareci fui direito a casa do meu pai. Mas antes disso fui duas vezes tentei conviver com ele porque ele pagava-me mil escudos por mês, que era a pensão que ele me dava todos os meses mil escudos e eu recordo-me quando fui levantar o vale correio não fui às aulas nesse dia paguei o bilhete de autocarro e fui a A ter com ele à fábrica onde ele trabalhava. E então cheguei lá e ele disse “O que é que estás aqui a fazer?” “Então vim-te visitar, porquê não posso?” depois expliquei-lhe a situação e então ele pegou no carro e veio-me trazer a casa. A minha mãe dizia-me... como é que eu hei-de explicar... ela não queria que eu me desse com o meu pai, porque ela dizia-me assim “Ah agora quando fores visitar o teu pai, quando o veres dizes que a gente tem uma aparelhagem de móvel, que temos isto, aquilo” ou seja fazer ver... queria que eu lhe dissesse a ele que ela era uma pessoa que não era, que tinha o que não tinha. Tinha, o que não podia ter com ele e que não tinha mesmo

na realidade. Queria-se fazer de grande quando não era. E o meu pai é, sempre a perguntar-me coisas da minha mãe, se já tem namorado e se é assim, e se ela pergunta por mim... coisas que (...) a minha mãe se lhe desse oportunidade o meu pai vinha para o pé dela. É uma coisa doentia, que eu não aceitava agora na altura, a revolta era tão grande de ela não lhe ter dado a oportunidade a ele e já teve tantos namoros, tantos maridos, tanta coisa, para lhe ter dado uma oportunidade a ele, quando ele é doido por ela que eu agora mesmo que os visse juntos eu não conseguia. Não sei porquê, mas não conseguia. Isto a propósito de ... depois entretanto saí de casa, por essa situação de ter de dar o dinheiro para a casa e a outra não dava e não sei o quê e saturei e saí de casa, fui ter a casa do meu pai. Aí tenho outro problema porque é assim, a minha madrastra quando casou com o meu pai, a família dela não sabia que ele já tinha sido casado e que muito menos tinha uma filha. E então, quando eu ia visitar o meu pai ela apresentava-me como uma prima dele. Mais uma revolta cá dentro, nem imagina e então eu comecei a evitar de visitar o meu pai, mas eu ia visitar sempre o meu pai às escondidas da minha mãe, porque ela não queria que eu fosse e tinha medo que eu não sei que eu lhe contasse a verdade do que se passava aqui em casa... não sei. Isso são coisas que eu também não tenho assim uma abertura tão grande com a minha mãe para falar sobre estas coisas, não tenho, nunca tive ... mas pronto foi assim umas situações complicadas. Eu só me dou mais com o meu pai a partir dos, tinha a minha filha 4 anos, que fomos à praia uma vez, numa excursão então fomos à praia que o meu pai frequentava todos os anos. E vínhamos já de regresso para casa, quando íamos para o autocarro e a minha mãe vinha e diz-me assim, puxa a miúda “Anda cá, anda cá!” e foi direito ao meu pai ia ele a passear não sei com quem “Anda cá que agora é que vais conhecer a tua neta”. Bem o homem ficou verde, azul amarelo... porque ele não estava à espera, não estava à espera. Então o homem ficou mesmo assim, “A minha neta...”. A partir daí é que passamos a ter mais convívio, e é agora com os miúdos, os miúdos telefonam-lhe no dia de anos, ele telefona para os miúdos, mas também vem cá só assim às escondidas da mulher para não criar conflitos lá em casa que eu acho uma estupidez. Tenho uma irmã da parte dele que tem 30 anos, também não conheço... só vi duas vezes. Sei que tenho um sobrinho também chama-se B, mas também não conheço... pronto lá está por isso é que eu quero que os meus filhos se deem com os irmãos da parte do pai. A minha vida já foi tão conflituosa é uma coisa tão... parece uma salada russa, é uma confusão às vezes, até já eu me enrolo com tanta... e depois a minha mãe já teve uma carrada de gente e é tudo uma complicação, mas pronto convívio com o pai, não houve aquele relacionamento entre pai e filha. Tanto que eu não consigo chamar pai ao meu pai, eu chamo-lhe B ... eu não consigo, gostava de conseguir mas não consigo porque nunca tive com ele, mesmo na infância e tudo nunca. Não tenho aquela recordação de estarmos sentados à mesa e do meu pai estar a ralar comigo. A única imagem que eu tenho da minha mãe e do meu pai é essa na ombreira de uma porta e ele a bater à minha mãe e eu com a vassoura a bater neles.

Entrevistador: Nunca falou em relação a isso com a sua mãe? Sobre o que aconteceu para eles se separarem.

L: Não tenho, não tenho aquele à vontade. Eu e a minha mãe nunca tivemos aquela ligação de mãe e filha. Não sei a minha mãe foi sempre uma coisa que ainda hoje é muito... Preocupa-se muito com as pessoas de fora, dá muita atenção aos amigos ou primos e aos não sei o quê. Se ela tiver aqui a falar contigo, ela é capaz de dizer que a família é tudo para ela, “ai os meus meninos isto, ai os meus meninos aquilo”, mas no entanto nunca deu uns lápis aos netos, nunca deu umas calças, nunca deu um presente nada, estás a ver. Mas se for preciso à filha de uma amiga ou ao filho de um amigo dá, mas pronto quem a ouvir falar tem os netos todos no coração. Mas não e só com os meus filhos, é com os filhos da minha irmã, é com todos... não é uma avó que se diga assim “olha, veio cá um neto passar um fim de semana com ela, ou ela foi buscar o neto à escola ou foi...” nada. É muito seca a minha mãe é muito seca, não tem ... não sei por isso é que eu digo aquele miúdo sai a mim, porque a gente não consegue transmitir aquilo que sente, os sentimentos... assim, afetos e carinhos porque eu não os tive e depois custa-me... eu tentei com a minha filha, mas depois também não consegui, pronto parece que vem cá de dentro parece que tenho medo de gostar das pessoas. Não sei, e isso revolta-me ainda ontem me fartei de chorar ali à noite a pensar assim “o meu J se calhar é assim na escola porque eu não tenho mais carinho, mais afeto com ele”. Eu tenho, mas não sei pronto, não sei explicar... (...) Vejo aqueles pais a abraçarem os filhos e a darem beijinhos e não sei o quê, eu todos os dias dou um beijinho de boa-noite aos meus filhos quando vou à cama, é engraçado... houve uma noite destas que não fui e depois de manhã diz-me o J assim “Oh mãe, tu ontem não foste lá dizer aquilo que dizes sempre.” que dou um beijinho de um lado e digo assim “Beijinho da mãe, beijinho do pai e da mana também!” pronto a mana e o pai não estão cá mas eu dou sempre por eles. E então, ele estranhou naquele dia “Oh mãe tu não destes os beijinhos do pai e da mana...”. Mas pronto eu tento dar carinho, e tento compensar o pai que não está cá, e tento compensar a irmã que têm pouco relacionamento, porque ela tem a vida dela, mora longe e eu não posso lá ir, e ela também não pode vir cá as vezes que quer e é assim (...)

Entrevistador: E quais são as memórias mais fortes que tem da infância e da juventude. Com todas essas mudanças familiares e essa conturbação toda, quais são as coisas que lhe ficaram, que lhe marcaram ...

L: São só coisas más... é só mesmo coisas más. Porque depois entretanto com 16 anos juntei-me com o pai da minha filha, e depois foi uma situação... Pronto lá está, é nessas alturas que as pessoas, a família está mais unida e isso assim é quando eu tenho coisas marcantes na minha vida. Eu juntei-me com ele uma sexta-feira dia 13 de Março, nunca mais me esqueço era sexta-feira dia 13... Fugiu para casa dele que já estava saturada daquela situação da minha mãe estar-me a

prejudicar a mim, para se dar bem com o meu padrasto e isso foi em Março de 84 quando eu fugi para me juntar com ele. Em Dezembro no Natal de 84, estávamos todos sentados à mesa estava eu grávida da minha filha, estava ela quase a nascer. Estávamos sentados à mesa ali em casa da minha mãe eu os meus irmãos todos, o meu padrasto, o A pai da minha filha, os meus avós e entretanto a minha mãe diz-me assim, disse para todos “Olha a mãe vai ali a casa da avó buscar o Bolo-Rei” e desapareceu em plena noite de natal, em pleno jantar de natal fugiu com não sei quem. É assim, tenho uma vida muito, eu às vezes digo assim não sei como é que tenho vontade e como é que tenho coiso e dou conselho às outras pessoas para seguirem em frente, mas é assim eu sigo em frente, mas elas estão cá todas. E depois quando é o natal, não tenho aquela alegria. Está sempre, sempre, sempre lá.

Entrevistador: Relativamente ao seu pai, a sua mãe esteve um bocadinho mais, mas quais acha que eram as expectativas deles, em relação a si. Eles alguma vez conversaram em relação a isso consigo o que queriam para o seu futuro?

L: Não. Aliás eles sobre mim nunca tiveram conversas nenhuma de certezinha absoluta. Porque é como eu digo, eles só conviveram até eu ter quatro anos e pouco conviveram porque o meu pai estava no ultramar naquela altura, só vinha a casa uma vez por acaso.

Entrevistador: E a sua mãe o que é ela esperava de si? Esperava que fosse...

L: Sinceramente não sei. Foi uma conversa que nunca tivemos, nunca falámos sobre isso, mas nem ela comigo, nem com os meus irmãos. Nunca foi uma mãe que eu me lembro de ela perguntar “o que é que queres ser quando fores grande?”. Nunca foi uma mãe que me ensinasse a cozinhar, nada. Porque eu, tudo o que sei aprendi a ver a minha avó a fazer, não foi uma mãe que puxasse assim pelos filhos, mas não é só comigo foi com os meus irmãos também.

Entrevistador: Mas a L passou para o 5º ano tinha 9 anos, portanto foi uma excelente aluna para chegar a esse ponto.

L: Isso, agradeço a ela. Por andar sempre em escolas particulares, lá em S também era porque na escola eramos só 12 alunos. Eu sei que ela fez esse esforço para eu andar lá, tinha que pagar 750 escudos, nunca mais me esqueço. E ela como qualquer pai, queria que eu estudasse e fez tudo para eu estudar, embora eu não sei se era por ser assim comecei a ser rebelde, e outra coisa que também me levou para maus caminhos, como eu costume dizer, foi o dizer “não vás para ali” “não faças isto, não faças aquilo” e eu querer saber o porquê e nunca me explicaram. E essa coisa fez com que fosse à descoberta das coisas por mim própria e em certos aspetos deu mau resultado. Correu mal.

Entrevistador: Acha que a sua mãe tinha expectativas, imaginava que podia chegar mais longe que podia estudar até mais tarde, podia ter um trabalho.

L: A minha mãe ainda hoje diz, “esta menina se estudasse e se não se tivesse metido em certas coisas, à inteligência que ela tem, à capacidade que ela tem ela podia ser tudo e mais alguma coisa”. Mas nunca foi uma mãe que a gente...

Entrevistador: Diz agora e na altura?

L: Pronto na altura “ela é inteligente devia ser bem aproveitada, bem explorada”, mas nunca foi uma coisa que eu tivesse uma conversa com ela, que eu ouvisse ela a falar com alguém a dizer “Gostava que a minha mãe fosse isto, ou que tivesse aquela profissão”. Não, nunca foi uma mãe que a gente falasse sobre essas coisas.

Entrevistador: E como é que era a vida lá em casa? Com o seu padrasto?

L: Foi curta foi desde os meus 9 aos 16, foi quando saí de casa e foi quando depois o meu padrasto também foi-se embora e levou os meus irmãos. Que ela fugiu na noite de natal.

Entrevistador: Levou os seus irmãos... filhos dele?

L: E os filhos dele e dela. Foi nessa noite desmoronou-se tudo. Ela fugiu com o outro e ...

Entrevistador: E como era a vida em casa, diária...davam-se bem...

L: Dávamos, porque o meu padrasto era uma pessoa muito pacata. Recordo-me que nós ao fim de semana íamos sempre ao café. Passávamos as férias de verão sempre na praia, nem que fosse ali na praia dos tesos. Havia aquela, minimamente aquela harmonia familiar. Nunca os vi discutir assim muito, e se havia discussões era só por causa das coisas da minha mãe daquelas mentiras que ela tinha que ir para aqui, que tinha que ir para acolá e tinha que ir tratar deste assunto. E já andava naqueles esquemas dela, telefonemas anónimos e cartas anónimas e coisas esquisitas. Os últimos dois anos foi assim uma coisa complicada, mas pronto. O meu padrasto era uma pessoa calma, quer dizer ... não havia aquela abertura para a gente estar a desabafar e assim a falar, mas compreendia a gente e também fazia os possíveis para não nos faltar nada. Íamos ao café ao fim de semana, era tão bom chegar aquele dia e já sabíamos que íamos ao café e comíamos um chocalatinho daqueles aos que era um quadradinho muito pequenininho, ou assim dos redondos e já sabíamos quando chegava aquela altura íamos para a praia, e íamos duas vezes por ano ao Alentejo, porque ele é alentejano e então aquilo era uma excitação uma coisa doida irmos cinco cá atrás no banco do carro tudo apertadinho. Mas a gente fazia estes quilómetros todos felizes da vida, bem-disposto e quando

estávamos a chegar aí a dois quilómetros a gente punha-se assim A, íamos dois quilómetros a gritar que toda a gente sabia que a agente ia a chegar. E recordo-me também, na altura havia poucos carros quando vínhamos de S, vínhamos também numa carrinha que era só de dois lugares à frente e caixa fechada atrás, e vínhamos os cinco cá atrás fechados e assim que entrávamos nos L as pessoas punham-se tudo à porta ou à janela a dizer “Olha lá vem os lisboetas”. Isto para a gente era uma excitação uma coisa doida, porque não havia carros aqui na zona na altura, nem havia eletricidade e são essas poucas coisas assim, para mim agora são coisas insignificantes mas na altura marcaram aquilo era muito importante.

Entrevistador: E a sua relação com o seu padrasto? Foi boa?

L: Foi. Foi boa porque eu também não me abria muito com ele, mas nem era uma relação de padrasto enteada nem era ... era mais conhecidos. Como eu costumo dizer... a gente falava o que tinha a falar e entendia-se. Quando foi nessa altura ele foi embora e levou os meus irmãos, eu fiquei um bocadinho revoltada com ele, porque eu tinha acabado de casar entre aspas, e ele, tudo o que tinha de móveis, eletrodomésticos, de loiças de tudo... ele não levou nada porque não tinha casa para onde levasse as coisas e então começou a dar aos vizinhos e a distribuir pelos colegas do trabalho e eu aí fiquei um bocado revoltada, revoltada com ele porque sabia que eu tinha acabado de casar podia-me ter dado algumas coisas a mim, ou perguntado. Mas eu aí até o compreendo por ao fim ao cabo eu era filha do pecado, pronto. Acabei por compreendê-lo nessa situação. Mas por ironia do destino, há uns anos, há para aí uns oito ou nove anos atrás ficou muito doente e veio para casa da minha irmã. E que é que foi tratar dele? Eu. (...) E eu é que fui tratar dele, e ele coitado chorou e disse “Se eu soubesse, que vinha parar às tuas mãos, nunca te tinha tratado como tratei e arrependi-me logo na altura”, por acaso depois disse. “Porque tu não tens culpa dos erros da tua mãe” (...) Fiquei muito magoada porque eu não tinha móveis não tinha nada e ele deu, deu mesmo dado aos vizinhos. Para ela não ficar com nada daquilo que foi conquistado pelos dois, porque ela abandonou a casa, abandonou a família e na noite de natal. “A mãe vai ali a casa da avó buscar o bolo-rei” e “onde é que está a mãe, onde que não está?”... e pronto é assim... Descobrimos, já andávamos desconfiados eu e o pai da minha filha o A, por causa das cartas anónimas, coisas que apareciam e ela dizer que fazia muitas horas lá no trabalho, na altura ela trabalhava no café VG (...) e depois foi quando eu me casei e queriam que aquele senhor fosse o padrinho do meu casamento, mas como eu e o meu marido já andávamos desconfiados que havia ali qualquer coisa... ainda ficámos mais desconfiados e eu não quis que ele fosse meu padrinho de casamento e depois veio-se a saber que era mesmo aquele senhor com quem ela andava metida. Só que é o que eu costumo dizer, ela podia ter fugido com ele, podia ter tudo escusava era de andar a fazer aquelas tralhices todas, aquelas coisas de cartas anónimas e a meter tanta gente ao barulho e tanto

esquema que eles fizeram não havia necessidade disso e estar a enganar a família, ainda por cima na noite de natal, pronto podia ter feito as coisas de outra maneira. Não prejudicava tanto as pessoas.

Entrevistador: Viveu em C, S e no L. Gostou de todos os sítios?

L: Gostei. S adorei, inclusive há dois anos quando fomos à praia fomos à praia, quis ir à P para recordar a infância, quando estávamos lá era à P que íamos, e então pedi ao pai deles. Assim que ele perguntou então a que praia é que vamos este ano e eu disse é longe mas eu gostava de ir à P, porque tenho recordações daqueles sítios todos. E então ele levou-me lá, e depois digo assim já que estamos aqui perto, vamos num saltinho ali a M que é para eu te mostrar o sítio onde eu vivi. Eu cheguei lá, e toda eu tremia, eu parecia uma criancinha a quem dão um chupa, fiquei delirante eu tremia e depois comecei a ver pessoas que assim que olhavam para mim “Ah a A”, mas eu não vejo há trinta e tal anos “Ah esses olhos!” pronto eram os olhos. E depois fui apresentar os meus filhos, apresentei o pai deles. Fui ver a minha ama, porque nós quando saíamos da escola íamos para casa de uma senhora que tomava conta de nós, ou quando a minha mãe ia para os bailaricos e essas coisas todas, quando não me deixava a mim a tomar conta deles porque eu era a mascote tinha de estar a tomar conta deles porque eu era a mais velha. Uma vez recorde-me, a minha mãe foi para o baile mais o meu padrasto e disse-me o A toma conta dos teus irmãos, já tens o jantar feito... com cinco anos... está o comer na mesa, tiras o comer para o prato e depois vão-se deitar. Mas entretanto faltou a luz, era inverno faltou a luz e então encostei os meus irmãos todos encostadinhos à porta, a porta tinha um postigozinho e eu pus-me assim à espera que eles chegassem. Quando eles chegaram a minha mãe queria abrir a porta e eu não me conseguia mexer. Recorde-me tão bem, eles agarrados às minhas pernas e eu assim toda à espera... O que me marcam são só coisas más...

Entrevistador: Nem todas... foi a S e as pessoas reconheceram-na. É porque tem boas recordações.

L: Sim essa situação foi. Há boas recordações, só que não posso dizer que tive uma infância feliz. E isto e o que eu me lembro mais... porque se for a aprofundar, aprofundar...

Entrevistador: Tinha amigos?

L: Tive bons amigos, pelo menos lá na escola primária em S tive bons amigos. Tive inclusive quando fui lá nessa altura, fui à procura de uma moça que nunca mais, duas moças nunca mais me esqueço até sei o nome delas de cor (...) nunca mais me esqueço e fui á procura delas. Encontrei o irmão de uma, eram pessoas de mais posses, pessoas ricas naquele sitio eram muito conhecidos

eram mesmo uns ricalhaços, eu fui à procura encontrei o irmão de uma, deu-me o número de telefone entretanto tentei ligar mas ela já tinha mudado para 93, houve assim uma troca uma confusão qualquer. Mas fui à procura dela a T é que não a consegui encontrar porque já tinha ido para o Alentejo com a mãe. Brincávamos só durante o tempo da escola e aos fins-de-semana, quando não havia escola porque aquilo era uma ruazinha era tipo um beco e a gente juntava-se todos ali. Ou eu ia para casa dela estudar, ou elas iam para a minha, mas era mais fácil eu ir para casa dela porque na minha já havia muitos irmãos e era mais confusão. E então eu ia sempre. Recordo-me que havia uma senhora que era viúva que gostava muito de mim, que ela até na brincadeira estava-me sempre a dizer que me queria adotar, fiz uma viagem de barco com ela, foi a primeira viagem de barco que eu fiz... fui para E de barco... não sei como! Não sei se existe barco para E, eu sei que fui de barco para E, não sei onde é que desencalhei, onde é que era o porto, mas sei que fui de barco para E. E então era assim tipo um cruzeiro, tinha dois andares e sei que tinha café, tinha quartos e tinha isso tudo... e aquilo para mim foi uma excitação uma coisa doida ainda hoje me recordo de como é que era o barco. Mas pronto, essa senhora por acaso gostava muito de mim, tive pessoas que gostava muito de mim e que gostavam de me adotar é engraçado e tive boas oportunidades de estar bem na vida e não as aproveitei e hoje arrependo-me disso. Tal e qual como quando tinha 13 anos e trabalhava nas férias ali na cerâmica junto com a minha irmã havia lá um senhor... que isso eu aí fui muito importante atenção...conseguiram pessoas despedir-se por minha culpa. Aí já tinha feito os 14 anos e então foi quando fugi de casa, estava a trabalhar na cerâmica, nessa altura e havia um senhor que era tipo alemão ou que raio é que ele era, ele não era português tinha um braço de pau e tinha uma perna de pau e era assim muito alto e muito magrinho com uns olhos azuis, o típico alemão e então eu sempre fui uma pessoa desenvolvida no trabalho e sempre curiosa de querer fazer mais e aprender mais e isso assim e eu estava na fia no barro mesmo a cortar tijolo, um trabalho duro e sujo e ele houve uma altura em que a empregada de escritório adoeceu e ele diz-me assim “Oh A preciso que me ajudes a fazer um inventário.”, e eu fiz o inventário e depois fiz umas encomendas não sei do quê, e ele achou que eu tinha jeito para aquilo, e disse-me “Olha agora vou contratar uma dactilógrafa e tu durante dois três meses vais fazer aqui o expediente do escritório”. Eu disse assim “Oh Sr. P” que era o nome dele P “Mas olhe que eu não tenho capacidade para isso.” “Não tens? Tens tu vais até onde eu quiser que tu vás.” e eu disse “Ai Jesus! Estou tramada” e pronto contratou então uma senhora para me ensinar a trabalhar lá com a máquina de escrever, fiz o expediente, ainda lá estive uns quatro meses, mas aquilo é assim... depois passou-me a encarregada, passou-me a encarregada, houve problemas com o forneiro e houve problemas com o não sei o quê que não estava para ser mandado por uma miúda de 14 anos, não sei que e não sei que mais. E o patrão dizia assim, “Uma miúda de 14 anos tem mais responsabilidade que vocês todos juntos.”. Dois despediram-se, ao fim de três meses vieram aqui

bater à porta a casa pedir desculpa, se podiam regressar ao trabalho e eu “Ai Jesus o que é que eu faço à minha vida!”. Chateei-me, não gostava daquela situação e cheguei ao pé do patrão e disse-lhe “Sr. P, se quiser que eu continue a trabalhar aqui na cerâmica eu continuo mas na condição de me por lá fora no barro que eu no escritório já não quero. Encarregada não!”. Eu gosto de trabalho... de coisas que eu me mexa não é de escrever nem a tomar notas, nem a receber telefonemas, isso para mim era um trabalho que não... ainda hoje é de coisas que... trabalhos pesados coisas duras, que ande para trás e para a frente que me mexa. E então ele depois disse, “Sim senhora vais para o barro, mas com a condição de acabares os estudos.”, e teve que ser, acabei aquele ano ... só que entretanto...

Entrevistador: Que ano?

L: Não sei se era o sétimo... tenho impressão que era o sétimo na altura, era o sétimo ano, era. Só que entretanto acabei os estudos e juntei-me com o pai dela, e aí parou tudo. Aí está uma boa oportunidade que eu tinha, que ele queria fazer de mim alguém eu, lembro-me tão bem de estar a fazer a fia do tijolo e ele agarrar-me aqui nos pulsos “Eu quero fazer de ti alguém! E tu não me deixas!”. Ele não tinha filhos, não tinha ninguém e depois a minha irmã tinha muitos ciúmes e dizia “Não vês tu és mesmo parecida com ele, não vês porque tens olhos azuis e tudo. Vê lá se ele me pergunta isso a mim? Eu vou já!”. Só que depois lá está ela não tinha aquela responsabilidade é a maneira de ser das pessoas. Mas pronto é aquelas oportunidades que deixei ir... hoje lembro-me tantas vezes dessas situações, porque é que não aparece uma dessas agora. Mas agora já é diferente já tenho outra idade, com 14 anos o que é que uma pessoa quer, encarregada a tomar conta de uma data de pessoal, trabalho de escritório... achei muita sobrecarga para mim naquela altura.

Entrevistador: Quando mudou de S aqui para os C tinha amigos? Conseguia ter facilmente amizades? Porque depois entretanto foi logo para o C.

L: Fui logo para o C não, aliás eu sou uma pessoa que faço amizades com muita facilidade só que para mim é assim. Amigos, amigos, amigos têm se ser mesmo amigos do peito em todas as situações, não aqueles amigos só daquelas ocasiões. Tanto que eu costumo dizer para os meus filhos, é assim há que separar amigos, colegas, colegas de escola colegas da rua, porque o meu J tem a mania de dizer assim “Ah o fulano é meu amigo, o outro é meu amigo” “Mãe, eu conheci o não sei quantos no autocarro e ele é meu amigo”, e eu digo “J, amizade é uma coisa...” e a explicar os diferentes tipos de amizade. Mas sempre fiz amigos com muita facilidade, tive muitos amigos e belos amigos mesmo. Tenho vários, por acaso tenho vários que, e é curioso que depois os anos passaram e tive muitos anos que não os vi, e eles hoje encontram-me e metem-se comigo e eu fico assim... e depois dá-me aqui um coiso e “Pois é!”. Tive uma amiga francesa que chegava a ir

passar dias lá a casa dela, dias passava lá a noite ia á sexta-feira à noite e depois vinha ao sábado para casa. Gostava muito dela, aprendi muito francês com ela... Tive a M também é portuguesa mas teve em França. Tive grandes amigos, mesmo amizades daquelas de estarem se eu não ligasse, não havia telefone na altura, mas pronto se eu não disse nada durante um dia já estavam a ir à minha procura e vir de mota e pedir boleia e não sei o quê. Tive grandes amigos.

Entrevistador: E vizinhos? Dava-se bem com os vizinhos?

L: Em S tivemos bons vizinhos, inclusive tivemos uma vizinha que ainda hoje cá vem de vez em quando ela e a filha. No C quando vivia em casa da minha tia os vizinhos também eram muito coisos, e às vezes ia para casa deles brincar com os filhos deles. Aqui, não há vizinhos. Aqui tinha uma vizinha da frente que era a vizinha P, ela gostava muito de falar comigo ela tinha um bom relacionamento. Mas eu falo bem com toda a gente, eu mesmo as pessoas lá de baixo é tudo vizinhas. Há uma senhora que é a tia J (...) vi a velhota ali com a enxada, pronto larguei a bicicleta e larguei a enxada “Ah mulher vai lá à tua vida!” “Não deixe estar que eu arranco as ervas e deixe estar.”. Olha, acabei por ir lá todos os dias e arrancava as ervas e ia conversar com a senhora e acabei por arranjar trabalho na casa da prima dela para pintar as paredes e não sei o quê. Faço assim amizade com muita, faço amizades com muita facilidade. Toda a gente gosta de mim. E depois é assim tenho uma maneira de ser que ... nem sei explicar, e depois é dou muito de mim e sofro muito pelos outros. Tenho esse problema, tenho esse problema (...) porque depois está-me a consumir e estou preocupada em resolver as situações que as pessoas estão a viver e tenho de fazer alguma coisa para as ajudar e sofro muito pelos outros.

Entrevistador: Durante o tempo que viveu com a sua mãe, com o seu padrasto lembra-se (até aos 16 anos) de terem recebido algum Apoio Alimentar?

L: Não nessa altura não existia nada destas coisas.

Entrevistador: Nem de pedir ajuda à Segurança Social para alguma coisa?

L: Que eu me lembre não. Sei que tivemos algumas dificuldades porque o meu padrasto ficou sem trabalho na altura. E depois quem aguentou a situação foi os meus avós.

Entrevistador: Que foi para onde vieram viver.

L: Foi. Mas na altura o meu avô tinha a vinha, vendia o vinho e isso assim... e é curioso que o meu padrasto uma pessoa que vem da cidade adaptou-se impecável ele fazia as hortas ele fazia tudo.

Entrevistador: Como é que era a relação com os seus avós?

L: Impecável. O meu padrasto com os meus avós foi uma maravilha, era um filho que eles tinham e o meu padrasto adorava os meus avós.

Entrevistador: E você com eles?

L: Eu com os meus avós? Eram os meus pais... eram, eram os meus pais.

Entrevistador: Ia para casa deles?

L: Era. E tanto quando a minha mãe começou a fazer esta casa aqui, que foi feita aos bocadinhos, com a ajuda de colegas e amigos e isso assim, eu fiquei sempre em casa dos meus avós. Arranjei um quarto, que não havia quarto era uma divisãozinha onde a minha avó passava a ferro e costurava e tinha o tabuleiro do pão e isso à porta da casa de banho era onde eu ficava, mas era lá que eu ficava.

Entrevistador: E como era ela para si?

L: A minha avó era impecável. A minha avó não fazia mais por mim e não me dava mais porque não podia.

Entrevistador: E o que é que ela esperava de si?

L: Esperava que eu fosse feliz. Era o que ela queria era que eu fosse feliz porque é assim ela sabia que eu tinha responsabilidade, tinha capacidade para assumir família, para assumir o meu trabalho, para assumir qualquer coisa. Só que eu lembro-me das palavras dela “Ah desgraçada, tu nasceste para sofrer”. E lá está foi a situação que eu passei com os meus pais, não ter vida em família, foi a situação depois a minha mãe desprezar-me entre aspas para se dar bem com o meu padrasto. A minha avó presenciou isso tudo e então eu era a menina querida dela. Para já era a neta mais velha...o meu avô também sempre tivemos um bom relacionamento, sempre me ajudou muito, sempre me apoiou só que ele não é assim tão dado a carinhos a sentimentos, ele é “Estás bem, estás bem!” pronto é assim uma pessoa mais rígida, mas sempre pude contar com eles.

Entrevistador: São os pais da sua mãe.

L: São os pais da minha mãe. Porque os pais do meu pai, não conheci. Embora há uns anos atrás eu pedisse ao pai dos meus filhos que fosse comigo ao PPC, que o meu pai é de lá para tentar conhecer alguém da minha família. Só que tive um problema. Fui, acabei por descobrir onde é que morava um tio meu e uma prima e assim que a rapariga me viu e eu disse quem era “Sai daqui que

isto é tudo meu.” Fui recebida assim “Olha mas eu não vim aqui buscar nada, eu rejeitei a herança”. Eu recebi a carta de um notário por causa de uma herança que a minha avó me tinha deixado e eu rejeitei, nem lá apareci nem nada. Porque, hoje estou arrependida, porque achei que não tinha o direito a ter uma coisa de pessoas que eu não conheço não convivi e pronto achei injusto. E então não fui. Hoje estou arrependida (...) hoje penso de maneira diferente mas na altura pensei “Eu não quero nada deles, se eu nunca tive convívio com eles agora vou buscar aquilo que eles têm”. Eu não!” Hoje estou arrependida porque podia ter pensado olha não é para mim mas é para os meus filhos. (...) Tentei sempre, dei os passos para conhecer as pessoas tudo... Inclusive há uns anos atrás, o meu padrasto foi-se embora e levou os meus irmãos todos e eu estive uns anos que não os vi depois na altura houve, foi logo no início da TVI há perto de 20 anos, havia um programa que era o Ponto de Encontro e então o que é que eu queria ver o meu irmão o L porque o L era assim uma espécie como eu era eramos mais maltratados para os outros serem bem tratados, eramos as ovelhas ranhosas dos cinco filhos. E eramos castigados por tudo, e ralhavam com a gente por tudo e agente é que era culpados por tudo sem sermos e ele encobria-me muito.

Entrevistador: Era seu irmão.

L: Não. Era filho do meu padrasto. Eu quando comecei a namorar com o A eu vinha de moto com o A atrás do autocarro e ele não vinha para casa sem eu chegar ali, que era para não ralharem comigo. Estava-me sempre a encobrir nestas coisitas. E então tive muitos anos sem o ver, quando o meu padrasto foi embora com ele e depois lembro-me que fui a O fazer qualquer coisa e sabia que a namorada dele trabalhava num centro comercial e então comecei a abater às portas todas das lojas e a perguntar se havia alguma menina que se chamasse S e depois contava a situação e depois toda a gente achava muito giro. Depois ia a outra daquela loja dizer á outra “Ah aquela menina veio à procura do irmão que não vê há tantos anos! Ah que bonito!” pronto era assim... (...) acabei por encontrar a namorada dele e ela ficou assim a olhar para mim desconfiada e eu disse assim “Diz ao L que a A teve cá a procura dele”, passados dois dias já aqui em casa sabiam. Porque ele telefonou para a minha irmã D e a D telefonou para aqui “Tu não tens vergonha, andaste no centro comercial a perguntar por ele” “Eu não. Quero lá saber é disso olha!”

Entrevistador: E ele veio ter consigo?

L: Não. Depois... eles tiveram muitos anos que não falaram com a minha mãe, só agora há dois anos que vêm cá pelos anos do meu avô. E deixaram de falar com os meus avós e tudo, pronto revoltados por causa da situação que a minha mãe faz, ao fim ao cabo compreende-se. Ela abandonou-os todos quando eles mais precisavam. E depois vi o meu irmão numa altura dessas, isto há quatro ou cinco anos. (...) mas há sempre aquelas lembranças que ... tivemos montes de

tempo a falar das nossas parvoíces das nossas brincadeiras... mas é uma infância. Adolescência não tive.

Entrevistador: Na altura em que entrou na adolescência é a altura em que quis ser...

L: Pois era, mas eu na altura não pensei e é assim como deixei de estudar e juntei-me logo com o pai da minha filha eu queria era constituir família, arranjar um trabalho, arranjar um negócio e seguir com a minha vida em frente. Fiz isso, só que depois tenho tanta sorte ou tanto azar que o A gostava tanto de mim que eu não podia sair de casa sozinha. Eu tenho esse problema com os homens, não sei porquê. Eu para ir ao médico tinha de ir a mãe dele comigo porque podiam olhar para mim, é triste mas é verdade, pois tive esse problema... então para ir à loja, para ir ao médico... qualquer coisa a mãe dele tinha de ir comigo. Consegui abrir um negocio na altura, tinha o problema de eu ter de estar lá a trabalhar e o A ia para as festas e para as discotecas e não sei o quê, depois se chegasse lá e visse alguém a falar mais tempo comigo, saía assim disparado pela porta fora, a pessoa não era ele que ele mandava-os todos para fora. Mas como eu costumo dizer o A foi uma coisa doentia, um amor doentio que eu tive na altura. E se o A fosse uma pessoa com responsabilidade, com capacidade, porque ele tem capacidade para trabalhar e ele sabe trabalhar só que não tem responsabilidade, ainda hoje não tem porque era filho único, os pais achavam muita graça ele dizer que ia trabalhar e a patroa não pagava. E ele dizia que ia trabalhar e depois ficava no jardim do C o dia inteiro, e isso começou a acontecer ao fim de dois anos de casada. Só que ele teve azar que ele estava a trabalhar para o meu tio e ele dizia que o patrão não pagava, o patrão não pagava e eu vim a saber que o patrão era o meu tipo e pagava-lhe todas as semanas e ele não aparecia com o dinheiro em casa. O nosso mau relacionamento foi mais por aí, ele o tempo que trabalhava não entregava dinheiro em casa, e tinha de ser eu o homem, e a mulher, e a mãe, e o pai, tinha que ser tudo.

Entrevistador: Como é que foi a mudança, a saída de casa, o casamento ... essa fase da sua vida?

L: Para mim foi, a única alteração que houve foi o ter um companheiro e o de ficar grávida. Porque responsabilidade de arrumar casas, fazer comer e tomar conta das coisas, isso eu já ia habituada. Aprendi muita coisa com a minha sogra, fui viver para casa deles, não havia água, não havia televisão, não havia nada ... ou seja, como eu costumo dizer eu já venho de cavalo para burro eu tinha tudo em S vim com tudo com casa, com televisões com tudo, conhecer centros comerciais e isso tudo e venho sempre a descer em lugar de vir a subir eu venho a descer. Consegui meter água, eu própria fiz a canalização e depois o A era assim uma pessoa que não se interessava “Ah um dia faz-se, um dia faz-se!”. Consegui meter canalização, comprei uma máquina de lavar, comprei tudo

a trabalhar sozinha para aquela casa, comprei eletrodomésticos tudo, a única coisa que eu tive mais dificuldade foi encontrar uma televisão, mas consegui fazer negócio com o meu sogro vendi-lhe a minha bicicleta para pagar a primeira prestação da televisão. Mudança, mudança não... depois, a única coisa que eu me recordo e que começou a correr mal é eu saí daqui porque não estava bem aqui em casa com a família... queria ser... não era liberdade era ter mais espaço e vida para mim própria e lá acabei por ficar prisioneira do amor como eu costumo dizer. Porque também não podia falar com A, não podia sair para aqui não podia ter amigos, não podia ter nada só podia sair com ele.

Entrevistador: E a relação com os seus sogros?

L: A relação com os meus sogros... com a minha sogra era um bocado conflituosa porque ela era muito “O meu menino, o meu menino, o meu menino” e “Não se pode falar mal para o meu menino e tem de se fazer as vontades”. O meu sogro era impecável era uma pessoa ali reta. E depois tive várias separações do A, porque depois o A bebia depois batia-me, depois era do género de eu estar deitada na cama ele chegar às três, quatro da manhã puxar por mim pelos cabelos e andar de rojo comigo pela rua. Era uma gritaria lá... por nada, por nada simplesmente porque está bêbedo, tinha uns stresses porque tinha visto um primo dele envenenar-se com 605 forte e acho que o primo morreu. Acho que isso era a desculpa que a mãe dele dava para ele ter aquelas crises. Mas isso acontecia muitas vezes, chegar ao ponto de ele tirar tudo para a rua, partir os móveis, partir tudo. Houve uma altura a minha filha estava a passar o fim-de-semana aqui em casa. Foi, eu vim fazer a vindima, e depois já saímos daqui tarde e a minha filha ficou cá de noite depois fomos para casa o A já ia bêbedo entretanto, deu-lhe assim na cabeça agarra na mota vem até aqui leva a miúda assim debaixo do braço, como se fosse um saco de batatas e vai com a mota por aí fora. E a minha mãe vai a pé de robe isto tudo às 11h da noite com medo que ele deixasse cair a miúda e então chegou lá a casa... eles os dois ele de pijama e ela de robe a pé até P! Estava o A, a tirar tudo do frigorífico e a mandar tudo para as galinhas, para o galinheiro. Tirou o comer todo dos armários e do frigorífico e mandou tudo para o galinheiro as loiças tudo pelo chão, partia as mesas partia tudo era uma bocado conflituoso, mas eu gostava muito dele.

Entrevistador: Ele era assim, na fase do namoro?

L: O A na fase do namoro... é assim eu comecei a admirar o A porque ele levantava-se às 7 da manhã para ir trabalhar. Porque o A já era muito conhecido por não gostar de trabalhar, e eu naquela altura, eu soube que andava a trabalhar e costumava passar ali todos os dias... isto foi uma fase que eu tive a tomar conta de uns bebês em P, e então eu ficava lá de noite ouvia a mota dele e aquela mota aquele barulho deixava-me doida era uma Shopper na altura... e eu pensava afinal o

homem não é aquilo que eles dizem porque até se levanta de madrugada, às 7 da manhã para ir trabalhar. E então aí às 10 para as 7 já estava eu a espreitar pelos buracos dos estores só para o ver passar, ficava feliz da vida. E é pena aquele rapaz é pena ele não... Ele na fase do namoro, ele talvez tivesse demonstrado ser aquilo que ele queria ser mas não conseguiu, porque depois havia aquela situação dos colegas... “Ah se vais trabalhar és isto és aquilo. Mais vale um gajo fumar umas ganzas e curtir e não sei o quê”. Ele estava assim naquela fase, mas pronto ele conseguiu-me convencer que mudava e que íamos ter a nossa vida, que íamos fazer a nossa casa, porque ele até sabia trabalhar de pedreiro... é muito diferente, muito diferente mesmo.

Entrevistador: Quando é que se separaram?

L: Depois separamo-nos tinha a minha filha a primeira vez, tinha a minha filha três anos aí estava farta de levar e os vizinhos “Onde é que te vieste meter”, porque os vizinhos já o conheciam de nascença praticamente “Ai onde é que te vieste meter” e eu “Ah mas ele muda, ele muda”. E depois ele batia-me fazia-me aquilo tudo e no fim agarrava-se a mim a chorar. Pronto o problema dos homens é mesmo assim... Bêbados, é o problema que não quer fazer isto ou aquilo... Separei-me a primeira vez (...) depois dei-lhe mais uma oportunidade e ele diz que ia mudar, que ia arranjar um trabalho que a vida ia mudar. E eu tudo bem, mas não continuava sempre eu a levantar-me cedo e ir trabalhar para o campo e ele depois ficar com o dinheiro, e depois veio aquela situação das drogas e isso assim aí complicou-se mais as coisas, porque o A já dantes não trabalhava e nessa altura pior ainda. Mas eu sempre trabalhei, eu recordo-me de ir trabalhar para a B, já depois do café eu sempre trabalhei o café ao fim de um ano porque depois fui obrigada a fechar porque aquilo era mais vezes o A ir tirar dinheiro da gaveta e ir para a festa de M e de não dei de onde, e estar a pagar copos e mariscos e petiscos aos colegas do que o lucro que eu tinha e então tive que fechar o café. Fui trabalhar para a B, foi uma das coisas que me marcou muito e as minhas colegas na altura escondiam-me e faziam tudo e mais alguma coisa para eu não o ver. Eu ia trabalhar a pé logo às 6 da manhã, às vezes ainda de noite para ir trabalhar para o tomate apanhar à grade e quando era meio-dia elas diziam “Oh A vai-te esconder que ele já lá vem” via-se o carro a acelerar por aí fora e o A ia lá buscar o dinheiro que eu tinha ganho, no período da manhã. Recordo-me que uma vez, faltava vinte escudos para a quantia de dinheiro que ele queria, deu em fazer piões lá no sítio onde as pessoas almoçavam, revirou os almoços, ninguém almoçou naquele dia. Revirou aquilo tudo porque faltava vinte escudos. E a B não lhôs deu, porque achava injusto eu estar a trabalhar e ele chegar ali e levar o dinheiro. Porque depois é assim, se ele repartisse aquilo que ia buscar comigo, porque eu não altura eu já consumia ainda se admitia agora ele chegava lá levava o dinheiro e desaparecia e deixava-me lá e eu tinha de trabalhar o resto da tarde e isso tudo. E eles diziam “Tu vai-te esconder que a gente diz que não estás cá” “Ah mas depois é pior” e escondi-me uma vez e

ele correu aquilo tudo à procura também não dava. Pronto, e as situações aí começaram-se a agravar e eu sempre a trabalhar, consumia e andei nessa má vida sempre...

Entrevistador: Quando é que começou a consumir?

L: Assim nas drogas pesadas já tinha vinte e poucos anos.

Entrevistador: E nas leves?

L: Na altura quando me juntei com ele ...16, 17 anos.

Entrevistador: Já tinha tido a sua filha.

L: Já, já tinha tido a S.

Entrevistador: Como é que foi a sensação de ser mãe pela primeira vez?

L: Ah foi ótima, custou muito, muito muito muito. Mas recorde-me que andava sempre com um vestido indiano na altura e eu sou magrinha e nunca fiz assim grandes barrigas, mas ela nasceu quase com quatro quilos. Mas recorde-me que foi uma sensação, é uma sensação única. Ela nasceu de parto normal, fui para o hospital era nove da noite e ela depois nasceu à meia-noite e quarenta e cinco do dia 30 de dezembro.

Entrevistador: Como é que foi a sua relação com ela?

L: Foi sempre e era mais à base de... não era tanto, mãe e filha era mais de amizade ainda hoje.

Entrevistador: Têm uma diferença pequena...

L: Pois eram 16 anos ainda hoje é mais uma relação de amizade e recorde-me dela ... ela gostava que eu fosse com ela às festas de anos das colegas e na escola as colegas delas gostavam muito de mim, a mãe da S é fixe é uma curtidora e é assim e é assado. Hoje já tenho o problema no inverso, que os meus filhos “Pois as mães dos outros, são todas mais novas, tu é que és velha” e eu digo “Pois mas as mães dos outros quando têm um pneu para remendar não vão remendar de certeza, mas a mãe.” “Ah pois, nisso mãe tu és fixe”.

Entrevistador: Começou a consumir porquê?

L: As leves foi naquela de camaradagem e na altura toda a gente andava nisso, comecei a fumar tabaco com 9 anos, não gosto de dizer isto ao pé deles, comecei a fumar tabaco aos 9 anos às escondidas na escola. E depois como eu costumo dizer tudo o que é mau vício pega-se parece que atraio essas coisas. E depois atrás do tabaco comecei a conviver com o A isso logo no tempo de

escola, já convivía com ele. É do género a gente estava na escola, vinham para lá aqueles matulões nas motas para o portão do ciclo comecei a fumar a ervita foi aí. E depois as mais pesadas foi um bocado de insistência do A, “Não sejas parva e não sei o quê. Não sejas careta, vá lá experimenta lá” e eu “Não, não, não” mas uma vez lá estava tão passada e disse “Está bem pronto”. Porque o A é do género tem que ser, tem que ser. Tal como eu aprendi a andar de moto, também foi assim eu “Ou A não ando que eu tenho medo, quando tiver uma moto mais pequena ou quando viver um colega teu com uma mota mais pequena e experimentamos a andar de moto” e ele guardava essas situações para quando já estava carregado de álcool. Então eu lembro-me que ele tinha uma Suzuki 125 eu nem conseguia chegar com os pés ao chão e agarrou numa p.. de boi que ele tinha e “Põe-te em cima de m... e anda nisso. Vê se és uma mulher como deve ser” e tive. Já estávamos casados e aprendi a andar de mota foi assim e com as drogas foi a mesma coisa, hoje não quero, amanhã não quero, no outro dia não quero. Estávamos dois ou três casais e “tens de experimentar... e experimenta isso senão levas um murro no focinho” E acabou por ser assim naquela altura, experimentei odiei, senti-me mal vomitei via tudo a andar à roda achei que ia morrer, mas depois a outra já foi diferente e depois a outra também diferente e cada vez ... e foi como foi.

Entrevistador: E quando é que se separou do seu marido.

L: Definitivamente tinha a minha filha 14 anos. Tivemos 14 anos, houve duas ou três separações e separei-me porque houve uma altura em que a minha filha já me dizia assim “Oh mãezinha vai-te embora senão ele mata-te”... e era mesmo à frente da miúda e tudo depois houve uma situação também que isso ela nunca perdoou ao pai, que foi eu estar grávida ... estava grávida tinha ela 9 anos eu engravidei só que tinha de andar sempre a trabalhar e na altura andava no tomate ou no melão, já não me recordo e fazia bastantes esforços porque eu é que carregava o melão ... era no melão e sei que um dia á noite queixei-me e disse “Estou cheia de dores” e ele disse “aguenta-te”. No dia a seguir de manhã estava a perder sangue (...) e eu disse-lhe a ele (...) “tenho que ir ao médico, vou à casa do povo porque há qualquer coisa que não está bem estou a perder sangue”, e ele respondeu com asneiras, “desaparece da minha vista para fora” e eu fui para o hospital do C, e eu tinha ido à consulta de rotina antes (...) e estava tudo bem ouviu o coração do bebé e estava tudo bem porque eu já estava assim meia coisa... entretanto fui ao hospital do C e depois mandaram-me para S, e em S fui examinada “quem foi a besta da médica que disse que estava tudo bem. Mais dois dias e a senhora morria.” E eu já tinha o bebé morto já há quatro dias dentro de mim. Sei que fui logo isolada para um quarto, fizeram-me lá uma raspagem e ainda estive lá uns quinze ou 16 dias que não podia receber visitas nem nada. O A nunca foi lá, nunca telefonou para lá, nunca nada. (...) Isso foi uma das situações que me marcou muito, mas ainda estive mais cinco anos com ele. Só que depois as coisas nunca mudaram e ainda hoje (...) e essa situação dói uma das que agravou

mais para a separação e a minha filha ainda hoje, estivemos a falar a semana passada sobre isso e ela diz que nunca perdoa ao pai. O pai não é uma pessoa que se preocupe... não é só ele, ele e ele e ainda hoje... não arranjou mulher nenhuma é a mãe que lhe dá comer e que lhe dá dinheiro para a gasolina e se ela não lhe der ele parte tudo e escavaca tudo... quem quer ver o A... e tenho outra ainda que essa ainda me está grávida de sete meses (da filha) levo com um pontapé na cabeça que ainda hoje cá está um alto, vinha a sair da porta da sala para a cozinha por causa de umas meias não estavam dobradas ou não estavam no sitio que ele queria e então sai despachado manda-me um empurrão eu caio para o chão e ele vem e manda-me um pontapé e fiquei com um alto. Durante anos isto, não me doeu nem nada de há cinco anos para cá começou a crescer e começou-me a doer, fui à médica de S marcar, fizeram-me exames e marcaram-me uma operação, chego à sala de operações não podia ser operada porque tinha de ter alguém a acompanhar-me então telefonei à minha mãe ela tinha almoços aí, mas foi lá ter comigo e então cheguei lá chamaram a anestesista e a enfermeira para me rapar o cabelo, rapou o cabelo do lado certo, do lado esquerdo quando vem a médica manda-me virar ao contrário e eu disse assim “Não ó Dra. é daqui deste lado, não, não na radiografia diz que é do lado direito oh doutora é do lado esquerdo...” Entretanto toca o telefone dela “a mota do meu filho...”(...) e entretanto a médica insistia que era para rapar do lado direito e eu disse assim “oh Dra. não o quisto é do lado esquerdo” sei que deram-me a anestesia, abriu-me a cabeça e só me lembro destas palavras assim “Ah filha que coisa tão esquisita ou vou mas é fechar isto que isto não é para mim” e pronto e assim foi. Marquei outra consulta para outro médico, marcou-me outra operação que diz que não pode ser feita em S tem de ser feita em L, tive a operação marcada só que não pude ir porque se passou qualquer coisa com os miúdos e então ficou... Mas é das recordações que eu tenho do A que está cá, ficou e agora está-me a dar problemas porque nunca me doeu e agora está a crescer doí-me e isto é uma coisa esquisita porque dá ideia que é um osso que está aqui a crescer a médica abriu diz que não e para ela, mas também não me soube explicar o que era que ela diz que também não sabia só que era coisa tão esquisita... é só coisas esquisitas comigo. A minha vida é toda esquisita, dos pés à cabeça. Isto dá um filme mesmo daqueles esquisitos.

Entrevistador: Separou-se do A, continuou a consumir ou parou de consumir?

L: Fiz duas paragens mesmo ainda junta com o A, também tive outra situação que o A para apanhar 10 contos do meu avô, disse que me ia por a uma clínica (ainda a semana passada estive a contar esta história aos meus filhos). Ele e um colega dele para apanhar 10 contos para irem lá fazerem o que quisessem, arranjaram-me uma clinica e pediram dinheiro ao meu avô para pagar aquele x para entrar, e depois mais um x para pagar a meio da estadia. Resultado foram-me por a uma clínica de gente doida, aquilo era tipo uma quinta era SS em S, nunca mais me esqueço. Eu fui para lá

tiraram-me roupa, documentos, fiquei sem nada, sem nada. Assim que entro lá vêm logo duas a gritar “Ai filha tira-me daqui que eles estão-me a matar que eu estou toda negra”. A mulher já era negra, mas ela estava negra em certos sítios. Aí começou uma revolta tão grande dentro de mim “Mas o que é que eu venho para aqui fazer, isto é só gente louca” é que não tinha nada a ver eu ia fazer uma desintoxicação, mas depois comecei a pensar assim, psiquiatria talvez dê para fazer isto. Sei que me tiram a roupa mandam-me vestir um robe, depois mandam-me ir para uma casa de banho, eu mais quinze ou vinte tudo despido parecia assim uma prisão a lavar tudo com uma agulheta. No fim daquilo, vamos todas para o refeitório, a medicação era igual para toda a gente, foi uma coisa que me lembro porque ainda estava lúcida depois fiquei assim um bocado baralhada. Quem fizesse a parte e não tomasse a medicação era castigado, a outra até fez assim um copo de plástico, esborrachou os comprimidos e enfiou à outra pela goela abaixo e eu a ver aquilo tudo e a pensar “mas onde é que eu estou metida”. Para me meterem soro estavam-me a picar nas pernas, por isso é que eu estava a ver que a outra estava toda negra e então disse “mas estão-me a meter soro nas pernas mas, onde é que nós temos aqui veias” aquilo dava a ideia de que não era gente profissional, não era nada... (...) Eu já não tinha veias nos braços mas eu cheguei a um ponto em que eu dizia assim “deixem-me ser eu a procurar” porque é assim eu ainda tinha nas pernas, agora aqui em assim, nós não temos não há aqui assim é só carne, por isso é que a outra estava toda negra. E depois, é assim não têm cuidado parece que estavam a espetar um cavalo, não procuravam a veia nem nada, é chega aqui e espeta a agulha. Eu comecei a dar em doida com aquilo. Depois deram-me os medicamentos, mas os comprimidos são iguais para toda a gente e eu a olhar, a olhar a olhar, mas eu não tenho o problema delas, elas devem estar doentes da cabeça mas eu não estou, eu ainda lúcida. Aquilo começa a fazer efeito, começo a ver a sopa eu já via coisas na sopa o que é que eu comecei a pensar fugir dali. Ainda ontem estava a contar a eles, que com uma tampa de uma caneta, com aquela partezinha mais coisa, tirei aquela massa de vidro que está a colar os vidros, fui tirar aquilo, tirei o vidro e consegui fugir para a rua, mas aquilo é tipo uma quinta tinha segurança tinha um portão cá em baixo, mal chego cá abaixo já estavam dois a levar-me para cima. Não sei por que portas e travessas consegui mesmo sair de lá, saltei a vedação, porque depois já estava muito drogada com aqueles medicamentos e tudo, mas consegui sair de lá. Recordo-me que roubei roupa num estendal, larguei a farda que lá tinha vestida deles e roubei roupa num estendal para vestir, consegui arranjar uns sapatos, aliás no comboio ainda vim de chinelos, consegui meter-me dentro do comboio e depois era posta na rua cada vez que lá aparecia o pica, eu não tinha bilhete. Cheguei a ficar... Levei seis dias para chegar a L porque eu queria ir para L para ir ter com o meu irmão...

Entrevistador: Mas a medicação ainda estava a fazer efeito...

L: Ainda estava a fazer efeito, porque aquilo era uma carga tão grande, só lá para o quarto quinto dia é que eu já estava assim mais ou menos... quer dizer eu sabia o que é que estava a fazer mas uma coisa assim mesmo atordoada (...) Houve sítios em que eu fiquei em apeadeiros, assim mesmo quase de noite e em sítios selvagens em que não se via uma casa uma luz, nada. Eu até chorei nesses dias, nesses dias até chorei. Mas consegui chegar a L e depois recorde-me que o meu irmão trabalhava num coiso que se chamava F, e o que é que eu pensei vou ter com a polícia, vou ter com um taxista que eles talvez me saibam indicar onde é que é esse bar para eu ir ter com o meu irmão porque ele arranja-me dinheiro e dá-me comer... não sabia onde é que era porque também não sabia dizer se era um bar se era uma discoteca se era um pub o que era... eu sei que era um estabelecimento que ele trabalhava lá os taxistas diziam que era para ir ... F é um barco, diziam-me eles... Bem eu já cheia de fome, já não tinha forças já não tinha nada e penso assim, não tenho dinheiro, não tenho que comer, não tenho força já não sei o que é que hei-de fazer o que é que eu penso vou entrar num café... pão e água não se nega a ninguém. Entrei num café pedi um pão expliquei a situação assim por alto, pedi um pão com manteiga disseram-me que não e eu disse não, não pode ser. No segundo a mesma coisa, depois fui a uma tasca a mesma coisa, ninguém me dava nada para comer e eu assim nem que seja um bocadinho de pão duro, já estava tão desesperada nem que seja um bocadinho de pão duro, ninguém me dava nada para comer... e pensei eu vou pedir e seja o que Deus quiser, entrei no café, eu já nem olhava se era restaurante fino se o que era, já estava mesmo desorientada estava tão farta de levar um não. Eu dizia “nem que seja só um bocadinho de pão duro daquele que vocês deitam para o caixote do lixo” e nada. E disse assim, olha eu vou entrar vou comer e beber e seja o que Deus quiser. Mandei fazer duas sandes de ovo e mandei fazer mais duas de fiambre ou uma bifana ou que era para trazer para casa e mandei vir um sumo. Comi a sandes, bebi o sumo as outras já estava embrulhadas e quando o homem vem direito a mim que estava cheio de gente à porta e eu “Ó abre” e passei e fugi. Bem, as tantas era a polícia era os garçons depois é que eu vi que eram garçons que tinha aquele fato do papillon e o colete e tudo, fui apanhada não é. E depois lá estive a conta a história, foi uma vergonha que eu passei porque o café estava cheio de gente, café-restaurant, polícia, tudo aquilo foi um escândalo. Chorei tanto. Depois estava lá, depois de castigo mandaram-me ir limpar as casas de banho todas em baixo na cave e limpar o armazém e aquilo tudo, depois estava lá um casal espanhol que aperceberam-se da história, falaram com o gerente, descompuseram o gerente mandaram-me sentar ao pé deles, jantei comi bem e levaram-me ao meu irmão, pronto. São experiências de vida que é um abre olhos, como eu costumo dizer, é um abre olhos para certas coisas, por isso é que eu às vezes digo a ele a gente quando se mete nas coisas temos de pensar muito bem sobre o que possa acontecer de mal, por isso é que eu muitas vezes as coisas corriam mal e outras corriam bem. Quando a gente

faz as coisas aéreas olha seja o que Deus quiser, agora quando a gente já vai a contar com aquilo que possa. Só que é assim eu aí tentei ir pelo certinho eu pedia. Pedi a primeira, pedi a segunda a terceira... já estava tão desesperada sem dinheiro e sem comer...

Entrevistador: E a sua filha nesse tempo ficou com quem?

L: Nesse tempo a minha filha estava com a avó, com a avó paterna.

Entrevistador: Quanto tempo esteve lá internada?

L: Menos de uma semana, mas menos de uma semana ou então matavam-me. (...)

Entrevistador: E quando chegou a casa?

L: Depois o meu irmão ficou assim “o que é que estás aqui a fazer?”, depois contei-lhe a história toda e depois ligou para a minha mãe, a minha mãe ligou lá para cima para a clínica. Sabes o que é que lhe disseram? Que eu estava a dormir, pois. “Ela, a medicação está a fazer efeito e ela não pode falar ao telefone” e depois eu contei à minha mãe o que é que se tinha passado, a minha mãe foi por aí acima ainda descompôs lá não sei quem e depois não sei como é que foi o desfecho disso. Só que lá está a tal coisa a gente vai para um sítio e sai-nos outro.

Entrevistador: E chegou a deixar de consumir nessa altura?

L: Deixei. Depois, estive ainda uns meses (...) depois voltei novamente, depois fiz mais uma cura numa clinica particular em P.

Entrevistador: Ainda com o seu primeiro marido.

L: Ainda. Não ai estava já separada dele, já estava separada dele. E depois saí dessa clínica e fui direto para L para casa do meu irmão, para fugir aqui deste meio e isso assim, fui para B para casa dele. Ainda lá estive um ano e qualquer coisa, só que depois voltei para aqui, convivi com o A e coiso, porque é assim, quando eu voltava tinha sempre de ir ter com o A, aquilo era uma doidice, tinha de ir sempre ter com o A.

Entrevistador. O que é que a levou a separar do A?

L: Foi as mesmas coisas. Era sempre, o ele não querer trabalhar, o ele querer ter dinheiro fácil, o ele arranjar esquemas para me culpar a mim, como é que eu hei-de explicar, ele arranjava esquemas para a gente arranjar dinheiro mas depois ele descartava-se e depois ficava eu na boca do lobo. Era o ter que ser eu a resolver e fazer tudo.

Entrevistador: Quando se separou foi para onde?

L: Vim para aqui. Depois na altura vim para aqui. Depois aqui tive uma situação também.

Entrevistador: E como era a sua relação com a sua mãe, mesmo depois de casada?

L: É como é hoje é bom dia e boa tarde e olha vais ao centro de saúde ou vais... porque a minha mãe também tem sido um vai e vem de namorados e maridos e coiso... (filho: mas antes jantavas lá e isso) Ah isso foi quando vocês nasceram ao princípio.

Entrevistador: Quando veio, veio para casa da sua mãe, mais para o pé da sua avó.

L: Exato. Na altura mais para o pé da minha avó, mas estava a morar na casa da minha mãe. Entretanto a minha filha já estava com um relacionamento com o namorado, depois com 16 anos juntou-se com o namorado e estiveram a viver aqui um tempinho aqui em casa. Ele ia trabalhar fazia a vida dele normal em casa dos pais, mas só vinha aqui dormir com ela. Depois houve aí uma situação, porque uma pessoa quando consome drogas tem sempre aquele problema mexe, rouba, faz, acontece mesmo que não faça esta sempre lá, ou mesmo que faça, que cheguei a fazer e a tirar, pronto depois quando desaparece é sempre ela. Então houve aí uma situação, não isso foi mais para a frente... Nessa altura estivemos juntos correu tudo bem, depois a minha filha foi para casa da avó outra vez, e depois ao fim de uns anos é que veio para aqui. (...) Então estiveram aqui a viver, entretanto a minha mãe juntou-se com o meu padrasto, com um outro quer dizer esse é sempre padrasto porque além dos namorados, amigos e amantes que ela teve aquele foi sempre amante dela, toda a vida. O constante ... até que chegou um ponto que ele veio viver com ela. Só que é engraçado eles não se deram tiveram 9 anos juntos e acabaram por não se entenderem, ou melhor eles davam-se bem cada um no seu sítio agora a viver juntos não dava. Aí tive uma situação que a minha mãe disse que desapareceram uns documentos de um carro e eu disse “não mexi, não mexi, não mexi” e ela “mexeste, mexeste, mexeste”. E eu quando me dizem que eu mexo e que eu não mexo eu viro o Carmo e a Trindade, tanto insistiram que eu tinha mexido que eu levanto-me da cama isto logo de manhã, e eu digo assim “Agora vou abrir as gavetas todas e tirar esta balhana toda que é para veres que eu não mexi em nada”. Deve estar noutra sítio qualquer porque eu não mexi.”, “Ninguém entrou cá em casa, foste tu para venderes para a droga ou para trocares ou venderes o carro.”. E então eu sou assim meia variada, começo a tirar gavetas e despejar armários e a tirar tudo. E a minha filha estava aqui na altura, que ficava aqui mais o namorado de noite, e o meu padrasto viu que eu estava um bocado exaltada e disse assim “Estás a partir tudo...” eu disse assim “Olha não te metas, porque o assunto não é contigo é comigo e com a minha mãe, não estejas-te a meter.” e ele diz assim “Estás aqui estás a ...” mas não completou que a minha filha disse assim “Estás aqui estás a quê vais bater à minha mãe? Seu grande porco?” Quando ela diz

isso eu pensei “Alto lá! Que conversa é esta?” e eu puxei-a para o lado por um braço para o quarto e perguntei “O que é que se passa? Porque é que disseste que o J é um grande porco?”, “Porque ele foi ter comigo ao quarto e ofereceu-me dinheiro para isto e aquilo” “O quê?” Aquilo foi ali, foi uma disputa, resultado fiquei eu mal, sabes qual foi a conversa da minha mãe? Que eu lhe queria estragar a vida e então fui posta assim na rua. Mandou-me assim a roupa toda, mete tudo dentro dos sacos do lixo e manda pela janela fora.

Entrevistador: E foi para onde?

L: Depois aí fui para casa de um colega da minha filha, também lá para os meios dos matos, nuns barracões quaisquer porque não tinha para onde ir e tive aí. Estive ainda duas semanas, depois aí estava mesmo naquela que queria acabar com a vida, estava mesmo desorientada porque ninguém me compreendia e não. Eu a querer salvar a reputação da minha filha e a minha mãe a dizer que eu lhe queria estragar a vida. (...) E foi um altura complicada e foi nessa altura que eu conheci o pai deles, conheci entre aspas, foi quando eu comecei a insistir com ele J dá-me trabalho, J dá-me trabalho, “mas só lá trabalham homens e não sei o quê, não te dou trabalho nenhum” e tanto insisti com ele e cheguei-lhe a dizer “Ou dás-me trabalho ou acabo com a minha vida”. (...) Daí o J arranjou-me trabalho e o A andava a trabalhar para o J e eu para não vir para aqui que não vinha comecei a ficar em casa do A às escondidas, ou seja, o A dormia em casa da mãe, depois ia dormir àquela casa que era a nossa. E eu para ninguém desconfiar dormia... o que uma pessoa faz o meu almoço e o meu jantar eram laranjas andava a trabalhar depois nas obras e a comer laranjas, só comia lá durante o dia que o patrão pagava o almoço e então eu dormia lá num sofázito que lá havia numa casinha à parte que aquilo estava tudo deitado abaixo, tudo destruído. Uma vez faltou a luz de noite e era assim escuro e o quadro da luz era precisamente naquela casita onde eu estava a dormir no sofá, resultado vem a mãe do A e eu já a ouvir os passos dela “e agora o que é que eu faço, se ela me descobre aqui mata-me”, comecei a dormir atrás do sofá entre a parede...

Entrevistador: Como é que conheceu o pai dos seus filhos?

L: Foi nessa altura, que ele depois viu que eu estava tão desesperada que deu-me mesmo trabalho. E eu disse-lhe a ele nem que seja “só em troca de alimentação, senão eu acabo comigo e ando farta de andar nesta vida”. Só que antes disso teve um relacionamento com o G que era traficante aqui, tive um ano com ele uma altura em que eu não consumia drogas e pensava que o ia tirar a ele também. Cheguei a apresentá-lo aqui à minha mãe e tudo, só que depois ele era só assim só via era dinheiro (...) não media as consequências nem o perigo nem os riscos, até que foi preso. Eu ia visitá-lo à prisão todos os dias, muitas vezes não tinha dinheiro tinha que lhe levar tabaco (...) destabilizou mais a minha vida porque tive momentos muito complicados, situações muito, muito

complicadas desde ter sido agredida nas viagens, ter sido violada, foi assim um bocado assim... Nas viagens que eu fazia para as R para o ir visitá-lo. Porque era assim eu queria ir visitá-lo, queria levar-lhe tabaco e ia vê-lo, e eu senti-me na obrigação de fazer isso pronto e como não tinha dinheiro para o transporte, ia a pé ia à boleia, naquela altura como estava mesmo desorientada ia mesmo á boleia e passei assim muito maus bocados nessa altura. Inclusive uma vez, consegui dinheiro para o comboio mas tinha de ir apanhar o comboio a L para a zona do oeste, aqui na zona não dá. E então consegui dinheiro, apanhei comboio para L só que houve uma avaria nos comboios ou atraso ou não sei o quê, e eu tinha dinheiro à conta para aquele bilhete, só que como houve aquela avaria e só havia comboio passado não sei quantas horas eu estava cheia de fome e cheia de sede e cheia de tudo fui beber um café, resultado já não deu para tirar o bilhete para as C, deu só até (...) e eu fazia aquela viagem dia sim dia não naquela altura aquilo foi um mês que eu tive dinheiro que andei a trabalhar no tomate na E, e o senhor o revisor era sempre o mesmo e conhecia-me, e eu expliquei-lhe a situação e ele diz-me assim “Então mais uma vez, então este bilhete está para (...)” e eu expliquei-lhe a situação, como o comboio se tinha atrasado tinha bebido um café, mas se ele fizesse o favor de ir até à estação das C que o comboio ficava ali e já não saía. E eu disse-lhe a ele “você fica lá com o meu BI e eu vou arranjar 70 escudos para completar o dinheiro da viagem”. Não aceitou, passou-me uma multa dinheiro que eu não tinha na altura para pagar dez contos que não paguei ao fim de oito dias e passou para cem e depois foi aumentando, aumentando. Sei que já tinha os meus filhos, estava a morar na casa à renda lá em baixo e aparece-me a polícia para me levar ao tribunal das C. Não me deram hipótese de nada eu disse assim “eu tenho que dar comer aos meus filhos” eram eles bebezinhos de colo “Tenho que dar comer aos meus filhos, não tenho com quem os deixar, não tenho nada”. Veio o carro da polícia e eu disse “Mas o que é isto? Sou alguma criminosa, aparece-me um carro da polícia aqui por uma multa de 70 escudos que eu não tinha na altura, onde é que isto já foi”. E passaram tantos anos, aquilo foi em 99 (...) e eles vieram-me buscar em 2001. (...)

Entrevistador: E então teve o relacionamento com o pai dos seus filhos... correu bem?

L: Que se mantém até agora. É assim, eu com ele nunca foi amor, ou seja o J tinha dificuldade também em demonstrar os sentimentos que tinha. Não havia carinhos, não havia afetos não havia nada. E o que nos levou a estarmos mais juntos e mais próximos e chegarmos onde chegámos foi eu ser uma boa ouvinte e compreender aquilo que ele dizia e ele entender-me a mim e eu entendê-lo a ele. Até que a gente começou-se a envolver, é assim ele ajudou-me a sair do mundo da droga, ele apoiou-me muito embora ao princípio quando eu andava lá a trabalhar ele pagasse-me com isso porque era o que fazia com os outros, mas depois ajudou-me a sair e fui com ele para a clinica em B estive lá oito dias ... e eu cheguei a um ponto que eu já não sabia se era amor, se era amizade

mas cheguei à conclusão que era mais gratidão e depois era assim... eu via nele alguém que me protegia que me ajudava, alguém que me apoiava talvez o pai que eu nunca tivesse, tanto que eu já cheguei a ter essa conversa com ele e ele diz “És é doida, mas vê-me como um pai, que raio de sentimento é esse?” mas é aquela pessoa que a gente diz assim “Olha aperta-me com força que eu estou a precisar, de um conforto” e eu digo-lhe muita vez e ele manda-me mensagens quando anda assim mais revoltado “Mas afinal o que é que tu sentes por mim?” eu não posso dizer que é amor, porque não é eu não sinto aquele amor por ele, gosto dele, preocupo-me com ele tudo, mas não há aquele sentimento que eu digo que é amor que é paixão nada.

Entrevistador: Já viveram juntos?

L: Não nunca vivemos juntos, nunca, nunca, nunca. Ele tem mulher ele vive com a mulher.

Entrevistador: Eles nasceram, como foi? Engravidou e descobre que em vez de um são dois.

L: Ah foi uma maravilha, mas aí foi assim (...) Eu tinha feito a desintoxicação em Dezembro, mas eu estava a trabalhar com ele e o período vinha-me sempre e já tínhamos relações, mas o período vinha-me sempre. Eu sei que andava em cima de um primeiro andar lá a arranjar não sei o quê e volta e meia tinha umas tonturas. E ele não aceita que uma pessoa esteja doente ou esteja maldispota ou com uma quebra de tensão e a ideia dele é que eu tinha voltado a consumir drogas e estava assim por causa dos efeitos e eu dizia-lhe que não e ele dizia-me “Ah andas-me a enganar” e às vezes mandava tiros e aquelas coisas parvas que ele tem.

Entrevistador: Tiros? Tiros de arma?

L: Sim sofri muito com tiros e facadas e catanas e essas coisas assim. (...) Cortou-me o cabelo com a machada... pois. Sei que o empregado dele fugiu e que nunca mais o vimos... (...) e estava a trabalhar e estava-me a sentir tão mal e com tanta tontura e ele desconfiado que eu andava outra vez nas drogas e eu digo assim “Não então vamos fazer exames, vou fazer análises” e a médica não sei porque carga de água fez um teste de gravidez. Tinha ido com ele à inspeção do carro a O (...) e foi no dia dos namorados, que recorro-me bem que eram já quase sete horas e o laboratório estava a fechar, mas ainda consegui que a senhora me desse o envelope. Eu tinha o envelope na mão e eu tremia, “O que é que será que eu tenho” já pensava tudo e mais alguma coisa. Quando eu abro o envelope e vejo grávida, gravidez positiva e eu assim “Não pode ser, eu tomo a pílula, tenho estado a fazer a medicação para aquilo como é que eu posso estar grávida?” E depois é assim, como eu já não consumia e não tomava a pílula nem nada e não conseguia engravidar, portanto eu achava impossível naquela altura... e então fiquei assim um bocado...fui à médica, a medica mandou-me fazer uma ecografia que a gravidez já estava um bocado avançada... isto foi em fevereiro, quando

vou fazer a ecografia aquilo acusava qualquer coisa que eles não sabiam bem o que era, mandaram-me repetir passado um mês então fui fazer ao hospital, porque já era uma gravidez de risco, porque já tinha os antecedentes que tinha, porque já tinha a idade que tinha...

Entrevistador: Que idade tinha?

L: Já tinha trinta e qualquer coisa.

Entrevistador: Que idade é que tem?

L: Faço 45. (...) Recordo-me de estar deitada na marquesa, o pai deles ficou cá em baixo, estava deitada na marquesa... era uma médica mulata e um medico já assim de idade e depois dizia o médico assim “Ah ela não pode ter duas vesículas” mas assim muito coiso a olhar para o ecrã “Não pode ter duas vesículas. A senhora sente-se bem?” “Sinto” E põe-se assim a médica “Oh Dr. não são duas vesículas, são dois fetos!” e eu “O quê?”, eu mandei um grito e disse tanto palavrão, tanto palavrão tanto palavrão (...) Aquilo juntou-se tanta gente naquele consultório que eu dei em doida, enlouqueci mesmo eu variei, quer dizer eu não queria estar grávida de um por causa da situação que era agora imagina dois. Depois é assim, a médica propôs logo um aborto e isso para mim estava fora de questão. Bem quando eu chego ao carro ao pé dele, eu vinha doida, transpirava por todo o lado, eu comecei ao murro e ao pontapé ao carro (...) e ele parvo sem saber o que é que era e ele disse o que é que é “Não é um são dois”, porque ele dizia assim “Está tudo bem com o bebé?” “Mas qual bebé não é um são dois” eu gritava parecia uma doida (...) e ele ficou todo feliz da vida. Quando eu contei aqui em casa aquela situação como é costume “contem com a gente, não há problema, tudo se resolve, tudo se cria”, mas quando chega à hora da verdade não está cá ninguém. Foi uma gravidez muito complicada, porque eles aos cinco meses queriam sair, aos seis meses estive sempre quase a ser internada fazia dilatação e tudo até que aos sete nasceram. (...) Eu tenho esta estrutura que não aguenta com muito, mas a médica diz que para o tempo de gestação, para a minha estrutura que eles até nasceram com um peso razoável, embora para mim não, porque este tinha um quilo e oitocentas e aquele tinha dois quilos. Mas a médica disse “se você chegasse aos nove meses de gravidez então nascia um com quatro e outro com mais”. E eu sempre fiz ginástica, lembro-me que naquele dia em que eu fui parar ao hospital rebentaram-se as águas e eu na descontração vou por aí fora, de bicicleta, a minha mãe trabalhava no café e disse “Olha mãe, acho que tenho que ir para o hospital, porque acho que os miúdos vão nascer, porque me rebentaram as águas”, “Esta rapariga é doida, agora rebentaram-lhe as águas e vem para aqui a pé”. A minha mãe não podia sair do café estava lá uma colega nossa que diz assim “Então eu vou lá dona L, mas eu não tenho carro.”, “Então levas o meu, vai lá com ela ao hospital ver o que é que se passa” A outra tinha um mioma, tinha a barriga maior que a minha, chego ao hospital diz a enfermeira assim,

“então pode entrar” pode entrar mas estava a dizer para a outra e diz a outra assim, “Não, não sou eu é ela” “então mas não é a senhora que está grávida?” “Não, não é ela”... aquilo é que foi um espetáculo, e lá nasceram. Era para ser parto natural, entretanto fizeram-me o CTG o Sr. J resolveu encaixar-se nas costelas, pronto teve que ser cesariana logo assim de repente.

Entrevistador: E qual foi a reação da sua filha?

L: Isso foi uma coisa doida. Já era crescida e é curioso ela tinha feito um aborto dois meses antes, ela podia ter um filho da idade dos irmãos. (...)

Entrevistador: E a sua reação qual foi quando os viu?

L: A minha? Fiquei assim com um bocado de sentimento de culpa porque o meu J, porque é assim ainda não tinha feito o desmame dos medicamentos daquilo tudo e ele nasceu a ressacar. Fui seguida em S nas consultas todas (...) ele nasceu já tinha dificuldade em respirar... mas depois correu tudo bem. Ficaram um mês, não chegou a um mês na incubadora, depois começou a correr tudo bem. Depois vim para casa, sempre com aqueles acompanhamentos da Assistente Social e essas coisas todas, eu como não tinha casa na altura, porque eu fiz a gravidez deles toda num barracão ali atrás, num barracãozinho (...) foi uma gravidez muito complicada na questão do pai deles beber muito e fazer muita porcaria e de andar sempre muito enervada e chegou alturas de eu estar deitada na cama às três quatro da manhã abria a porta assim (com força) e havia a situação dos tiros e “Não és minha”... e depois fez aqui uma fila de carros à meia noite e tal agarrou-me com uma grande catana e “Eu vou-te matar que eu gosto tanto de ti que eu não podes ser de mais ninguém” e é só coisas assim ... E a relação tem sido sempre assim, e agora tem sido mais calmo desde que ele foi acusado de ter morto aquele moço ali em P há seis anos (...) desde aí andou um bocado mais calmo e tranquilo, mas de vez em quando faz das dele, aquelas bebedeiras parvas. Embora fosse proibido de entrar aqui, já teve uma altura, uns anitos que não veio aqui dentro precisamente por causa de beber e de bater no meu avô e de partir tudo com o trator e coisas assim um bocado esquisitas... mas, agora anda mais calminho, chegou-me a bater muitas vezes cheguei a chamar a GNR, e a GNR o que fazia era dizia assim “Oh Sr. L deite-se aí debaixo do trator e quando estiver mais bem disposto vá para casa” e eu cheia de sangue e com marcas de levar porrada e tudo e nada... Cheguei a fazer queixa dele em tribunal (filho: eles têm medo do pai!) mas depois não ia com elas avante porque ia sempre naquela dar mais uma oportunidade mas, agora sei que ele se embebedada, está e proibido de vir aqui está proibido de telefonar para mim, que eu proibi-o quando estivesse bêbado, embora ele agora ultimamente já por duas ou três vezes às duas da manhã telefona. E uma das vezes foi apanhado aqui, estava perdido de bêbado, estava aqui ao portão e ficou sem a carta e ainda hoje está sem a carta de castigo.

Entrevistador: E em termos de trabalho sempre trabalhou?

L: Quem me dera. Não trabalho porque não tenho. Mas sempre trabalhei, nunca tive medo de trabalhar, seja trabalho limpo seja trabalho coiso, sempre trabalhei é preciso é haver.

Entrevistador: Desde quando é que tem Apoio Alimentar?

L: Há dois, três anos para aí, parece-me. Há três anos.

Entrevistador: E sempre teve? Nunca deixou de ter.

L: Nunca deixei de ter. É um apoio mensal na minha vida, só não é quando recebo os alimentos lá da junta de freguesia é que aí não é. O que aconteceu em dezembro, o mês passado e aconteceu este mês.

Entrevistador: Acaba o apoio por haver outro. Por sobreposição.

L: Exato.

Entrevistador: O que é que contribui para que pedisse apoio pela primeira vez? O que é que aconteceu para pedir apoio pela primeira vez?

L: É curioso eu não fiz nada, foi alguém uma senhora que é daqui do L (...) que foi logo no início do Banco Alimentar ela sabia da minha situação e da minha dificuldades que eu tinha e que vivia sozinha com os miúdos e que não tinha trabalho e isso assim e ela é que me trouxe o papel da inscrição e eu inscrevi-me.

Entrevistador: o que e que sentiu a primeira vez que recebeu os alimentos? Vieram cá trazer-lhe ou foi lá buscar?

L: Não fui lá buscar porque na altura perguntaram se eu tinha transporte e a minha mãe disponibilizou-se a ir lá comigo, e então fui lá buscar e depois comecei também a trazer para pessoas que não tinham transporte e ia levar a casa delas. O que é que eu senti? Eu na altura senti uma alegria tão grande, até chorei porque acho que não tinha arroz... não sei, sei que não tinha qualquer coisa e naquele cestozinho, embora fosse pouca coisa na altura, a mim soube-me tão bem como as vezes sabe quando vem um pacotinho de leite sabe tão bem, tão bem.

Entrevistador: Não sentiu vergonha, acanhamento...

L: Não porque eu às vezes até sou humilde demais nesses sentidos sou. Sou porque sou muito aberta sou muito transparente, as pessoas dizem “Ah não tens vergonha de estar a pedir emprestado

ou de estar a pedir isto ou de ir buscar alimentos?” eu não se eu preciso. Eu tinha vergonha era eu estar a precisar, os meus filhos estarem com fome e eu dizer não, não quero. Isso é que eu tinha vergonha, assim não tenho...

Filho: Eu tenho vergonha.

L: Tem o meu L tem.

Entrevistador: Porquê?

Filho: Porque tenho.

Entrevistador: Costumas ir com a mãe buscar?

Filho: Sim

L: Ah depois pensam que nós somos pobrezinhos e depois não sei o quê.

Entrevistador: Ficas assim um bocadinho envergonhado é?

Filho2: Mas quando já vem aqueles leites com chocolate...

Entrevistador: Depois comes tudo... tens é vergonha de ir lá buscar.

Filho: E depois gozam.

L: Quando vinham aqueles bolos, veio muitos bolos. Agora há bastante tempo que não vem.

Filho: As pessoas dizem ah pobrezinhos.

Entrevistador: Mas quem é que diz isso?

Filho: Uns que vêm é logo. Pobrezinhos.

Entrevistador: São da vossa idade ou mais velhos?

Filho: Até podem ser mais novos.

Entrevistador: E isso não te deixa muito confortável.

Filho Não.

L: Ele tem problemas em lidar com isso, lida muito mal com essa situação. Este já não é tanto, mas ele... Este às vezes não há dinheiro para carregar o cartão na escola, não tem problemas “Oh Dona não tenho dinheiro hoje posso pagar amanhã quando carregar o cartão?”, agora aquele não come.

Filho: Não, não, não fico lá a dever nada. Não fico lá a dever nada.

L: “Olha é preciso ir à loja.” “Tens dinheiro para pagar?” é logo. Se eu não tiver dinheiro para pagar, não vai este vai, aquele não.

Filho: Não gosto.

L: é muito complicado gerir isto tudo (...)

Entrevistador: E como tem sido esta experiência ter apoio do Banco Alimentar? Tem sido uma experiência boa, acha que é suficiente, acha que podia vir mais alimentos, mais apoio?

L: Agora vou ser muito sincera, mesmo direta (...) é assim quem precisa, precisa sempre, neste caso é uma situação em que vivo sozinha, não tenho trabalho. Trabalho fixo já não tenho para aí há quatro ou cinco anos, se aparecer uma hora ou outra faço. Portanto, quem precisa na minha situação precisa sempre. O que eu acho injusto é por exemplo, eu e dois filhos recebo uma quantia de alimentos e certos e determinados alimentos e vai outra pessoa que é ela sozinha mais o marido recebe mais alimentos, e alimentos diferentes. Acho que não está bem distribuído.

Entrevistador: Ou seja os cabazes não são feitos tendo em conta as necessidades das pessoas.

L: Exato.

Filho: Nós precisávamos...

Filho2: Mas não podes pedir o que queres, eles dão o que podem.

L: Tomara eu que eles me deem tudo... quando eles traziam aqueles sacos de pão e aqueles sacos de fruta toda podre, quem me dera a mim que venho isso outra vez.

Filho: É fruta podre?

Filho2: Sim, corta-se o podre e podes comer o melhor.

L: A mãe diz podre, às vezes vinha assim com um bocadinho de bolor... de 10 ou 15 quilos de fruta que me traziam eu fazia uma salada de fruta. Se há-se ir para o lixo davam-me. Eu disse tantas vezes à L, “vocês tragam-me... pão duro” cheguei a ter a arca cheia de pão e cheguei a dar à R e agora digo eu assim “Não tenho um bocadinho de pão na arca”, que já há muito tempo que não me dão. É assim tudo o que era essas coisas, agora possivelmente há mais famílias... também se compreende, mas chegaram mesmo fora do dia do Banco Alimentar, chegaram-me aqui dentro,

chegaram-me a trazer ao fim de semana, bastante pão e era fruta e às vezes vinha iogurtes e bolos que eles deliciavam-se, também era a única vez que eles comem iogurtes...

Entrevistador: Qual era a sua expectativa? A primeira vez que foi que recebeu.

L: Não estava à espera que fosse tanta coisa. Para já sou muito sincera pensava que fosse só um pacote de açúcar e um pacote de massa. Sou muito sincera porque quando vou ao supermercado quando ia, via lá aqueles elementos com aqueles saquinhos do Banco Alimentar para as pessoas porem um pacote de arroz ou um pacote de açúcar ou uma garrafa de óleo e eu pensava que era um desses saquinhos que vinham para nós. (...) Estava só a fazer conta que viesse uma coisita assim e então quando veio um sumo da Compal, veio atum, salsichas e houve um ano que no Natal veio um cabaz tão recheado que trazia bacalhau trazia couve, trazia azeite, trazia tudo que eu digo assim “Meu Deus saiu-me o totoloto”. Pois, porque este natal foi o pior dos Natais, este Natal nada, nada nada nada, além de não conseguir comprar nada para os meus filhos, não me deram nada. Não consegui fazer um comerzinho diferente, não consegui. (...) Nos outros anos a mãe consegue vestilos dos pés à cabeça, comprar um brinquedozinho nem que seja dos chineses este ano não consegui nada.(...)

Entrevistador: E em que é que contribuiu o Apoio Alimentar para a vossa vida?

L: Contribui porque é assim, muito pouco que seja como eu costumo dizer, é sempre bem-vindo e parece que vem sempre nas alturas certas. Calha mesmo bem. Sabe tão bem.

Entrevistador: E o que é que pensa sobre o funcionamento do serviço?

L: Tenho pouco conhecimento de como é que aquilo funciona porque é só chegar lá trago o saco entrego o saco, entrego o vazio e trago cheio não estou na altura a ver o que está e o que não está só quando chego a casa é que vejo, mas depois falamos umas com as outras ou oiço a outra dizer que fulano levou isto e por acaso às vezes vejo, lá está é aquela situação de eu ver que fulano é só ela e o marido e levam x disto e daquilo e do outro porque às vezes vê-se ou levam dois ou três sacos e eu trago só um. A distribuição, quanto a mim, está mal gerida não sei, mas também não sei como é que aquilo funciona lá dentro.

Filho: mas agora não nos dão pão.

L: Não são obrigados a dar-nos pão. A mãe aceitou o pão porque a L e o G diziam na altura que ninguém queria (...) e eu disse “Tragam pão” porque eu faço torradas, eu faço sopas de pão, eu faço tudo e mais alguma coisa. Aproveito tudo, a (...) diz que eu devia ir para cozinha porque eu invento comer do nada e então ela diz que eu tenho de ir para cozinha por causa disso. Invento

comeres assim, mesmo sem comer invento comer é o que faz uma pessoa ter dificuldades e ter que improvisar. E então eu sempre disse à L, dê-me fruta, mesmo coisas que estejam fora da validade, come-se logo na altura as coisas não estão estragadas é logico que estiverem estragadas eu não as como não é.

Entrevistador: Acha que podia funcionar melhor só nesse aspeto da distribuição, da organização dos cabazes.

L: Exato, isto pelo que eu oiço falar que uns levam isto, levam aquilo e vejo que levam dois ou três cabazes e isso assim, porque eu também não sei os alimentos que têm, mas sei mais ou menos que aquela pessoa tem x de pessoas e eu é a mesma coisa, porque é que aquele leva mais e eu leve menos. Não é que eu me queixe, tomará eu que tenha só um pacote de arroz por mês para mim já é bom.

Entrevistador: E quando lá vai...

L: Quando lá vou sou bem recebido, bem atendida tudo gente simpática e porreira. (...)

Entrevistador: Quais são as suas expectativas relativamente ao apoio alimentar?

L: Eu gostava de não receber, era bom sinal. Adorava não receber, para dar a oportunidade a outras famílias que estejam em dificuldades também. Não me importo de receber menos, se souber que é para outra família que está numa situação nova entre aspas porque agora há tantas famílias a precisar que não precisavam, mas gostava de não receber mesmo era isso... é isso a minha expectativa era essa não precisar mais.

Entrevistador: Qual é o seu relacionamento com as pessoas que lá estão?

L: É bom, uma maravilha, é espetacular, é divertido é de confiança porque já me conhecem... a L já conhece o meu historial sabe já um bocado da minha história de vida, conhece a minha filha e isso tudo porque eu vivi em P durante 15 anos e ali as pessoas todas me conhecem. O G também porque fui vizinha dele durante uns seis ou sete meses, logo no início quando os miúdos nasceram e deixei de ser vizinha porque a casa era muito húmida e foi quando se descobriu que o J tinha asma. Mas, dou-me bem com toda a gente, com as mocinhas que lá estão também é tudo gente simpática, não tenho razão de queixa nem de nada nem de ninguém.

Entrevistador: É som mesmo essa questão de haver uma distribuição diferente.

L: Eu tenho dois filhos se calhar merecia dois pacotes de leite enquanto a outra é ela e o marido e leva cinco, por exemplo... assim essas coisas. (...)

Entrevistador. Acha que a sua vida é muito centrada no negativo?

L: É, não acho, tenho a certeza. Estou prisioneira por causa do pai deles, porque não posso ser eu própria, porque as pessoas não entendem, porque ao fim ao cabo aqui são só pessoas de idade pouca gente nova há e as pessoas têm muito aquela coisa que assim é que é certo e que assim é que deve ser e não se deve fugir. E se fizeste mal, tens de pagar, mas pagas para toda a vida.

Entrevistador: E arrepende-se hoje?

L: Arrependo-me e bastante, todos os dias. Mas pronto já está, já está o que é que eu vou fazer já não posso voltar atrás. Se pudesse, mas era totalmente diferente.

Entrevistador: Se tivesse a oportunidade de sair daqui ir para outra terra, outro país outro sítio para começar o zero.

L: Outro país não sei, mas isso digo eu ao pai deles muitas vezes ele é tão encorajador que eu digo assim “Adorava que me saísse o totoloto, só o dinheiro suficiente para eu sair daqui e começar uma vida nova”. Ter uma casa e um trabalho, mais nada. “Para quê para onde tu fores o rótulo vai sempre atrás de ti”, é porque ele é muito animador.

Entrevistador: Portanto ele representa aquilo que quase todos os outros dizem.

L: Exato. Depois diz fulano diz, mas não é fulano que diz é ele que na cabecinha dele pensa assim e depois diz que é A, B e C que diz. Tanto quando na semana passada foi aquela situação de eu ir buscar umas calças a casa de uma para fazer a costura em casa ele “Pois vais a casa dela. Essa mulher diz que és uma p..., uma drogada, que és uma esta, uma aquela e agora vais trabalhar para ela. E depois vão fazer queixa de ti, cortam-te o RSI”, mas é os outros que dizem, diz ele, mas não é ele eu já vi que é assim. O J adora uma regateira, se ele ouve alguém no café a falar de um drogado ou disto ou daquilo ele põe-se ali à escuta e depois é capaz de se infiltrar na conversa...é que o homem é doente e depois ele para saber aquilo que lhe convém é capaz de me estar a enterrar ou de dizer que não tem nada comigo, que é isso mesmo péssimo da parte dele, ele depois... se aquilo que as pessoas tiverem a dizer for bem de mim ele não quer que seja ele quer é ouvir coisas más. Tanto que depois diz que “Essa gaja, não tenho nada a ver com ela” se eu sonho alguma vez que foi a A,B ou C que ele disse isto ou mato-o “Não tenho nada a ver com ela, nem os meus putos” mas fala assim de uma maneira para conseguir que as pessoas digam aquilo que ele quer ouvir, não é a realidade é aquilo que ele quer ouvir. Por isso é que eu não o deixo estar sozinho com os meus filhos, porque é assim ele é muito manipulador e os miúdos quando estão com ele têm medo de falar tanto que o meu J diz assim, eu digo assim “Oh J porque é que não falaste a verdade ao pai?” “Porque o pai se calhar ia ralhar e então eu digo aquilo que ele quer”, entram no jogo e os

miúdos às vezes ficam hesitantes porque quando ele pergunta, ele com a pergunta dá logo a resposta. “A mãe foi lá abaixo? A mãe foi lá abaixo, não foi? Ele dá logo a resposta e depois se os miúdos disserem não “foi, foi, não foi? Olha que a viram.”, é que ele dá logo a resposta e os miúdos ficam assim, mas a mãe não saiu de casa como e que foi. Ele tem uma maneira e depois eu evito que eles estejam sozinhos com ele, porque os miúdos ficam mesmo stressados é que os miúdos não sabem o que é que há-de falar. E depois ele apercebe-se e diz “Estão com medo de falar, estão a esconder alguma coisa a vossa mãe já disse para vocês não dizerem isto ou aquilo ou aqueloutro” e depois fala assim com os miúdos e é um bocado complicado.

Entrevistador: Porquê de ele nunca ter assumido, de forma aberta porque ele teve de os registar.

L: Exato. Nunca tive problema, nunca foi preciso fazer testes nem nada. E assim, ele tinha a vida dele feita, formada na altura era empreiteiro tinha acabado de arranjar a casa estava-lhe a vida a correr bem não ia estragar isso não é.

Entrevistador: Isso ia estragar?

L: É assim como é que eu hei-de explicar, o casamento é para toda a vida para ele, nem que seja só de figurino. Não sei.

Entrevistador: Ele é presente na vossa vida.

L: Ele é presente, houve uma altura que toda a gente pensava que eu é que era a mulher dele porque ele nunca foi visto com a mulher em parte alguma ele ia comigo para todo o lado (...) até a mulher descobrir. Depois ela soube que ele continuava a andar comigo, quando os miúdos nasceram ela soube porque houve quem lhe fosse contar, mas ele sempre disse que já não mantinha nada comigo. (...) o que eu sei é só coisas que ele me diz, que tem problemas que a mulher o trata mal e que já teve que dormir no carro e que já teve não sei o quê e que não havia necessidade destas coisas e eu digo “Mas se tu andas comigo se as pessoas te vêm aqui” ah depois vem alguém passar pensa que acho que é meu m que vem acola” e esconde-se. “Estás a esconder-te para quê? Mas as pessoas não sabem que tu estás aqui, passa aí toda a gente vizinhos teus e ... “Ah mas do saberem ao ser a mulher a ver ou os filhos é diferente”. Portanto ele em casa diz que não tem mais nada, comigo que não dá ajuda aos miúdos, que não quer saber dos miúdos para nada, em casa diz isso. E depois quando alguém vai dizer à mulher que o viu aqui... a semana passada vi uma situação engraçada, esta aqui a A agora, ele estava aqui e eu vejo vir o carro do pai “O teu pai vem para aqui?” Agora vem para aqui o meu pai” “Não vem, vem ele está a fazer o pisca”, fui abrir o portão. Era o pai e o marido da A. E o marido da A disse assim, “Ah o meu irmão queria vir ver a minha patroa pode

ver” “Pode, então não pode” e eu pensei “Ah está ali o carro do J” eu sei que ele estava aqui dentro e o pai não o podia ver, mas estava o carro aqui fora. O homem entra, mas também não viu aqui o carro. Mais um problema para mim, é que isto é mais um problema para mim por sabes o que é que ele já me disse é que quem vai perder com isto és tu e os rapazes, porque eu agora não vou para aí, porque agora tudo o que se passa aí a minha família fica a saber, porque os meus primos vão para aí, o meu tio vai para aí houve as conversas e depois vão contar a mulher. E agora evita de vir para aqui... ainda bem!(...) Por um lado é positivo mas depois é assim começa ele com aqueles stresses dele, porque é assim quando ele fala comigo ao telefone ele massacra ele humilha ele trata mal ele ofende ele diz tudo e mais alguma coisa, com aquela calma dele, com aquela serenidade mas ele faz tudo e eu não eu começo-me a exaltar, começo a enervar-me começo a falar alto e já toda a gente sabe que eu estou a falar com ele. E então o problema dele é esse é “Vê se paras de falar no meu nome que as pessoas não têm precisão de saber que estás a falar comigo” “É lógico que sabem que eu estou a falar contigo eu não falo com mais ninguém, muito menos desta maneira se eu estou a responder assim é porque me estás a ofender e a tratar mal do outro lado, portanto se não queres que os outros oiçam e saibam calas-te e não me ofendes”.

Entrevistador: Ele sempre a tratou assim?

L: Ele é muito repisador e depois ele é assim naquele sábado só por causa de eu estra em casa da senhora só para ir buscar as calças “essa gente diz mal de ti” ele fez-me uns nervos tão grandes, tão grandes que eu senti-me mal ao ponto de a minha mãe ter de telefonar para ele... é que senti-me mesmo mal. Ele repisa ele é capaz de estar horas e depois eu danada, o meu telefone está todo partido... o telefone é que paga. Ele diz coisas é que nem imaginas eu preferia levar três ou quatro pontapés ou murros do que ouvir certas coisas que ele diz e depois é repisador ele está sempre a bater no mesmo.

Entrevistador: E acabar com a relação?

L: Isso queria eu, há anos que eu ando a tentar isso mas ele não deixa. (...) Eu já disse à GNR e já disse à psicóloga a nossa relação é ou ele acaba comigo ou eu acabo com ele, ou então ele desaparece para bem longe, mas mesmo no estrangeiro ela não me dá sossego, porque depois as pessoa telefonam e me dizem que me viram aqui e que me viram acolá. E basta um gajo sair que já vais ao café já vais a todo o lado, já falas com A já falas com C...com ele é muito complicado. Com ele só ou ele acaba comigo ou ele morre ou morro eu...

Entrevistador: E como é a relação dele com os filhos?

L: É uma coisa sem jeito nenhum. E capaz de ligar para mim quatro ou cinco vezes por dia e nunca me pergunta pelos miúdos. Não...

Entrevistador: Sempre foi assim?

L: Sempre foi assim, tanto que ele “se eu acabar contigo alguma vez vocês esqueçam todos que eu existo” e eu digo “ Se acabas comigo os teus filhos não têm nada a ver com isso” “Não, Não. Acabou tudo, acabou tudo” depois é isso que eu evito e vou aguentando, aguentando, porque é assim eu podia descartar-me e havia de haver uma altura em que ele se saturava e como já se saturou só que depois ele nunca desliga, já tenho isso por experiência e depois ficou doente, parece que anda ali abismado que até a GNR veio ter comigo a dizer para eu lhe dar mais uma oportunidade porque o J anda mais não sei o quê (...) é muito complicado e depois é assim é o que eu lhe digo e ele diz que é assim porque gosta muito de mim porque preocupa-se comigo. E eu já lhe disse “J o que tu sentes por mim é uma obsessão é uma coisa doentia, as pessoas que gostam não fazem isto, não massacram, não humilham não tratam mal como tu fazes, dão espaço dão liberdade”, “Mas para que é que precisas de liberdade? Andar para aqui, para acolá, falar com A falar com B” “não eu quero falar com pessoas, não é com A, B e C eu preciso de falar. Tu não falas?” “Eu não quando falo é assuntos de trabalho.” Para ele é sempre trabalho, há sempre uma desculpa para estar no café para ter amigos ou que vai aqui ou acolá, só que para mim eu não posso “Queres falar com quem?” (...) Como eu a falar com ele eu tenho de ter muita atenção nas palavras que digo porque interpreta as coisas de outra maneira e é um problema. É que ele tem uma maneira de pensar assim um bocado retrograda, e depois é assim ele tem aquelas frases fixas, que tem de ser aquilo e mais nada e ele dá a volta assim à situação que às vezes já nem sei o que é que disse e o que é que falei nem o que é que, depois é assim estou preocupada se ele me fizer esta pergunta aquela da maneira como eu vou responder. Isto é um stress que não te passa pela cabeça. Isto é muito complicado, muito complicado, olha, olha.

FIM

Entrevista 4

Entrevistador: Como é que foi a sua infância e juventude? Do que é que se lembra? Da escola? De casa?

P: Só vivi com a minha mãe, com o meu avô, com o meu pai não. Tenho a quarta classe toda, o ciclo não o tenho todo porque não tinha cabeça para andar na escola e queria era ir trabalhar e depois pedi à minha mãe para trabalhar e fui trabalhar com ela.

Entrevistador Como é que se relacionava com a sua mãe?

P: Dávamo-nos bem, sempre nos demos bem, só ficámos assim quando eu quis fazer a minha vida, mas de resto demo-nos sempre bem. Tinha trabalho, umas horitas e depois... não me dei mal com ela. (...) Não me dava bem com os meus colegas, porque eles chamavam-me nomes porque eu era muito ... não me dava com ninguém, estava sempre sozinha, não tinha relação com eles.

Entrevistador: Vivia com os seus irmãos? Dava-se bem com eles?

P: A gente às vezes tinha aquelas confusões, coisas da idade, eu já nem sei se era da idade se era os feitios nossos que não se davam não ...

Entrevistador: E a relação com o seu pai?

P: Nunca tive relação com ele (...) Estive com ele aí há uns anos no Natal, ele deu-me uns bombons só que eu não ... e eu perguntei-lhe porque é que ele não quis dar-me o nome, e ele disse que agora já era tarde. Agora para dar nome ... porque também tem outros filhos, e eu também nunca mais lutei por ele e nunca mais ...

Entrevistador: Cortou a ligação com ele.

P: Não nunca mais. Eu depois tive a minha filha ele foi ver-me e eu não quis vê-lo já que ele não se lembrou de mim também não queria (...)

Entrevistador: Tinha-me dito que a relação com o seu avô era quase como seu pai...

P: É tal e qual. Com o meu avô sempre correu bem, foi ele que tratou de mim, ele é que cuidou de mim era netinha para aqui, netinha para ali... sempre. Era o meu pai, era com ele que eu contava...

Entrevistador: Ele vivia convosco?

P: Não o meu avô tinha a casa dele, a minha mãe trabalhou com ele nas obras ao princípio quando a gente era novos, a minha mãe andou sempre com ele para todo o lado (...) o meu pai sendo assim é o meu avô que foi sempre ele que cuidou de mim.

Entrevistador: E a sua avó?

P: A minha avó morreu quando a minha mãe tinha seis anos.

Entrevistador: A sua mãe é a única filha do seu avô?

P: Não tem mais dois. É ele é mais ligado a ela do que aos filhos, eles nunca o vêm buscar ele é de outra maneira (...) ele separou-se, porque a madrasta era muito má para a minha mãe, a minha mãe dizia que ela lhe batia, castigava...

Entrevistador: O que é que acha que a sua mãe esperava de si quando era mais nova?

P: Ela dizia para eu ser como ela para trabalhar, nas obras ... ela trabalhava em todo o lado e queria que eu fosse assim como ela só que eu pronto não dava, não deu porque aqui não há trabalho como lá. E ela dizia sempre que era bom que eu fosse uma boa trabalhadora. Nunca falou de ser isto ou aquilo de ser uma enfermeira ou uma médica não, nunca falou nada disso nem ela nem o meu avô. Ter trabalho e saúde e assim...

Entrevistador: Gostava do sítio onde vivia?

P: Na altura gostava, porque estava ao meu nível vá não é ... estava habituada àquelas confusões porque sempre fui a festas, a família juntava-se para almoçar ao sábado ou ao domingo, pronto essas coisas assim, a família juntava-se. Já aqui não, só eu, ele e o pai não temos essa... não, mas eu gostava de por exemplo, ao fim de semana ou ao sábado ou ao domingo de ter a família, ou a minha mãe, não digo o pai, e mãe dele mais o irmão a irmã... mas não dá porque pensam que são ricos, acima da gente ... a gente lá em baixo e então não dá.

Entrevistador: Sente falta da ligação familiar?

P: Sinto. Gostava de ir à casa deles, não acontece aqui. A minha cunhada vem aqui para me dar uma roupa ou isso, mas é raro, é muito raro, mas eu gosto de ter a casa cheia de família, nem assim amigos, nem nada só a família para a gente ... para o menino se habituar. O menino não se habitua com ninguém. E já a minha filha é diferente, está já mais habituada a pessoas, ele não está

habitado à gente aqui em casa, à casa da vizinha ainda há bocado a gente foi lá, é com essa senhora que ele se dá melhor e não fica com ela, não fica com ela.

Entrevistador: Mantinha relações de amizade com os vizinhos...

P: Não, também não. Aqui tenho mais, falo aqui com esta senhora. Ainda ontem à noite o meu J ...

Entrevistador: E da sua idade?

P: Não. Eu sou muito fechada que tenho aqui uma vizinha ou outra mas são mais velhos que eu (...) vou á casa dela, ela não vem aqui por causa do menino... mas não tenho amigos da minha idade nem lá nem cá, nunca me dei com ninguém... só com pessoas mais velhas e namorados mais velhos, sempre, sempre. Eu tive um namorado (...) que foi um problema muito muito grande, porque foi a primeira vez (...) eu fiquei muito doente quando ele me deixou. Namorei sete meses, ele tinha comprado as nossas alianças e eram de ouro, mas depois não sei ele era muito ciumento e eu não podia falar com ninguém (...) mas depois ... ele era muito mais velho do que eu... eu nessa altura tinha 17 ele tinha 32. E engravidei dele só que depois e isso é que me custa, eu engravidei dele mas perdi o bebé, estava morto... Aconteceu e eu não sabia que estava grávida porque eu sou muito nervosa e qualquer coisa eu ficava nervosa, e depois quando fui fazer o teste na altura estava com ele... Estávamos a jogar às cartas eu a minha mãe essa tal L, que é agora a madrinha dele, eu estava ao colo dele e senti umas coisas e dar aquelas dores aqui e eu a pensar que era o período. Eu só senti nos peitos, porque eu tinha uns peitos muito grandes que não era normal e estavam duros e doíam-me, mas eu estava ao colo dele e disse assim “está-me a dar uma dor muito grande”, mas eu como nunca estive grávida nunca sabia não é ... fui á casa de banho e estava deitar coisas assim... Eu estava na casa de banho e é normal a gente olhar para ver e via coisas assim (...) telefonei à minha prima M para ir a uma clínica, que como ela estava a tentar engravidar, falou com uma rapariga e ela levou-me 510 euros. Foi o pai que pagou, o pai que era... Eu já tinha avisado que o período não estava a aparecer e que qualquer coisa não estava bem, ele não se habilitou a querer saber e eu digo assim ... então a minha mãe comprou o teste e estava grávida e ele disse que não podia ser agora, porque tinha um filho também ... na altura tinha 14 anos, miúdo era doido por mim. (...) Quando a senhora começou-me a limpar-me ela diz-me que eu já estava grávida de três meses era um feto grande, só que já estava morto (...) e ela perguntou-me se eu tinha perdido muito sangue, se tinha perdido peso... eu disse que não. E eu depois deixei-o porque ele se não queria aquele filho também não me queria a mim...E depois passado um ano conheci o pai da minha filha, tivemos a nossa vida tive uma casa com ele...

Entrevistador: Ficou logo grávida?

P: Foi pouco tempo, passado um bocadinho fiquei logo grávida logo pouco tempo. Eu estava com medo que acontecesse alguma coisa à menina, por causa... eu não podia fazer força (...) Na gravidez da minha filha eu disse desde que nasça saudável (...).

Entrevistador: Lembra-se se na altura que viveu com a sua mãe, que foi até aos seus 16 anos, lembra-se se a sua mãe teve alguns apoios nessa altura.

P: Não, Não. Não me lembro, acho que nunca recebeu nada...

Entrevistador: Quando saiu de casa para viver com o seu marido notou algumas diferenças comparado com o viver com a sua mãe?

P: Eu estava habituada com a minha mãe, que ele fizesse o comer e depois tive de ser eu a fazer tudo, com ele. Nós morávamos pertinho da minha mãe e continuava a ir comer à minha mãe. Agora para aqui já é mais difícil, sou eu que tenho de fazer tudo. Lá eu tinha lá a minha mãe ao pé, ou isto ou aquilo. Eu estava doente e a minha mãe ajudava-me. Na gravidez da minha filha estive na casa dela, na dele estive aqui...

Entrevistador: E davam-se bem a viver juntos... já namoravam a algum tempo...

P: Não mudámos logo, foi logo (...) Juntei-me logo. Porque também era muito chato porque a minha mãe era muito comichosa porque isto e aquilo (...) e eu disse eu faço a minha vida ela faz a dela ela falou comigo para ajudar-nos (...) demo-nos bem sempre... a gente juntas em casa não dava separada dávamo-nos bem ...

Entrevistador: E a relação com o seu marido?

P: Começámos bem... até descobrirmos que era uma menina depois começou a mudar que não queria uma menina, que queria um menino... Batia-me, e dava-me pontapés e chamava-me nomes também. E a minha mãe disse que para fazer isso que fizesse a ela, o que ele me fazia a mim que fizesse a ela e depois... Eu estive no hospital internada um mês também derivado aos nervos. Sou muito nervosa... e a minha mãe dizia assim "Tu não tocas mais na minha filha, se tocares na minha filha mato-te". E eu, já começava a contar com a minha mãe porque contava tudo à minha mãe, isto... Depois estive internada três semanas e tal, mas no hospital estava tranquila sabia que não tinha problemas, tinha todos os dias visitas...a minha mãe, o meu avô. Ele não ia porque estava a trabalhar, quer dizer o meu avô ia, a minha mãe ia todos os dias, quando trabalhava lá de manhã e depois ia à tarde. Mas de manhã, depois os médicos como era uma visita pequenina, não se

importavam que ela fosse depois as coisas mudaram... (...) E depois quando a minha filha nasceu foi quando tudo mudou (...) Depois quando a minha filha nasceu sempre tinha a minha mãe lá, e depois começou-me a tratar mal e eu depois fui-me embora, quando a menina nasceu (...) Eu fiquei internada quando estava grávida quase a ter a menina depois tive a menina tive alta, vim para casa ainda da minha mãe, aos sete meses foi quando eu saí de casa, vi-me embora mesmo, já estava farta dele e da maneira de ele me tratar, nunca dava nada...comprava nada para a menina ... nunca cheguei a ver um tostão dele, não sei o que é que ele fazia ao dinheiro que ele ganhava, porque eu dizia assim “R., já não tens dinheiro? Não me digas...” ficava calado, não sei se ele gastava em algumas meninas, sei lá não sei ...

Entrevistador: Na altura tinha-me dito que ele começou a beber álcool...

P: Foi, foi o meu irmão que me contou que ele começou a beber. Começou a beber e começou a variar... Foi o álcool quando nos apercebemos e vimos que era uma menina, começou a variar, a variar...

Entrevistador: Quais foram os seus primeiros sentimentos quando viu a sua filha?

P: Fiquei contente não é, ele também mas, eu queria era ir para casa para descansar que descansa-se mais em casa do que nos hospital, porque estava tudo de volta de mim a perguntar se estava tudo bem, mas não é tão coiso como estar em casa. Em casa sempre tinha a minha mãe que me ajudava com ela a mudar fralda a ...mas ainda estive com ela e com ele não só o vi e levaram-no. Foram ao pé de mim e puseram-na no braço ela estava muito branca tinha a aquela pelezinha branca e eu perguntei o que era e disseram-me que era um cremezinho que eles nascem já cá dentro para proteger a pele, mas eu acho que ele não nasceu com tanto, tanto que a pele dela é seca, seca, seca tanto que quando ela era bebe tínhamos que por muito óleo... agora já não, na altura fiquei parva...

Entrevistador: Foi parto normal?

P: Não foi cesariana, por isso é eu, eu digo o M eu não vi com sangue (...) vi só elas cortarem o cordãozinho e tirar uma coisa que elas disseram que era a bolsa... Não vi mais nada, não vi sangue nenhum... Fiquei parva, porque dela vi a pele e perguntei logo “isso é o quê?” disseram-me que é tudo normal que é (...)

Entrevistador: Então teve a sua filha, foi para casa, saiu de casa quando ela tinha sete meses e foi para onde? Foi para casa da sua mãe?

P: Não vim logo para cá.

Entrevistador: Já tinha começado o relacionamento com o seu segundo marido.

P: Só depois. Eu liguei-lhe e ele disse-me “Não tenho casa, tenho que estar em casa da minha irmã”.

Entrevistador: Já se conheciam...

P: Eu e ele sim, mas a família dele não. Só quando me foi buscar a casa de um amigo dele, eu fui para aí e ele foi-me buscar nesse dia. Só porque ele não me podia ir buscar à A (...) e ele depois foi-me buscar e a irmã dele ligou-lhe. (...) Depois ele foi-me buscar à casa do amigo dele que me tinha ido buscar à A e depois a irmã dele ligou-me porque sabia que eu estava cá e ele já tinha falado com ela, e ela disse “Queres vir aqui jantar com a gente? Onde é que estás?” e eu disse “Estou aqui à espera que me venham buscar. E ela disse “Olha o J vai levar a minha carrinha e vai-te buscar” e ele foi-me buscar. E estavam num restaurante à minha espera... a irmã dele, o RC e depois mais gente que eu não conhecia também, e depois o RC já me conhecia de lá, porque ele é que fazia as festas e disse “Ah esta é a mulher do J” e ele disse “A minha mulher, eu ainda estou...” e eu cheia de vergonha. Eu só levava a minha roupa que eu tinha no corpo, só depois não sei quantos dias é que fui buscar a minha roupa, porque eu vestia a roupa da minha cunhada e só passado não sei quanto tempo e que eu fui buscar a minha roupa (...) na altura eu agarrei e vim-me embora. Tomei banho, enfiei as coisas para dentro da mala e vim-me embora. Sabe com quanto dinheiro é que eu vim para cá? Com 10 euros. Só deu para apanhar os transportes de lá para cá, 10 euros, não tinha mais dinheiro nenhum. Cheguei ali à A, e o rapaz foi-me buscar. Depois do jantar ele foi dar uma volta comigo para a gente falar viemos ver a casa para onde é que a gente vinha, viemos deixar a irmã dele aqui a casa.

Entrevistador: Então ele já tinha procurado uma casa para vocês viverem?

P: Já, porque ele já sabia por aquilo que eu estava a passar, ele já sabia isso e então depois veio ali, conseguiu dar com aquela casa, só que a gente não tinha nada depois o C é que arranjou uma cama... a gente não tinha nada... Armários, aquela máquina que a gente tem, o frigorífico, o micro-ondas... Comprámos a gente... Foi ele que comprou.

Entrevistador: Já o conhecia há algum tempo?

P: Sim ele já me conhecia, tinha eu seis ou sete anos. Ele era mais velho do que eu não me podia trazer debaixo do braço porque senão era preso. E ele disse que sempre era o destino que nos juntava e depois juntou-nos, foi à avó, a avó morreu e juntou a gente. Demo-nos sempre, sempre bem desde que eu vim para cá até agora estamos quase há três anos, até agora demo-nos sempre bem.

Entrevistador: Depois quando é que engravidou novamente? Como é que foi a reação dele?

P: Ele teve medo “e agora como é que é?”... Aquele medo que eles têm, que é só ele a trabalhar, como é que vamos ter fraldas como é que vamos ter leite, será que vamos ter isto, aquilo. Eu não me preocupava achava que íamos ter tudo, ele tinha medo, eu estava tranquila e ele sempre, tinha sempre aquela coisa (...) mas não lhe vai faltar nada e ele tinha sempre medo. “Como isto está será que não vai faltar nada a ele?” “Se Deus quiser não”:

Entrevistador: Como é que ficou a vossa relação depois do nascimento do M?

P: Ele ficou assim muito não sei o quê, ficou super contente (...) estive em baixo uma hora à espera (...) a enfermeira pô-lo ao colo dele e ele foi ver as orelhas, ele a contar-me foi ver os dedinhos “Já viste que ele perfeito e pequenino”, já eu pensava que ele não estava lá chegou ele ao pé de mim “Ah estás tão branca. Estás bem?” (...) E estava a dormir e ele disse “Tu já viste? Tão lindo que ele é (...) eu já o vi lá em baixo, ele é tão lindo.”. Pronto assim, eu já tinha visto (...) foi um pai e um filho viu a orelhas viu. “Ah! ele tem uma orelha como a minha tipo dobrada” agora já não tem já desapareceu, foi ver isso tudo. Foi ver tudo, tudo, tudo (...) Depois ele foi-se embora, e elas trouxeram-me para ele comer, então estive a mamar, adormeceu, elas depois levaram-mo lá para dentro e ele chegou a casa e ligou-me (...) mudou a fralda ao menino lá e pronto ficou contente. O irmão dele foi lá visitar, todo contente (...).

Entrevistador: Veio para o C, mas depois voltou...

P: Voltámos realmente... Estivemos aqui um ano, voltámos para lá para eu estar ao pé da minha filha, porque eu estava sempre triste porque não estava ao pé dela e a minha mãe disse “venham para cá, têm as portas abertas”, mas passado um mês viemos embora. E depois era assim, ninguém trabalhava, porque eles não tinham trabalho, o meu avô não podia estar a ajudar porque tinha de estar a ajudar a minha mãe. A minha mãe trabalhava, mas está com uma mulher que tem duas filhas e não dava. Eu chegava dias em que não comia, lá eu emagreci, eu estava mais forte e lá emagreci desde que fui lá nunca mais consegui engordar, passei lá mal e viemos embora para casa da minha cunhada depois alugámos esta casa onde estamos a morar... E estou melhor agora, lá também não tinha ninguém e aqui tenho a ajuda da J que dá-me muita ajuda e lá não tinha nada. A minha mãe não me podia ajudar, e depois não tinha lá ninguém aquilo é muito pequenino e depois também não há, você quer ir ao café, não tem um shopping, não tem nada.

Entrevistador: Como é que é a relação entre o seu marido e a sua filha?

P: Porque ele adora ela, ele tudo o que comprou para ele é o que ele comprou para ela, (...) ele é uma loucura por ela, e tanto que ele já disse quando a gente morou lá e agora ele está sempre a perguntar “quando é que ela vem?”

Entrevistador: Quando viveram lá a menina estava a viver com quem?

P: Connosco. E eu “Oh M vamos tomar banho que o mano vai tomar banho, vais ajudar a mãe?”, “Vou, vou, vou ajudar a minha mãe”. Ela ia buscar a toalha do mano e depois “Oh mãe e depois eu tomar banho aqui?”, eles não estão sujos não é? “Queres tomar banho com a água do mano?” “Quero mãe. Não tira.”, e então metia mais água porque ela era maior, metia mais água e ela “Ó mãe não é preciso a do mano e boa”. E não deixa ninguém fazer mal a ele e às vezes quando eu estava lá... é uma loucura, é uma loucura. Em pequeninos dão-se bem é normal porque (...) mas não se pode deixar os dois sozinhos, não porque ele mata ela. Ela não mata ele mas, ele é cabelos é cabelos tanto que a gente tem de se pôr a pau com ele. Porque ele já faz isto à gente imagine a ela fica logo sem cabelo.

Entrevistador: Desde que está com o seu marido conseguiu arranjar trabalho?

P: Nunca trabalhei, só ele. Ele é que trabalha. Aqui já não consegui arranjar nada, isto está tão mau que nem sei...

Entrevistador: Como é a relação com os seus vizinhos?

P: É boa. Se precisar de alguma coisa vou simplesmente ali à R que ela ajuda-me ela dá-me, com ela é... (...)

Entrevistador: O que é que a levou a recorrer ao Serviço de Apoio Alimentar?

P: O Serviço Alimentar ajudou-me muito. Porque lá está, porque uma senhora que me falou (...) de que eu não tinha os alimentos, tinha da Cruz Vermelha e ela falou com a J e ela ligou-me para o telefone e disse “Olha é neste dia e traga um saquinho”. Fui lá, levei o meu BI, o saquinho, levei o do J mas ela disse que o do J não era preciso, bastava o meu e dar só o nome dele e o nome do menino, e assim foi eu recebi. Eu fui lá e a D. J mandou-me leite, mandou-me mais umas coisinhas e marcou logo para ... e assim foi, saí dali da Cruz Vermelha, porque ali na Cruz Vermelha não davam nada o que davam era fora do prazo. E quando vou ali, fico toda contente, quando ela me dá coisas para o M é uma grande ajuda e está sempre a perguntar se eu quero alguma coisa, e as coisas

que elas me dão pões dentro do saco e pergunta “Quer mais alguma coisa, quer mais alguma coisa?”

Entrevistador: Mostram-se preocupadas, é isso?

P: É isso. Estão sempre a perguntar “Se precisares de mais alguma coisa diz, que eu te arranjo”. Dão para a roupa também (detergente), dão coisas para o banho dele, também dão pensos para a gente para o período, pronto dão essas coisas diferentes.

Entrevistador: O que sentiu quando foi a primeira vez?

P: É assim, estava envergonhada, estava com vergonha, estava com vergonha, porque é que a gente vai ali buscar as coisas temos aquela coisa, né? Agora tenho de lá estar ... Senti vergonha mas por outro lado, sinto que me estão a ajudar e preciso e fiquei contente porque estão a ajudar e estão sempre a perguntar se é preciso alguma coisa...

Entrevistador: Qual era a sua expectativa quando foi pela primeira vez receber os alimentos? Pensou que ia receber mais ou receber menos?

P: Eu achava que ia receber menos, mas não há dias em que me mandam mais. (...)

Entrevistador: Há quanto tempo vai ao apoio alimentar?

P: Olhe desde que estou aqui nesta casa (...).

Entrevistador: Acha que aquilo que recebe é suficiente para a sua família?

P: Olhe agora como somos três é mas lá está como eu digo quando a minha filha vier, a minha mãe estava a dizer que ela vinha agora, mas fico sem saber porque quero a menina cá, se ela vier a dia 19 eu ia ali á J para conhece-la. Eu já disse á J que ela vinha, e era bom ela a conhecer, porque devem sempre dar mais por causa dela porque eu sei quando é isso eles dão sempre mais alguma coisa...

Entrevistador: Com é que acha que funciona o Apoio Alimentar? Existem formas de melhorar o serviço ou não?

P: Não, só mudar aquela senhora que está lá (com que não simpatiza). (...)

Entrevistador: E acha que vai recorrer ao Serviço de Apoio Alimentar durante mais tempo? Gostava de estar mais tempo? Qual é a sua expectativa?

P: Eu até a vida estar melhor tenho de ir lá, se eu deixar de ir lá vou passar muito mal, porque só o ordenado dele e na Cruz Vermelha não dá... Se eu arranjar um trabalho deixo logo, porque se o meu ordenado e o dele der para orientar a nossa casa por mês a gente deixamos de ir lá. (...)

Entrevistador: Qual é a sua relação com as voluntárias do Serviço de Apoio Alimentar?

P: Eu dou-me bem com a MJ com a filha também me dou (...) dou-me bem com elas, gosto delas. Também são a minha família, com que eu posso contar.

FIM

Entrevista 5

Entrevistador: Como e que se lembra, qual a ideia que tem com 59 anos de como é que foi a sua infância e a sua juventude? Como é que foi?

B: Péssima. A minha infância ... pronto agora com 59 a minha infância não foi assim muito boa mas também não foi assim muito má eu agora com 59 tenho mais dificuldades com que estava na altura.

Entrevistador: Com quem é que vivia?

B: Com quem? Com a minha irmã mais velha (...)

Entrevistador: Estava-me a dizer há bocadinho que vivia com os seus pais e depois aos 10 anos foi ter com ela.

B: Sim, pois. E depois eu larguei, eu não me adaptava em S., que é mesmo assim e vim para cá. Cheguei cá e procurei a minha irmã mais velha... porque estava com dificuldades, pronto, não me dava com o meu pai e então a partir daí, eu larguei a barraca e fui para casa desta irmã mais velha para aqui para o pé da C.. Fiz ali uma barraca no quintal e lá fiquei... lá vivi até ir para a outra barraca lá em cima.

Entrevistador: E amigos. Tinha amigos?

B: Sim.

Entrevistador: E esses amigos mantem-se ou não?

B: Mantêm-se.

Entrevistador: Foram sempre os mesmos.

B: Não muitos, pronto há amigos e ... como é que eu hei-de dizer ... há amigos e mas também há aqueles que se fazem de amigos e não são, mas eu lá nisso...

Entrevistador: E lembra-se como é que se sentia.

B: Nessa altura sentia-me mais alegre, mais, como é que eu hei-se dizer, não tinha (...) tinha mais saúde que era mesmo assim não tinha dores, não tinha nada disso, dantes não pensava nas coisas, na vida.

Entrevistador: Em que é que pensava?

B: Pensava... Como é que eu há-de responder a essa pergunta, não ligava pensava ser melhor.

Entrevistador Sim. O que é que é ser melhor?

B: Em ajudar naquilo que eu podia e pronto e tinha outra maneira de vida com as pessoas, é assim não é, não ligava assim a certas, tantas como ligo agora mais à vida não é, agora penso muito, prendo muito nas coisas “o que é que eu faço para a comida, amanhã tenho de ir ali, e depois tenho que ir acolá” e penso “e agora tenho de estar ali”, dantes não pensava eu ia. Dantes chegava àquela hora e eu ia. Se eu for ao médico, se eu tiver de ir ao médico dois ou três dias, eu ando a pensar nesses dias “Tenho que ir ao médico, o que será, o que é que não será. O que é que eu tenho o que é que não tenho” penso logo no mal, não é do bem. Penso logo é “o que é que será que esteja, ou que não esteja, pronto a minha cabeça depois já...”. Lá está agora na casa dos 59, da casa dos 59 para a frente está péssima.

Entrevistador: Gostava do sítio onde vivia? Sempre gostou dos sítios onde viveu durante a sua infância e a sua juventude?

B: Sim gostava.

Entrevistador: Tinha condições... tinha tudo...

B: Não. Que eu vivi ali doze anos, depois vivi na barraca, fui obrigado a sair dali que não pagava renda e a senhoria depois quis vender aquilo... fui para a barraca, na barraca tive 13. Depois foi ... 10 ali, quinze ali...já antes

Entrevistador: E cm os seus pais? Como é que era a casa dos seus pais?

B: Com os meus pais só tive até à idade de 12 anos.

Entrevistador: E como é que era a casa?

B: Péssima. Pior que a minha. Eram os meus irmão todos...

Entrevistador: Quantos são?

B: 12, num caniço, a urinar tudo no mesmo balde, chover... dormir em cima de uma esteira, as irmãs para baixo e os rapazes para cima, chover a esteira faz de conta que era uma jangada, porque não tinha outra hipótese porque quando era estas enxurradas como foi agora era a água entrava pela porta e saía para a vizinha, porque essa não era de caniço.

Entrevistador: Tinha lá vizinhos?

B: Tem uma vizinha que mora lá ainda...

Entrevistador: Também morava numa barraca?

B: Também morava numa barraca e mora, só que agora a barraca dela está melhorada não é, naquela altura era de madeira, a nossa era de caniço e a dela é assim que ainda lá está a morar era assim, mas era de madeira (...) a cama que era do meu pai e do miúdo que nascesse, era na cama, e a gente era aos pés e eu via a minha I. nascer, não havia hipótese não é? Agora para ver a mãe estar a dar à luz uma filha.

Entrevistador: Quantos irmãos é que você viu nascer?

B: Eu vi nascer a I o J e ... vi nascer a N. a I eu ia de noite chamar a minha avó a correr, que a minha avó morava lá mais para cima para o pé do C. e o meu pai mandava-me chamar a minha avó, que é a mãe dele para ajudar ao parto. Eu tinha que aquecer água, eu não me quero lembrar da (...) é coisas que realmente eu gostava, gostava de ajudar ao parto, mas nesse sentido às vezes mais vale a gente nem se lembrar (...) porque nessa altura éramos mais pobres era mais miséria e agora temos mais um bocadinho, como é que eu há-se dizer pronto não é assim aquela coisa que era antigamente (...) na parte de viver com as coisas, tínhamos que aceder o lume e aquecer a cafeteira da água depois o alguidar e depois por a água e depois temperar a água para lavar a bebé.

Entrevistador: O que é que você pensava essas alturas em que tinha que fazer essas coisas todas?

B: Pensava ser enfermeiro, era o que queria ser, tanto que eu procurei para trabalhar no hospital, engraçado não é? Eu na minha, quando eu era mais novo eu fui a S. eu gosto muito dos hospitais, eu quando era mais novo eu ia visitar os doentes, mesmo que não estivesse lá ninguém, eu ia à visita às vezes andava no hospital, que agora já perguntam o que e que a gente anda a fazer mas naquela altura não perguntavam. Eu ia à visita todos os dias e ia falar com os doentes, perguntar como é que eles estavam se tinham isto se tinham aquilo, às até ajudava a ir à casa de banho e sentava-me na cama. Eu ainda lembro-me de uma velhinha que da última vez que lá cheguei já lá não estava, já tinha falecido.

Entrevistador: E era isso que em pequeno quando preparava as coisas para o parto para a sua mãe que pensava... que gostava de fazer isso para o resto da vida.

B: Pensava. Eu posso, ainda hoje se for necessário de eu fazer, pronto ajudar a isso não me complica nada (...) não fico chocado, nem tão pouco é por ver o que estou a ver para mim não tem significado nenhum, não é como certas pessoas que começam, mas eu não, não basta já a pessoa estar a estar como tá, pois a gente quer ver a criança cá fora. Não é por estar a ver nada que eu para mim, eu isso não estou a ligar a nada, eu quero é socorrer a pessoa, o meu sistema é esse.

Entrevistador: E na escola foi até que ano?

B: Foi até aos 14.

Entrevistador: Andou na escola até aos 14 anos...

B: Na escola.

Entrevistador: E fez que ano?

B: Nenhuma. Fiz a primeira, só a primeira.

Entrevistador: E não fez mais. Porquê?

B: Aqui está outra pergunta que vai tudo lá parar ao mesmo não é, portanto eu não tinha cabeça para a escola, e naquela altura eu tinha que andar a pedir para dar comer aos meus irmãos e tinha regras, tinha regras, então tinha que entrar com um balde de azeitona em casa, senão era uma maquia que eu levava no focinho, tinha que entrar com um cesto de estrume em casa, levei muita porrada por não ter o cesto de estrume. Tinha que andar a pedir à porta das pessoas para dar azeite dos fritos, para a minha mãe poder fritar o peixe que a gente pedia na praça, senão estragava-se não é, e então naquela altura não havia dinheiro para comprar azeite nem óleo, eu ia a casa da minha madrinha ela tinha fritado peixe, punha para dentro de uma garrafa e guardava para os pobres, as criadas que agora não fazem isso, guardavam esse óleo e quando os pobres lá fossem pedir para dar e assim sucessivamente e depois era a pedir. Uma senhora dizia, a minha mãe chamava-se G., a minha mãe tinha muitas amigas e tinha antes de falecer também, o meu pai já não e diziam “O G. há-de lá mandar o rapaz lá ao casal porque eu tenho lá hortaliças”, fazia horta não é? e lá ia eu daqui quase até aos P a é buscar hortaliça e depois vinha outra que o marido era caçador o meu pai era caçador, dizia “Hás-de dizer ao rapaz que é para ir lá ter com a mulher que ainda apanho lá umas couves, apanho isto apanho aquilo” lá ia eu .

Entrevistador: Dos rapazes era o mais velho?

B: Não era o mais velho, o mais velho dos rapazes já estava casado e depois era eu a seguir, ora eu é que tinha que andar para a frente.

Entrevistador: E os seus outros irmãos não faziam essas tarefas?

B: Não porque eram mais novos. As minhas irmãs queriam era namorar e depois aparavam-se e não iam mais à barraca porque da barraca estavam elas fartas, agora não iam dormir numa cama e ir para a barraca e dormir no chão, não é. E dormir tudo ao pontapé uns aos outros ou porque a manta era curta demais ou porque estava a tapar demais e estavam sempre a roubar as mantas e às vezes chegava lá o meu pai à cama, à tarimba, que aquilo chamava-se tarimba e depois era a correada e depois uma gritava a outra gritava porque estava destapada a outra não tinha roupa e assim sucessivamente a gente estávamos a viver. Elas depois já não queriam procurar essa vida não é? Arranjavam um rapaz, como têm e iam para as sogras (...) a sua vida com o marido e com a sogra, mas não iam dormir para a miséria então como estavam para os trapos, então quem lá estava em casa é que tinha que andar. Eu para ir para a escola tinha que fazer isso, e depois comecei a levar porrada e para não levar porrada, eu não tinha tempo de fazer as coisas todas ir à água à minha mãe que era aqui a esta fonte, ir água, ir à loja, tinha que apanhar azeitona, roubar azeitona, chamava-se isso roubar agora é que já não ... eu tinha que levar um chapéu de pendurar que era para ser mais depressa no olival e punha-me a ripar e ia todo contente para casa e “olhe está aqui o balde de azeitona” e ele quando chegava ia ver porque se a agente não tivesse a gente já tínhamos a nossa marcada. Ora, eu nunca puxei para a escola, eu na escola certas coisas chateavam-me, andava sempre a partir as pedras nas cabeças dos outros, mandava com o saco, era um saco de pano partia aquilo e depois não fazia as contas de casa, a cópia já não ia à escola ao outro dia porque eu não fiz a cópia, a professora batia-me (...) a minha mãe também era uma pessoa que é diferente das outras mães eu às vezes estou a ver a novela e puxo pela cabeça, as mães de agora os filhos chegam a casa não saem dali enquanto não fizerem os trabalhos de casa. A minha mãe não (...) a minha mãe era "os canecos não têm água", "os patos não têm água", não dizia assim “vai fazer s trabalhos de casa”, não dizia, para ela tanto fazia que a gente tivesse a 3^a, 4^a ou 5^a, assim como morreu... Não sei se era a vida que ela não tinha cabeça para mandar fazer isso, porque a minha mãe só queria que a gente andasse a pedir e que entrasse na barraca com as coisas.

Entrevistador: A sua mãe trabalhava?

B: Trabalhava? Não a minha mãe não podia trabalhar.

Entrevistador: Por causa dos filhos?

B: Á uma era os filhos, à outra nunca trabalhou, trabalhou sim no campo quando era mais nova, a minha mãe era doente.

Entrevistador: Era doente do quê?

B: A minha mãe tinha flebite numa perna é o que a levou e tinha problemas de coração. (...) A minha mãe era uma pessoa forte. (...) Ela quando era mais nova trabalhou muito no campo, de sol a sol, eu não vi mas pelo que as pessoas contam ainda há uma pessoa que trabalhou com ela andaram as duas na escola. E tinha de trabalhar claro, primeiro segundo filho ao terceiro filho não trabalham não é. Depois começou-se a encher de filhos, depois o meu pai foi para a tropa para L. para A. E ela foi para lá para casa de uma tia minha, fez logo dois lá.

Entrevistador: Mais dois?

B: Não, não os bebés os primeiros, foi o mais velho e a mais velha. Vieram para cá, ele depois acabou a tropa vieram para cá, vieram para cá começou a...

Entrevistador: Até aos doze.

B: Foi uma andada porque nunca fez desmanchos, nunca fez desmanchos.

Entrevistador: E quanto à escola andou na escola até aos 14 anos, mas nunca aprendeu muita coisa....

B: Não, não.

Entrevistador: E o que é que ...

B: Quer dizer aprendi, não vou dizer que não porque a professora, eu estou a mentir, a professora dizia quer ler o jornal também sabe ler e eu puxei muito para o jornal (...) quer dizer eu puxei para tudo para ler tudo, porque a vontade que eu tinha era ler, aprender a ler, mas aquilo que a vida que a gente levava na barraca não dava para a gente ter aquela coisa de puxar para ler. Eu comecei a puxar para ler desde que saí da barraca. Será que eu quando saí da barraca comecei a puxar, mas já foi tarde.

Entrevistador: Que idade é que tinha quando saiu de lá?

B: Eu tinha 11 anos (...) depois eu comecei a puxar para aprender a ler o jornal eu hoje leio o jornal, (...) uma carta (...) mas não é a ler assim, isso então enerva-me logo, tem de ser à minha

maneira, quer dizer eu leio (...) eu agora só de estar aqui a ler parece que já me entrou aqui uma coisa, é o sistema nervoso. Assim vai lá, como eu andei à escola e fui ao quadro e a professora pensou que eu não sabia nada e eu li (...) tudo, só que faltava-me uma coisa era eu tinha que parar nos pontos. A gente até se riu é que eu li muito depressa, mas não parava, e tinha que parar. E eu cheguei lá e li o que estava no quadro muita depressa e a professora olha para mim. “Então ó B., sim senhora, e eu pensava que era os burros, então você sabe ler”. “Oh senhora professora desculpe é que eu não parei nos pontos” (...) os nervos eram tantos que eu li logo de uma vez, mas ela diz que não fazia mal mas que ao menos eu sabia o que estava no quadro, mas eu tremia (...) parece que as palavras estavam a fugir, mas pronto eu li. Gostei muito da escola, gostei muito da professora, era uma boa professora.

Entrevistador: O que é que mais gostava na professora?

B: Em tudo, em tudo em parte de ser professora, nada de ... (...) gostava da maneira dela do ensino, que ela ajudou-me, ela ajudou-me eu tinha dificuldade em ver a primeira coisa é logo ver estou com este coisa no pensamento antes de entrar para lá essa é a primeira é o que mete mais choque é eu estar à frente das pessoas e eu estar a mudar, não vejo aqui tenho que ir para ali, não vejo ali como foi a cigana estar a dizer que eu não estava bem em lado nenhum eu deu-me vontade de sair pela porta for a e vir-me embora (...) nessa altura eu pensei três vezes, uma pessoa não está lá para ser gozada estou lá porque sou obrigado porque senão fico sem nada e quero aprender alguma coisa daquilo que eu não sei (...) se eu não estava bem, o quadro estava ali à curva, não via (...).

Entrevistador: Na escola conseguiu aprender a ler e a escrever.

B: Sim. (...)

Entrevistador: O que é que você acha que os seus pais queriam para si? Que você fosse...

B: Nada, nada. Penso que da minha parte que eles não queriam que eu fosse nada.

Entrevistador: Não acha que eles queriam que tivesse uma profissão?

B: Não, não, não Para já numa tiveram essa conversa com nenhum dos filhos, o que é que eles queriam ser o que é que não queriam ser, nunca tiveram, isso nunca entrou dentro dessa barraca, cada qual...

Entrevistador: Qual era a sua relação com eles?

B: A minha relação com eles não era nenhuma ou mesmo nada ...

Entrevistador: Mas não tinha relação com eles ou eles nunca criaram essa relação....

B: Não, não, nunca tiveram carinho, não. Tinham carinho para uns não tinham carinho para outros.

Entrevistador: Diferenciavam entre os irmãos?

B: Para a I era tudo, para o meu irmão mais novo foi até morrer e...

Entrevistador: E acha que poderia ser por serem os mais novos apanharam numa idade diferente.

B: Não isto aqui havia uma barreira qualquer... era para onde pendia... eu ia lá a casa e o meu pai uma vez disse à minha mãe que não me queria lá.

Entrevistador: Já crescido.

B: Já em homem, disse ouvi eu mesmo ele estar a dizer a ela que não me queria lá. Eu ia lá a medo, quando ele estava para chegar eu tinha de me ir embora e eu chorava eu chorava por isto porque eu era filho nasci praticamente ali não é? Eu criei todos ali eu dei comer ao meu pai, trabalhava já para dar comer ao meu pai quando o meu pai estava em casa com um pé partido, ele não trabalhava ele não tinha dinheiro, ele mandava com a panela com a comida. Ele mandava com a panela fora co a comida borrachava a panela e eu tinha que arranjar comer porque a gente dantes era ... o Sr. Padre estava a morar ali em frente ao Sr. A. E eu um dia eu fui comer a casa do Sr. Padre e ia outro meu irmão comer noutro dia, e outro comer noutro dia (...) e a gente comia com o Sr. Padre à mesa só que era chato, eu gosto ainda hoje gosto da religião tudo bem, gosto de ir à missa gosto de falar com as irmãs, gosto de dentro de uma igreja seja na terra que for (...) igreja e cemitérios eu gosto, café e isso não me deem mas eu tenho destino logo numa igreja eu tenho de perguntar onde é que é a igreja, numa terra que eu chegue e ele então escorraçava-me (...) eu é que ganhei essa coisa porque (...) de cada vez íamos comer um, só que me custava a lá ir comer era por causa de rezar, porque a gente às vezes estava cheios de fome e ele primeiro tínhamos de arrear e depois levantar quando ele mandava, não se podia levantar da mesa e a gente não estávamos acostumados a isso e depois era só caldo verde, só caldo até nunca mais comi caldo verde. Era caldo verde e peixe frito, mas era as regras dele era rezar e depois eu esquecia-me agarrava logo na colher e ele batia-me aqui na mão "arreia a colher faz favor Sr. B, arreie a colher", "Diga?" "Arreie a colher, vamos lá." e depois eu comer e estar à espera que ele comesse para levantar-me da mesa eu estava acostumado era, a gente nem tinha mesa, era a comer na mão, em casa dos meus pais era a comer na mão ou aqui no colo a gente não tinha, ali era na mesa e ter de estar à espera e ter que esperar para levantar e depois sair daquela casa para fora. Quando a gente apanhava o vento da casa para fora a gente até se aliviava e depois é a mãe dele "B, está aqui este saqui este saquinho leva à sua mãe", "Está

bem”. E eu dizia “Mãe., ”O que é?”, a minha mãe era logo “que é?” “Está aqui isto que deu a senhora do ... a mãe do senhor padre.”, era peixe frito enrolado num papel, “mete aí”, pronto era assim. A minha mãe nunca teve um carinho que disse à fizeste bem ou assim ou assado, a gente é que pedia à senhora obrigada não porque era da nossa cabeça não é que ela dissesse “disseste á senhora obrigada” ela não me dizia nada disso e depois era gulosa ainda agora antes de morrer era gulosa, comia o melhor e dava o pior. A minha mãe guardava tudo, tudo debaixo do colchão, o melhor comia-o e depois o pior dava-o à gente e aqui fez-me a mesma coisa. Ela aqui fez-me uma, fez-me uma que a senhora nem lhe passa pela cabeça eu vim para aqui 8 meses pra tomar conta dela, deixei lá a barraca com tudo meu, quando lá cheguei roubaram-me tudo, para tomar conta dela porque era a minha obrigação, estava melhor tinha uma casa como esta, estava melhor tinha luz e tinha televisão e estava melhor sim senhora 8 meses cheguei a pontos que estava com 22 quilos, fui obrigado a ir ao médico porque estava com 22 quilos eu ia a cair no caminho eu estava a morrer de fome, ela aqui com a reforma não entrava comida aqui para dentro, andava a dar para o meu irmão mais novo, o meu irmão mais novo não me dava comida para a mãe para ela. Eu estava a trabalhar ali para uma senhora ao pé da paragem que era a senhora S (...) e eu trabalhava lá na limpeza pronto. Eu ali tinha tudo comia com eles à mesma, comia fonjo como é que chamava aquilo mandioca.

Entrevistador: Era a única refeição que comia então?

B: Era onde eu comia essas coisas que eu nunca tinha comido nada disso na minha vida, fruto tropical que eu nunca tinha visto na minha vida comia lá à refeição eu estava lá a comer e, eu agora aprendi com ela a por aquele coisinho assim para por o prato era o que ela tinha lá, pronto aprendia agora. Eu era como filho não é, mas estava a ganhava à hora, ganhava comida e a ainda trazia comida e eu, estávamos a comer e eu punha-me assim e a dona S. (...) e ela dizia-me “Oh F. então? Não comes?” e depois aquilo tinha-se de por um molho muita picante era então assim e eu punha-me assim e diz ela para mim, ela notava muito dizia ela “Eu sei porque é que estás assim não é preciso dizeres” “Não eu estou bem.” “Não estas não, o meu coração diz que não estás bem e eu sei porque”, “Então diga” se você sabe porque é diga” “ É por causa da tua mãezinha não é?” eu dizia “É, eu estar aqui a comer e ela não estar a comer” ela punha-me um baldinho de sopa, punha-me o conduto, fruta e tudo e eu vinha a correr da casa dela da paragem vinha aqui dar-lhe a comida e depois ia a correr trabalhar para quê? Para nada.

Entrevistador: E ela agradecia-lhe compreendia isso....

B: É tudo essas mágoas, tanto que se me disse, se me pergunta se eu tinha mãe (...) não, não porque é assim eu não vou dizer que não tinha, eu já tenho dito isto a certas pessoas eu não vou

dizer que não tinha, porque eu tinha que ter mãe, porque é o que as pessoas me dizem “Tu tens que ter mãe”, mas quando eu falo nela eu acho que tenho uma coisa cá dentro que começa a ... um nervoso esse coiso que eu tenho cá não me está a meter cá dentro da caixa está a compreender.

Entrevistador: E em relação ao seu pai?

B: Esse então ainda pior. Eu não tenho pai, nunca tive, esse então é escusado, esse então é, eu dizia-lhe “a bênção pai” (...) e eu às vezes ia para o C à boleia lá para baixo e ele vinha porque tinha uma horta lá mais abaixo e vinha para cima ele via-me eu a ir para baixo e eu por minha autoria: eu vou pelo mesmo sítio dele a ver o que ele vai fazer e ele antes aí sete ou oito metros passava-se para a outra borda e eu digo assim para eu, punha-me a olhar e às vezes até chorava, e dizia o f da p vê-me, a ir aqui na mesma direção que era para lhe dizer adeus ele desviava-se...

Entrevistador: Que idade é que você tinha nessa altura?

B: Já tinha trinta e tal, já...

Entrevistador: E foi sempre assim a sua relação com eles?

B: Nunca tive assim uma relação...

Entrevistador: Nunca houve uma proximidade...

B: Não, não.

Entrevistador Saiu da casa dos seus pais aos 10/ 11 anos para casa da sua irmã, depois saiu da casa da sua irmã com que idade em S....

B: Sai de lá com a idade de 20 anos

Entrevistador: Depois veio fazer aqui a barraca aqui ao pé da sua irmã mais velha.

B: Sim, para aí 19, 20.

Entrevistador: E depois quando é que fez a outra barraca? (...)

B: Já tinha para aí trinta e dois ou trinta e três.

Entrevistador: Viveu sempre sozinho?

B: Quer dizer vivi sozinho em que parte em que maneira?

Entrevistador: Nunca teve uma companheira?

B: Companheira? Nunca tive companheira

Entrevistador: Viveu sempre sozinho.

B: Não.

Entrevistador: E não tem filhos?

B: Não (risos). Não, não tenho. Quer dizer namorei com uma rapariga, veio agora à cabeça, namorei com uma rapariga que era assim, na altura não veio logo à cabeça, namorei com uma rapariga que veio sempre cá esteve ca em casa da minha irmã...

Entrevistador: Que idade é que tinha?

B: 22. Mas a rapariga não foi assim para casar, estava em princípios de namoro eu também não é assim como as outras pessoas é logo enforcado primeiro não é, senão estava jeitoso se me enforco. Primeiro deu-se com as minhas irmãs vinha cá passar a festa para ver a maneira do barco ver como é que o barco calhava, encalhou logo ao fim de uma semana. Encalhou logo oh, ao fim de oito dias depois eu bati-lhe né, bati-lhe que ela mereceu ...

Entrevistador: Então o que é que ela fez?

B: Ela veio para casa da minha irmã de S e depois estávamos a viver lá não é, ela dormia com a minha sobrinha eu tinha o meu quarto, mas estávamos juntos, íamos ao cinema todos juntos pronto a gente era assim fazia tudo junto andava em S ... gostava muito dela... Veio o carrossel da feira de S. veio o carrossel e eu disse-lhe a ela "Olha eu vou a casa (que era a casa da minha irmã onde e que tinha as minhas coisas) eu vou a casa e vou buscar umas coisas até vinha pedir a roupa para ela e buscar umas coisas que eu tinha aqui na barraca fechada que era para ela... que ela também nunca teve nada também que em P. morava num bairro e tinha irmãos e irmãs e aquilo era uma família muito pobrezinha e os irmãos levavam muita porrada e faziam pouco das irmãs que é mesmo assim e fizeram pouco dela ... Essa minha irmã de S como ia para a praia todos os anos aos 15 dias o meu cunhado como teve na tropa o rapaz estava na tropa e eram muito amigos foram padrinhos dessa sobrinha minha ele e a mulher, e eles a minha irmã e o meu cunhado foram padrinhos dos filhos deles. Portanto, eles eram de P. e então ficaram compadres uns dos outros. A minha irmã tinha a tenda e ia para P. ia para ao B. depois aquilo das tendas começaram a acabar não é esse rapaz disse que não tinha precisão de ir para a tenda para o mato, tinham a casa à disposição, realmente a gente ia para casa dele, desse rapaz lá para o bairro e lá ficamos 15 dias na

praia e depois no outro ano mais 15 eles vinham cá a casa dele e também estavam e assim sucessivamente e vinham à feira cá ficavam. E depois ao lado dessa rapariga, desse casal, que o meu cunhado conhecia morava essa rapariga com essa família (...) a mãe era muito porca, o pai descalço muito porco também e tinha tantos filhos só para dois quartos aqui era uma casa.... E então o casal com eles não se davam bem eram vizinhos pegados, mas quando há uma pessoa de fora, que eles dizem que a gente somos de fora, podem juntar-se todos a falar quando a gente chega, faz de conta que era um imigrante, está tudo de volta tudo a agarrar a roupa a ver a agarrar às vezes até tinha raiva a isso e a convidar “Você vem à minha casa almoçar.” e vinha outra “Você vem à minha casa almoçar.”, daqui nada tinha de separar-me, portanto eles eram assim gostavam de ter uma pessoa dentro de casa de fora, e às vezes eu achava engraçado eu não podia, correr e às vezes achava engraçado e arranjei muitos amigos assim. Depois a minha irmã, ela começa logo a beijar à minha irmã, a minha irmã sem conhecer começa a beijá-la e a minha irmã diz-me assim “O B acho que vais ter uma companheira nos quinze dias.”, “Eu? Quem”. Eu já a tinha visto a andar na rua, “Aquela rapariga que está acolá.”, “Tu és doida, a casa não é minha.”, a casa não é minha não ia agora ... tinha que ser os donos da casa, mas eu vinha à rua eu punha-me à porta, não era assim à barão, mas pronto já sabe...

Entrevistador: O que é que é à barão?

B: Assim grande de peito assim como alguns são, de peito feito, ali a ver as pessoas a passar e e depois como diz assim “eu estou em casa de uma pessoa e vocês não têm ninguém”, eu também achava mal isso não é. Eu estava ali e as pessoas então olhavam da gente estar ali à porta, a minha irmã também vestia-se bem também, punha-se tudo a ver os vestidos dela. Depois a minha irmã é costureira “ah também gostava assim, também gostava assado”, tanto que a minha irmã acartava muita roupa para lá. Ela estava à porta a chorar eu ia a passar ao café, o café é assim por cima é só um café que lá estava no bairro, eu comecei a olhar mas no conhecia a mulher de lado nenhum não ia-me pôr-me com a pessoa que eu não a conheço de lado nenhum, vejo ela a chorar e ela olhava assim para mim e eu parei e disse assim “Oiça lá, você está a chorar é porquê?” “Ah foi o meu irmão eu estou cheia de fome, foi o meu irmão que arrombou-me a porta do quarto e comeu-me tudo. Eu tinha a porta fechada e ele arrombou-me, arrombou-me com um pau agora ia para comer não tenho nada”, aquilo começou-me logo, fiquei logo mal disposto e eu cheguei fui ao café e disse-lhe a ela “Então a senhora bebe bica?” Então venha mais eu beber um cafezinho” aquilo é dentro do bairro não tinha nada de mal, porque aquilo é dentro do bairro né é só a distância daqui ali e ela pronto já parou logo o choro e eu comecei a morder “espera lá, mas já perdeste o choro logo assim...”, mas veio ao café ela sentou-se a mulher lá do café disse “Então L , vais para fora?”, como estava comigo vais para fora...”Vais para fora?”, “Não este senhor está ali na casa do PC (..)

é de fora, está a irmã e está o cunhado” e eu digo assim “Olhe a senhora ponha aqui à frente dela o que ela quiser”, bem a senhora não imagina...eu nunca mais me esqueceu ela dá em comer que é uma coisa parva, mas ela comia que eu sei lá... ela comeu e eu paguei claro, paguei e depois começou-me “És de onde?”, “Sou de S. , sou de S.” era da terra da minha irmã, “Olha não conheço S isso fica onde?” “Olha fica lá para aquele lado”, “Ah eu não saio daqui.” “Então não sais é porque não queres, não vais à C, é aqui tão pertinho daqui até à C., já é uma cidade” “Ah não sei onde é a C., “e eu pensei eia que miséria que isto está, era mais miséria que a gente nem sabia onde era a C, nunca saiam dali pois claro nunca têm dinheiro, era só sardinha, só sardinha, só sardinha era só o aquelas comiam era só sardinha em P o peixe não falta, falta a carne, tanto que eu agora gosto de peixe mas não e muito, gosto mais de carne e então eu cheguei ao pé da minha irmã e contei à minha irmã e disse ao pé da rapariga da dona da casa e ela disse “O quê? Ela, ela é uma gulosa não te ponhas com ela, não te ponhas ao lado dela que ela é uma gulosa”. O homem dela chegou ao pé de mim e disse assim para mim “Oh B eu onde estava vi-te, já estás atrás da L. “ e eu disse “E á não eu levei a rapariga que ela estava a chorar ali e levei a rapariga ao café para beber um café mais eu ou não posso?”, “Podes se quiseres até podes convidá-la para vir cá almoçar”. Ora aquilo foi uma festa, aquilo foi uma festa porque depois já não largava a porta “Óh I, (a mulher chamava-se I), tens isto que me emprestes” depois ia “Oh I (...)” por causa de eu lá estar “Não tens um bocadinho disto que me emprestes”, “Então o L. tu nunca vens à minha porta e hoje estás danada para vir à minha porta aqui com visitas, eu tenho aqui as visitas e tu é raro vires à minha porta. E eu estava à janela que a janela era daquelas assim grandes, e eu estava à janela porque a minha cama era aqui e a janela era aqui. E eu estava sempre à janela a ver a passar, elas nunca estão quietas estão sempre a passar e eu gostava de ver e ela para eu ver que ela vinha à porta estava sempre a chamar a outra “Olha empresta-me isto, olha empresta-me aquilo” e eles a fazer o almoço, caldeirada e eu vou assim “Olha eu vou até lá acima ao café que eu não estou para estar aqui agora este tempo todo” e eu fui, ela vê-me passar e “Oh B espera aí, que eu quero falar contigo”, “Comigo?”, “pois contigo. Eu quero dizer-te uma coisa, olha o C convidou-me para ir lá almoçar com vocês. “Ah convidou, então vai”, se ele convidou eu não ia desconvidar, se ele convidou então vai. Olha queres vir comigo ao café?”, Olha mais uma bica mais, bolos, bolos, epá não sei onde é ela tinha uma barriga para comer não sei. Pronto mais bolos. “Então vais à praia?” “Vou, mas é mais logo acho que a minha irmã vai à praia com o meu cunhado e eu também vou” “Então eu também posso ir?” “Não vais em cima de mim. Vai.”, “Então eu vou dizer à M”, já sabia a M, já sabia o JL que era o meu cunhado, já sabia o nome deles todos “Então vai para mim é igual”, fomos para a praia a gente (...) veio o almoço fomos almoçar ela ficou ao meu lado a perninha dela sempre a trabalhar , era a minha irmã assim “Ai, ai , ai, temos casamento, temos casamento” e eu digo eu assim “Não casamento não”, ela cheirava tão mal...

Entrevistador: E porque é que não houve casamento era por causa disso?

B: Não, mas ela cheirava mal. A minha irmã deu-lhe banho, deu-lhe roupa, deu-lhe a roupa dela, deu-lhe banho, deu-lhe sapatos que ela nem sabia andar com sapatos a minha irmã pô-la num brinco. Toda bernida ela nunca posto um creme que ela era negra, nunca ... a pele dela parecia sardinha a minha irmã pôs-lhe creme ficou com a pele muito lisinha. Fomos ao cinema, o meu cunhado era só rir-se, depois a minha irmã, fomos ao cinema e eu fui ao cinema com ela, a minha irmã aqui, o meu cunhado aqui ela aqui e eu aqui, logo agarrada ao meu braço e outra rapariga daqui, que também morava no bairro mas essa, essa rapariga era só para passar um bocadinho de tempo porque era... era... ela hoje está no CS, é ma empregada, mas está no CS só vai a P na altura do verão. E ela agarrada a mim também e eu pensava até aqui era só uma agora são duas e eu muita certo a olhar para o pano, muito certinho nem me mexia, esta agarrava-me no braço aquela com ciúmes ..., mas esta era mais esperta, foi mais para o lado da minha irmã... essa não essa agarrou-se logo esta não esta era mais agarrada à minha irmã ela conhecia o coiso da outra não é, mas eu não me metia na ideia daquela, a outra é atrevida porque é da vida não é agarrasse a qualquer um para ir ao cinema, então entrámos eu com uma de um lado e outro do outro e eu digo assim bem no fim de isto tudo as duas ficam aqui e eu vou-me embora, mas eu já sabia que a outra tinha a pele cheia de tombas ele lado nenhum do corpo tinha a pele assim lisa, em lado nenhum aquilo era uma miséria ela dava-se a qualquer um mas a outra já não e então aquilo continuou e ela levou a sério, ela estava a levar tudo a sério pelo menos do lado em que estava a falar com a minha irmã, e a minha irmã também estava a levar a sério. Não sei o que é que combinaram, não sei que é que fizeram, não sei o que é que falaram para ela vir para casa da minha irmã, veio mais eu na carreira quando chegámos à C. era só perguntar-me “Ó F o que é aquilo?” e eu explicava-lhe “Ó F. o que é aquilo?” “Olha estamos quase a chegar à C, ela dentro da C não sabia nada, ela dentro da C ela não sabia nada, eu nunca acreditei que ela nunca soubesse onde é que era a C., mas ela não sabia nada, ela das C., para S (...) podiam-na arrear no chão que ela nem para trás nem para a frente, ela não sabia, ela veio por vir, porque vinha ao pé da gente não é? Eu também quando fiz aquilo que fiz, sabia o que estava a fazer. Veio para S., a minha irmã a minha sobrinha já era assim crescida quase já namorava quase já e parece que eu estou a ver eu mais o meu cunhado a semear batata no quintal a suar de calor não sei o que parecia, agarrado à enxada e elas dentro de casa (...) daqui a nada eu já estava a estranhar mas que raio já não a via já estava com aquela coisa de não a ver “ Oh JL sabes onde é que está a L?”, “Deve estar com a S no quarto”, que era a filha “Eh já não a vejo há tanto tempo”, pensando eu que era já há horas, mas não era. Mas como eu vinha com ela na carreira com ela ... olha senhora apareceu-me bem apareceu-me toda pintada, toda pintada maquilhagem, mas ficava bem a minha sobrinha e então ela, para essas coisas, a minha sobrinha meteu-a dentro do quarto, pintou-lhe os olhos, pintou-lhe os lábios, um coisinho assim fininho nos lábios, pintou-

lhe as unhas, as unhas dos pés.... Chegou-me ao pé de mim parece que estou a vê-la com a enxada na mão, farto de semear batata e ela “Ó B onde é que tu foste? Foste lá para cima para as S? Já estás a sair muito...”, “Não é para dizer se eu estou bonita?” ... eu pus-me a olhar para ela “Olha é assim, se queres cá ficar é assim, não é como tu queres que é para a gente não se chatear ah, não é como tu queres, sim senhora ficas com a pintura nos olhos fica-te bem, ficas com a pintura nos lábios fica-te bem, nada de carregar...” que eu não gosto de ver o encarnado, o encarnado não gosto de ver, “ E ficas com as pinturas nas mãos e dos pés tiras.” “Mas não...”, “Tiras dos pés senão estás a ver onde é a saída? É para onde é que eu vou. Se tirares dos pés tudo bem, se não tirares a gente vai-se zangar, que eu nos pés não quero.” Porque ela tinha umas sandálias... e eu não gosto de ver! Há pessoas que põem verde e não sei o quê ... mas não. Nas unhas e nos olhos ficava-lhe muita bem que ela tinha os olhos assim grandes, sobrancelhas pretas que ela era de cabelo muito preto, sobrancelhas muito pretas mas certinhas. Os olhos pintados como estavam, estavam bem, não vou dizer que não que ficavam ela era bonita, ela era bonita tinha o cabelo por aqui ondulado, o cabelo dela quando abria era ondulado e de momento tudo bem, quando se estragou. (...) Depois veio a feira ela abria a porta e sem a gente saber fugia para o carrossel, que era ao cimo eu acho que fui à cidade e quando cheguei perguntei por ela, era umas três da tarde. Eu não gostava muito de feiras porque eu também andei nas feiras e já estava farto de feiras e fui para casa que eu gostava de estar mais no meu quarto a ver televisão ou isso, e eu pensava que ia falar para ela ou que a gente estava a ver televisão no quarto, estava a minha sobrinha também, mas não quando lá cheguei já não estava, estava a minha sobrinha, mas ela não estava. A minha sobrinha estava a ler, e eu perguntei “Oh S. onde é que está a L?”, “Olha a L saiu, diz que ia ver se te via” “A mim?”, então se aquilo tem duas ruas uma assim e tem outra assim não é, ela não sabia se eu vinha por ali se eu vinha por ali e vou eu e digo assim “Já sei onde é que ela está.” Arreei o que eu tinha levado para a miúda e para a minha irmã e subi acima quando cheguei à frente do carrossel estava agarrada a um gajo do carrossel que ela já conhecia em P., não era só um, mas pronto naquele momento era só um que eu sabia que eu era amigos dele no carrossel, eu era amigos e eu sabia quem em P eu fui na brincadeira ainda nem me tinha passado pela cabeça de ela vir eu vi ela agarrada a ele em P, assim que a vi no carrossel e o gajo não a largava e depois de lá veio para S, eu não sei como é que ela conseguiu saber que estava o carrossel ali, não sei como. Ou ele disse-lhe que vinha para S. não sei, sei que ela já estava naquela da confiança ser já ser muito e então saía à balda, eu cá de baixo a vê-la ao cimo da montanha, ele agarrado a ela, era um russo. Eu cheguei o pé dela subi o carrossel, cheguei ao pé dela e agarrei-a por um braço e disse-lhe a ela “o que é que estás aqui a fazer?”, “Não tens nada a ver com isso.”, “Ah não! Queres dizer então no fim de estares bonita vens-te mostrar, além de ele já andar contigo em P” eu vou e mandei-lhe uma chapada, eu vou para levá-la a ela para casa e ela começou assim e eu ia caindo para ima do

carrossel não é. Mandei-lhe uma chapada mas foi pequena, juntaram-se eles. Ora eu achava aquilo, ma porque eu estava a levá-la para casa e ela não queria ir e ele não sabia se ... onde é que ela estava pronto. Ela ficou no carrossel e eu cheguei a casa e disse à minha sobrinha “Olha S o tio vai para P, quando o tio vier diz que o tio foi para casa da tia L. e depois quando passar a feira o tio vem, que eu agora com a feira eu não consigo ter mão nela” e assim foi cheguei aqui fui a casa da minha mãe... à barraca ver como é que a minha mãe ver como a minha mãe mais ou menos não é, e a minha mãe disse “Então tu com feira em S e vens foi para aqui?”, “E então o que é? Você não me chateie também. Eu venho para onde é que eu quero eu não venho para aqui dormir, não pense que eu venho para aqui que eu não venho para aqui, tomara eu sair daqui e eu não devia pôr aqui os pés. Eu vou para casa da L, que era onde é que eu estava”. ”Ah o teu pai...” “Eu não me interessa do meu pai e para já ele não é meu pai” ela danava-se toda de eu dizer que ele não era meu pai, e eu dizia-lhe mesmo na cara dela “O teu pai é um cigano”, “Não sei se é cigano ou não e não vi, eu estou cá agora você é que sabe”. E dormi ali para casa da minha irmã, ali para o quintal, passado, ela nem se preocupou com mais nada, lá ficou. O carrossel foi-se embora e ela chuchou no dedo, passado no outro dia ela apareceu-me aqui. Não sei como é que ela veio não sei, não me pergunte que eu não sei, se ela apanhou a carreira se ela não apanhou a carreira, naturalmente até foi com outro eu sei que ela chegou aqui ao pé da igreja a perguntar onde é que era a casa da H e houve uma senhora que foi com ela a ensinar onde é que era a casa da minha irmã, não sabendo a mulher quem era, maldita hora. A senhora “Oh L está aqui esta senhora a perguntar anda à tua procura mas não sabe onde é que moras.” e a minha irmã L para ela “Mas o que é que estás aqui a fazer?”, a minha irmã já sabia...

Entrevistador: E já a conhecia?

B: Já, já quer dizer assim de estar próximo não, já conhecia de lá, porque depois ela começou-se a dar com a minha irmã de S. depois esta ia lá também e a minha irmã de S juntava-se com esta, porque esta ia para a praia, só que esta estava no parque e a minha irmã estava em casa desse casal, só que depois juntávamo-nos não é. E ela também já conhecia. Mas eu quando cá cheguei contei tudo a esta irmã minha, o que se passou, ela ficou fula, a senhora entregou-a à minha irmã e a minha irmã perguntou “O que e que estás aqui a fazer? O que é que vens aqui fazer? O teu lugar é em S. Ele não está aqui.”, eu estava “Ele não está aqui.”, “Não está? Eu quero falar com ele. Então e onde é que ele foi?” “Não sei, nem sei nem me interessa, desenrasca-te”. A minha irmã mandou-a entrar, para não estar na rua não é, mandou-a entrar e cheguei eu, eu até fingi que tinha ido ao café saí pela porta do cavalo, tinha ido ao café e quando entrei em casa da minha irmã disse “Oh L tens aí alguma coisa para eu comer?” E aí vem ela saiu da porta da minha irmã eu até fiquei assim... “Aqui! O que é que vens aqui fazer? Aqui não há carrossel. Diz-me o que que tu vens aqui fazer.”,

“Ah venho falar contigo.”, “Comigo não tens nada a falar, não temos nada a falar! O que a gente tinha a falar... então eu quis o teu bem, eu queria-te por bem e tu quiseste-te por mal, então tu vais largar a miúda dentro de casa e vais a correr para o carrossel, sem me dizeres nada a saberes que eu estava na cidade? Eu tinha ido lá acima à cidade, porque é que não foste mais eu? Não quiseste ir mais eu porque já estava com aquela figada de ires ter com o gajo ao carrossel, não é? Então agora vai ter com o carrossel.” “Ah mas eu peço desculpa...”, “Mas não há desculpas, não há desculpas, assim como foi em S, vais fazer aqui, é a mesma coisa e conheces-me de lá, mas aqui ainda não me conheces, vai ser muito custoso a gente começar a falar se a minha irmã te quiser dar cama que dê-a se ela não quiser dar cama apanhas a carreira das duas vais para S telefonasse à minha irmã e a minha irmã vai-te buscar à garagem e estás lá em casa dela, não vieste para casa dela? Portanto é lá que tu tens de estar” “Ah mas eu quero que tu vás para lá” “Eu vou quando eu quiser, não és tu que me obrigasse ver se as coisas não vão mais” “Então eu fico cá”, “Ficas cá? Ficas cá adonde? Onde é que há aqui cama para ti?” A minha irmã tinha uma casa ampla e era só o meu quarto que fazia assim um arco que era a escadaria que era o meu quarto (...) o que ela queria sabia eu, não ela queria que eu a engravidasse era isso é que era.

Entrevistador: Ela ficou cá ou foi embora?

B: Não, depois ela ... a minha irmã fez uma cama na cozinha, veio outra sobrinha minha que estava junta, mas veio estava no Alentejo, veio tive que eu dar a minha cama a ela ... que era o quarto dela e veio com o miúdo não é, tive que lhe dar a minha cama a ela e eu fui dormir para casa de outra irmã minha na parte de cima que aquilo não tinha nada.... Ah não que eu era terraço e ela era o solho, aquilo era só era longe não estava, mas ela não estava descansada ela estava a dormir na cozinha à porta da cozinha. Ora eu a dormir em casa da minha irmã da outra irmã de cima, que não podíamos dormir todos ali, a minha irmã tinha três filhas com aquela que veio quatro, com ela cinco, comigo seis... já eles dois aquilo era uma casa ampla que é uma parede que lá está em cima azul é essa parede. E eu pedi à minha irmã para dormir mais descansado em cima. Eu fui dormir, eu tenho o meu sono não é, se me dá para acordar às 7 acordo às 7 se dá para acordar ao 12h acordo ao 12h se acordar às 11 é a mesma coisa, acordei à hora que eu quis, quando acordei já estava o filho do de cima já solteirão (...) esse já estava sentado no bordo da cama dela. A minha irmã na cama e mais o meu cunhado e ela já com outro sentado na cama, no bordo da cama dela. Ela não tinha nada que abrir a porta, e além disso abria a porta para ver quem era que ela não conhecia e dizia “Olhe ou você sai, ou eu chamo a dona da casa.” Mas não ela deitada... isto é de mulher? Isso é de mulher? Ela deitada e ele sentado na borda da cama dela e eu ferrado no sono lá em cima quer dizer ainda tinha feito em S e veio acabar aqui. Depois eu dei-lhe porrada, aí dei-lhe, encostei-a à parede foi até eu querer, porque ela andava a gozar ela por não saber nada por estar ali fechada dentro e P

que não conhecia nada viu-se à rédea solta ou a ideia dela era ser prostituta, já estava a dar-se assim à solta ou então lá eles não são atiradiços às mulheres, não sei. Ela aqui estava-se a dar assim como lá nunca teve nada, cá viu muita coisa fartura e então estava a dar-se assim, estava a dar o corpo como a gente come uma sopa, não sei, para ela não tinha maldade nenhuma. Eu dei-lhe porrada, e depois até fiquei com pena, a minha irmã estava deitada ouviu os gritos e veio a correr foi então quando me tirou e disse para ela “A partir de hoje, não falas mais para mim, mas ainda te vou dar mais uma chance, porque a mulher tem sempre uma chance e o homem tem não é? Vais ficar cá oito dias, eu vou-te dar a experiência oito dias, ficas cá oito dias, está aqui a minha irmã que está a ouvir, vamos a ver como é que tu te portas”, porque eu tinha a cabeça a prémio lá, era o que me estava a fazer coiso era eu ter a cabeça a prémio lá, já não podia pisar mais P, hoje posso graças a Deus e lá não podia, porque o irmão dela, um irmão dela muito parvo, depois dei-lhe lá uma maquia que o ia matando, avisou-me logo e eu para não perder a amizade que eu tinha lá cá por causa de uma prostituta.... Eu evitei, evitei, mas estava sempre com medo que ela engravidasse com outro que eu tinha a cabeça a prémio e já não podia entrar lá dentro de P não é, e eu não queria isso. Eu dei-lhe mais oito dias e a minha irmã disse “Eu avisei-te quem não tem juízo... Ele é muito bom mas nessas coisas ele é um bocadinho correto. Tu não tinhas nada que abrir a porta ao homem e mais disso assentares o homem...” Porque eu fui apanhá-lo assentado no bordo da cama, a ele é que eu é que o fui apanhar não foi ninguém, fui eu. A senhora nem imagina como é que eu fiquei, então ainda estava ferido de S e depois ogo passado um dia logo aquele, e eu a saber o que ele era, ainda se eu não soubesse o que ele era estava bem, mas eu sabia o que ele era. Tive aí 8 dias mal com ela, não ia ao café comigo, aguentei estava-me a custar, ela ia, ia sempre ao café, para os bailes, eu nunca a largava para onde é que eu ia ela ia, a casa de uma irmã, depois almoçar jantar era sempre ela ia sempre comigo, nunca, nunca, nunca a desprezei íamos ao C, andávamos no C a gente comia, bebia, na paródia no jardim, na brincadeira e tudo só que quando chegava aqui a P. era uma desgraça. Os homens aqui já andavam parece que não podem ver uma mulher desconhecida não é, já é uma, já é uma é mais uma então é logo parecem ratos. Ela não se segurava, o mal dela era não se segurar, ela começava logo a falar com ele não é e pumba era eu voltava as costas e ela pumba e eu tinha que andar sempre com um olho nela e a minha irmã também andava sempre com um olho nela e a minha mãe andava sempre com um olho nela, a minha mãe gostava muito dela e eu jurei agora vou ao café hás-de sofrer, jantávamos “Oh B onde é que vais?”, “Vou ao café” “Ah então também vou” “Não vais não, ficas agora, ficas aí a lavar loiça com a minha irmã ficas aí ao pé dela a fazer as coisas”, “Aí mas também vou ao café”, “Não vais não, já te disse que não vais não comeces que as coisas complicam-se, tu estás a pensar que vens aqui mandar em mim é? Não ficas aí a lavar a loiça que a minha irmã também não vai ao café quando a minha irmã for ao café leva-te.”. Minha irmã ia ao café mas era ao M era o café dela era

mais chique não é, estava com a minha irmã podia ir até ao fim do mundo, estava acompanhada com a minha irmã ela ia” eu não podia dizer nada porque daqui nada começavam-me a dizer que ela era uma freira, que eu não queria mas a minha irmã ela estava ao pé da minha irmã e não se levantava dali eu ia ao café (...) e eu estava ao fundo a ver televisão ela foi lá e eu ouvi a voz dela e eu olhei para trás, vejo-a à porta cheguei ao pé dela e disse-lhe “O que é que eu te disse? Eu não te disse que tu não vinhas ao...” que era para a castigar, que ela assim sentia-se como estava acostumada a ir comigo para todo o lado. “O que é que eu te disse, eu não te quero aqui vai para casa”, “Ah mas e quero estar um bocadinho no café”, “Vai para casa” eu depois podia ir buscá-la, mas naquele momento ela teve que ir à minha frente “Vais para casa que eu mandei-te estares lá mais a minha irmã”, a minha irmã disse logo que não ia ao café naquele dia, ela disse logo “Eu hoje não vou ao café”, já para a castigar, ela então como a minha irmã não foi, ela foi lá ter comigo disse à minha irmã “Oh L eu vou lá ter com ele”, “Não sei, não sei bem. Vê lá o que é que vais fazer, eu conheço-o”. Pronto, fui levá-la a casa “disse que era para não ires, não ias.” E fui leva-la a casa metia-a em casa “Oh L mas quem é que a mandou sair daqui?” “Então eu disse que não ia ao café e ela diz que ia ter contigo”, “Comigo não!” Eu metia-a em casa quando cheguei ao café já ela estava à porta outra vez (...) estava outra vez à porta fui ao pé dela, estava-me a moer, mas não fui logo, não estava a ver televisão não estava a ver nada, o meu coração começou a apertar, à apertar eu levantei-me cheguei ao pé dela e disse-lhe “Ouve lá gostas muito de estar à porta que é para estarem a roçar em ti não é?”, que eu estava a ver “Porque é que tu não te vais sentar. Se vieste ter comigo, sentavas-te ao pé de mim, não é? Escusas de estar aqui à porta, vem um, roça vem outro, roça, então mas como é que é? Olha para acabar-se isto tudo faz-se já assim amanhã as duas horas vais para S.” Chegou ao pé da minha irmã e dg “Oh L telefona lá para a M e conta à M o que é que se está aqui a passar, porque ela já se estava a meter com o taxista o V, (...) eu tive uma discussão comigo e nunca mais gramei o V e morreu mal comigo já por causa disso. Aos anos que isto já foi mas fiquei, fiquei sempre com este áspero, porque ele como homem e como pai de filhos, filhas não tinha nada que estar ali de volta da rapariga. Eu fiquei, porque ele era um parvo, era um ordinário, um porco qualquer e era taxista não tinha nada que estar ali a roçar na rapariga e eu a ver, mas ele que fosse roçar lá na... mas ele não gostava que fossem que roçassem lá nas filhas quando tinha o café aberto não é, mas pronto. A L telefonou, ela ligou à minha irmã e falou com a minha irmã disse o que se estava a passar eu já não a queria já não a aceitava mais ou eu desaparecia de uma vez até ela ir para P ou então não a via mais. A minha irmã vai ligou e então ela no outro dia às duas e dez ia para S, ia a chorar, ia a chorar porque eu disse à minha irmã para dizer à outra irmã que quando ela chegasse a S agarrasse naquilo que era dela e ela a levasse à garagem e a mandasse para P, e a minha irmã assim fez. Por não a conhecer porque hoje punha-a

em casa, estava debaixo logo do marido dela, pois foi isso e que a minha irmã teve medo. Ela queria por força engravidar que era para prender.

Entrevistador: Foi a única namorada que teve?

B: Sim.

Entrevistador: Não teve mais nenhuma?

B: Não. Amigas... houve lá outra que tive lá em casa dela mas também era angolana dificuldades com os filhos, tinha dois filhos pequeninos, um bebé e já uma crescidinha, o marido largou-a e depois eu tinha pena das crianças pronto era assim...

Entrevistador: E teve mais algum relacionamento sério?

B: Não, não. Amigas, amizades, pena... vamos lá ver amizade de um lado e pena por outro, ajudar as pessoas e se estou um dia ou dois em casa dessa pessoa porque é a amizade por eu ter ajudado a pessoa, só mais nada de resto ... Essa coisa da mulher viver, não ... fiquei muito chocado, foi um grande, essa parte dali. E hoje falo com ela (...) ao fim de um ano voltei a P, voltei a P e pensei "Vamos lá ver com é que isto vai dar" fez um ano... Quem era solteiro já estava tudo casado é assim não é. Já não conhecia o irmão dela, um porco ranhoso, era já casado e tinha uma menina estava a vier num andar e está, convidou-me, o maior inimigo que eu tinha dentro daquele bairro, o maior inimigo porque eu comprei três quilos de bananas para a irmã e ele arrebitou com as portas e comeu as bananas todas e ela foi a chorar lá e eu estava à porta e ele estava a jogar à bola e eu saí da porta fui ao pé dele sem medo nenhum preguei-lhe uma maquia que o ia matando. E depois ao fim de um ano foi a pessoa que chegou ao pé de mim e convidou-me para ir almoçar a casa dele, já estava casado, até gostei, já estava casado e já tinha uma menina dele, já tinha uma menina e já estava a viver naqueles prédios ao pé da praça (...) só que ele está casado com a mulher desse casal que a gente ia lá para casa ...

Entrevistador: Entretanto divorciaram-se.

B: Está a ver esse senhor que era padrinho da minha sobrinha arranjou uma senhora na A, essa senhora já não de P já não é bairreira, não é do bairro nem nada é uma senhora de vivenda (...) naturalmente já a tinha já era um bocadinho melhor. A mulher verdadeira dele de P era lá do bairro, filha do bairro era um passatempo, um passatempo não essa é que era a mulher verdadeira dele casada, mas ele tinha a outra e aquela era melhor que a outra não sei... hoje está com ela, está com essa que tem uma vivenda que é na A. Essa que era mulher dele está casada com um irmão dessa rapariga que eu estou a falar, que aquele rapaz não se dava nada por ele e quando eu o vi ao fim de

um ano nem imagina (...), mas como ela era minha amiga por eu ir para casa dela na praia, ela convidou-me e ele para ir almoçar a casa deles. Eu lembrei-me da maquia que eu lhe dei, e eu pensei que ele ia-se pagar, mas não eu fui almoçar a casa deles, mas ele não falou já mais nisso ... eu lembrei-me da maquia que eu lhe dei, que é ao irmão, é um dos irmão da rapariga e eu pensei alguma vez a ver o rapaz jogar à bola que, bem uns anos depois não é (...). Descalço, pinú, a jogar à bola e vai para mulher que era desse casal que a gente estava em casa e hoje estão bem. Ela ao fim de um ano eu estava farto da angolana que mora lá nesses prédios também com essas duas crianças que agora está com um... depois eu vi-me embora não é, e quando lá voltei... é que eu às vezes estou a ir lá, quando lá voltei já tinha um homem de cor com ela, outro homem eu fiquei surpreendido, tanto que eu estava a lidar com ela à frente do homem para saber quem ela era e eu não sabia que o homem era companheiro dela e eu como estava na brincadeira com ela com já era as brincadeiras não é, que ela trabalhava no cinema mas dava as suas saídas não é, e eu sabia ficava com os meninos e ela ia para ganhar dinheiro dar comprar leite para os meninos, a vida era dela. E no outro dia quando lá cheguei estava o homem a comer e eu, “é mais um cliente” e ela chegou apresentou-me “Olha está aqui o meu companheiro”. Eu fiquei passado, uma hora nem tanto vim-me embora e até hoje, lá ficou nem sei se ela está bem se está mal, mas tive muita pena dela, porque ela esteve muito tempo sozinha, quando a gente se conheceu eu ficava com os filhos ela ia “Olha ó B fica aqui com os meus filhos que eu vou ali.”, e já sabia onde é que ela ia, pronto tratava-o bem, depois ia fazer aquelas horinhas ao cinema, não sei se andava lá no cinema com o homem que andava, tudo bem. Depois fui para me vir embora para casa não tinha dinheiro para a viagem nem para nada, gastei o dinheiro todo lá (...) gastei o dinheiro todo quando dei por mim não tinha dinheiro para a viagem e ela foi-me arranjar dinheiro para a viagem (...) está cá dentro, esta coisa que eu tenho dela e ela disse-me, vinha a pé! Porque não tinha dinheiro! Ela veio “Amanhã tens o dinheiro” e eu “o que é que tu vais fazer? Vais assaltar algum gajo?”, “Não, mas amanhã às 11h tens o dinheiro para ires para a terra”. Cheguei cá mandei-lhe o dinheiro eu mandei-lhe o dinheiro por uma carta, até mandei mais que aquilo que era, mas mandei-lhe. Quando lá fui já tinha um companheiro, pensei pronto já está melhor, já não sei hoje se está ou não esta, naquela altura tinha o companheiro. E somos amigos e se eu lá for ainda somos amigos. Íamos ao cinema, íamos ao Centro Comercial lanchar tudo uma paródia que é mesmo assim, convívio ... a outra mora na outra, no outro lote mais acima e então estão ali sempre paradas na estrada a ver quem passa a conversar não sei, a malta do bairro é assim não é. Eu ia com a outra ao centro comercial, pois ela vinha do lote dela para o lote de baixo para o sol e a falar muito alto, falava muito alto, falava muito alto e eu ouvia a voz dela, ela sabia que eu saía com a outra e saíamos de mão dada e já a outra é que dizia a mulata “agora a gente vai dar a mão queres ver a L a mandar-se já ao ar comigo. Leva já uma chapada.” E eu assim “Não, não faças isso, não quero o mal dela”. A gente saiu ela

agarrou na minha mão não tive a culpa, agarrou na minha mão estava a outra a falar com a outra muito alto, olhou.... Mas a andar direito a mim, eu pensei que ela vinha-me bater, no fim eu “Olha tu vai lá fazer barulho para a tua porta não venhas fazer barulho para aqui porque acordaste o menino, vens para aqui gritar para quê para eu saber que tu estas aqui? Eu sei muito bem quando é que tu estás e quando não estás. Escusas de estar aqui a gritar que acordaste a criança. Estás a acordar a criança para quê? Vê lá se tens um bocadinho de pensar, já que não tiveste lá, vê lá se tens aqui, estás na tua terra, eu não estou mas eu mesmo assim ainda te dou”, “Não tem calma, eu quero falar contigo” “Comigo não tens nada a falar.” E a outra ao meu lado e diz assim ela “O que é que tu queres falar com o rapaz então tu andavas lá a meter os cornos ao rapaz. Queres falar com rapaz não tens vergonha? E ele agora é meu, não é?” E agarrava-me assim, a outra ficou danada não é? Já ao fim de um ano, já ao fim de um ano. “Não, não eu não estou contra ele. Eu é que fui culpada só que gostava de lhe pedir se ele me leva ao Centro com vocês. Se eu posso ir com vocês ao Centro Comercial.” E digo eu assim “Olha dá-me só 5 minutos, não sei bem, dá-me 5 minutos.” Arredei-me com ela e digo assim “O que é que tu achas?”, “Opá eu tenho pena dela, ela está com fome, “Tu é que sabes.”, “Tu não te faz diferença?”, “Não, a mim não se a quiseres levar leva-a, mas eu não gosto muito de pessoas atrás de mim”, “Opá a gente só vai ao Centro Comercial pá.” e eu estava a ver o que é que se ia dar se ela fosse não é que era para não haver ranha entre eu e a família dela, mal ela foi comigo ao Centro (...) já eu tinha a família na mão, passámos mesmo à frente da família dela e eu digo assim “Está bem. Será as últimas coisas que eu te vou pagar e depois já não te pago mais nada” eu para pagar aquilo a ela vais pagar mais tudo “Ah mas não é contigo, eu fui contigo para S...”, “Não, não, não espera lá, espera lá que não tem nada a ver uma coisa com a outra para já esta come há quinze dias é muito mais mulher do que tu.” E era embora que eu não tivesse nada com a rapariga só por causa dos filhos, só por causa da amizade por causa dos filhos ela não tinha maldade nenhuma se ela tivesse maldade atirava-se logo não é mas não, não. Ela só queria era convivência e café beber que ela danada para beber cerveja e paródia brincava com os filhos no chão em cima de uma manta estendia-me, ela brincava com os filhos.

Entrevistador: Então e diga-me uma coisa, como é que é a sua relação agora com os seus amigos e com os seus familiares com os seus irmãos.

B: Com os meus irmãos, ora com os meus irmãos, nós dia sim outros dias não, outros dou-me bem, outros dou-me mal. (...) É assim a minha irmã mais velha praticamente é como mãe e é não é ainda hoje. A minha outra irmã minha que estava no café essa fala comigo quando quer ou quando precisa de alguma coisa fala comigo, mas é mais o não que é o sim, a minha irmã lá de cima a do pé do C essa só se não puder, ela deixa de comer, pronto só se ela não puder essa também não tem explicação. Depois temos a do V, mas essa também só se não puder porque eu é que sou culpado

que não vou lá, mas para mim até hoje é uma excelente irmã, a N está no C, tive um ano sem a ver, não sei se é um sim se é um não, mas se for à porta dela também, só que eu afastei. Pronto há irmãs que me dão e há irmãs que não me dão, não é. O meu irmão A., mais velho, para mim é um grande irmão, foi para mim excelente se eu for lá ao casal dele, todos os dias o vejo a gente tem ligação quando eu vou a casa dele, é raro muito raro, que ele mora lá mais para fora mas quando a gente se vê no coreto e isso eu beijo-o ele beija-me a mim pronto não há dia nenhum que a gente não se vê que a gente não faça isso é uma ligação já muito grande. O meu irmão que está lá à saída, o outro irmão mais novo esse então nem se fala, esse nem quero falar nele e este mais novo é costas com costas ...

Entrevistador: E com os seus amigos dá-se bem?

B: Sim. Amigos tenho, tenho amigos às vezes não faço mais amigos porque às vezes a gente vale mais poucos que o que muitos, vale mais os poucos que a gente tem que o que ter muitos e não prestar não é. Um antes quero ter dois ou três que o que ter 20. Para mim chega-me a amizade que eu tenho chega e as pessoas são todas, vizinhas desde aqui até lá ao coreto eu dou a volta e é só bom dia bom dia bom dia, as pessoas na padaria é uma excelente pessoa pronto tenho muita gente amigos, tenho muita gente à minha volta embora que às vezes eu permito não é, os cafés, o Sr. A o C o PC a P, uma amizade dessa pessoa uma amizade dessa rapariga comigo o Sr. A que é o do supermercado digo que vou fugir e que a levo para o Brasil, vamos para a praia, vamos para a piscina... ela fala assim e eu também falo depois é essas brincadeiras. Já conheço aquela rapariga de pequenino eu fui comer a casa da mãe dela na escola, quando era o recreio, lá ia eu a correr que mora mais abaixo onde está o arvoredado verde deste lado, num primeiro andar branco ia a correr galgava os ferros das escola e ia a correr para a avó dela dar-me duas fatias de pãozinho com doce, doce de tomate, que já estava lá guardadinho para mim porque era sempre ao recreio, nasceu aquela menina foi uma amizade é a única também não é, depois foi a mãe dela, depois o pai continuei na mesma primeiro era a avó depois a mãe era aquelas nozes aqueles figos e maçã ao sol às rodela (...) e então aquela menina foi criada num berço de ouro, foi criada lá, mas foi criada com a pobreza, aquela rapariga foi criada... (...)

Entrevistador: Porque é que pediu apoio às senhoras aqui do apoio alimentar? O que é que o levou a pedir apoio?

B: Levou-me a pedir apoio porque precisava, não tinha comida não é, não tinha hipótese de comprar e como é que eu há-de dizer para evitar de andar a pedir mais às pessoas não é, embora que é claro que as pessoas sabem que eu preciso e vêm-me dar (...) antigamente aceitavam de mais

peessoas porque havia mais pessoas não é, e desde que me deram o apoio para alimentação (...) de pedir mais às pessoas, claro então se eu tinha o apoio da alimentação só tinha que correr....

Entrevistador: Há quanto tempo é que recebe? Mais ou menos há quanto tempo é que recebe?

F: (...) Aqui de P foi há pouco tempo (...) começou há pouco tempo foi aqui há um ano e pouco. Porque eu antigamente íamos buscar à igreja (...) e depois disso acabou, depois continuei na Cruz Vermelha era no tempo da Cruz Vermelha não é, agora é com a Assistente Social, mas naquela altura era a Cruz Vermelha. Depois da Cruz Vermelha acabou, entretanto acabou a Cruz Vermelha e começou a Assistente Social, desde que começou a Assistente Social, acho que a Assistente Social acha que eu preciso e há pessoas que precisam, eu precisava mesmo não tinha hipótese não podia pedir a assistência à minha família a minha família também precisa porque elas também não podiam têm a vida delas embora que elas me ajudem ainda hoje não é dão um bocadinho de comer, ou dão isto ou dão-me aqui mas eu também ajudo em qualquer coisa lá em casa. (...) A gente faz assim agora a minha irmã lá de cima, eu vou para o curso não é, isto do banho estava-me a matar a cabeça, porque eu ir para o curso sem tomar banho, eu não ia isso aí eu não ia, perdia tudo mas preferia não ir porque é assim uma pessoa sem tomar banho, já a tomar banho sabe Deus, quanto menos sem tomar banho não é ao pé das pessoas e depois uma pessoa claro, vai uma manda uma boca vai outra manda outra uma boca (...) e depois há uma boca que eu cheiro mal e depois espalha-se aqui em P e eu não quero.

Entrevistador: A primeira que foi à praça buscar alimentos o que é que sentiu?

B: Nada (...) Senti-me melhor, senti-me melhor pronto mas pronto normal. Quer dizer, não é normal não é senti-me um bocadinho melhor porque as pessoas estavam-me a dar não é. Ora a gente sente-se um bocadinho melhor uma vez que a gente não tem e depois começamos a ter a gente sente-se mais aliviado, não é. A cabeça já dá outra volta e sentimo-nos mais aliviado porque chegámos aquele dia a gente sabe que tem aquela, é pouco, claro que é pouco, pouquinho mesmo pouquinho, mas é de boa vontade.

Entrevistador: E lembra-se quando pediu a primeira vez tinha-me dito que foi a primeira vez aqui na igreja (...) e lembrasse do que é que sentiu nessa primeira vez que recebeu?

B: A primeira vez que eu fui à igreja.

Entrevistador: A quem é que pediu para receber?

B: A quem, foi às pessoas aqui da igreja. Há uma rapariga que mora aqui que é a que está a dar agora na praça também, porque eu acho que isto da praça pertence à igreja porque está lá o Sr. Padre outras vezes está lá a Dra. da igreja (...) está tudo pessoas que fazem da igreja, por isso a gente aqui não sou só eu a gente aqui não estamos a perceber se é da parte da Assistente Social, mas como estão a dar pessoas da igreja a gente pensa que é da igreja. Mas dantes era mesmo na igreja.

Entrevistador: E o que é que sentiu essa primeira vez que foi à igreja buscar alimentos?

B: Senti-me contente, sim porque nessa altura então não havia mesmo nada da Assistente Social, não havia Assistentes Sociais era só a igreja, e então quando a gente eramos... não era por carta...

Entrevistador: Que idade é que tinha a primeira vez que pediu?

B: Para aí 22 anos.

Entrevistador: Era muito novinho.

B: Sim (...) Não era por carta elas, as senhoras a gente chamava senhoras e chamemos senhoras não é mas agora já não é tão ligado às senhoras e dantes era tudo senhoras e então a gente ia a passar e a senhora dizia “Olha amanhã vais à igreja”. Não era por carta não era por escritos (...). Agora é tudo por carta. Dantes não dantes a gente a senhora ou dava recado a outra pessoa que lá ia buscar também, que se me visse para me dar o recado a mim porque já lá estava os sacos preparados. Não era com nomes não era com nada, era assim aqueles dois saquinhos que a gente ia todos contentes a correr para ver, a ver o que é que tinha, hoje já não, eu hoje já vou buscar a alimentação chego aqui meto o saco em cima e logo ou depois é que vou tirar.

Entrevistador: Mas porquê?

B: Não tenho já aquela coisa que tinha antigamente parece que antigamente as coisas eram diferentes a gente tinha mais aquele carinho àquilo que davam e a gente ia logo ver o que era, tínhamos aquela ansiedade de ver o que era. Hoje a gente já sabe mais ou menos o que é já não vamos ver o que é que lá está no mesmo dia não é. Eu chego aqui com a alimentação meto aqui, lá para a noite ou à tarde é que eu vou ver e antigamente não.

Entrevistador: O que que pensava, a primeira vez que pediu apoio alimentar, o que é que pensava que ia receber?

B: Pensava que era pobre e andava a pedir.

Entrevistador: E pensava que ia receber muitos alimentos ou poucos (...)?

B: Dantes quando eu era mais novo davam um pacote de arroz, esse pacote de arroz para a gente era como se fosse um saco cheio de alimentos é a isso que eu quero chegar. Um quilo de açúcar era uma festa, aquilo era uma festa não é um quilo de açúcar, hoje o açúcar é muito barato já não é aquela coisa que a gente tem que ... um açúcar é um quilo de açúcar e antes não era uma coisa muito diferente uma coisa da outra, a gente agarrar e irmos com o açúcar... mesmo que dessem só um pacote de massa a gente ficava contentes aquele pacote de massa a gente fazia, comíamos com satisfação... a gente já estava à espera que a senhora depois desse mais um e hoje não hoje já, eu pelo aquilo que eu vejo há muita fartura e dizem que isto está mau, mas há muita fartura porque eu vejo as coisas ao pé nos contentores é porque não está mau. Há muita gente com fome como eu cheguei, passei necessidade a bem dizer só a pedir não e depois com as pessoas ía com as senhoras comer a casa daquela a casa da outra tinha mesmo necessidade, hoje em dia metem as coisas no contentor do lixo, massa, arroz, pão, uma coisa que antigamente...

Entrevistador: Ouve alguma altura, desde os 22 anos em que começou a receber, até agora, que mudou em si? Que acha que mudou?

B: Não reparei, não reparei... mudei...

Entrevistador: Nestes apoios?

B: Andava a pedir não é antes disto, portanto esta coisa da Assistente Social dar esta pensão, não muda quem não quer, só não muda quem não quer. Porque eu acho que esta pensão não vai dar para nada não é, não dá quase para nada simplesmente o que eu estou a receber dá para a renda e para a luz, mas pronto essa ajuda já tira muita coisa da vida que a gente levava porque...

Entrevistador: Desde que começou a receber até agora desde sempre ou houve alturas em que não recebia.

B: Houve uma altura em que não recebia.

Entrevistador: Ou seja e que não precisava de receber, houve alturas em que não precisava de receber, ou porque estava a trabalhar, ou porque...

B: Na altura antes da Assistente Social, de eu estar na Assistente Social eu nessa altura é que pedia mais, porque não tinha para comprar (...) antes de começar a receber o Rendimento e depois houve um tempo que fui chamado e fomos a reunião várias vezes e porque hoje está lá uma senhora, amanhã está outra e depois já lá está outra e depois agra já lá está outra e tudo isto as senhoras chamavam à atenção porque a Assistente Social estava a dar e que a gente escusava de andar a pedir, uma vez que a gente tem apoio da Assistente Social não é. Eu pus na cabeça, como tinha apoio da alimentação e desta pensãozita do dinheiro evitar mais andar a pedir às pessoas. Se as pessoas dão às vezes é porque as pessoas querem dar, porque as pessoas, eu não digo que não, não é, querem ajudar porque sabem que desde pequeno como tenho muitos irmãos e vivi na barraca e fui criado assim não é as pessoas tendem, essas pessoas antigas têm mais alguma coisa em casa e vêm aqui e dão-me.

Entrevistador: E daquilo que recebe, a primeira vez que recebeu aqui na praça aquilo que recebeu era aquilo que estava à espera de receber ou não.

B: Isso é uma pergunta que é difícil de responder porque é assim a gente estamos sempre à espera de receber mais e aquilo que a gente recebe não é, tudo faz falta em casa não é? Certas coisas que faz falta, não vêm, (...) como o azeite óleo, carne. Não é só comer arroz, não é só comer massa não, eu sei fazer comer mas só arroz e massa não. Já disse isso lá, já estou farto de dizer á Assistente Social também, porque tenho arroz tenho massa, batem-me logo com isso na cara não é, claro. Estou a receber alimentação muito certo, mas não sou que digo que vou fazer arroz e massa, é o que a Assistente Social diz logo, não é com a Dr.^a (...) que me espeta na minha cara a dizer para eu fazer arroz doce. E eu vou comer arroz doce ao almoço, arroz doce ao jantar e sucessivamente assim e todos os dias vou comer arroz doce, não pode ser não é. Agora tenho arroz tenho massa tenho cotovelos, pronto tenho massa, gasto sim senhora faço canja, faço muita vez canja, vou gastar o dinheiro a comprar um bocadinho de frango, não é. Porque eu não vou fazer a canja, está bem que há pessoas que fazem a canja que eu sei canja com caldo Knorr (risos) eu sei, eu sei mas eu não sou capaz de comer só com caldo Knorr mesmo com o frango, não sou capaz de comer só com o caldo Knorr. Não é com a alimentação que a Assistente Social está a dar que é só massa arroz, de vez em quando vem uma garrafinha de azeite e uma garrafa de óleo, é raro, por acaso desta vez agora veio, mas durante um ano não me deu alimentação, a Assistente Social está a dar de ano a ano.

Entrevistador: Isso é na Assistente Social e aqui na praça?

B: Ali na praça é uma vez por mês e quem está a receber da Assistente Social aqui não tem direito à praça, eu acho que isso está mal.

Entrevistador: Não estou a perceber quem está a receber da Assistente Social não recebe aqui.

B: Sim. Se eu for buscar a alimentação uma vez por ano que calha uma vez por ano à Assistente Social (...) naquele mês não recebo na praça e no princípio recebia, não tinha nada a ver. Mas eu já falei isto com a D. (...) ela diz que não tem nada a ver uma coisa com outra, como é que é isso? Não estou a perceber aqui esta jogada que isto é uma jogada entre a alimentação da praça e a Assistente Social.

Entrevistador: Tem a ver com a sobreposição dos serviços...

B: Não sei porque no princípio a gente recebia dos dois lados se da Assistente Social não vinha uma garrafinha de azeite uma garrafinha de óleo a gente já contávamos que dali vinha e assim não vem (...) não vem de um lado nem vem do outro, de um lado chove e do outro faz vento. Fui aqui ter com a rapariga que mora aqui a seguir à ponte que é da praça, que é da igreja, já a conheço há muitos anos ela é filha de cá, ela andou comigo na escola e pronto e eu fui lá de propósito perguntar se realmente como é que era se eu tinha direito à alimentação ou não tinha e ela disse-me assim: “estiveste na Assistente Social?”, “Tive”, “Então não tens direito agora”.

Entrevistador: Mas também é só durante aquele mês.

B: E eu disse “Oh L, arranja-me ao menos uma garrafinha de óleo porque eu estou a precisar de uma garrafinha de óleo para eu fritar alguma coisa para comer.”, porque eu preciso de uma garrafinha de óleo e não tenho dinheiro ainda, ainda não veio o meu dinheiro. E ela não me deu, e ela não me deu não é diz que não tem que não tem que não tem. Mas isso está mal umas pessoas levam e outras não.

Entrevistador: Há alguns que recebem da Segurança Social que levam é isso?

B: Não, não.

Entrevistador: Nenhum leva.

B: Não.

Entrevistador: Só os que não estão na Segurança Social levam.

B: Quem receber este avio da Assistente Social recebida no Centro de Dia, que e lá distribuída no centro de dia depois já não vai à praça. (...) quem não recebe da Assistente Social vai à praça à mesma. Eu agora arrecebi da Assistente Social o mês passado já não arrecebi na praça, porque a primeira vez que lá fui com o sacco vim para trás. Todas as vezes que a gente vai buscar à Assistente Social, escusamos de ir à praça.

Entrevistador: E na praça, qual é a importância que esses alimentos têm para si, na sua vida?

B: Um bocadinho, um bocadinho porque dantes não havia não é, um bocadinho porque além de ser pouco mas sempre dá para alguma coisa não é, sempre tapa, mais vale mais pouco que o que nada naquele dia, claro que se eu não tiver arroz que venha naquele dia, pois claro que fico contente não é já é uma coisa que eu não vou comprar não é agora se eu não tiver claro que fico enrascado porque o dinheiro que eu estou a pensar para outro dia para o pão, já tem que ser para o arroz.

Entrevistador: Já não compra o pão?

B: Já não compro o pão, se vier arroz, é pouquinho dão-me seis coisas, dão no máximo seis coisas.

Entrevistador: Então o que é que você pensa do funcionamento daqui da praça. Acha que funciona bem, acha que deveria funcionar de outra maneira, o que é que pensa sobre isso? Já alguma vez pensou sobre isso? A forma como elas trabalham, dividem os sacos...

B: Na praça.

Entrevistador: Sim na praça. Acha que elas trabalham bem, dividem bem...

B: Sim, são excelentes pessoas não haja dúvidas qualquer pessoa que lá está e qualquer uma que lá estivesse até lá os meninos pelo natal, estão lá os meninos da escola dão uns cartõezinhos da escola. Já trouxe um barco de pinheiro com uma vela e um papel vermelho eu acho que isso foi uma coisa que eles tiveram a ideia que ou quem teve a ideia acho que foi uma coisa que caiu bem a mim e às pessoas, porque não foi só a mim, depois a gente conversa não é, que a gente não estava à espera não é, e na entrega com as crianças da escola e realmente foi uma coisa muito bonita que eles fizeram. Em relação às pessoas que lá estão a dar são boas pessoas, não podem dar, não podem não podem, as pessoas não podem fazer das tripas coração não é, têm que dar um bocadinho a cada pessoa portanto não podem a gente não vai obrigar.

Entrevistador: E acha que alguma maneira de elas trabalhar de uma maneira melhor, fazerem de uma forma melhor, ou acha que não o serviço está bem assim.

B: Eu acho que às vezes tem coisas diferentes, veem coisas diferentes, coisas que nunca vieram eu julgo que aí elas não têm não podem pôr no saco, porque se elas tivessem lá elas punham um bocadinho daquilo que tivessem lá, porque às vezes vem menos coisas daquilo que a gente trás habitual, mas vem coisas diferentes e essas coisas diferentes uma tapa a outra, é porque elas não têm assim muita coisa não é. (...) Agora trouxe, nunca trouxe na vida, nunca tinha trazido, pertence um saco de tomate a cada pessoa, tomate chucha eles nunca lá tiveram agora tinham lá uma mesa cheia, mas perguntam às pessoas se gastam, eu gasto ainda agora ao almoço o guisado gasto.

Entrevistador: Isso que me está a dizer acha que era importante perguntarem aquilo que precisam, em vez de fazerem o cabaz perguntarem o que é que lhe faz falta.... E depois faziam o seu saco consoante aquilo que lhe fizesse mais falta...

B: Pois mas não. Eu quando lá chego, calha a minha vez eu entrego o saco que trouxe entrego-o despejado e vem-me outro que já tem as coisas a gente não vê.

Entrevistador: Ou seja, se precisar por exemplo de azeite...

B: Se eu perguntar, por acaso desde que eu falei naquela garrafa de óleo e ela disse que não tinha e eu nunca mais perguntei, mas às vezes está lá um senhor mais velho (...) e eu dizia se não havia nenhuma garrafinha de azeite, ou uma garrafinha de óleo e ele dizia-me que não. Mas depois acho que lhe roía a consciência ia lá dentro, ver não sei o que era, e trazia uma garrafa de óleo, mas primeiro não tinha, mas tinha eu de trabalha-lo para me dar a garrafa de óleo e não podia estar ninguém lá não é ele dava fora da...

Entrevistador: Quando não estava ninguém....

B: Já fora do papel onde eu tinha as coisas marcadas para levar, pois porque a gente não vê as coisas a gente chega ali tem uma mesa a gente encosta-se à mesa, entrega o saco vazio e ele vai lá dentro acho que no saco tem um nome num papelinho chega ali mete o saco “Boa tarde”, “Boa tarde”, e só em casa é que a gente vê.

Entrevistador: E qual a sua relação com as pessoas que lá trabalham que lá estão.

B: A relação boa, boa, não tenho nada a dizer qualquer um deles e das senhoras que lá estão falo com qualquer uma... não tenho nada que não, também nunca fui não é, não, não tenho. Só esse senhor é que não é de cá de resto é tudo da terra (...). A Dr.^a (...) uma excelente pessoa sempre foi

já antes de solteira, sempre foi, a gente aqui ao pé da minha mãe (...) portanto quando ela era nova, a Dr.^a (...) eu acartei água para a mãe dela, que dantes não havia água canalizada e vinha aqui a esta fonte ganhava 5 tostões em cada quarta, cinco tostões, para ter para gastar para o domingo, não era só para ela, como era para as senhoras mais ricas, que elas tinham aqueles potes e chama-se talha esses potes eram cheios de água podiam levar 6 quartas, podiam levar 12 pronto e depois de encher essa talha tinha uma torneira para a senhora beber água fresquinha e a gente recebia o dinheiro. Chegava a casa dava á minha mãe e depois a minha mãe é que sabia o que é que dava à gente. Então eu acartei água para a mãe dela ela era solteira e fartava-se de ser, hoje é como é, nunca tive uma zanga com ela, nunca, nunca, nunca e vou lá peço a medicação sem dinheiro e ela dá-me a medicação sem dinheiro quando eu receber eu vou lá pagar. Qualquer pessoa, que lá está ou que lá estivesse não tenho razão de queixa também.

FIM.

Entrevista 6

Entrevistador: (...) Como é que foi a sua infância e a sua juventude? Como é que se lembra, e do que é que se lembra.

C: Lembro-me bem. Porque são coisas que embora algumas fiquem para trás e há outras que nos marcam. A minha infância nesse tempo, eu nasci em 42 e até nasci aqui bem perto na zona baixa que nós chamamos RF, contaram os meus pais passado uns tempos e avós e vizinhos que a minha mãe nessa altura era eu e a minha irmã, o meu irmão ainda não era nascido, o mais novo... quando eu nasci ela tinha uma diferença de quase já três anos de mim. A minha mãe trabalhava aqui numa fábrica de rebuçados que era aqui, muito conhecida aqui no concelho e distrito de S. que era a única naquele tempo, claro meu pai trabalhava como marceneiro no C. naquela altura os ordenados não eram grandes não, eram mais ou menos e ela deixava-me sozinho a dormir até que houve uma altura que uma vizinha que começou a sentir um cheiro um bocado esquisito a fumo e viu que já havia labaredas a sair e eu estava lá no berço e ela abriu a porta e eu estava lá dentro (...) não morri queimado porque não calhou se calhar foi a partir daí que eu tive aquela intenção de ir para bombeiro, não é. (...) Depois nasce o meu irmão, eramos três já, o meu avô tinha uma vinha nós ajudávamos quer na apanha da azeitona, quer nas vindimas, as vinhas tinham de ser estercadas nessa altura e as estradas era de terra batida e havia muitos animais e aqui nos arredores muitos olivais, manadas de vacas e cavalos e nós íamos apanhar o esterco para trazer para o quintal, depois o meu avô fazia os carreiros, alugava uma carroça de umas pessoas amigas e levava aquilo tudo. Então quem tivesse o monte mais alto de estrume ele dava sempre naquela altura cinco mil reizinhos e dois mil reis para a gente juntar para a festa da terra ou para a FS para o C. Claro que o monte maior era sempre o meu não é, eu tinha um carrinho de mão que o meu pai fez e depois passei a ter dois e tinha um rapaz que me ajudava e depois eu emprestava a eles e passávamos o tempo assim, antes de irmos para a escola. Ainda na escola começou-se a usar isto, mas já não era muito, havia outra modalidade de a gente ganhar um tostão, íamos aqui aos pinhais aqui perto apanhar as pinhas, trazíamos sacas enormes de pinhas no carrinho de mão ou nos carrinhos de mão, que eu já tinha dois na zona a PA que era na zona do PR aquilo era terra batida cheia de terra, trazíamos mato e ali assávamos as pinhas e depois andávamos por P. de porta em porta ou junto às tabernas a vender as pinhas aos homenzinhos para acompanhar com o vinho, meio tostãozinho, na época da pinha (...) e quando sobrava mais algum era para entregar em casa. E depois comecei a trabalhar com o meu tio electricista.

Entrevistador: Como é que era a relação com os seus pais?

C: Sempre boas, pais avós tios, primos...

Entrevistador: Tinham uma grande proximidade familiar.

C: Tínhamos e ajudávamo-nos uns aos outros.

Entrevistador: E viviam perto?

C: Sim uma diferença de duzentos metros talvez, possivelmente os meus tios um era eletricista, outro tinha uma oficina de bicicletas, eram pessoas que já viviam assim um bocadinho melhor mas da gente eles nunca se esqueciam. Eu praticamente fui criado com o meu tio lá em casa. Eu estava na escola saía tinha os meus trabalhos ele tinha a loja de eletricidade perto bem perto da Junta de Freguesia ele andava nas montagens e eu ficava entregue à loja eu vendia material elétrico, brinquedos e depois comecei a andar com ele a aprender de eletricista e fiz mal não ter acabado, porque não queria, mas aquilo ele não me pagava ordenado dava-me uma buchinha. Eu pensava em trabalhar e ter uma profissão que já gostava muito de motas e gostava muito era de ser mecânico de motas, fui para o meu primeiro trabalho no C. fui para lá tinha treze anos e ...

Entrevistador: E andou na escola até que idade?

C: Naquela altura nós entrávamos às sete e saíamos aos 11.

Entrevistador: Faziam o quarto ano...

C: Não o quarto ano não havia era 4ª classe ou segundo grau do ensino primário, primeira classe, segunda classe, terceira classe e quarta classe.

Entrevistador: E depois terminava.

C: Quem quisesse ir estudar, eu ... (...) fiz a quarta classe, fiz tudo. E depois aí comecei a trabalhar nas motas a ganhar o primeiro ordenado de 150 escudos por mês. Tínhamos a oficina de motas e depois a distribuição do gás (...) bomba de gasolina, óleos, aquelas coisas todas, eu sei que o meu horário era entrar às 7h30, 8h e a hora da saída era sempre rente às seis horas, mas isso era muito raro. A entrar isso era à hora para sair até podia ser no outro dia, mas depois o patrão também era bom e nós apanhávamos o gosto, gostávamos e colaborávamos eu tinha meses que tirava mais em gorjetas do que o mês do ordenado. Chegava a casa e entregava tudo à minha mãe (...) tudo, tudo ela não me deu um tostão para nada também não tinha muito para dar quando era novito havia um bailarico a gente não pagava a entrada porque o meu pai fazia parte lá da banda mas sabe gostava sempre de beber uma gasosa, uma gasosinha uma bolacha de baunilha que era bom não é e de vez em quando (...) era vinte cinco tostões, eu tinha algum dinheirito que a minha avó guardava “espera aí que a avó guarda, quando fores para a tropa tens aqui este dinheirinho” e guardava mas

isso era de princípio e depois comecei a pensar que era homem e já via a minha figura não é e já queria era namorar não é. E depois já não punha nada para a caixa não é (...). Era uma infância assim boa, com um bocado de dificuldade que já havia naquele tempo, depois começou a haver muito trabalho e muito emprego e muito pouco operário havia aquele que gostava da profissão de andar nas vinhas e depois tinham as vinhas dos pais e ajudavam e começavam a tomar conta e iam cavar, gostavam daquela modalidade. Outros começaram a aprender um ofício, havia muito infelizmente agora não há nada, havia muito...

Entrevistador: Ou seja quando não havia era o tempo de estarem parados e tinham de estar e depois recomeçavam novamente...

C: Exatamente. Ainda apanhamos o resto, pelo menos eu, da segunda guerra mundial, conta o pessoal mais velho que eu era puto as tropas alemãs e francesas e espanholas salvo erro, estiveram aqui junto da nossa zona e havia os estafetas de mota e eu andava sempre na mota eles a conduzir e eu sentado em cima do depósito da gasolina a dar as voltinhas...

Entrevistador: Mas não tem noção dessa época...

C: Não tinha feito os meus três anitos, o pessoal depois é que contava que gostavam muito de mim. E depois comecei a entrar no teatro na igreja, no centro paroquial, na música e depois para a casa do povo, comecei a jogar futebol já mais velho, mais tarde fiz o meu trabalho a minha tropa em Évora jogava lá futebol também (...) e os tempos eram melhores mas na tropa havia sempre muita dificuldade, eu de vez em quando vinha a casa, tive de casar cedo mas é, antes de ir para a tropa...

Entrevistador: E antes de casar (...) gostava do sítio onde vivia?

C: Gostava, gostava, gostava e gosto por isso é que voltei novamente para cá. Gostava também do C., o C aqui há uns anos era o meu sitio para se viver tinha uma praça farta enorme, pessoas de S que tinham restaurantes vinham de propósito ao C. comprar peixe e carne, aquilo ao domingo era um mundo, ao sábado a malta não trabalhava depois passamos para a semana inglesa e depois deixou-se mesmo de trabalhar e depois a malta ia todos os dias à praça beber um branquinho ou dois comer uma bifana que havia uns barezinhos tanto lá dentro como cá fora para ver as miúdas não é (...) passávamos o tempo assim.

Entrevistador: E quando vivia com os seus pais, ainda quando vivia com os seus pais e estava com eles, brincava na rua, tinha amigos, não tinha amigos...

C: Tínhamos, tínhamos, isto era dividido em bairros e isto aqui é a baixa, lá em cima onde é o coreto da música é o rossio, ao meu lado era a zona do areal e o bairro da Rússia, as era os nomes

que se davam, as marotas é onde é o campo da bola e fazíamos encontros de futebol que eram as bolas de trapo até aparecer as bolas de cachu (...) Às vezes não chegava ao fim acabava tudo à batatada (...) quase sempre. Depois os homenzinhos lá em cima ao pé do coreto, onde está aquele largo era grande onde está o PC era a taberna do TS ao lado havia um portão verde que era de um senhor C. que depois veio para cá e depois estava em L e aí é que era a baliza que ele autorizava, e outra nas árvores. Os velhotes a servir o seu copinho e as suas cervejinhas a ver um jogo de futebol, adoravam, às vezes davam “Vá toma lá” um tostão ou dois tostões “comprar um rebuçado”, porque eles gostavam daquilo. Não havia luz nessa altura havia o cinema mudo que havia um tipo que era o J com a maquinazinha, o ecrã era na parede ...

Entrevistador: E você ia ver o cinema mudo?

C: Ia, eu e todos. De vez em quando ajudava porque ele era conhecido do meu tio, ele morava num anexo onde ele tinha a loja de eletricidade e eu conhecia-os porque estava lá na loja e depois numa altura havia um intervalo ia-se com o boné fazer a coleta e eu ajudava-os, ali com o bonezinho ali a pedir (...) é verdade.

Entrevistador: E o que é que se lembra dessa altura, ficava ... ficou fascinado quando viu o cinema pela primeira vez?

C: Foi, foi. O cinema mudo na rua, depois a música é que começou, isso já eu estava a trabalhar na loja com o meu tio que ele já era diretor da música, havia cinema duas vezes por semana em P. duas, às vezes três havia à quinta, ao sábado à noite e ao domingo e às vezes fazia matiné, dias de Natal, Páscoa que não havia nada fazia-se um cinema e aquilo estava sempre esgotado. E o meu pai era porteiro e eu já o ajudava, já ajudava o meu tio a montar as aparelhagens para eles fazerem o som ajudava o colega dele o cancionista a ajudar porque um dia mais tarde a gente pode ter aqui um cinema fixo e vocês, alguém ou o teu tio pode comprar uma máquina começa já a ver como é que isto trabalhava. E eu adorava aquilo...

Entrevistador: E as pessoas iam?

C: Estava sempre tudo cheio. (...) Nesse tempo havia um filme de cowboys, havia o Ricardito e o Zorro, os filmes do Zorro quando começaram cá a aparecer aquilo tinha quase à volta de vinte partes, eram vinte bobines, ora o cinema começava o mais tardar 9h30, mas como a malta do copo e as tabernas fechavam às 10h por lei, às vezes quase as 10h30 só começava quando eles chegassem e ficasse cheio e havia sessões a começar às 10h30 da noite e a acabar às 4:30 da manhã de sábado para domingo (...) estavam lá as pessoas estavam lá até ao fim (...) havia todos os dias no C. e cá. Só que aquilo as gerações mudaram e os pensamentos também e depois as pessoas

carolas que estavam a frente daquilo e venceram e saíram da direção e depois etc., só havia no C e em P. cinema fixo.

Entrevistador: E na escola o que é que mais gostava?

C: Tudo. Eu gostei sempre da escola, levava aquilo a peito... adorava.

Entrevistador: E a professora?

C: Professora nunca apanhei, apanhei foi dois professores, as professoras uma era esposa do professor.

Entrevistador: As turmas não eram mistas.

C: Não. Raparigas, raparigas, rapazes, rapazes. Nem tínhamos ordem no intervalo de nos chegarmos junto às aulas delas, no tempo já mais na altura dos exames o nosso professor ia ao C. fazer exames e entregava sempre a aula aos mais velhos e aos mais estudiosos, um deles era eu, porque a minha mãe era contínua da escola ele dava a aula à gente os trabalhozinhos feitos no quadro passava-se estudava-se e depois púnhamo-nos ali um bocadinho a conversar, uns já tinham revistas de coisas de cowboys aqueles que podiam comprar e a malta punha-se a ler ali aquilo e depois vínhamos até cá fora ter com elas fazer exames de passagens com as professoras, a gente pendurava-se e era logo uma reguada que as gente apanhava nas mãos, não se podia, nem se podia jogar futebol lá. (...)

Entrevistador Com que idade é que foi para a tropa?

C: 20 anos

Entrevistador: Ainda era solteiro.

C: Já era casado ... fui obrigado a casar.

Entrevistador: Como é que conheceu a sua esposa?

C: Foi lá no C ela era de lá, eu andava na distribuição do gás, era muito coiso, muito engraçadinho como elas diziam todo coiso e sei lá e com aquela idade 14, 15, 16 anos está a ver não é, bailaricos, música para aqui para acolá e depois íamos aqui para as festas dos arredores eu já tinha uma motorizada, alguns iam de carro e eu sempre de motorizada não é e depois aquilo nasceu ali um romance grande e houve problemas.

Entrevistador: Que problemas é que houveram?

C: Porque eles obrigaram-me a casar com ela antes de ir para a tropa. Já sabiam que se eu fosse para a tropa nunca mais casava, eu queria era pirar não é. Fui obrigado por isso é que eu não fui ao Ultramar, porque já era casado e dependia do posto que eu tinha (...) éramos 98, 90 foram para o Ultramar e os oito ficaram cá o primeiro e o segundo mais bem classificado, o terceiro mais bem classificado o amparo de mãe e o casado antes do alistamento, eu fiquei em terceiro lugar da especialidade e podia ter ficado em Lisboa mas deram-me a escolher e eu fui para Évora.

Entrevistador: Como é que o obrigaram a casar com 18 anos?

C: Porque fui obrigado, foi a família dela que foi a tribunal. Sim, sim, que se eu não cassasse antes de ir para a tropa...

Entrevistador: Mas ela estava grávida?

C: Não, não.

Entrevistador: Namoravam só.

C: Só. Tive de casar porque era a única maneira de me segurar porque se eu fosse (...) na altura eu ia preso, preso pelo tribunal militar por isso eu quando saí da tropa eu dizia e as pessoas diziam que aquilo era mentira não é (...) é verdade naquele tempo era assim era obrigado a casar pelo tribunal. Tive que lá ir assinar, se eu não assinasse e fosse à tropa era preso.

Entrevistador: O que é que os seus pais diziam a respeito a esse assunto?

C: A minha mãe foi sempre contra isso dessas coisas, mas que tinha uma filha também e também era só casar não custava nada, era só assinar que era casado e pronto. Mas depois arrependeu-se, porque ela nunca foi aquilo que se pensava que era (...) viemos morar primeiro aqui em P. onde a gente morava depois é que fomos para o C porque ela não quis aqui ficar queria uma casa própria só dela não queria estar a viver com os sogros e depois queria outras coisas mais não é, não estou a falar que ela se portasse mal ah (...) A C. nasceu a 1 de Julho (...) e eu saí da tropa a 11 de Julho (...) tinha ela quinze dias quando saí (...) eu depois fui alugar uma casa no C. onde trabalhava e alugamos e depois ficámos ali.

Entrevistador: Quanto tempo é que teve na tropa?

C: 29 meses (...). Eu assentei praça a 29 de Janeiro (...) foi logo a primeira corporação em Q, depois é a recruta e depois Janeiro, Fevereiro Março mais ou menos fui para os caminhos-de-ferro em Campo de Ourique tirar a especialidade (...)

Entrevistador: Foi você que escolheu essa especialidade?

C: Não. Fui convocado (...) se eu trabalhava no gás e nas motas e nas bombas de gasolina o que é que pensei ir para a manutenção militar quando o pessoal tinha experiência iam todos, mas não mandam-me para aquilo (...).

Entrevistador: O que é que acha que os seus pais esperavam de si? Quais eram as expectativas que eles tinham em relação a si.

C: Uma das coisas era que eu era amigo de toda a gente ainda sou, nunca tive inimigos, dava-me bem com toda a gente, respeitador e respeitava (...) só o único trauma que eles tiveram principalmente o meu pai foi ter casado tão cedo, eu depois...

Entrevistador: Acha que o seu pai não queria que cassasse tão cedo?

C: Não. Nem eu queria, se eu comecei a trabalhar e entregava o tostãozinho que ganhava aos meus pais para ajudar porque havia mais dois irmãos e os meus avós. O meu avô trabalhou na jorna no campo tinha uma certa idade e depois a minha avó já não podia também. A minha mãe tinha o seu empregozinho na escola como continua tinha o seu trabalhozinho o meu pai também trabalhava mesmo já sem poder, portanto a coisa era ajudar os meus pais e ao casar cedo deixei de ajudar praticamente às vezes eu é que os tinha de ajudar (...) eu não me precipitei fui obrigado a precipitar.

Entrevistador: Mas o que é que acha que eles queriam que você fosse quando fosse grande? O que é que eles esperavam de si?

C: Aquilo que eu quisesse, eu queria era ser mecânico.

Entrevistador: E eles apoiavam esse seu sonho?

C: Sim. Se não fui estudar foi porque não quis, também o dinheiro não era muito mas fazia-se um esforço assim como os meus pais fizeram para o meu irmão estudar para tirar o curso de enfermagem. (...) A minha irmã foi regente escolar também fez um curso diferente, tive que a ajudar, sempre ajudava e depois quando se reformou de regente escolar foi trabalhar para a clínica

onde o meu irmão fazia serviço como auxiliar (...) eles vivem os dois para L. o único que ficou cá fui eu, veem cá de vez em quando...

Entrevistador: E qual é a relação que mantém com eles?

C: Boa. Só tive problemas por causa da casa mas não ganhei rancor a ninguém, dizem que eu não devia ter feito, mas somos todos amigos eu dou-me bem com toda a gente nunca tive problemas (...) e depois tem uma pessoa que ajuda muito que é a I e a S “Pai a gente vamos para a frente, arranjamós aí um burquinho para ficarmós” (...) porque ela sabe que às vezes eu posso variar e...

Entrevistador: Que idade tem agora a sua primeira filha?

C: Então tem 51.

Entrevistador: E dá-se bem com ela?

C: Dou. (...) Primeira e única... exato.

Entrevistador: E quando é que o casamento acabou?

C: Então foi há vinte, vinte e um anos. Já tinha feito umas coisas não é e daquela é que foi certa. Não correu.

Entrevistador: Qual foi a diferença que notou entre a vida com os seus pais e a vida de casado?

C: A diferença é muito grande como da noite para o dia, solteiro estava melhor a viver com os pais (...) em todos os aspetos desde que seja amigo dos pais, os pais sejam amigos e a ajudar mutuamente. Quando se casa (...) se for compatível que ajude tudo bem, mas quando não é ...

Entrevistador: E era isso que acontecia?

C: Era. Eu quando estava na tropa, depois tinha alturas que vinha menos vezes a casa porque também jogava lá futebol e lá é que eu estava bem. Se viesse a casa vinha fazer despesa e lá não eu tinha tudo. A minha mãe contava que ela chegava alturas da noite que havia bailaricos aqui, assim que os apanhava a dormir, porque estavam os meus avós ainda, ela ia ter com as amigas aos bailes.

Entrevistador: E a sua mãe dava por isso.

C: Proibiram-na “então mas ... eu sabia qualquer coisa mas ela não me disse nada que ia...”

Entrevistador: E como é que ela justificava?

C: Dizia que era casada comigo não era com eles. (...) eu podia pedir mas ela dizia “Ah se eu disser não me deixavam sair” (...) a relação nunca foi boa, era aquela mulher que casou só para me agarrar a gente até pode não se dar bem mas acabou és meu e de mais ninguém (...) se eu quisesse ir a algum lado com um amigo beber um copo, fazia para o grupo cénico e era sempre um problema, confusões porque é que eu estava no grupo cénico e ela não estava, porque é assim, porque tenho que ir. Depois eu vou li beber um copo era um crime, e era fazer cenas parvas mas pronto.

Entrevistador: Quando é que deixou de trabalhar na oficina de motas?

C: Entre os 17 e os 18, depois o patrão trespassou aquilo para a A o gás e as bombas, só precisava de dois nas motas teve pena e eu fui para a A eu cheguei lá e disse “Vou pra a A”, “Pronto, vais ganhar dinheiro” “Pois eu tenho que arranjar uma profissão”. Depois na A...

Entrevistador: Que idade tinha?

C: Tinha perto de 18 anos. Depois estive lá, fui para a tropa e voltei da tropa quando saí da tropa volto novamente para a A e depois fui tirar o curso de mecânica de, e de eletrodomésticos (...) ia por iniciativa era da firma porque vendíamos o gás e era preciso haver pessoal especializado para fazer reparações fogões, esquentadores, eletrodomésticos não é. Mandaram-me lá para L e disponibilizaram-me, e pronto e eu até gostava, às vezes trabalhava era demais mas eles nunca pagavam horas extraordinárias aquilo era horas de sair às 7h e nessa altura dias mais alumiados, natais, pascoas feiras dos santos as pessoas algumas é que se lembravam que não tinham gás que chegasse ou o fogão estava avariado e às vezes trabalhava até domingo e tudo, mas pronto eu gostava e a casa também merecia embora não pagassem horas extraordinárias a ninguém, mas compensavam com outras coisas (...) depois sai de lá e fui para os bombeiros porque era nessa altura ganhava lá um conto e duzentos e eu já era bombeiro voluntário e o rapaz que lá estava permanente disse “Epá e vou-me embora, queres vir para aqui já estás habituado, isto é um emprego camarário isto é certo, é diferente, temos tudo o que os outros não têm...” e começo a pensar naquilo e falei com lá com o gerente. “Então e quanto é que vais ganhar para lá?” “Vão-me dar mil e seiscentos escudos”, “epá uma diferença de 400 escudos. Se quiseres ir mete a carta e vai”. Foi quando meti os papéis e depois ele queria que eu voltasse mas eu já tinha assinado.

Entrevistador: Essa decisão foi tomada só por si ou foi tomada em conjunto com a sua esposa na altura?

C: Ah isso foi só por mim. Isso para ela, eu estava nos Bombeiros (...) não de trabalho não porque quando eu quando falava de trabalho ela dizia “Ele que arranje, eu é que não vou”. Não podia porque lhe doía as costas, só sabia era andar a cantar o fado e andava metida no coro e passear no C. isso tudo bem, agora trabalhar para o ajudar isso e que era doce, dizia que não posso não posso fazer força.

Entrevistador: Mas tomava conta da vossa filha.

C: Exato. Ela depois foi para a S, imigrou para a S. depois foi o namorado, casou foi para a S. casaram-se, divorciaram-se (...) foi para a S sozinha, a C tinha quê? 18/ 20. Pois, aqui não há trabalho, depois vieram (...) mas nessa altura o barco já andava assim, tanto que ela disse “Oh pai eu vou para lá, mas enquanto eu lá estiver não fazes asneira nenhuma”, ela já sabia (...). Foi para lá com o namorado, casaram depois vieram já não voltaram separaram-se a agora já está com outro já tem mais uma filha e ele já teve umas três ou quatro acho que está cá, mas também não sei nem me interessa.

Entrevistador: Costuma ver a sua filha?

C: Vejo, quando ela vem a P, chego a ir a S casa dela, às vezes telefono e ela nunca atende o telefone.

Entrevistador: Mas mantem uma boa relação?

C: Às vezes eu digo “Oh C!”, e ela diz “Ó pai quando for alguma coisa séria, eu apareço”, mas há sempre aquela preocupação, aquele cuidado, é minha filha por amor de Deus. E depois a S. é uma reguila que apareceu aqui e que não estava no programa.

Entrevistador: E depois foi trabalhar para os bombeiros, teve a trabalhar nos bombeiros...

C: 42 anos.

Entrevistador: Enquanto estava a trabalhar nos bombeiros separou-se da sua esposa.

C: Foi eu ainda não estou divorciado, nem assina. (...) Ela nunca foi de colaborar com nada nem com ninguém só vai ver de alguma coisa se lhe convir. (...)

Entrevistador: Como é que foi sempre a relação com a sua filha?

C: Sempre boa sempre porque é que não havia de ser, ela também viu o que se passava, também chegou a passar um bocado com ela.

Entrevistador: Foi por isso que ela saiu mais cedo de casa?

C: Possivelmente, não tenho a certeza mas, a mulher era est... (...)

Entrevistador: Como é que conheceu a I.? (...) Foi logo a seguir, foi depois, antes...

C: Ah foi passado uns anos.

Entrevistador: Ainda viveu sozinho durante um tempo...

C: Sozinho, sozinho não. Não foi assim muito tempo. (...) Fui para casa dos meus pais e ficava muitas vezes no quartel. É daquelas histórias que a gente vai aqui vai acolá, depois conhece as pessoas, amigos brincamos e depois volta-se outra vez, ela também tinha, tinha e tem felizmente um filho que estava nos bombeiros lá nas C, eu conhecia a maior parte do pessoal das C, e um amigo lá das C (...) o filho era muito amigo dele eram como irmãos e os pais gostavam muito do T, e pronto foi a partir daí. Tinham assim uma vida muito atribulada, o pai estava preso porque sempre um canalha, um traficante (...) e ela não trabalhava, teve vários empregos que teve de sair por causa dele e o primeiro dela era o comer para o filho ela podia passar fome mas o filho não. E depois começou tudo aí e depois apareceu a reguila. (...).

Entrevistador: Apaixonou-se.

C: Acho que não, não sei, não tenho idade para me apaixonar acho eu não sei, acho que não. (...) Em foi cá, nem aqui na zona foi na tropa foi em E, foi a única eu não sei se ela é viva ele não sabe se eu sou vivo. Tive para fugir para F com ela (...) a gente conheceu-se e depois uma paixão muito grande (...) só que a coisa não se concretizou porque a amiga tinha morrido num acidente de aviação. Com a I foi uma amizade e depois foi crescendo. Ela é totalmente diferente de algumas que eu conheci.

Entrevistador: Totalmente diferente como?

C: Em querer ajudar, tanto faz em trabalho, como em conversas, moral, muita coisa.

Entrevistador: E vocês não estava habituado a isso.

C: Não. (...) E depois apareceu o pirilampo, pior ainda.

Entrevistador: Quando é que decidiram morar juntos?

C: A coisa foi andando, e chegou uma altura em que tínhamos de arranjar uma casa, um lar.

Entrevistador: O filho dela que idade tinha...

C: Quando eu o conheci tinha oito ou nove anos. Onde a gente dormia ele estava com a gente, almoçava, jantava tomava o pequeno-almoço, depois deixou a escola trabalhou nos bombeiros, começou a trabalhar (...) Nessa altura trabalhava cá, ia e vinha todos os dias, trabalhava no comando por isso estava de dia não é, à noite se ficasse de serviço é que a coisa era diferente.

Entrevistador: Como é que era a vossa vida nas C?

C: Era uma vida normal, ela às vezes trabalhava uns diazinhos nas limpezas que ia fazer aqui e que ia fazer acola, eu também trabalhava ajudava com alguma coisa e pronto.

Entrevistador Os seus pais ainda eram vivos nessa altura?

C: Eram e depois o meu pai faleceu e nós viemos para aqui para P, que a minha mãe precisava de alguém lá em casa não é.

Entrevistador. E o que é que os seus pais diziam relativamente à nova relação e à separação?

C: O meu pai já estava numa fase em que a doença que tinha já não (...) agora a minha mãe teve e disse assim “Traz-a para cá e a menina” e pronto...

Entrevistador: Há quanto tempo estão juntos?

C: Não sei se é 20/21 anos. (...) O T é meu afilhado é filho que não é meu mas fui eu é que o criei basicamente (...).

Entrevistador: Como é que foi sempre a sua relação com as pessoas que viviam perto de si, os seus amigos, vizinhos, com os seus familiares ao longo desta vida toda...

C: Praticamente todos, o que havia nas nossas relações contínua, embora outros ficassem assim, olharam assim mais de lado, mas somos amigos há mesma, muitos não concordaram de eu me ter separado da minha mulher para me juntar com outra que por acaso foi a I, que até poderia ter sido outra não é “ah tão boa rapariga” “Para vocês, fiquem com ela” era o que eu dizia.

Entrevistador: E não concordavam porque...

C: Porque não viam as coisas como deviam ser, embora depois passado alguns tempos algumas pessoas vieram a dizer “Ah parece que M tinha razão, afinal pensava que tinha uma nora que era assim que era assado afinal” (...) mas eu falo com todas as pessoas eu dou-me com todas as pessoas.

Entrevistador: E os seus sogros?

C: Já falecerem mas as relações nunca foram assim muito boas (...) ela não conheceu o pai tinha um padrasto e sabe como é que é naquele tempo eram três irmãos nunca passaram assim muito cartão as pessoas queriam era correr com ela da casa para fora. (...) Partiu logo daí não é.

Entrevistador: E os seus segundos sogros?

C: Conheci a mãe o pai já não conheci, a mãe dela esteve aqui a morar em casa com a gente (...)

Entrevistador: Porque é que acha que as pessoas comentaram isso acerca de se juntar com a I?

C: Porque sei lá é a ideia deles penso eu não penso eu (...) Eu também nunca liguei muito a essas coisas, cada um opta por aquilo que quer.

Entrevistador: Com que idade é que saiu dos bombeiros? E porque é que saiu.

C: Eu reformei-me aos 58 (...) por altura da reforma embora pudesse ficar lá mais embora, porque conhecia uma pessoa no Ministério lá em L muito amiga que saíamos juntos íamos beber um copo almoçávamos juntos nos bombeiros do C (...) e ele disse “Olha que está na altura de te reformares, já te devias ter reformado, os guardas e os Psp’s reformam-se mais cedo. Estás na altura ideal, estás com idade suficiente, já passa que as reformas mais ano menos ano vão sofrer alterações” e foi reformei-me, podia lá ter ficado mais tempo.

Entrevistador: E gostava do seu trabalho?

C: Gostava. Gostava muito mesmo, adorava, adorava a profissão de bombeiro. Embora fosse uma profissão de risco, depois isto começou a evoluir e depois começa a vir a política e quando a política começa a instalar-se nos bombeiros, nunca dá nada, (...) os oportunistas. (...) Na altura em que saí de lá estava na parte do comando (...) eu era o adjunto estava lá a tempo inteiro e o Comandante era nomeado pelos políticos (...) Eu fui convidado para receber aquele cargo, tirei vários cursos e eles disseram assim à partida, há renovamos na Câmara e depois eu disse assim

então deixo de ser motorista permanente profissional passo para adjunto de comando... eu vou perder dinheiro. Não vais nada que a gente vai-te compensar, tínhamos o subsídio de alimentação quando saíamos para fora, tínhamos horas extraordinárias quando se trabalhava, subsídio de turno... que não me foi atribuído quando me reformei, são duzentos mil réis como diz o outro, há volta de duzentos euros, por isso é que eu digo que os políticos são uns oportunistas depois fui tirar o curso de comando e vamos ver aí assim um equivalente a um chefe equivalente ao de sapadores de L e ficas com um ordenado equivalente a eles, era só por dizer que pagavam não sei (...) “Está bem. E depois, Então? Ah e...Então? Ah e...” E o outro com o título de comandante ganhava tanto como eu sem fazer nada isso é que eu, quer dizer naquela altura não havia nada e fazíamos os trabalhos todos, esses que lá estão agora e os que passaram por lá e este que lá passou que foi ocupar o meu lugar, já havia dinheiro para tudo (...) Foi uma altura em que os bombeiros ganhavam muita dinheiro e começaram dar nas vistas, compraram carros novos e depois era subsídios para isto e ara aquilo.

Entrevistador: Quando é que pediu pela primeira vez apoio alimentar aqui na praça.

C: Aqui não sei porque foi a I é que tratou disso, não sei se foi no ATL ou na igreja...

Entrevistador: Mas vocês já estava reformado...

C: Já, já e ela estava sem trabalho nessa altura e havia a S. e ela dissesse “Então e achas que vão atribuir?” “Então porque não estão a atribuir a pessoas que têm uma reforma melhor do que a tua e isto e aquilo” então a gente recebemos e agradece.

Entrevistador: Alguma vez você foi buscar o apoio alimentar?

C: Fui, fui mais que uma vez, quando ela anda a trabalhar, agora o último foi aqui na no Centro de Dia, também dão..

Entrevistador: Esse é o da Segurança Social.

C: O da praça já lá fui várias vezes (...)

Entrevistador: A primeira vez que lá foi o que é que sentiu?

C: O que é que eu senti, como é que eu hei-de explicar, infelizmente a gente não repara e muita coisa porque o país está na situação que está, há muita fome e vejo que é uma maneira das pessoas não passarem. Taparem mais um bocadinho a miséria que há em Portugal, as pessoas são obrigadas a recorrer a isto parece-me bem, não é mal nenhum e acho que uma ajudinha a cada um ajuda.

Entrevistador: Mas o que é que você sentiu quando lá estava com o saco na mão?

C: Para já um bocadinho revoltado não é (...) porque me senti obrigado pelas circunstâncias embora, não há muito, não há abundancia não se passa fome mas é um bocadinho frustrante e olhar para as pessoas que lá estão e eu penso, ainda no outro dia falei com a I sobre isso, eu sou um bocado revoltado e quando mais ano vai passando vou ficando mais me revoltado com este governo que a gente tem que isto não é nada, as pessoas a quererem trabalhar a quererem ter a sua vida de trabalho de emprego, casas para pagar, carros, casais despedidos quase ao mesmo tempo o que é que irá na cabeça daquelas pessoas e não há ninguém que veja isso, deem os bens alimentares que vão ajudado alguma coisa do governo não veem nada.(...)

Entrevistador: O apoio alimentar que dão ali na praça não tem a ver com o governo é a sociedade civil que se junta através do banco alimentar e destas instituições, que se organiza de forma a distribuir depois... E essa sensação de frustração....

C: É por causa disso, as pessoas não deviam ter essas ajudas porque deviam ter um estado a garantir, é frustração por isso.

Entrevistador: E não se sentiu triste ...

C: Quer dizer triste não, não estava assim muito há vontade mas não, porque epá é um ato que as pessoas que lá precisam têm pessoas que têm essa iniciativa.

Entrevistador: Há quanto tempo têm apoio.

C: Isso agora, não sei se é quatro anos, acho que é. Eu vejo lá as pessoas nem sei quem são mas há lá quem diga “Ah aquele leva um mercedes e aquele tem um a reforma e vai lá”, a S. por negligência de alguém teve uma quantidade de anos sem receber o abono de família A I. foi à Segurança Social tem uma conversa não sei com quem por causa de uma coisa que ela foi tratar e falasse nisso, e um a pessoa informou-a “Então não tem porquê? Então vá tratar com fulano.”. Porque quem está a frente disso nas nossas freguesias e no C. nunca informou disso, perdemos muitos anos de abono de família (...).

Entrevistador: Quando foi lá e recebeu pela primeira vez o que é que achava que ia receber?

C: Qualquer ajuda, tudo o que vem é ajuda, seja o que for, para mim tudo o que dão é ajuda.

Entrevistador: Mas pensava que ia receber mais ou menos.

C: Nunca pensei que ia receber mais nem nunca pensei que ia menos, é aquilo que é de cada um é que ia receber e mais nada, eu não faço melhor nem faço críticas sobre isso. A gente recebe aquilo que nos dão assim como há muitos que mandava fora despejava para o lixo e mandavam fora, despejava aqui para o rio também há aquela pessoa que não tem nada, e que a gente pode não precisar muito que damos e que agradecem, já estou a dizer que a gente reparte com alguém que precise, porque às vezes pode acabar por se estragar damos, agora mandar para o contentor do lixo ou para o regueiro não

Entrevistado: Qual é a importância desse apoio para vocês e na vossa casa?

C: Para mim é importante.

Entrevistador: E se não tivessem esse apoio.

C: Há se a gente não tivesse esse apoio tinha-se de fazer mais um bocadinho de despesas noutras coisas não era ou então íamos roubar é o que está a dar...

Entrevistador: Na sua perspetiva como é que funciona o apoio alimentar (...)?

C: Eu acho que não se pode sobrecarregar as pessoas que são voluntárias nessas coisas não e ia ocupar mais tempo e para as pessoas que lá estão, estão lá aquele bocadinho e têm pouco que fazer ou na vida profissional deles e têm aquelas horas para colaborar, portanto não sei qual é o problema não vejo qual é prolema não vejo qual é a diferença. (...) As pessoas andam a trabalhar o dia todo como no meu caso não pode ir a mulher vai o homem, se o homem está a trabalhar vai a mulher (...)

Entrevistador: Qual é a sua perspetiva de receber, ou seja acha que vai receber durante mais tempo?

C: Não sei, a maneira como as coisas estão tomar, não sei, é um bocado incerto.

Entrevistador: A quantidade de alimentos que vocês recebem?

C: Já foi bom, já foi bom a gora é mais ou menos mas é sempre bom. É sempre uma ajuda então as pessoas não podem estar a contar que vem aquilo ou aquilo depois não vem (...).

Entrevistador: Qual é a sua relação com as pessoas que lá trabalham e qual e que lá estão a ser voluntárias?

C: Algumas nem as conheço, mas vejo tudo com espírito de voluntariado, simpáticas, atenciosas, colaboram.

Entrevistador: Quando lá vai tem a possibilidade de escolher os alimentos que trás ou não?

C: Não, então a gente tem uma listazinha, e depois é x para aqui, x para ali e mais nada.

Entrevistador: Já vem ensacado.

C: Não, eles vão tirar, estão nas caixas e elas vão tirar, x caixas de marmelada, x caixas de azeite, ou do género a gente não escolhe nada, pelo menos eu não escolho.

Entrevistador: Imagine você tem azeite em casa, e dão-lhe azeite você tem a possibilidade de dizer assim, “não olhe não quer azeite mas se me mandassem um bocadinho de óleo é que eu agradecia”.

C: Não eu consigo não. Não eu não estou habituado nem informado sobre isso.

Entrevistador: Estou-lhe a perguntar se alguma vez surgiu essa hipótese.

C: Não, não.

Entrevistador: É aquilo que vem na listagem, é aquilo a que têm direito e é aquilo que vem. E na Segurança Social é igual. (...)

C: O que vem a gente aceita. (...) Dá-se a alguém que necessite há ali algumas vizinhas ali na zona que ajuda não têm nada nem filhos e pronto. (...)

FIM.

Entrevista 7

Entrevistador: Como é que se recorda da sua infância e da sua juventude. Com quem é que vivia, como é que eram as relações com os seus pais, o que é que eles esperavam de si, o que é que sentia...

A: A minha vida de infância foi difícil, o meu pai agredia muito que é mesmo assim, abandonou a minha mãe e deixou a minha mãe com seis filhos e foi muito mau.

Entrevistador: Onde é que vocês viviam?

A: Nos CL numa casa que emprestaram ao meu pai e à minha mãe uma casa mesmo degradada que é mesmo assim não é, foi complicado foi muito difícil ...

Entrevistador: Difícil porquê?

A: Difícil porque passei muita fome, o meu pai estava na polícia na altura estava na polícia na altura e meteu-se lá com uma senhora e em vez de sustentar a família os filhos e a mulher gastava o dinheiro todo em alguém por fora.

Entrevistador: E como é que era a relação com os seus irmãos?

A: Boa.

Entrevistador: E com a sua mãe?

A: Boa, sempre unidos, sempre sempre.

Entrevistador: E estiveram nessa casa durante quanto tempo?

A: Quinze anos mais ou menos. (...) Eu fui para lá com um ano, um ano não eu vim de Angola tinha dezoito meses, tinha à volta de quase 17 anos.

Entrevistador: Você viveu em Angola. Porquê?

A: Eu nasci lá. O meu pai teve lá para a tropa e depois foi lá para a polícia, a minha mãe foi ter com o meu pai, fui lá feito e nasci lá. (...) sou o do meio

Entrevistador: (...) E você recorda-se nessa altura da sua infância de o ver muitas vezes, poucas vezes...

A: Para ser certo quase nenhuma, quase nenhuma porque é assim ele estava na polícia cá, aqui no C, depois saía ia para os cafés para os copos que é mesmo assim, chegava a casa era bruto, assim

mesmo bruto batia em nós e mim, nos meus irmãos na minha mãe mesmo agressivo e parava pouco tempo em casa. E o pouco tempo que ele parava em casa era para dormir.

Entrevistador: E quando vivia nos CL gostava de lá estar, tinha lá amigos?

A: Muitos, tínhamos lá muitos amigos. Andei lá na escola...

Entrevistador: Fez até que ano na escola?

A: Até à quarta classe.

Entrevistador: Gostava de andar na escola.

A: Eu gostava de andar na escola eu gostava, mas era um para ser sincero na altura era malandrecos fazia das minhas, era como é agora os cachopos (...) eu tinha de me portar bem, mesmo que não quisesse eu tinha de e portar bem porque já sabia que assim que chegasse a casa portasse bem ou portasse mal ...

Entrevistador: Os seus irmãos andavam consigo na escola também...

A: Andavam menos o mais novo que é o JG, que é o mais novo de resto eles todos andaram comigo todos na escola.

Entrevistador: Que diferença é que têm de idade?

A: Um ano, um ano e pouco, (...) o mais velho se fosse vivo tinha agora 44 anos, tenho a minha irmã mais velha que tem 42 (...) eu tenho 40, a S. que mora no S tem 38 ou 39, o N tem 37 e o J tem 35. (...)

Entrevistador: E tinha muitos amigos de rua, brincava na rua, brincava em casa com os irmãos como é que era...

A: Amigos de rua tinha muitos porque eu andava lá no atletismo, também não saía de casa para ir para a brincadeira para os CL, que eu morava aí a um km e meio, não saía de casa para ir brincar lá para baixo. Brincava sim senhora quando havia treinos de futebol ou de atletismo ou quando havia, também corria de bicicleta só se fosse nessa altura que eu brincava ou então na escola agora de resto.

Entrevistador: O que é que você fazia nos seus tempos livres?

A: Jogava à bola, corria de bicicleta e a pé... atletismo.

Entrevistador: Alguma vez trabalhou para ajudar a sua mãe?

A: Andei uma vez ou duas na, isso tinha eu 9 anos ou 10 anos salvo erro, andei no tomate e depois quando o meu pai abalou (...) o meu irmão o mais velho guardava animais lá no B e eu fui obrigado a abandonar a escola e fui para o pé do meu irmão para ajudar em casa fazer aquilo que o meu irmão fazia (...) quando o meu pai abandonou a minha mãe e os filhos foi para N com uma senhora, abalou pronto no termo da palavra fugiu, deixou seis filhos e a mulher dele.

Entrevistador: E como é que vocês fizeram para ajudar a vossa mãe depois ...

A: Fomos trabalhar, é assim o dinheiro que eu ganhava, eu e o meu irmão mais velho o dinheiro que a gente ganhava, aliás a minha mãe também trabalhava numa estufa dos cogumelos que era na CC, andou lá mais a minha irmã M, mais velha das raparigas. E a gente trabalhava também, eu e o meu irmão trabalhávamos pra ajudar em casa também, só assim é que a gente conseguia, e com a ajuda de um vizinho que acho que a minha mãe até toma conta dele (...).

Entrevistador: E havia mais pessoas que vos ajudavam mais do que esse senhor que vos iam ajudado e dando-vos coisas?

A: Sim, sim tenho alguma ideia disso, não sei (...) mas sei que algumas pessoas nos ajudavam também.

Entrevistador: Entrou na escola cm que idade?

A: Com 6 anos (...) chumbei algumas vezes por causa dos erros (...) erros meus (...) e também da vida que ia lá em casa que é mesmo assim era muito complicado.

Entrevistador: E da escola do que é que se lembra, gostava da escola?

A: Só não gostava de uma professora que me foi buscar a casa e me levou por uma orelha (...) também mentia muito é verdade e na altura quando aconteceu ser verdade a professora levou-me por uma orelha e pronto. Dizia sempre que os meus irmãos estavam doentes ou havia sempre qualquer desculpa e na altura que foi mesmo verdade pronto.

Entrevistador: Mas gostava da escola?

A: Gostava de todos os professores, mesmo essa professora essa professora que me levou por uma orelha (...) mesmo assim eu gostei mesmo dessa professora dela e deles todos para mim foram se a memória não me falha foram para aí quatro professores que eu tive (...) nos CL sempre, sempre.

Entrevistador: (...) Quais é que acha que eram as expectativas dos seus pais para o seu futuro, o que é que eles esperavam de si... o que é que esperavam que você fosse...

A: Pelo meu pai para ser sincero não tenho ideia de o meu pai, o meu pai nunca me disse “não estudes não porque quando fores mais velho vai fazer falta”, agora pela minha mãe (...) sempre disse, sempre, sempre “Não estudes, não, amanhã vai-te fazer falta” e é verdade agora o meu pai não tenho ideia (...) eu pelo meu raciocínio sei lá nunca tive um mês, mesmo que fosse um mês nunca tive estar com o meu pai um mês ali, ter o amor, o carinho o não si o quê o afeto, acho que nunca tive isso acho que nenhum dos meus irmãos tiveram.

Entrevistador: Acha que isso lhe faz diferença agora?

A: Muita, muita.

Entrevistador: Na altura e agora...

A: É assim nos meus irmãos eles não dizem eu não sei, mas para mim faz-me muita diferença, ou seja na altura fez-me muita diferença e acho que eu como pai eu vejo se eu não der amor e carinho aos meus filhos eles também têm aquele vazio, têm um pai para quê não é? Um pai tem que estar presente para o bem e para o mal e eu acho que nunca tive isso do meu pai.

Entrevistador: E você tenta contrariar, é isso que faz com os seus filhos, contrariar o exemplo que o seu pai lhe deu.

A: Faço sempre tudo o contrário, sempre eu dou sempre o máximo de apoio aos meus filhos todos.

Entrevistador: Tenta estar sempre presente?

FA: Sempre. (...) Eu digo assim “Ó J achas bem tu gostas que o pai esteja a ralar contigo?” “Não” “Então se não gostas que o pai esteja sempre a ralar contigo vê se fazes as coisas como deve ser”; “Ó pai mas aconteceu isto ou aquilo”, “Mas se aconteceu dizes assim, ó pai passou-se isto assim, assim. Eu prefiro que tu me digas a verdade a mim, que me digas a verdade e que me sejas tu a contar do que eu ouvir, para mim eu fico nervoso, eu fico nervoso por exemplo vamos imaginar eu estou ali na casa das C, o meu J porta-se mal na escola e a J liga-me ara mim “olhe o J portou-se mal na escola fez isto e isto.”, isso para mim é veneno (...) eu prefiro que seja ele a chegar ao pé de mim e a dizer, ele tem telemóvel se não quiser gastar dinheiro dá-me um toque que eu ligo para ele “olha passou-se isto prefiro que saibas pela minha boca, do que pela boca de alguém”, já sei como é que hei-de jogar ou resolver a situação não é.

Entrevistador: E depois entretanto as coisas têm tempo de acalmar e de arrefecer e depois quando chegar a casa o impacto já não é tão grande.

A: Não é não. Eu chego ao pé dele falo com ele se for preciso ralar rallo, e passado uma hora e meia e é preciso ele andar ali atrás de mim. O meu coração parte-se mas os primeiros cinco minutos eu mostro aquela fortaleza mas o meu coração por dentro está todo partido só que eu não vou dizer “Oh anda cá que o pai passa a mão pela cabeça”, não, não. Tenho de me segurar um bocadinho, não é. Já a pequenina que tem quatro anos é igual. Saber dizer o sim, saber dizer o não na altura certa.

Entrevistador: Que expectativas é que tinha a sua mãe e relação a si, o que é que acha que ela queria que você fosse.

A: A minha mãe sempre me disse a mim, “Olha” a mim e aos meus irmãos não é. “Olha toda a profissão que tu escolheres é bom, desde que ganhes o teu dinheirinho e fazes a tua vida conforme tu quiseres, tens o apoio da mãe para o bom e para o mau, se houver alguma coisa que a mãe possa fazer por ti ou pelos teus irmãos é igual”. Eu com 12 anos fui para os bombeiros, ela não queria que eu fosse para os bombeiros, chateou-me a cabeça, “saí de lá ainda morres aí num fogo, saí de lá” e eu sempre continuei e dizia “A mãe tem razão a mãe tem razão”, mas não era aquilo que a minha mãe queria, não sei a minha mãe queria que eu estudasse para doutor ou engenheiro ou outro tipo de instrução qualquer eu não sei. Depois fui para bombeiro ela nunca quis que eu fosse (...).

Entrevistador: Quanto tempo esteve nos bombeiros?

A: 22 anos.

Entrevistador: E deixou porquê?

A: Foi a maior burrice da minha vida foi largar aquilo (...) porque estava nos bombeiros e depois pedi transferência para a A, já estava farto daquilo eu vi tanta coisa, eu sei lá, mortos feridos, cérebros abertos, miolos no chão, entrei e stress pronto.

Entrevistador: E nunca foi acompanhado?

A: Não há psicólogos não há nada não serve. E eu depois pedi para ir para P, pedi a transferência fizeram-me transferência, mas estou arrependido, estou arrependido, mas estava tão farto daquilo eu pedi “eu vou desaparecer por uns tempos” e disseram-me “não, não pode sair daqui” (...).

Entrevistador: Como funcionário da CM porque é que não pediu para mudar para outras funções?

A: Eu depois fui para P, licença sem vencimento não me queriam dar e eu pensei só tenho uma solução é fazer porcarias, foi aquilo que me ocorreu pela cabeça, foi aquilo que eu fiz, estou arrependido a sério, foi pegar no telemóvel e fazer chamadas para aqui e para acolá foram 300 ou 400 euros de chamadas que eu fiz, verdade. E depois mandaram-me embora, não estou contra isso eu sei que errei não é, eles fizeram podia correr pior que é mesmo assim, mas o que eles fizeram foi isso (...).

Entrevistador: Então e porque é que saiu do C?

A: Estava farto do serviço daqui e depois pedi transferência ara P que eu morava em P.

Entrevistador: E em P foi quando fartou-se também de lá estar...

A: Estive lá em P a juntar tudo no total foram 22 anos, em P estive lá se a memória não me falha estive lá 5 anos.

Entrevistador: E fartou-se de lá estar porquê?

A: Fartei-me de lá estar porque a gente aqui tinha muita ação e aquilo lá era uma (...) no meu entender que tive culpa daquilo foi a direção a direção (...) porque ele começou a dizer que estavam lá voluntário e ele não queria dar gratificações. Se não dão uma gratificação a um voluntário (...) não o Sr. E escavacou aquilo tudo e eu também foi mais por causa do Sr. E que eu pronto eu tive que desistir daquilo, passei-me completamente, estava tão farto, veja lá estava tão farto que não. A minha ex-mulher eu até a sonhar (...) eu sonhava com tudo. E namorei com uma rapariga aqui do GF eu dormia na casa do pai dela e eu sonhava com tudo, tudo o que eu fazia durante o dia eu sonhava com tudo e isso para mim foi uma morte (...) um apoio psicológico, um medicamento qualquer coisa mas não, eu hoje presentemente de vez em quando ainda sonho. (...) Eu até lhe vou explicar mais porque é que eu desisti dos bombeiros, porque é assim eu tive um primo, imagine eu sou bombeiro e vou fazer um serviço e nunca vou contar que vou encontrar uma pessoa da minha família, nunca vou contar, eu vou ao local do acidente onde está o sinistrado e assim, eu faço o meu trabalho, tal qual os meus colegas e eu olho e estava lá uma pessoa da família (...) eu na minha vida tentar andar sempre calmo sempre bem disposto (...).

Entrevistador: Para além desses apoios que recebeu quando o seu pai se foi embora, antes de o seu pai se ir embora nunca receberam apoios económicos ou sociais.

A: Não.

Entrevistador: Só quando o seu pai se foi embora é que receberam algum apoio da família ...

A: Foi da família não foi da Segurança Social nem da ...

Entrevistador: E receberam até quando lembra-se?

A: Então, (...) o meu pai voltou para a companhia da minha mãe tinha eu para aí 14 ou 15, voltou.

Entrevistador: Então ele foi quando você tinha mais ou menos 12...

A: Sim 11, 12 e ele foi para M, esteve lá um ano dois anos com a outra senhora que ela até mora aqui no C agora, estiveram lá dois anos se a memória não me falha. Depois o meu pai esteve a morar lá na casa de uma tia minha lá em P, depois ele ia lá ter com a gente e não sei o que, eu fui sempre contra, eu fui contra porque eu sabia que o meu pai não, (...) antes de voltar eu dizia á minha mãe “lhe que não aceite o pai que ele vai-lhe fazer a mesma coisa”, “ah não o teu pai está melhor está mudado”, “pronto”.

Entrevistador: Então ele voltou mas foi viver para casa de outra pessoa...

A: Da irmã dele.

Entrevistador: E entretanto começou a reatar com a sua mãe.

A: Passado um ano, talvez um ano, depois voltou outra vez para a minha mãe (...) nós fomos aconselhando a minha mãe e ela nunca se quis saber, ela é que sabia da vida dela que é mesmo assim não é, e passado um ano e pouco viemos para P, mesmo em P o meu pai batia na minha mãe.

Entrevistador: Ele trabalhava?

A: Não já não era polícia. E depois foi aí que eu disse para o meu pai “Você pode lá ter os seus problemas, mas não vai bater mais na mãe”

Entrevistador: Que idade é que você tinha?

A: Tinha para aí 16, 17 anos. E disse para o meu pai “Você pode la ter os seus problemas mas não vai bater mais na mãe”, ele tentou-se virar a mim e eu cheguei-me ao pé dele e disse-lhe “Olhe quando você pensar em levantar a garoupa para mim meça-me bem dos pés à cabeça e meça-se

bem dos pés à cabeça, é que você vai ter problemas comigo, eu vou ter problemas consigo, mas você vai ter problemas comigo”. Tentou-me agredir, não conseguiu eu encostei-o lá a um sofá que a minha mãe lá tinha foi a partir daí que nunca mais tocou na minha mãe, nunca mais. De vez em quando ainda diz “Ah um dia destes eu faço isto e faço aquilo”, mas não faz nada e a minha mãe diz “Vou chamar o F” e ele acalma.

Entrevistador: E o seu irmão mais velho ainda estava em casa quando ele voltou?

A: Não, estava junto com a C, estava eu a minha irmã mais velha e os meus irmãos mais novos.

Entrevistador: E o que é que você sentia nessa altura em relação a eles?

A: E não sentia nada, porque eu sabia que o que é que eles haviam de fazer, eles não podiam fazer nada o meu pai levantava a mão a eles e eles coitados não é eram menores que eu tinham medo encolhiam-se, antes ficar calado do que apanhar porrada.

Entrevistador: Por isso e que você sentiu que tinha de se impor.

A: Que remédio tive eu, a minha irmã mais velha também não podia fazer nada, levava um estaleco, escavacava-se toda.

Entrevistador: Então ele depois ficou.

A: Ficou até hoje.

Entrevistador: Com que idade é que saiu de casa?

A: 19 anos.

Entrevistador: Saiu para...

A: Para casar. (...) e só voltei quando me divorciei, tive sete oito anos casado, não deu para mais porque fui traído e depois tinha uma contazinha lá, era eu ela e o miúdo e ela rapou-me tudo. E depois fui morar novamente para P para casa dos meus pais.

Entrevistador: Qual foi a diferença entre viver com os seus pais e viver como casal?

A: Foi complicado, foi complicado porque eu fui o primeiro a casar e eu não tinha conhecimento de certas, não sabia como era eu via-me muitas vezes às aranhas, como é como é eu não é, eu ao longo da vida fui aprendendo.

Entrevistador: Foi perguntando a alguém ou foi descobrindo sozinho?

A: Não, não. Sozinho., fui vendo os outros como é que se fazia como é que não e fazia e lá entrei no jogo da vida como diz o outro. E na altura que eu estava mesmo feito já para a vida foi quando tive azar ela abandonou-me enganou-me mesmo.

Entrevistador: Vocês na altura foram viver para onde?

A: Fui para C na casa da avó dela, depois da avó dela fui morar em frente a C... não primeiro fui viver para casa da mãe dela, lá num quarto na casa da mãe dela depois fui para a avó dela e depois da avó dela fui para em frente de daí fui para a P aí estragou-me a vida só me fez foi dividas depois daí fomos para P aí é que foi tudo mesmo....

Entrevistador: E como é que era a vossa relação?

A: Não era má, podia ser melhor (...) aí é que foi a gota de água aí é que eu foi demais.

Entrevistador: E então os filhos, tiveram filhos em comum?

A: Tivemos dois. Uma rapariga que está para fazer 17 anos que é a A e tenho o J, da parte da minha ex-mulher (...).

Entrevistador: O J já veio no fim do relacionamento foi isso...

A: Sim, foi isso. (...)

Entrevistador: Como é que foi quando a sua A nasceu?

A: A minha ex-mulher estava com prolemas psicológicos e tive de assinar um termo e entregá-la à minha cunhada que é madrinha dela e ao meu ex-cunhado criarem a minha filha até eu ter possibilidades.

Entrevistador: Mas porquê?

A: Psicologicamente não, e depois dizia que via vultos e maluqueiras (...).

Entrevistador: Então a sua filha foi criada com os seus cunhados?

FA: Sim. (...)

Entrevistador: Você manteve sempre relação com ela?

A: Tive muito tempo que não a via porque depois a minha ex-cunhada não me deixava ver a miúda, depois é que registou o meu numero de telefone e depois ligou para mim, por causa do processo porque aos 10 anos eu tinha que ir a Tribunal saber tudo, se ela estava bem e todas essas coisas e ela também foi. Só que a minha cunhada pôs um processo em Tribunal que não havia de ter posto que era mudar o nome à miúda (...) e a coisa boa que a minha ex-mulher fez foi avisar-me cuidado “olha que a G pôs um processo em tribunal para mudar o nome da tua filha”, não consegui (...) da minha parte não consegui e da minha parte então muito menos. E depois ela arranjou uma advogada queria-me obrigar a assinar um documento “Ah você tem de assinar aqui”, “Oh tenho de assinar o quê, não assino nada” e não assinei nada (...) e depois quando foi o divorcio eu recebi uma carta para ir a Tribunal e eu cheguei lá e disse à Sr.^a Dr.^a Juíza, mas explique-me lá como se eu fosse muito parvo que eu não percebo nada disso “ vocês não se querem reconciliar”, eu disse “eu não, abandonou-me três vezes à quarta queria que eu fosse busca-la e eu não fui busca-la. É mesmo para esquecer. E já agora é assi quem pôs os papéis para o divórcio?” “Foi a sua senhora”, “Não ela a mim não me é nada é simplesmente a mãe dos meus filhos, mais nada olhe uma cisa boa que ela fez porque de resto”.

Entrevistador: E com que é que ficou o seu filho mais pequeno?

A: Não ela não teve ninguém com ela, ela pôs o menino num centro de acolhimento, num lar. E eu fui a tribunal e fui busca-lo. E ela queria que eu pagasse o divórcio.

Entrevistador: Ou seja você ficou com a guarda dele.

A: Exatamente. Ela meteu o miúdo num centro de acolhimento em V andei uma parga de tempo à procura do miúdo sofri, sofri, sofri e ela fez-me isto não sei porquê.

Entrevistador: mas ela podia-lhe ter dito. Ela não lhe disse nada?

A: Nada, nada. (...) Pus o processo em tribunal para ir buscar o miúdo quando ela descobriu que eu pus um processo em tribunal também pôs um, tentou, tentou, tentou e eu disse “de tantas coisas que dizes diz uma verdade só uma verdade”, e o meu advogado foi um bom advogado, pago por mim. E foi um bom advogado gostei muito do trabalho dele e chegou a uma altura que o advogado dele disse “Isto é melhor entregar o J ao pai porque é muita mentira e eu não sei trabalhar assim” (...) Eu depois recebi o papel para ir buscar o J, fui lá busca-lo, fiz-lhe n visitas quando ele lá esteve e a mãe só lhe fez uma visita (...)

Entrevistador: Que idade é que ele tinha?

A: Sei lá. Três anos quase quatro anos. Eu quando fui busca-lo a gente chegava a casa e punha a mesa para almoçar ou para jantar bastava dizer “J come” ele olhava para mim com medo, o miúdo ficou. Agora, agora é um reguila.

Entrevistador: Trouxe-o para asa, onde é que estava a viver?

A: Na minha mãe. O J ficou comigo na casa da minha mãe até eu arranjar casa e assim que arranjasse casa já podia levar o J comigo (...) depois eu namorei uma rapariga, correu mal depois namorei outra, correu mal depois já não foi namorar foi namorar e houve uma altura em que eu disse pronto já acabou. Depois vi que isto não era vida para mim fui ao norte lá conheci a R (...) depois eu ia lá e depois ela vinha cá, eu ia lá ela vinha cá chegou a uma altura que ela trouxe o bilhete de ida e volta e o de volta já não ficou com ele, ou seja de cá, para lá já não foi ficou cá.

Entrevistador: Esteve a viver em casa da sua mãe.

A: Exatamente, estive lá não sei se foi duas semanas ou três e depois vim viver pra aqui, a minha mãe fez uma zaragata lá em casa por causa do meu pai, depois vim viver ara aqui e depois é que fui lá para baixo para a casa das conferências. Aqui ainda tive um mê ou dois.

Entrevistador: Como é que foi o início do relacionamento com a R? Correu bem, vocês ganharam logo empatia, soube logo que ela tinha mais filhos...

A: A R contou-me logo tudo da vida dela, contou-me logo tudo, não foi logo ao principio não é mas contou o que fez, já tinha filhos já fiz muitas porcarias ao longo da minha vida e ela foi-me contando a pouco, e pouco e depois chegou a uma altura que ela me disse fiz isto, e eu disse também fiz isto, uma vez ela uma vez eu, ela lá tem os problemas dela não é. (...) Ela veio trouxe o filho dela, mal ela sabia que já não ia e disse-lhe isso é o do intercidades é “mostra lá” e rasguei e não estou arrependido e digo-lhe uma coisa que digo a muita gente a R mudou-me muito a mim (...).

Entrevistador: Como é que é a vida lá em casa?

A: Nós somos uma família, (...) o B teve aqui 3 anos e ela telefonava-lhe e fazia queixa ao ex-marido e ele pediu-lhe para ele ir lá passar pelo menos um ano, eu sei que à R custou-lhe muito, mas pronto.

Entrevistador: E ele está melhor?

A: O B lá em cima está pior, a madrasta dele liga para ela e diz que ele cada vez estava pior e a R diz-lhe eu daqui dizia como é que era o pai não acreditava agora eu sei como é que ele é você não metem mão deixam-no fazer tudo, aqui o F era como pra a J é a rédea curta, querem liberdade tem de segurar por ela, não há hipótese (...) continua lá em cima ele por mim ele vem, mas é uma decisão que a mãe tem que ter não é tem de falar com ex-marido dela, o pai da criança e é uma coisa que eu não me vou meter, eu por mim já lhe disse a ela queres ir buscar o miúdo vamos busca-lo (...) já cá esteve viveu quase quatro anos cá. (...)

Entrevistador: Neste momento como é que é a vida com os seus pais?

A: Já teve melhor, já teve pior, estivemos afastados, juntámo-nos mais agora um bocadinho foi aí dois dias mas também melhorou a mesma coisa, foi quando morreu um cunhado meu, o da minha irmã mais velha foi só aqueles dois dias, mas a minha mãe tem um problema é uma coisa que eu não gosto nada é a gente “A mãe não conte nada disto”, “não fica descansado que a mãe não diz nada”, vira as costas apanha você e vi logo dizer (...) a gente não pode ter u segredo com ela diz logo a alguém. O meu pai, bom dia boa tarde e boa noite.

Entrevistador: Como é que foi o nascimento da sua filha?

A: Foi complicado mas mesmo assim está a 60%, o B meu entendo nunca foi aceite na palavra neto pelos meus pais o J é aceite como neto pelos meus sogros (...) A minha mais nova esta é ela por ela... a sério eu nem digo nada à minha mãe. A minha filha mais nova, a minha mãe começou a perceber que era avó para aí há um ano mas nunca engraçou da ideia de ter mais uma neta a minha mãe diz “Só é minha neta porque é filha do meu filho” e não a aceita “Ouça lá você deve estar a pensar que me estou a preocupar se você gosta da miúda como sendo sua neta ou não sendo é que a mim não me preocupa, mas ela amanhã você vai chegar ao pé dela e vai dizer assim olha a minha netinha e ela sabe, porque ela vai saber aquilo que você diz e eu vou-lhe dizer e ela vai-lhe dizer agora é que me chama de neta então na altura não gostavas de mim não te aproximavas, não, não vou. Ela vai saber” Eu não escondi nada aos meus filhos (...) eles têm de saber como e que funciona as coisas a minha mãe ao pé de todos é muito amiga é muito chegada (...) depois é outra pessoa como o feijão frade.

Entrevistador: E sempre foi assim?

A: Não.

Entrevistador: E quando é que ela se tornou assim?

A: Para aí há seis, sete anos desde que o meu irmão o N, que eu não sei o que é que se passou a minha mãe mudou da noite para o dia (...)

Entrevistador: (...) Em relação ao Serviço de Apoio Alimentar, o que é que o levou a recorrer ao serviço de apoio alimentar?

A: Porque eu vi que a minha vida estava a andar para trás, não tinha dinheiro para nada, e eu tinha os meus filhos como tenho, eu pão e água ou pão e café eu oriento-me mais a mulher, agora eles não eu prefiro não ter e eles terem. Como isto também está muito mau de trabalho, eu também tenho alguns trabalhos feitos e não me pagam e acho que os miúdos não têm culpa disso e eu custou-me muito a sério que custou-me muito, eu nunca me vi a assim.

Entrevistador: Foi a primeira vez que pediu apoio alimentar?

A: Foi.

Entrevistador: Quando é que foi?

A: (...) Foi há 5 anos.

Entrevistador: E quem é que veio pedir foi você ou a R?

A: Foi a R.

Entrevistador: Quando a R falou consigo em relação a pedir apoio alimentar o que é que você pensou?

A: “Tem que ser não e R. Olha seja o que Deus quiser”. Mas nunca baixei os braços nunca.

Entrevistador: E alguma vez veio pedir alimentos sozinho sem a R?

A: Sim já vim, quando é o dia, venho.

Entrevistador: E lembra-se da primeira vez que veio? O que é que sentiu ou o que é que sente?

A: (...) A primeira vez que cá vim, pensava e penso quem me viu e quem me vê, podia ter tudo ou quase tudo e ando aqui a tirar aquilo que os outros merecem mais, eu penso assim tenho braços para trabalhar pernas para andar eu tenho tudo, só me falta trabalho e o dinheiro e há muitas pessoas que são doentes que precisam mais e eu ando aqui a tirar o bocado que seria para eles. E

penso nisso, eu vejo aqui muita gente nova como eu que vem aqui buscar e eu penso vem aqui mais um parvo tirar aquilo que pertence aos outros. E eu chego a casa e digo à R. eu tenho que abalar daqui para fora, vou para a Angola, vou para a América tenho de arranjar um sítio para ... eu não me sinto bem, eu vou ali à (...) vou buscar alimentos a D. pergunta-me o que é que faz falta lá em casa, se você me perguntar a mim, você deve pensar que eu vou lá ao móvel ver, eu não vou, eu não vou, e eu digo assim “Oh R é melhor seres tu a tratar disso porque” (...) ligo para a R e passo o telefone à Dona. Doí-me o coração eu a saber que tenho braços para trabalhar, pernas para andar e fazer tudo e mais alguma coisa e não consigo fazer nada.

Entrevistador: E como é que tem sido esta experiência de receber apoio alimentar? (...)

A: É assim eu aqui da C não tenho razão de queixa de nada, aliás aquilo que tenho hoje, presentemente posso-lhes agradecer a elas, tanto faz alimentos, tudo, tudo, tudo. Posso-lhes agradecer a elas, pode haver como é natural e eu já referi há bocado não conseguir pagar a renda por causa disto ou daquilo porque não sou só eu há mais, eu compreendo, eu compreendo, mas como é que eu vou fazer se eu não o tenho não vou roubar então se roubar vou preso e a seguir...

Entrevistador: E quais são as suas expectativas em relação, pensa que vai receber mais, que vai receber menos...que leva aquilo que é justo.

A: Eu não olho para isso, porque é assim sinceramente eu não olho para isso porque eu penso assim, não sou só eu há muita gente, agora eu não chego aqui e digo “ Preciso de (...)” não sou só eu que venho aqui vem mais gente e se me derem por exemplo preciso de um ou dois litros de leite um quilo ou dois de esparguete se tiver fiambre e pão congelado para os cachopos eu levo (...).

Entrevistador: E qual é a importância deste apoio para a sua família?

A: Para mim é muito, aquilo que vem é sempre ganho é sempre uma grande ajuda.

Entrevistador: O que é que acha do funcionamento? A forma como estão organizadas.

A: Uma maravilha (...). A Dona para mim é uma mãe a Dona espetacular. Se pedirem alguma coisa para ajudar só se não puder naquele minuto tem de ser naquela hora.

Entrevistador: Acha que elas poderiam fazer alguma coisa para melhorarem os serviços delas? Alguma coisa que elas poderiam aperfeiçoar melhor ou ter melhor, ou organizar melhor.

A: Não eu acho que elas deveriam ter mais alguém para ajudar aqui na distribuição (...). Elas deviam ter aqui mais alguém que lhes desse a mão, mesmo na arrumação não quer dizer que não esteja arrumado, nós sabemos que elas têm uma certa idade e já não se conseguem mexer tão bem.

Entrevistador: E quais são as suas expectativas em relação a este Apoio Alimentar?

A: Isto tem de acabar, queria ver se acabava com isto se tivesse um trabalho que fosse para o estrangeiro eu era capaz de devolver tudo e entregar aqui a esta casa porque há mais quem precise. Agora não sou eu que preciso, mas distribua por pessoas que estão mais necessitadas, mas entregava.

Entrevistador: E como é a sua relação com elas?

A: Eu com elas é um espetáculo, são uns anjos.

FIM

Anexo C – Modelo de Análise das Entrevistas

Dimensões
<i>Origem e Trajetória Familiar</i>
<p><u>Fase da Infância e Juventude</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Recordações da infância • Relação afetiva com os pais (rede de relações formais) • Relações de amizade/ vizinhança (rede de relações informais) • Percurso/ trajetória escolar • Relação com a assistência social • Expectativas face ao futuro <p><u>Fase Adulta</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Relação conjugal ou afastamento do núcleo familiar de formação (rede de relações formais) • Relação parental (nascimento dos filhos) • Profissão/ situação face ao emprego • Relação com os amigos/ vizinhos (rede de relações informais)
<i>Relação com o Serviço de Apoio Alimentar</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Fatores que contribuíram para recorrer ao Serviço de Apoio Alimentar; • Expectativas e sentimentos face ao Serviço de Apoio Alimentar; • Relação entre as expectativas e as necessidades do agregado familiar; • Considerações sobre o Apoio Alimentar na sua vivência atual; • Perceções acerca do funcionamento do Serviço de Apoio Alimentar (limitações/ oportunidades) • Expectativas pessoais face ao futuro

Anexo D – Análise das Entrevistas

Grelha de Análise das Entrevistas

Origem e Trajetória Familiar: Infância e Juventude	
Recordações da Infância	
Entrevista 1	<p>“(…) vivi lá até aos seis anos com os meus pais. (...), as comidas eram à base das sopas, toda a gente tinha horta (...) entretanto os meus pais separaram-se e a minha mãe levou os meus irmãos mais velhos, e eu fiquei eu a minha irmã e os meus irmãos gémeos com o meu pai. (...) Entretanto como o meu pai na altura trabalhava (...) nós tivemos de ir para um colégio eu e a minha irmã... (...) e os meus irmãos foram, para uma família de acolhimento. (...) A minha infância... foi boa, acho que depois de tudo o que eu passei e agora já adulta se me perguntassem se (...) queria viver com os meus pais sempre ou se queria ter ido para o colégio. Eu preferia ter ido para lá, aprendi muito, vivi muito, brinquei muito eramos imensas. (...) sempre tive festas de anos, sempre tive o Natal diferente e mesmo com aquelas coisas que às vezes éramos repreendidas, mas também na nossa casa também somos todos. Não tenho qualquer trauma de infância.”</p> <p>“Hoje eu vejo que fui feliz sim, porque eu tenho... por exemplo eu tenho uma irmã mais velha que ficou com a minha mãe e que não sabe ler nem escrever (...) é nesse sentido que eu hoje vejo que fui feliz entende. Tive uma infância onde ia à praia, onde tinha acesso a muitas coisas que se calhar a minha irmã na mesma altura não teve.”</p> <p>“Eu pensei, aquilo que eu sentia doía-me tanto, aquele mundo ... tinham-me arrancado daquilo que eu era, daquilo que eu tinha conhecido anteriormente até ali. Foi como se me arrancassem tudo aquilo que eu tinha cá dentro e aquilo doía tanto, de uma maneira que não é dor física, nem sei explicar é como se, era como se tudo aquilo que eu tivesse vivido me fosse arrancado assim a sangue frio... doía.”</p> <p>“Sentia-me feliz sim. Nos primeiros anos... quando eu fui para o colégio aquilo era tudo tão diferente... (...) entrei num sítio onde tudo era comercial (...) refeitório, a cozinha, aquelas panelas enormes, onde eu fiquei assustada, onde eu rezava todos os dias porque era um colégio católico... (...) à noite rezava para que a minha mãe fizesse as pazes com o meu pai para eu voltar para casa. E depois com o tempo é que eu fui-me habituando.”</p> <p>“(…) o sítio era agradável, tinha um recreio enorme, era giro. Tínhamos árvores de fruto, tínhamos horta e essas coisas assim...(…) todas tínhamos uma tarefa (...).”</p>
Entrevista 2	<p>“Não me lembro de nada. Olhe, já foi há tantos anos, não me lembro de nada. (...) vivia com a minha mãe (...) e com o meu pai (...) Bom ando doente da cabeça e não tenho assim muitas coisas (...).”</p>

Entrevista 3	<p>“Da infância não tenho nada de bom para recordar aliás, nem me recordo da minha infância (...) não me recordo de ter colegas, de ter amigos, isto até aos 4 anos.”</p> <p>“Tenho muito poucas coisas de infância assim, que me recorde porque não foi uma infância normal. (...) a minha mãe viveu com o meu pai até eu ter 4 anos e depois juntou-se com aquele senhor que já tinha dois filhos, teve mais dois... Ficámos cinco. Vivemos em S até eu ter 9 anos, precisamente por ele ser despedido e de não haver condições de trabalho viemos para aqui para casa dos meus avós.”</p>
Entrevista 4	<p>“Só vivi com a minha mãe, com o meu avô, com o meu pai não.”</p>
Entrevista 5	<p>“Péssima. A minha infância ... (...) não foi assim muito boa, mas também não foi assim muito má (...). Nessa altura sentia-me mais alegre, (...) tinha mais saúde (...) dantes não pensava nas coisas, na vida... (...) não ligava, pensava ser melhor. (...) vivi na barraca. (...) Com os meus pais só tive até à idade de 12 anos (...), num caniço, a urinar no mesmo balde, (...) dormir em cima de uma esteira, as irmãs para baixo e os rapazes para cima, chover a esteira faz de conta que era uma jangada (...) a cama era do meu pai e do miúdo que nascesse, (...) a gente era aos pés e eu vi a minha I. nascer, (...) nessa altura éramos mais pobres, era mais miséria e agora temos mais um bocadinho, como é que eu há-de dizer pronto não é assim aquela coisa que era antigamente (...) na parte de viver com as coisas, tínhamos que aceder o lume e aquecer a cafeteira da água depois o alguidar e depois por a água e depois temperar a água (...).Não era o mais velho, o mais velho dos rapazes já estava casado e depois era eu a seguir, ora eu é que tinha que andar para a frente.”</p>
Entrevista 6	<p>“(...) éramos três, (...) nós ajudávamos quer na apanha da azeitona, quer nas vindimas ... (...) antes de irmos para a escola. (...)... íamos aqui aos pinhais aqui perto apanhar as pinhas, trazíamos sacas enormes de pinhas no carrinho de mão ou nos carrinhos de mão, que eu já tinha dois, (...), trazíamos mato e ali assávamos as pinhas e depois andávamos por P. de porta em porta ou junto às tabernas a vender as pinhas aos homenzinhos para acompanhar com o vinho, meio tostãozinho... na época da pinha (...) e quando sobrava mais algum era para entregar em casa.”</p> <p>“Era uma infância assim boa, com um bocado de dificuldade que já havia naquele tempo (...) conta o pessoal mais velho que eu era puto as tropas alemãs e francesas e espanholas salvo erro, estiveram aqui junto da nossa zona e havia os estafetas de mota e eu andava sempre na mota eles a conduzir e eu sentado em cima do depósito da gasolina a dar as voltinhas...”</p>
Entrevista 7	<p>“A minha vida de infância foi difícil... o meu pai agredia muito que é mesmo assim, abandonou a minha mãe e deixou a minha mãe com seis filhos e foi muito mau (...). Difícil porque passei muita fome (...) eu vim de Angola tinha dezoito meses (...). O meu pai teve lá para a tropa e depois foi lá para a polícia, a minha mãe foi ter com o meu pai (...).”</p> <p>“(...) o meu pai voltou para a companhia da minha mãe tinha eu para aí 14 ou 15, voltou. (...) Sim 11, 12 e ele foi para MM, esteve lá um ano, dois anos</p>

	<p>com a outra senhora (...). Depois o meu pai esteve a morar lá na casa de uma tia minha lá em F, depois ele ia lá ter com a gente e não sei o quê ... eu fui sempre contra, eu fui contra (...).”</p> <p>“Tinha para aí 16, 17 anos. (...) Tentou-me agredir, não conseguiu eu encostei-o lá a um sofá que a minha mãe lá tinha foi a partir daí que nunca mais tocou na minha mãe, nunca mais. De vez em quando ainda diz “<i>Ah um dia destes eu faço isto e faço aquilo</i>”, mas não faz nada e a minha mãe diz “<i>Vou chamar o T</i>” e ele acalma...”</p>
Relação afetiva com os pais	
Entrevista 1	<p>“(...) o meu pai era o meu melhor amigo, o meu pai já faleceu mas com o meu pai era a minha mãe, o meu pai, o meu melhor amigo tudo. O meu pai ia todas as semanas lá ver-me ao colégio. (...) A minha mãe até aos meus 14 anos, tive sem a ver desde os 6, portanto a relação que tive com a minha mãe... hoje é uma pessoa conhecida. (...) não me é indiferente (...) eu sinto por ela, aquilo que ela nunca sentiu (...)”</p> <p>“Acho que é naquela altura em que criamos laços, (...) é quando nós começamos a ter noção das coisas e damos por isto ou por aquilo, ou porque precisamos de conversar ou porque chegamos a casa da escola e temos a mãe ali, não é. É nessa altura que nós criamos aqueles laços e eu não os tive.”</p> <p>“Não tenho qualquer rancor com a minha mãe. (...) não tenho qualquer problema com ela, falo com ela (...)... mas não há aquela ligação.”</p> <p>“O separar-me dos meus irmãos foi difícil, a partir daí todas as coisas são fáceis de adaptação.”</p> <p>“Às vezes as pessoas perguntam-me se eu não tive falta de ter uma mãe... eu não posso sentir falta de uma coisa que nunca tive.”</p>
Entrevista 2	<p>“(...) vivia com a minha mãe.(...) e com o meu pai.”</p> <p>“Dava-me bem com eles. Depois estive lá, estive lá a tratar do meu pai, o meu pai faleceu e depois fiquei a tratar da minha mãe.”</p>
Entrevista 3	<p>“Relação com os pais... a única imagem que eu tenho do meu pai e da minha mãe, ou seja de família, é o meu pai a bater na minha mãe e eu com uma vassoura muito pequenita atrás deles.”</p> <p>“(...) vivi (...) com a minha mãe (...) ela nunca teve com o meu pai porque ele foi para a tropa (...), e depois ela começou-se a envolver com outra pessoa e pronto. Foi só para me fazerem e mais nada. (...) Depois a partir daí, isto tinha eu quatro anos, depois sei que a minha mãe se juntou com um outro senhor que já tinha dois filhos e fomos viver para S. aí, já me recordo de ter mais aqueles dois irmãos, “emprestados”... de não conseguir chamar</p>

pai àquele senhor porque ele não me era nada.”

“Vivemos em S até eu ter 9 anos, precisamente por ele ser despedido e de não haver condições de trabalho viemos para aqui para casa dos meus avós.”

“A minha infância com os meus irmãos... houve pouco relacionamento.”

“(...) a minha mãe (...) tratava-me mal a mim entre aspas, quer dizer não me batia nem nada mas, deixava de me dar as coisas a mim para poder dar aos outros, para se dar bem com o pai deles. E recordo-me que uma vez saí de casa por causa dessa situação.”

“(...) e aí começou aquela revolta... quer dizer já tinha revolta por não ter pai e essas coisas todas... ainda hoje sou muito revoltada por causa disso.”

“(...) a minha mãe dizia mal do meu pai. Eu queria muito conviver com o meu pai, tanto que nessa altura fugi de casa e quando apareci fui direto a casa do meu pai. Mas antes disso fui duas vezes tentei conviver com ele porque ele pagava-me mil escudos por mês, que era a pensão que ele me dava todos os meses (...) e eu recordo-me quando fui levantar o vale correio não fui às aulas nesse dia paguei o bilhete de autocarro e fui a A ter com ele à fábrica onde ele trabalhava. E então cheguei lá e ele disse “O que é que estás aqui a fazer?” “Então vim-te visitar, porquê não posso?” depois expliquei-lhe a situação e então ele pegou no carro e veio-me trazer a casa.”

“(...) a minha madrastra quando casou com o meu pai, a família dela não sabia que ele já tinha sido casado e que muito menos tinha uma filha. E então, quando eu ia visitar o meu pai ela apresentava-me como uma prima dele. (...) e então eu comecei a evitar de visitar o meu pai (...)”

“Eu só me dou mais com o meu pai a partir dos... tinha a minha filha 4 anos. (...) A partir daí é que passamos a ter mais convívio, e é agora com os miúdos, os miúdos telefonam-lhe no dia de anos, ele telefona para os miúdos, mas também vem cá só assim às escondidas da mulher para não criar conflitos lá em casa que eu acho uma estupidez. Tenho uma irmã da parte dele que tem 30 anos, também não conheço... só vi duas vezes. Sei que tenho um sobrinho também chama-se B, mas também não conheço... pronto lá está por isso é que eu quero que os meus filhos se deem com os irmãos da parte do pai.”

“(...) convívio com o pai, não houve aquele relacionamento entre pai e filha. Tanto que eu não consigo chamar pai ao meu pai, eu chamo-lhe B ... eu não consigo, gostava de conseguir mas não consigo porque nunca tive com ele, mesmo na infância (...)”

“Eu e a minha mãe nunca tivemos aquela ligação de mãe e filha.”

É muito seca a minha mãe é muito seca, não tem ... não sei por isso é que eu digo aquele miúdo sai a mim, porque a gente não consegue transmitir aquilo que sente, os sentimentos... assim, afetos e carinhos porque eu não os tive e depois custa-me... eu tentei com a minha filha, mas depois também não

	<p>consegui, pronto parece que vem cá de dentro parece que tenho medo de gostar das pessoas.”</p> <p>“O meu padrasto era uma pessoa calma, quer dizer ... não havia aquela abertura para a gente estar a desabafar e assim a falar, mas compreendia a gente e também fazia os possíveis para não nos faltar nada. (...) Foi boa porque eu também não me abria muito com ele, mas nem era uma relação de padrasto enteada nem era ... era mais conhecidos. Como eu costumo dizer... a gente falava o que tinha a falar e entendia-se. Quando foi nessa altura ele foi embora e levou os meus irmãos, eu fiquei um bocadinho revoltada (...).”</p> <p>“Há boas recordações, só que não posso dizer que tive uma infância feliz. (...) Eu com os meus avós? Eram os meus pais... eram, eram os meus pais. (...) A minha avó não fazia mais por mim e não me dava mais porque não podia.”</p>
Entrevista 4	<p>“Dávamo-nos bem, sempre nos demos bem, só ficámos assim quando eu quis fazer a minha vida.”</p> <p>(Pai) “Nunca tive relação com ele (...) Estive com ele aí há uns anos no Natal, (...) e eu perguntei-lhe porque é que ele não quis dar-me o nome, e ele disse que agora já era tarde (...) porque também tem outros filhos, e eu também nunca mais lutei por ele (...).”</p> <p>“Com o meu avô sempre correu bem, foi ele que tratou de mim, ele é que cuidou de mim era netinha para aqui, netinha para ali... sempre. Era o meu pai, era com ele que eu contava... (...) o meu pai sendo assim é o meu avô que foi sempre ele que cuidou de mim.”</p>
Entrevista 5	<p>“Com os meus pais só tive até à idade de 12 anos.”</p> <p>“(...) não me dava com o meu pai e então a partir daí, eu larguei a barraca e fui para casa desta irmã mais velha (...) naquela altura eu tinha que andar a pedir para dar comer aos meus irmãos e tinha regras, tinha regras, então tinha que entrar com um balde de azeitona em casa, senão era uma maquia que eu levava no focinho (...) a minha mãe também era uma pessoa que é diferente das outras mães eu às vezes estou a ver a novela e puxo pela cabeça, as mães de agora os filhos chegam a casa não saem dali enquanto não fizerem os trabalhos de casa. A minha mãe não (...) a minha mãe era "<i>os canecos não têm água</i>", "<i>os patos não têm água</i>", não dizia assim "<i>vai fazer os trabalhos de casa</i>", não dizia, para ela tanto fazia que a gente tivesse a 3^a, 4^a ou 5^a (...).”</p> <p>“A minha relação com eles não era nenhuma ou mesmo nada ... (...). Não, não, nunca tiveram carinho, não. Tinham carinho para uns não tinham carinho para outros. (...) Já em homem, disse ouvi eu mesmo ele estar a dizer a ela que não me queria lá. Eu ia lá a medo, quando ele estava para chegar eu tinha de me ir embora e eu chorava, eu chorava por isto porque eu era filho nasci praticamente ali (...).”</p> <p>“É tudo essas mágoas, tanto que se me disse, se me pergunta se eu tinha mãe (...) não vou dizer que não tinha, (...) porque eu tinha que ter mãe, (...), mas quando eu falo nela eu acho que tenho uma coisa cá dentro que começa a ... um nervoso esse coiso que eu tenho cá não me está a meter cá dentro</p>

	<p>da caixa está a compreender.”</p> <p>“Eu não tenho pai... nunca tive (...) eu às vezes ia para o D à boleia lá para baixo e ele vinha porque tinha uma horta lá mais abaixo e vinha para cima ele via-me eu a ir para baixo e eu por minha autoria: eu vou pelo mesmo sítio dele a ver o que ele vai fazer e ele antes aí sete ou oito metros passava-se para a outra borda (...) ele desviava-se...”</p>
Entrevista 6	“Sempre boas, pais avós tios, primos... (...) Tínhamos e ajudávamo-nos uns aos outros. (...) Eu praticamente fui criado com o meu tio lá em casa.”
Entrevista 7	<p>(mãe) “Boa, sempre unidos, sempre sempre.”</p> <p>(pai) “ (...) era bruto, assim mesmo bruto batia em nós e mim, nos meus irmãos na minha mãe mesmo agressivo e parava pouco tempo em casa. E o pouco tempo que ele parava em casa era para dormir (...) nunca tive estar com o meu pai um mês ali, ter o amor, o carinho o não si o quê o afeto, acho que nunca tive isso acho que nenhum dos meus irmãos tiveram. (...) Um pai tem que estar presente para o bem e para o mal e eu acho que nunca tive isso do meu pai.”</p>
Relações de amizade e vizinhança	
Entrevista 1	“ (...) o meu pai tinha batatas dava à vizinha que lhe dava couves. Na altura era mesmo assim. A minha vizinha precisava que o meu pai lhe cortasse lenha, e a vizinha dava-lhe um coelho ou uma galinha ou ovos ou coisas assim. Era assim que funcionava na altura. Por exemplo, a minha mãe cozia pão e ela e a minha avó coziavam para nós e na altura cozia-se o pão para o mês todo e as minhas vizinhas já senhoras de idade não podiam estar a amassar a minha mãe ia e depois elas davam qualquer coisa.”
Entrevista 2	“Gostava (de lá viver), mas aquilo não é meu, aquilo ainda não é meu. A minha mãe ainda é viva e a minha irmã é a que é a mais velha, ela é que manda.”
Entrevista 3	<p>“Tive bons amigos, pelo menos lá na escola primária em O tive bons amigos (...).”</p> <p>“Brincávamos só durante o tempo da escola e aos fins-de-semana, quando não havia escola porque aquilo era uma ruazinha era tipo um beco e a gente juntava-se todos ali. Ou eu ia para casa dela estudar, ou elas iam para a minha, mas era mais fácil eu ir para casa dela porque na minha já havia muitos irmãos e era mais confusão.”</p> <p>“Recordo-me que havia uma senhora que era viúva que gostava muito de mim, que ela até na brincadeira estava-me sempre a dizer que me queria adotar,</p>

	<p>(...) essa senhora por acaso gostava muito de mim, tive pessoas que gostava muito de mim e que gostavam de me adotar é engraçado e tive boas oportunidades de estar bem na vida e não as aproveitei e hoje arrependo-me disso.”</p> <p>“ (...) eu sou uma pessoa que faço amizades com muita facilidade só que para mim é assim. Amigos, amigos, amigos têm se ser mesmo amigos do peito em todas as situações (...). Tive grandes amigos, mesmo amizades daquelas de estarem se eu não ligasse, não havia telefone na altura, mas pronto se eu não disse nada durante um dia já estavam a ir à minha procura e vir de mota e pedir boleia e não sei o quê. Tive grandes amigos.”</p> <p>Em S tivemos bons vizinhos, inclusive tivemos uma vizinha que ainda hoje cá vem de vez em quando ela e a filha. No C quando vivia em casa da minha tia os vizinhos também eram muito coisos, e às vezes ia para casa deles brincar com os filhos deles.</p>
Entrevista 4	“Não me dava bem com os meus colegas, porque eles chamavam-me nomes porque eu era muito ... não me dava com ninguém, estava sempre sozinha, não tinha relação com eles.”
Entrevista 5	“Não muitos (...).”
Entrevista 6	“Era amigo de toda a gente ainda sou, nunca tive inimigos, dava-me bem com toda a gente, respeitador e respeitava...”
Entrevista 7	“ (...) tínhamos lá muitos amigos (...). Amigos de rua tinha muitos porque eu andava lá no atletismo, também não saía de casa para ir para a brincadeira para os CL, que eu morava aí a um km e meio, não saía de casa para ir brincar lá para baixo. Brincava sim senhora quando havia treinos de futebol ou de atletismo ou quando havia ... também corria de bicicleta só se fosse nessa altura que eu brincava ou então na escola agora de resto...”
Percurso/ trajetória escolar	
Entrevista 1	“Sempre fui boa aluna, gostava da escola. (...) Sim sempre gostei dos meus professores. (...) Nunca pensei tirar um curso ou qualquer coisa. (...) também nunca pensei em desistir da escola (...) quando pensava gostava muito de ir para psicologia ou qualquer coisa assim do género, porque sempre gostei muito de falar com as pessoas e tentar entendê-las sem julgar e essas coisas assim. Mas, naquela altura nem pensei em desistir por que no colégio não nos permitiam (...) Entretanto outras coisas ocorreram e eu vim-me embora do colégio e desisti da escola.”
Entrevista 2	“Sim, mas eu fui burra e não aprendi a ler.”

	<p>“Gostava mas não tinha memória para aprender.”</p> <p>“(…) a minha mãe tirou-me da escola, porque andava a gastar dinheiro comigo e eu não aprendia a ler.”</p> <p>“Sinto (triste), sinto que é preciso assinar uma coisa qualquer ou assim e tenho que pedir às outras pessoas, e se eu soubesse ler não era preciso.”</p> <p>“(…) andei uma data de anos. E depois a minha mãe viu que eu não aprendia... tirou-me...”</p>
Entrevista 3	<p>Recordo-me (...) que andei numa escola particular (...)”</p> <p>“(…) fui para o 1º ano com 9 anos (...) tive de ir para o (colégio) porque não tinha idade para entrar para o público.”</p> <p>“Depois tive dois anos aí, depois regresssei novamente para aqui comecei a frequentar a escola pública, (...) depois desastineei e saí da escola precisamente por causa do relacionamento aqui em casa.”</p> <p>“(…) ela como qualquer pai, queriam que eu estudasse e fez tudo para eu estudar, embora eu não sei se era por ser assim comecei a ser rebelde.”</p> <p>“(…) tenho impressão que era o sétimo na altura, era o sétimo ano, era. Só que entretanto acabei os estudos e juntei-me com o pai dela, e aí parou tudo.”</p>
Entrevista 4	<p>“Tenho a quarta classe toda, o ciclo não o tenho todo porque não tinha cabeça para andar na escola e queria era ir trabalhar e depois pedi à minha mãe para trabalhar e fui trabalhar com ela.”</p>
Entrevista 5	<p>“Foi até aos 14. (...) fiz a primeira, só a primeira. (...) portanto eu não tinha cabeça para a escola, e naquela altura eu tinha que andar a pedir para dar comer aos meus irmãos (...)Eu para ir para a escola tinha que fazer isso, e depois comecei a levar porrada (...). Ora, eu nunca puxei para a escola, eu na escola certas coisas chateavam-me, andava sempre a partir as pedras nas cabeças dos outros, mandava com o saco, era um saco de pano partia aquilo e depois não fazia as contas de casa, a cópia já não ia à escola ao outro dia porque eu não fiz a cópia, a professora batia-me (...) aprendi, não vou dizer que não, porque a professora (...) dizia “<i>quem ler o jornal também sabe ler</i>” e eu puxei muito para o jornal (...). Eu comecei a puxar para ler desde que saí da barraca. Só que eu quando saí da barraca comecei a puxar, mas já foi tarde. (...) depois eu comecei a puxar para aprender a ler o jornal eu hoje leio o jornal, (...) uma carta (...) mas não é a ler assim, isso então enerva-me logo, tem de ser à minha maneira, (...) é o sistema nervoso.”</p> <p>“(…) quando era o recreio, lá ia eu a correr que mora mais abaixo onde está o arvoredor verde deste lado, num primeiro andar branco ia a correr galgava os ferros das escola e ia a correr para a avó dela dar-me duas fatias de pãozinho com doce, doce de tomate, que já estava lá guardadinho para mim (...)”</p>

Entrevista 6	<p>“Naquela altura nós entrávamos aos 7 e saíamos aos 11. (...) eu (...) fiz a quarta classe, fiz tudo. (...) Eu gostei sempre do nosso professor ia a A fazer exames e entregava sempre a aula aos mais velhos e aos mais estudiosos, um deles era eu, porque a minha mãe era contínua da escola ele dava a aula à gente, os trabalhozinhos feitos no quadro passava-se estudava-se e depois púnhamo-nos ali um bocadinho a conversar, uns já tinham revistas de coisas de cowboys aqueles que podiam comprar e a malta punha-se a ler ali aquilo e depois vínhamos até cá fora escola, levava aquilo a peito... adorava.”</p> <p>“Se não fui estudar foi porque não quis, também o dinheiro não era muito mas fazia-se um esforço assim como os meus pais fizeram para o meu irmão estudar para tirar o curso de enfermagem. (...) a minha irmã foi regente escolar também fez um curso diferente, tive que a ajudar (...).”</p>
Entrevista 7	<p>“Andei lá na escola... (...). Até à quarta classe (...). Eu gostava de andar na escola eu gostava, mas era um para ser sincero na altura era malandroco fazia das minhas (...). (...) Gostava de todos os professores, mesmo essa professora essa professora que me levou por uma orelha (...) mesmo assim eu gostei mesmo dessa professora (...).”</p> <p>“(...) chumbei algumas vezes por causa dos erros (...) erros meus (...) e também da vida que ia lá em casa que é mesmo assim era muito complicado.”</p>
Experiências de trabalho/ emprego	
Entrevista 1	<p>“(...) eu saí do colégio para trabalhar, porque comecei a trabalhar numa loja de fotografias e eu estava na casa deles então eu ia com eles quando eles tinham casamentos e ia, e eu gostava (...) o que aconteceu foi que eu vi uma maneira de poder libertar-me daquela gaiola entre aspas (...) o erro foi estar muito presa porque se tivesse aquela liberdade de sair de lá, nunca tinha trocado a escola ou ir para casa por um trabalho, ainda por cima passava por ter que limpar a casa das outras pessoas. (...) Aquilo trazia-me uma liberdade diferente, ter o meu dinheiro...(...) o poder sair para aqui e para acolá sem ninguém estar a dizer... Foi quase como sair da prisão e ter uma liberdade diferente (...).”</p>
Entrevista 2	
Entrevista 3	<p>“(...) nas férias, andava a trabalhar ali na cerâmica (...) e eu tinha de fazer almoço para levar para o trabalho e chegava a casa e fazia o jantar para toda a gente, fazia a lida da casa e isso tudo. (...) Eu gosto de trabalho... de coisas que eu me mexa não é de escrever, nem a tomar notas, nem a receber telefonemas, isso para mim era um trabalho que não... ainda hoje é coisa que... trabalhos pesados, coisas duras, que ande para trás e para a frente que me mexa.”</p>
Entrevista 4	

Entrevista 5	“Eu estava a trabalhar ali para uma senhora ao pé da paragem que era a senhora F. (...) e eu trabalhava lá na limpeza pronto.”
Entrevista 6	“E depois aí comecei a trabalhar nas motas a ganhar o primeiro ordenado de 150 escudos por mês. Tínhamos a oficina de motas e depois a distribuição do gás (...) bomba de gasolina, óleos... aquelas coisas todas, eu sei que o meu horário era entrar às 7h30, 8h e a hora da saída era sempre rente às seis horas, mas isso era muito raro. (...) mas depois o patrão também era bom e nós apanhávamos o gosto, gostávamos e colaborávamos eu tinha meses que tirava mais em gorjetas do que o mês do ordenado. Chegava a casa e entregava tudo à minha mãe ... (...) tudo, tudo ela não me deu um tostão para nada também não tinha muito para dar (...) era vinte cinco tostões, eu tinha algum dinheirito que a minha avó guardava “ <i>espera aí que a avó guarda, quando fores para a tropa tens aqui este dinheirinho</i> ” e guardava mas isso era de princípio e depois comecei a pensar que era homem e já via a minha figura não é e já queria era namorar não é. E depois já não punha nada para a caixa não é (...).”
Entrevista 7	“(…) tinha eu 9 anos ou 10 anos salvo erro, andei no tomate e depois quando o meu pai abalou(...). (...) o meu irmão o mais velho guardava animais lá no T e eu fui obrigado a abandonar a escola e fui para o pé do meu irmão para ajudar em casa fazer aquilo que o meu irmão fazia (...) a gente trabalhava também, eu e o meu irmão trabalhávamos para ajudar em casa também... só assim é que a gente conseguia...”
Experiências da vida pessoal em comunidade	
Entrevista 1	<p>“Eu tinha o horário da escola, porque eu andava na escola fora do colégio, mas tinha que cumprir aquele horário, davam-me aquele espaço de tempo para eu chegar ou para ir uma bocadinha antes para (...) se me atrasasse ficava logo de castigo...”</p> <p>“Quando era miúda, como brincava e as brincadeiras passam mais por estar a brincar (...) como tinha lá outras miúdas não sentia falta de outras coisas depois comecei a crescer e senti como todas as adolescentes (...) sempre fui muito responsável no sentido que a minha irmã era a mais pequena e eu tinha de a proteger de qualquer maneira.”</p>
Entrevista 2	“O meu pai trabalhava, só que depois foi para a velhice e já não trabalhava.”
Entrevista 3	
Entrevista 4	“(…) estava habituada aquelas confusões porque sempre fui muito a festas, a família juntava-se para almoçar ao sábado ou ao domingo, pronto essas coisas assim, a família juntava-se.”

Entrevista 5	<p>“As minhas irmãs queriam era namorar e depois aparavam-se e não iam mais à barraca porque da barraca estavam elas fartas, agora não iam dormir numa cama e ir para a barraca e dormir no chão, não é. (...). Elas depois já não queriam procurar essa vida não é? Arranjavam um rapaz, como têm e iam para as sogras (...) a sua vida com o marido e com a sogra, mas não iam dormir para a miséria (...) então quem lá estava em casa é que tinha que andar.”</p> <p>“Não a minha mãe não podia trabalhar. (...) A minha mãe tinha flebite numa perna é o que a levou e tinha problemas de coração. (...) Ela quando era mais nova trabalhou muito no campo, de sol a sol, eu não vi mas, pelo que as pessoas contam ainda há uma pessoa que trabalhou com ela andaram as duas na escola. E tinha de trabalhar claro, primeiro segundo filho ao terceiro filho não trabalham, não é.”</p> <p>“(...) a gente nem tinha mesa, era a comer na mão, em casa dos meus pais era a comer na mão, ou aqui no colo (...)”</p> <p>“Era onde eu comia essas coisas que eu nunca tinha comido nada disso na minha vida (...) fruto tropical que eu nunca tinha visto na minha vida comia lá à refeição.”</p>
Entrevista 6	<p>“A minha mãe trabalhava aqui numa fábrica de rebuçados que era aqui, muito conhecida aqui no concelho e distrito de V. que era a única naquele tempo, claro meu pai trabalhava como marceneiro no F. naquela altura os ordenados não eram grandes (...)”</p> <p>“(...) quando era novito havia um bailarico a gente não pagava a entrada porque o meu pai fazia parte lá da banda mas sabe gostava sempre de beber uma gasosa, (...) uma bolacha de baunilha que era bom (...) depois começou a haver muito trabalho e muito emprego e muito pouco operário havia aquele que gostava da profissão de andar nas vinhas e depois tinham as vinhas dos pais e ajudavam e começavam a tomar conta e iam cavar... gostavam daquela modalidade. Outros começaram a aprender um ofício, havia muito.”</p> <p>“(...) depois comecei a entrar no teatro na igreja, no centro paroquial, na música e depois para a casa do povo, comecei a jogar futebol já mais velho, mais tarde fiz o meu trabalho a minha tropa em J jogava lá futebol também (...) e os tempos eram melhores, mas na tropa havia sempre muita dificuldade.”</p> <p>“(...) isto era dividido em bairros (...) fazíamos encontros de futebol que eram as bolas de trapo até aparecer as bolas de cachu (...) Às vezes não chegava ao fim acabava tudo à batatada (...). (...) Os velhotes a servir o seu copinho e as suas cervejinhas a ver um jogo de futebol... adoravam... às vezes davam “Vá toma lá” um tostão ou dois tostões “comprar um rebuçado”, porque eles gostavam daquilo.”</p> <p>“(...) havia o cinema mudo que havia um tipo que era o J com a maquinazinha ... o ecrã era na parede ... (...) Ia, eu e todos ... de vez em quando ajudava porque ele era conhecido do meu tio (...) e depois numa altura havia um intervalo ia-se com o boné fazer a coleta e eu ajudava-os, ali com o bonezinho ali a pedir... (...) não havia nada fazia-se um cinema e aquilo estava sempre esgotado. (...) as pessoas estavam lá até ao fim.”</p>

Entrevista 7	<p>“(...) eu andava lá no atletismo (...), treinos de futebol ou de atletismo (...)”</p> <p>“Eu com 12 anos fui para os bombeiros (...)”</p>
Relações com a assistência social	
Entrevista 1	<p>“Na altura nós tínhamos algumas dificuldades, mas as pessoas também se ajudavam muito (...)”</p> <p>“Lembro-me na altura de haver a Segurança Social, que depois precisei fui para casa da Dr.^a (...) que era Assistente Social, lembro-me dela, mas era uma coisa tipo uma lei. Não era como agora... era mais: “<i>ela não tem, nós é que decidimos o que vai ser feito, ela vai para o colégio</i>”, por exemplo. Era visto dessa maneira embora a Dr.^a (...) fosse uma excelente senhora.”</p> <p>“(...) não foi o meu pai que pediu para haver uma intervenção da parte da Segurança Social, foram eles, foram lá (...) as pessoas não pediam, as pessoas tinham muitas dificuldades, muito mais do que agora, mas tentavam resolver elas mesmo essas dificuldades.”</p>
Entrevista 2	
Entrevista 3	<p>“Não nessa altura não existia nada destas coisas.”</p> <p>“Sei que tivemos algumas dificuldades porque o meu padrasto ficou sem trabalho na altura. E depois quem aguentou a situação foi os meus avós.”</p>
Entrevista 4	“Não, Não. Não me lembro, acho que nunca recebeu nada...”
Entrevista 5	<p>“Tinha que andar a pedir à porta das pessoas (...) e então naquela altura não havia dinheiro para comprar azeite nem óleo, eu ia a casa da minha madrinha ela tinha fritado peixe, punha para dentro de uma garrafa e guardava para os pobres (...). (...) uma senhora dizia, a minha mãe chamava-se G., a minha mãe tinha muitas amigas e tinha antes de falecer também, o meu pai já não e diziam “<i>Ó G. há-de lá mandar o rapaz lá ao casal porque eu tenho lá hortaliças</i>”, fazia horta não é? E lá ia eu daqui quase até aos VL a é buscar hortaliça e depois vinha outra que o marido era caçador, o meu pai era caçador, dizia “<i>Hás-de dizer ao rapaz que é para ir lá ter com a mulher que ainda apanho lá umas couves, apanho isto apanho aquilo</i>”, lá ia eu.”</p> <p>“(...) eu fui comer a casa do sr. Padre e ia outro meu irmão comer noutro dia, e outro comer noutro dia (...) e a gente comia com o sr. Padre à mesa (...) de cada vez íamos comer um, só que me custava a lá ir comer era por causa de rezar, porque a gente às vezes estava cheios de fome e (...) tínhamos de</p>

	<p>arrear e depois levantar quando ele mandava, não se podia levantar da mesa e a gente não estávamos acostumados a isso e depois era só caldo verde, só caldo até nunca mais comi caldo verde. Era caldo verde e peixe frito (...) depois é a mãe dele “<i>F, está aqui este saquinho leva à sua mãe</i>”, (...) era peixe frito enrolado num papel (...).”</p>
Entrevista 6	
Entrevista 7	<p>“Nos FL numa casa que emprestaram ao meu pai e à minha mãe uma casa mesmo degradada que é mesmo assim não é, foi complicado foi muito difícil ... (...) sei que algumas pessoas nos ajudavam também.”</p>
Expectativas face ao futuro	
Entrevista 1	<p>“(...) acima de tudo eu acho que o meu pai sempre esperou que eu fosse feliz. (...) O meu pai era o meu melhor amigo, às vezes não concordava com as minhas decisões, mas podia-me dizer que não, mas dizia também para fazer aquilo que eu achava que devia fazer. Ele estava sempre lá.”</p>
Entrevista 2	
Entrevista 3	<p>“(...) eles sobre mim nunca tiveram conversas nenhuma de certezinha absoluta. Porque é como eu digo, eles só conviveram até eu ter quatro anos e pouco conviveram porque o meu pai estava no Ultramar naquela altura, só vinha a casa uma vez por acaso.”</p> <p>“Foi uma conversa que nunca tivemos, nunca falámos sobre isso, mas nem ela comigo, nem com os meus irmãos. Nunca foi uma mãe que eu me lembro de ela perguntar “<i>o que é que queres ser quando fores grande?</i>”.”</p> <p>“A minha mãe ainda hoje diz, “<i>esta menina se estudasse e se não se tivesse metido em certas coisas, à inteligência que ela tem, à capacidade que ela tem ela podia ser tudo e mais alguma coisa</i>”. Mas nunca foi uma mãe que a gente...”</p> <p>(avó) “Esperava que eu fosse feliz. Era o que ela queria era que eu fosse feliz porque é assim ela sabia que eu tinha responsabilidade, tinha capacidade para assumir família, para assumir o meu trabalho, para assumir qualquer coisa. Só que eu lembro-me das palavras dela “<i>Ah desgraçada, tu nasceste para sofrer</i>”. E lá está foi a situação que eu passei com os meus pais, não ter vida em família, foi a situação depois a minha mãe desprezar-me entre aspas para se dar bem com o meu padrasto. A minha avó presenciou isso tudo e então eu era a menina querida dela. Para já era a neta mais velha...o meu avô também</p>

	sempre tivemos um bom relacionamento, sempre me ajudou muito, sempre me apoiou (...) sempre pude contar com eles.”
Entrevista 4	“Ela dizia para eu ser como ela para trabalhar (...). E ela dizia sempre que era bom que eu fosse uma boa trabalhadora. Nunca falou de ser isto ou aquilo de ser uma enfermeira ou uma médica não, nunca falou nada disso nem ela nem o meu avô. Ter trabalho e saúde e assim...”
Entrevista 5	“Pensava ser enfermeiro, era o que queria ser, tanto que eu procurei para trabalhar no hospital (...) eu quando era mais novo eu ia visitar os doentes (...). Eu ia à visita todos os dias e ia falar com os doentes, perguntar como é que eles estavam (...), às até ajudava a ir à casa de banho (...).” “Nada, nada. Penso que da minha parte que eles não queriam que eu fosse nada ...” “Não, não, não. Para já numa tiveram essa conversa com nenhum dos filhos, o que é que eles queriam ser o que é que não queriam ser, nunca tiveram ... isso nunca entrou dentro dessa barraca (...).”
Entrevista 6	(...) só o único trauma que eles tiveram principalmente o meu pai foi ter casado tão cedo, (...) portanto a coisa era ajudar os meus pais e ao casar cedo deixei de ajudar praticamente às vezes eu é que os tinha de ajudar ... (...) eu não me precipitei fui obrigado a precipitar.” “Aquilo que eu quisesse, eu queria era ser mecânico.”
Entrevista 7	“Pelo meu pai para ser sincero (...) o meu pai nunca me disse “ <i>não estudes não porque quando fores mais velho vai fazer falta</i> ”, agora pela minha mãe (...) sempre disse, sempre, sempre...” A minha mãe sempre me disse a mim, (...) e aos meus irmão não é, “ <i>olha toda a profissão que tu escolheres é bom, desde que ganhes o teu dinheirinho e fazes a tua vida conforme tu quiseres (...).</i> ”

Origem e Trajetória Familiar: Fase Adulta

Relação conjugal

Entrevista 1	“Aluguei casa, fui viver com o namorado (...).”
--------------	---

	<p>“(...) vivi com ele até ter o acidente e ainda um tempo depois de ter o acidente, depois é que as coisas terminaram.”</p> <p>“Éramos opostos completamente. Éramos muito diferentes (...) não posso dizer que era aquela coisa... vivíamos dávamo-nos bem, não discutíamos ele trabalhava eu também, eu é que orientava as coisas porque ele já não era assim tão orientado. Não houve decisões, as coisas foram correndo.”</p> <p>“(...) quando nós mudamos para lá as coisas mudaram completamente, ele começou a beber, bebia muito e saía muito com os amigos e isso, mas também eu já tinha outra maturidade e já não me importava assim tanto. (...) Eu não posso dizer que nos dávamos muito bem e que nós... mas não nos dávamos mal, não brigávamos apenas tínhamos ideias diferentes e às vezes não as discutíamos muito cada um estava no seu canto ele tinha os amigos dele eu tinha os meus e dávamo-nos bem. Quando tínhamos de fazer coisas em conjunto fazíamos, íamos aqui e acolá, íamos à praia (...).”</p> <p>“(...) nós vamo-nos habituando e eu nem sequer me queixava disso também era-me indiferente. (...) Se calhar o que me faltava a mim às vezes era, alguém com quem eu falasse, mas o tempo também me ensinou que também não valia a pena falar com ele porque aí entrava-lhe a 100 e saia-lhe a 200 e ele não entendia.”</p> <p>“O importante era a minha filha até porque eu não lhe ia fazer a ela aquilo que me fizeram a mim que era os pais separarem-se, portanto eu não me importava. Eu não era infeliz, mas... (...).”</p> <p>“(...) ainda estivemos a viver aqui um ano e tal, mas... não continuava igual eu depois também achei que tinha que ... eu estar com ele também passava mais por eu ter a minha filha, eu perdi a minha filha no acidente eu não tinha que estar a sujeitar-me mais àquilo. (...) Eu achei que era altura de eu gostar um bocadinho de mim.”</p>
Entrevista 2	<p>“(...) arranjei namoro com este com ele... saí (...) mas valia mais nunca casar não é.”</p>
Entrevista 3	<p>“(...) entretanto com 16 anos juntei-me com o pai da minha filha (...) Fugi para casa dele que já estava saturada daquela situação da minha mãe estar-me a prejudicar a mim, para se dar bem com o meu padrasto e isso foi em Março de 84 quando eu fugi para me juntar com ele.”</p> <p>“(...) como deixei de estudar e juntei-me logo com o pai da minha filha eu queria era constituir família, arranjar um trabalho, arranjar um negócio e seguir com a minha vida em frente. Fiz isso, só que depois tenho tanta sorte ou tanto azar que o A gostava tanto de mim que eu não podia sair de casa sozinha. Eu tenho esse problema com os homens, não sei porquê.”</p> <p>“(...) o A foi uma coisa doentia, um amor doentio que eu tive na altura. (...) a única alteração que houve foi o ter um companheiro e o de ficar grávida. Porque responsabilidade de arrumar casas, fazer comer e tomar conta das coisas, isso eu já ia habituada.”</p>

“(…) a única coisa que eu me recordo e que começou a correr mal é eu saí daqui porque não estava bem aqui em casa com a família... queria ser... não era liberdade era ter mais espaço e vida para mim própria e lá acabei por ficar prisioneira do amor como eu costumo dizer. Porque também não podia falar com A, não podia sair para aqui não podia ter amigos, não podia ter nada só podia sair com ele.”

“(…) tive várias separações do A, porque depois o A bebia depois batia-me, depois era do género de eu estar deitada na cama ele chegar às três, quatro da manhã puxar por mim pelos cabelos e andar de rojo comigo pela rua. Era uma gritaria lá... por nada, por nada simplesmente porque está bêbedo (...). Mas isso acontecia muitas vezes, chegar ao ponto de ele tirar tudo para a rua, partir os móveis, partir tudo (...) era uma bocado conflituoso, mas eu gostava muito dele.”

“(…) separamo-nos tinha a minha filha a primeira vez, (...) três anos, aí estava farta de levar (...) ele batia-me fazia-me aquilo tudo e no fim agarrava-se a mim a chorar. Pronto o problema dos homens é mesmo assim... bêbados, é o problema que não quer fazer isto ou aquilo... separei-me a primeira vez (...), depois dei-lhe mais uma oportunidade e ele diz que ia mudar, que ia arranjar um trabalho que a vida ia mudar.”

“Tivemos 14 anos, houve duas ou três separações e separei-me porque houve uma altura em que a minha filha já me dizia assim “*Oh mãezinha vai-te embora senão ele mata-te*”(…)”

“Depois na altura vim para aqui. (...) Na altura mais para o pé da minha avó, mas estava a morar na casa da minha mãe. Entretanto a minha filha já estava com um relacionamento com o namorado, depois com 16 anos juntou-se com o namorado e estiveram a viver aqui um tempinho aqui em casa.”

“(…) fui posta assim na rua. Mandou-me assim a roupa toda, mete tudo dentro dos sacos do lixo e manda pela janela fora. (...) aí fui para casa de um colega da minha filha, também lá para os meios dos matos, nuns barracões quaisquer porque não tinha para onde ir e tive aí. (...) E foi um altura complicada e foi nessa altura que eu conheci o pai deles.”

“É assim, eu com ele nunca foi amor, ou seja o LJ tinha dificuldade também em demonstrar os sentimentos que tinha. Não havia carinhos, não havia afetos não havia nada. E o que nos levou a estarmos mais juntos e mais próximos e chegarmos onde chegámos foi eu ser uma boa ouvinte e compreender aquilo que ele dizia e ele entender-me a mim e eu entendê-lo a ele. Até que a gente começou-se a envolver, é assim ele ajudou-me a sair do mundo da droga, ele apoiou-me muito (...) e eu cheguei a um ponto que eu já não sabia se era amor, se era amizade mas cheguei à conclusão que era mais gratidão e depois era assim... eu via nele alguém que me protegia que me ajudava, alguém que me apoiava talvez o pai que eu nunca tivesse (...) eu não posso dizer que é amor, porque não é eu não sinto aquele amor por ele, gosto dele, preocupo-me com ele tudo, mas não há aquele sentimento que eu digo que é amor, que é paixão, nada.”

“(…) nunca vivemos juntos, nunca, nunca, nunca. Ele tem mulher ele vive com a mulher.”

	<p>“(…) sofri muito com tiros e facadas e catanas e essas coisas assim. (...) Cortou-me o cabelo com a machada... pois... (...). Embora fosse proibido de entrar aqui, já teve uma altura, uns anitos que não veio aqui dentro precisamente por causa de beber e de bater no meu avô e de partir tudo com o trator (...) mas agora anda mais calminho, chegou-me a bater muitas vezes cheguei a chamar a GNR, e a GNR o que fazia era dizia assim <i>“Oh Sr. L deite-se aí debaixo do trator e quando estiver mais bem disposto vá para casa”</i> e eu cheia de sangue e com marcas de levar porrada e tudo e nada... Cheguei a fazer queixa dele em tribunal (filho: <i>“Eles têm medo do pai!”</i>) mas depois não ia com elas avante porque ia sempre naquela dar mais uma oportunidade mas, agora sei que ele se embebeda, está e proibido de vir aqui está proibido de telefonar para mim, que eu proibi-o quando estivesse bêbado, embora ele agora ultimamente já por duas ou três vezes às duas da manhã telefona. E uma das vezes foi apanhado aqui, estava perdido de bêbado, estava aqui ao portão e ficou sem a carta e ainda hoje está sem a carta de castigo.”</p> <p>“(…) não o deixo estar sozinho com os meus filhos, porque é assim ele é muito manipulador e os miúdos quando estão com ele têm medo de falar tanto que (...) eu digo assim <i>“Oh J porque é que não falaste a verdade ao pai?”</i> <i>“Porque o pai se calhar ia ralar e então eu digo aquilo que ele quer”</i>, entram no jogo e os miúdos às vezes ficam hesitantes porque quando ele pergunta, ele com a pergunta dá logo a resposta. (...) os miúdos ficam mesmo stressados.”</p> <p>“Ele é presente, houve uma altura que toda a gente pensava que eu é que era a mulher dele porque ele nunca foi visto com a mulher em parte alguma ele ia comigo para todo o lado (...) até a mulher descobrir (...). Portanto ele em casa diz que não tem mais nada, comigo que não dá ajuda aos miúdos, que não quer saber dos miúdos para nada, em casa diz isso.”</p> <p>“Ele diz coisas é que nem imaginas eu preferia levar três ou quatro pontapés ou murros do que ouvir certas coisas que ele diz e depois é repisador ele está sempre a bater no mesmo. (...) Com ele só ou ele acaba comigo ou ele morre ou morro eu...”</p> <p>Sempre foi assim, tanto que ele <i>“se eu acabar contigo alguma vez vocês esqueçam todos que eu existo”</i> e eu digo <i>“Se acabas comigo os teus filhos não têm nada a ver com isso”</i> <i>“Não, Não. Acabou tudo, acabou tudo”</i> depois é isso que eu evito e vou aguentando, aguentando, porque é assim eu podia descartar-me e havia de haver uma altura em que ele se saturava e como já se saturou só que depois ele nunca desliga, já tenho isso por experiência e depois ficou doente, parece que anda ali abismado que até a GNR veio ter comigo a dizer para eu lhe dar mais uma oportunidade.”</p> <p>“É que ele tem uma maneira de pensar assim um bocado retrograda.”</p>
Entrevista 4	<p>“Eu tive um namorado (...) ele era muito mais velho do que eu... eu nessa altura tinha 17 ele tinha 32. E engravidei dele só que depois e isso é que me custa, eu engravidei dele mas perdi o bebé, estava morto... (...). E eu depois deixei-o porque ele se não queria aquele filho também não me queria a mim...E depois passado um ano conheci o pai da minha filha, tivemos a nossa vida tive uma casa com ele... (...) fiquei logo grávida logo pouco tempo.”</p>

	<p>“Eu estava habituada com a minha mãe, que ela fizesse o comer e depois tive de ser eu a fazer tudo, com ele. Nós morávamos pertinho da minha mãe e continuava a ir comer à minha mãe. (...) Começámos bem... até descobrirmos que era uma menina depois começou a mudar que não queria uma menina, que queria um menino... Batia-me, e dava-me pontapés e chamava-me nomes também. (...) a minha mãe dizia assim “<i>Tu não tocas mais na minha filha, se tocares na minha filha mato-te</i>”. E eu, já começava a contar com a minha mãe porque contava tudo à minha mãe. (...) E depois quando a minha filha nasceu foi quando tudo mudou (...) começou-me a tratar mal e eu depois fui-me embora, quando a menina nasceu (...) vi-me embora mesmo, já estava farta dele e da maneira de ele me tratar, nunca dava nada...comprava nada para a menina ... nunca cheguei a ver um tostão dele, não sei o que é que ele fazia ao dinheiro que ele ganhava (...) na altura eu agarrei e vim-me embora. Tomei banho, enfiei as coisas para dentro da mala e vim-me embora. (...).”</p> <p>(segundo companheiro) “(...) ele disse que sempre era o destino que nos juntava e depois juntou-nos, foi à avó, a avó morreu e juntou a gente... Demos sempre, sempre bem desde que eu vim para cá até agora estamos quase há três anos, até agora demo-nos sempre bem. (...) Estivemos aqui um ano, voltámos para lá para eu estar ao pé da minha filha, porque eu estava sempre triste porque não estava ao pé dela (...) ele é uma loucura por ela, e tanto que ele já disse quando a gente morou lá e agora ele está sempre a perguntar...”<i>quando é que ela vem?</i>” (...).”</p>
Entrevista 5	<p>“Nunca tive assim uma relação (...) Nunca tive companheira (...). Quer dizer namorei com uma rapariga, veio agora à cabeça, namorei com uma rapariga que (...) veio sempre cá esteve cá em casa da minha irmã... (...). Mas a rapariga não foi assim para casar, estava em princípios de namoro (...). Primeiro deu-se com as minhas irmãs vinha cá passar a festa para ver a maneira do barco ver como é que o barco calhava, encalhou logo ao fim de uma semana. Encalhou logo oh, ao fim de oito dias depois eu bati-lhe né, bati-lhe que ela mereceu ...”</p> <p>“Os homens aqui já andavam parece que não podem ver uma mulher desconhecida não é, já é uma, já é uma é mais uma então é logo parecem ratos. Ela não se segurava, o mal dela era não se segurar, ela começava logo a falar com ele não é, e pumba era eu voltava as costas e ela pumba e eu tinha que andar sempre com um olho nela.”</p> <p>“(...) houve lá outra que tive lá em casa dela mas também era angolana dificuldades com os filhos, tinha dois filhos pequeninos, um bebé e já uma crescidinha, o marido largou-a e depois eu tinha pena das crianças pronto era assim... (...) Essa coisa da mulher viver, não ... fiquei muito chocado, foi um grande...essa parte dali. (...) Ela ao fim de um ano eu estava farto da angolana que mora lá nesses prédios também com essas duas crianças que agora está com um... depois eu vi-me embora não é, e quando lá voltei... é que eu às vezes estou a ir lá, quando lá voltei já tinha um homem de cor com ela, outro homem eu fiquei surpreendido (...).”</p>
Entrevista 6	<p>(20 anos) “Já era casado ... fui obrigado a casar. (...) eles obrigaram-me a casar com ela antes de ir para a tropa. Já sabiam que se eu fosse para a tropa nunca mais casava, eu queria era pirar não é. Fui obrigado por isso é que eu não fui ao Ultramar, porque já era casado (...) fui obrigado, foi a família dela que foi a tribunal. (...) na altura eu ia preso, preso pelo tribunal militar por isso eu quando saí da tropa eu dizia e as pessoas diziam que aquilo era mentira não é (...) é verdade naquele tempo era assim era obrigado a casar pelo tribunal. Tive que lá ir assinar, se eu não assinasse e fosse à tropa era</p>

	<p>preso.”</p> <p>“(…) viemos morar primeiro aqui em V onde a gente morava depois é que fomos para o T porque ela não quis aqui ficar queria uma casa própria só dela não queria estar a viver com os sogros (…) e depois fui alugar uma casa no T onde trabalhava e alugamos e depois ficámos ali …”</p> <p>“A diferença é muito grande como da noite para o dia, solteiro estava melhor a viver com os pais (…) em todos os aspetos desde que seja amigo dos pais, os pais sejam amigos e a ajudar mutuamente. Quando se casa (…) se for compatível que ajude tudo bem, mas quando não é …(…) relação nunca foi boa, era aquela mulher que casou só para me agarrar a gente até pode não se dar bem mas acabou és meu e de mais ninguém.”</p> <p>“(…) eu ainda não estou divorciado (...). Ela nunca foi de colaborar com nada nem com ninguém só vai ver de alguma coisa se lhe convir. (...)”</p> <p>“Com a J foi uma amizade e depois foi crescendo. Ela é totalmente diferente de algumas que eu conheci. (...). Em querer ajudar, tanto faz em trabalho, como em conversas, moral...muita coisa (...). A coisa foi andando, e chegou uma altura em que tínhamos de arranjar uma casa, um lar (...). Quando eu o conheci tinha oito ou nove anos. Onde a gente dormia ele estava com a gente, almoçava, jantava tomava o pequeno-almoço, depois deixou a escola trabalhou nos bombeiros, começou a trabalhar.”</p>
Entrevista 7	<p>“(…) 19 anos (...). Para casar. (...) e só voltei quando me divorciei, tive sete oito anos casado, não deu para mais porque fui traído (...). Foi complicado, foi complicado porque eu fui o primeiro a casar e eu não tinha conhecimento de certas ... não sabia como era eu via-me muitas vezes às aranhas, como é como não é, eu ao longo da vida fui aprendendo. (...) primeiro fui viver para casa da mãe dela, lá num quarto na casa da mãe dela depois fui para a avó dela e depois da avó dela fui para em frente de daí fui para a PR aí estragou-me a vida só me fez foi dividas depois daí fomos para L aí é que foi tudo mesmo... (...) abandonou-me três vezes, à quarta queria que eu fosse buscá-la e eu não fui buscá-la. É mesmo para esquecer.”</p> <p>“(…) depois eu namorei uma rapariga, correu mal depois namorei outra, correu mal depois já não foi namorar foi namorar e houve uma altura em que eu disse pronto já acabou. Depois vi que isto não era vida para mim fui ao norte lá conheci a B (...). A B contou-me logo tudo da vida dela, contou-me logo tudo, não foi logo ao principio não é mas contou o que fez, já tinha filhos já fiz muitas porcarias ao longo da minha vida e ela foi-me contando a pouco, e pouco e depois chegou a uma altura que ela me disse fiz isto, e eu disse também fiz isto... uma vez ela uma vez eu, ela lá tem os problemas dela não é. (...) Nós somos uma família (...)”</p>
Relação parental	
Entrevista 1	<p>“Assim que eu fiquei grávida as coisas mudaram (...) Quando fiquei grávida, nem sequer fiquei aflita porque, porque pensei logo: pronto as coisas vão ter de mudar e ela vem aí e eu vou ter de ... tive de trabalhar. Só achava que ela não tinha de passar pelas coisas que eu passei. (...) É a melhor sensação</p>

	<p>que uma mulher pode sentir eu acho que não há nada na vida que nos faça mais feliz. A primeira vez que eu vi a minha filha, sei lá é a melhor coisa que existe, não existe sensação nenhuma melhor no mundo. Não sei explicar, é algo que as palavras não são suficientes para explicar porque é uma coisa é um completar de tudo é... sou eu naquele bocado que está ali, naquele bebé.”</p> <p>“Além, do que a minha filha me trouxe foi alegria e não o contrário, o facto de poder construir algo, eu... tudo isso me dava motivação e não o contrário.”</p> <p>“A minha filha faleceu no acidente, o bebé (...) com o embate acabou por morrer.”</p>
Entrevista 2	<p>“Tive três (filhos). (...) O menino que era o mais velho morreu e a mais nova está aqui em Q e a mais velha está em R (...) elas não fazem caso de mim. Naturalmente é por não serem habituadas comigo ou assim. (...) à uma não tinha posses para as criar e a outra é o pai que é assim. (...) Então eu não tinha posses valia mais nunca ter nenhuns.”</p>
Entrevista 3	<p>“Eu tenho, mas não sei pronto, não sei explicar... (...) Vejo aqueles pais a abraçarem os filhos e a darem beijinhos e não sei o quê, eu todos os dias dou um beijinho de boa-noite aos meus filhos quando vou à cama (...). Mas pronto eu tento dar carinho, e tento compensar o pai que não está cá, e tento compensar a irmã que têm pouco relacionamento, porque ela tem a vida dela, mora longe e eu não posso lá ir, e ela também não pode vir cá as vezes que quer e é assim (...)</p> <p>(relação à primeira filha) “(...) recordo-me que foi uma sensação, é uma sensação única. (...) Foi sempre e era mais à base de... não era tanto, mãe e filha era mais de amizade, ainda hoje. (...) Pois eram 16 anos ainda hoje é mais uma relação de amizade e recordo-me dela ... ela gostava que eu fosse com ela às festas de anos das colegas (...).”</p> <p>(relação com os filhos) “Hoje já tenho o problema no inverso (...) era uma gravidez de risco, porque já tinha os antecedentes que tinha, porque já tinha a idade que tinha... (...) e ele ficou todo feliz da vida. (...) Foi uma gravidez muito complicada, porque eles aos cinco meses queriam sair, aos seis meses estive sempre quase a ser internada fazia dilatação e tudo até que aos sete nasceram. (...)”</p>
Entrevista 4	<p>(1º filho) “Fiquei contente.”</p> <p>(2º filho) “Ele teve medo (...) eu não me preocupava achava que íamos ter tudo, ele tinha medo, eu estava tranquila e ele sempre...tinha sempre aquela coisa (...) mas não lhe vai faltar nada e ele tinha sempre medo... <i>“Como isto está será que não vai faltar nada a ele?”</i> <i>“Se Deus quiser não.”</i> (...) Ele ficou assim muito não sei o quê, ficou super contente.”</p>

Entrevista 5	
Entrevista 6	“Vejo, quando ela vem a Q, chego a ir a V casa dela, às vezes telefono e ela nunca atende o telefone. (...) Às vezes eu digo “ <i>Oh C!</i> ”, e ela diz “ <i>Ó pai quando for alguma coisa séria, eu apareço</i> ”, mas há sempre aquela preocupação, aquele cuidado, é minha filha por amor de Deus. E depois a U é uma reguila que apareceu aqui e que não estava no programa...”
Entrevista 7	“Tivemos dois. Uma rapariga que está para fazer 17 anos que é a I e tenho o O, da parte da minha ex-mulher (...) A minha ex-mulher estava com prolemas psicológicos e tive de assinar um termo e entregá-la à minha cunhada que é madrinha dela e ao meu ex-cunhado criarem a minha filha até eu ter possibilidades. (...) Tive muito tempo que não a via porque depois a minha ex-cunhada não me deixava ver a miúda (...)” (a ex-mulher) “(...) ela pôs o menino num centro de acolhimento, num lar. E eu fui a tribunal e fui buscá-lo. (...) Eu quando fui buscá-lo a gente chegava a casa e punha a mesa para almoçar ou para jantar bastava dizer “ <i>O come</i> ” ele olhava para mim com medo... o miúdo ficou... Agora, agora é um reguila...”
Situação Profissional/ face ao emprego/trabalho	
Entrevista 1	“Eu saí do colégio para ir trabalhar, porque comecei a trabalhar na loja de fotografias (...). Aquilo trazia-me uma liberdade diferente, ter o meu dinheiro.” “(...) a minha filha nasceu em Julho e eu em Setembro já estava a trabalhar, nas campanhas das vindimas (...)” “Eu trabalhava num supermercado (...) gostava muito daquilo que fazia (...) não me sentia pouco realizada pelo facto de ter deixado a escola, não pelo contrário eu gostava muito do que fazia.”
Entrevista 2	“No campo e assim, em fábricas nunca trabalhei em fábricas... andei no tomate e assim , mas em fábricas nunca trabalhei porque não sabia ler.” “Eu não tenho trabalho, se eu tivesse trabalho, eu ia trabalhar ... não tenho.”
Entrevista 3	“Eu gosto de trabalho... de coisas que eu me mexa não é de escrever nem a tomar notas, nem a receber telefonemas, isso para mim era um trabalho que não... ainda hoje é de coisas que... trabalhos pesados coisas duras, que ande para trás e para a frente que me mexa.” “Consegui abrir um negócio na altura, tinha o problema de eu ter de estar lá a trabalhar e o A ia para as festas e para as discotecas e não sei o quê,

	<p>depois se chegasse lá e visse alguém a falar mais tempo comigo, saía assim disparado pela porta fora, a pessoa não era ele que ele mandava-os todos para fora.”</p> <p>“(…) continuava sempre eu a levantar-me cedo e ir trabalhar para o campo.”</p> <p>“(…) andava a trabalhar depois nas obras (…)”</p> <p>“Não trabalho porque não tenho. Mas sempre trabalhei, nunca tive medo de trabalhar, seja trabalho limpo seja trabalho coiso, sempre trabalhei é preciso é haver.”</p>
Entrevista 4	“Nunca trabalhei, só ele. Ele é que trabalha. Aqui já não consegui arranjar nada, isto está tão mau que nem sei...”
Entrevista 5	“(…) eu acartei água (…) que dantes não havia agua canalizada e vinha aqui a esta fonte ganhava 5 tostões em cada quarta, cinco tostões, para ter para gastar para o domingo ...”
Entrevista 6	“(…) fui tirar o curso de mecânica de ... e de eletrodomésticos (..) ia por iniciativa era da firma porque vendíamos o gás e era preciso haver pessoal especializado para fazer reparações fogões, esquentadores, eletrodomésticos não é (...) depois sai de lá e fui para os bombeiros (...). Eu reformei-me aos 58 (...) por altura da reforma embora pudesse ficar lá mais embora (...). Gostava muito mesmo, adorava, adorava a profissão de bombeiro. Embora fosse uma profissão de risco (...). Na altura em que saí de lá estava na parte do comando (...) eu era o adjunto estava lá a tempo inteiro (...).”
Entrevista 7	<p>“(…) fui para bombeiro (...) 22 anos (...) porque estava nos bombeiros e depois pedi transferência para a V, já estava farto daquilo eu vi tanta coisa, eu sei lá, mortos feridos, cérebros abertos, miolos no chão, entrei e stress pronto ... (...) mas estou arrependido, estou arrependido, mas estava tão farto daquilo eu pedi “<i>eu vu desaparecer por uns tempos</i>” e disseram-me “<i>não, não pode sair daqui</i>” (...) e eu pensei só tenho uma solução é fazer porcaria, foi aquilo que me ocorreu pela cabeça, foi aquilo que eu fiz... estou arrependido a sério (...). E depois mandaram-me embora (...).</p> <p>“(…) passei-me completamente, estava tão farto, veja lá estava tão farto que não ... (...) eu sonhava com tudo. (...) e isso para mim foi uma morte (...) um apoio psicológico, um medicamento qualquer coisa mas não, eu hoje presentemente de vez em quando ainda sonho.”</p> <p>“Como isto também está muito maus de trabalho, eu também tenho alguns trabalhos feitos e não me pagam...”</p>
Relação com amigos/ vizinhos	

Entrevista 1	<p>“Entretanto o meu irmão veio morar para aqui, mais a minha cunhada porque eles não tinham casa e eu precisava de alguém (...) e assim eles ajudam-me e eu ajudo-os. Eles pagam a renda eu vou tomando conta dos miúdos.”</p> <p>“(...) o pior do acidente para cá foi eu saber que tenho dez irmãos, mas sabia que se eu um dia precisasse de alguém que não tinha ninguém.”</p> <p>“(...) desde que tive o acidente, posso alcançar muito pouco porque posso fazer muito pouco, o que me deixa a mim (...) não ficar tão sem motivação é as minhas sobrinhas, porque eu é que oriento a casa, eu tenho de tomar atenção por exemplo a que horas é que elas saem, a que horas é que elas vêm depois da escola porque senão ninguém toma. (...) Mas isso ao mesmo tempo, o facto de eu ter de estar preocupada com eles de lhes estar a ensinar, (...) isso também me motivou e era um objetivo (...) por exemplo eu não vou à escola mas sou eu que ligo para saber como é que elas se andam a portar.”</p> <p>“(...) eu faço o papel da má, mas também sou a maior amiga delas. Eu por exemplo, do pouco que tenho ainda as mando cortar o cabelo, no Natal ninguém lhes deu nada mas eu comprei umas calças para elas, percebe, é essas coisas assim, então ao mesmo tempo que eu faço o papel de má eu também sei que tem de se dar algo em troca, porque é mesmo assim.”</p>
Entrevista 2	
Entrevista 3	<p>“Aqui, não há vizinhos. (...) Mas eu falo bem com toda a gente, eu mesmo as pessoas lá de baixo é tudo vizinhas.”</p> <p>Faço assim amizade com muita (...) facilidade. Toda a gente gosta de mim. E depois é assim tenho uma maneira de ser que ... nem sei explicar, e depois é, dou muito de mim e sofro muito pelos outros. Tenho esse problema, tenho esse problema (...) porque depois está-me a consumir e estou preocupada em resolver as situações que as pessoas estão a viver e tenho de fazer alguma coisa para as ajudar e sofro muito pelos outros.”</p>
Entrevista 4	<p>“Eu sou muito fechada (...), tenho aqui uma vizinha ou outra mas são mais velhos que eu (...) vou á casa dela, ela não vem aqui por causa do menino... mas não tenho amigos da minha idade nem lá nem cá, nunca me dei com ninguém, só com pessoas mais velhas e namorados mais velhos, sempre, sempre.”</p> <p>“É boa. Se precisar de alguma coisa vou simplesmente ali à BN que ela ajuda-me.”</p>
Entrevista 5	<p>“Amigos tenho, tenho amigos às vezes não faço mais amigos porque às vezes a gente vale mais poucos que muitos (...) Para mim chega-me a amizade que eu tenho, chega e as pessoas são todas ... vizinhas (...). Já conheço aquela rapariga de pequenino eu fui comer a casa da mãe dela na escola, (...) porque era sempre ao recreio, nasceu aquela menina foi uma amizade é a única também não é, depois foi a mãe dela, depois o pai continuei na mesma</p>

	primeiro era a avó depois a mãe (...) e então aquela menina foi criada num berço de ouro, foi criada lá, mas foi criada com a pobreza (...).”
Entrevista 6	
Entrevista 7	
Relação com o Serviço de Apoio Alimentar	
Fatores que contribuíram, para recorrer ao serviço	
Entrevista 1	<p>“(...) entretanto eu pedi uma cadeira de rodas quando saí de Alcoitão à Dra. (...) que me deu pela Segurança Social, pelas ajudas técnicas. Entretanto eu precisava das baterias (...) e pedi (...) liguei para elas para pedir as baterias e elas logo no outro dia (...) ligou-me a dizer que sim. E eu fiquei “Ah!”. Nunca ninguém tinha sido assim. (...) na altura eu fiquei assim ao mesmo tempo “isto não pode ser a sério”. No outro dia já estava cá a Sra. e a Dona. aqui em casa, vieram falar comigo. Eu liguei logo à minha cunhada a dizer “Não estás bem a ver, elas viram aqui”. Elas virem e entrarem na minha vida foi mesmo eu poder ficar descansada nesse sentido, porque sempre que tenho um problema ou preciso de qualquer coisa elas estão lá é aquela família.”</p> <p>(a entidade) “são tipo o meu porto de abrigo porque eu sei, mesmo quando eu não falo com elas ou quando não estou a pedir preciso assim disto ou daquilo, eu sei que elas estão lá e isso dá-me uma segurança muito grande.”</p>
Entrevista 2	“Porque o meu ordenado é pouco (...) comprava as coisas com o meu ordenado, mas é pouco... não dá para duas pessoas comerem.”
Entrevista 3	<p>“Nunca deixei de ter. É um apoio mensal na minha vida, só não é quando recebo os alimentos lá da JF é que aí não é.”</p> <p>“É curioso eu não fiz nada, foi alguém uma senhora que é daqui do OP (...) que foi logo no início do Banco Alimentar, ela sabia da minha situação e da minha dificuldades que eu tinha e que vivia sozinha com os miúdos e que não tinha trabalho e isso assim e ela é que me trouxe o papel da inscrição e eu inscrevi-me.”</p>
Entrevista 4	“(...) uma senhora que me falou (...) de que eu não tinha os alimentos ... tinha da BV e ela falou com a MN e ela ligou-me para o telefone e disse “Olha é neste dia e traga um saquinho”. Fui lá, levei o meu BI, o saquinho, (...) e assim foi eu recebi.”

Entrevista 5	<p>“Levou-me a pedir apoio porque precisava, não tinha comida não é, não tinha hipótese de comprar e como é que eu há-de dizer para evitar de andar a pedir mais às pessoas não é, embora que é claro que as pessoas sabem que eu preciso e vêm-me dar.”</p> <p>(...) Aqui de A foi há pouco tempo (...), começou há pouco tempo foi aqui há um ano e pouco. Porque eu antigamente íamos buscar à igreja (...) e depois isso acabou, depois continuei na CVP era no tempo da CVP não é, agora é com a Assistente Social (...) eu precisava mesmo não tinha hipótese não podia pedir a assistência à minha família (...) porque elas também não podiam têm a vida delas embora que elas me ajudem ainda hoje não é dão um bocadinho de comer, ou dão isto ou dão-me aqui mas eu também ajudo em qualquer coisa lá em casa.”</p> <p>“Pensava que era pobre e andava a pedir.”</p>
Entrevista 6	<p>“Aqui não sei porque foi a L é que tratou disso, não sei se foi no ATL ou na igreja... (...) ela estava sem trabalho nessa altura e havia a M e ela disse <i>“Então e achas que vão atribuir?”</i> <i>“Então porque não estão a atribuir a pessoas que têm uma reforma melhor do que a tua e isto e aquilo”</i> então a gente recebemos e agradece.</p>
Entrevista 7	<p>“(...) eu vi que a minha vida estava a andar para trás, não tinha dinheiro para nada, e eu tinha os meus filhos como tenho (...) e acho que os miúdos não têm culpa disso e eu custou-me muito a sério que custou-me muito, eu nunca me vi a assim.”</p>
<p>Expectativas e sentimentos em relação ao apoio</p>	
Entrevista 1	<p>“Eu nem sequer esperei, eu achei que devia ligar outra vez para conversarmos para eu explicar o que realmente era (...) elas estavam logo prontas <i>“nós vamos ajudar”</i>. Eu fiquei... sei lá! Fiquei tipo... foi algum anjo que caiu porque como é que... porque normalmente ... e eu acho bem, a pessoa precisa de saber o porquê de estar a pedir o porque é que precisa. Eu quando lhe falei que era para a minha cadeira porque eu não tinha... a cadeira não tinha baterias e eu precisava dela, elas disseram-me logo que sim, eu fiquei... eu disse logo à minha cunhada <i>“eu não acredito eu liguei”</i> e ela disse-me <i>“ah ainda bem”</i>. Elas foram mesmo muito minhas amigas.”</p>
Entrevista 2	<p>“Aqui dão muita poucachinhas coisa (...) não tive vergonha, mandaram-me lá ir e eu fui (...). Não tive vergonha porque eu dava-me bem com ela”</p>
Entrevista 3	<p>“Eu na altura senti uma alegria tão grande, até chorei porque acho que não tinha arroz... não sei, sei que não tinha qualquer coisa e naquele cestozinho, embora fosse pouca coisa na altura, a mim soube-me tão bem como as vezes sabe quando vem um pacotinho de leite sabe tão bem, tão bem.”</p>

	<p>“Eu tinha vergonha era eu estar a precisar, os meus filhos estarem com fome e eu dizer não, não quero. Isso é que eu tinha vergonha, assim não tenho...”</p> <p>(Filho) “Eu tenho vergonha. (...) depois pensam que nós somos pobrezinhos e depois não sei o quê (...)E depois gozam.”</p>
Entrevista 4	<p>“(...) quando vou ali, fico toda contente, quando ela me dá coisas para o M é uma grande ajuda e está sempre a perguntar se eu quero alguma coisa, e as coisas que elas me dão põem dentro do saco e pergunta “<i>Quer mais alguma coisa, quer mais alguma coisa?</i>”</p> <p>(1º vez) “ (...) estava envergonhada, estava com vergonha, estava com vergonha, porque é que a gente vai ali buscar as coisas temos aquela coisa, né? Agora tenho de lá estar ... Senti vergonha mas por outro lado, sinto que me estão a ajudar e preciso e fiquei contente porque estão a ajudar e estão sempre a perguntar se é preciso alguma coisa...”</p>
Entrevista 5	<p>“Senti-me melhor, senti-me melhor pronto mas pronto normal. Quer dizer, não é normal não é senti-me um bocadinho melhor porque as pessoas estavam-me a dar não é. Ora a gente sente-se um bocadinho melhor uma vez que a gente não tem e depois começamos a ter a gente sente-se mais aliviado, não é.”</p> <p>“A primeira vez que eu fui à igreja.”</p> <p>“(...) eu acho que isto da praça pertence à igreja porque (...) está tudo pessoas que fazem da igreja, por isso a gente aqui não sou só eu a gente aqui não estamos a perceber se é da parte da Assistente Social, mas como estão a dar pessoas da igreja a gente pensa que é da igreja. Mas dantes era mesmo na igreja.”</p> <p>“Senti-me contente, sim porque nessa altura então não havia mesmo nada da Assistente Social, não havia Assistentes Sociais era só a igreja, e então quando a gente eramos... não era por carta... (...) Para aí 22 anos. (...) Não era por carta elas, as senhoras a gente chamava senhoras e chamemos senhoras não é, mas agora já não é tão ligado às senhoras e dantes era tudo senhoras, e então a gente ia a passar e a senhora dizia “<i>Olha amanhã vais à igreja</i>”. Não era por carta não era por escritos (...). Agora é tudo por carta. Dantes não dantes a gente a senhora ou dava recado a outra pessoa que lá ia buscar também, que se me visse para me dar o recado a mim porque já lá estava os sacos preparados. Não era com nomes não era com nada, era assim aqueles dois saquinhos que a gente ia todos contentes a correr para ver, a ver o que é que tinha...”</p>
Entrevista 6	<p>“O que é que eu senti, (...) vejo que é uma maneira das pessoas não passarem, taparem mais um bocadinho a miséria que há em Portugal, as pessoas são obrigadas a recorrer a isto parece-me bem, não é mal nenhum e acho que uma ajudinha a cada um ajuda.”</p> <p>“(...) um bocadinho revoltado não é (...) porque me senti obrigado pelas circunstâncias embora, não há muito, não há abundância não se passa fome mas</p>

	é um bocadinho frustrante (...) as pessoas não deviam ter essas ajudas porque deviam ter um estado a garantir... é frustração por isso.”
Entrevista 7	“A primeira vez que cá vim, pensava e penso quem me viu e quem me vê, podia ter tudo ou quase tudo e ando aqui a tirar aquilo que os outros merecem mais, eu penso assim tenho braços para trabalhar pernas para andar eu tenho tudo, só me falta trabalho e o dinheiro e há muitas pessoas que são doentes que precisam mais e eu ando aqui a tirar o bocado que seria para eles. (...) Doí-me o coração eu a saber que tenho braços para trabalhar, pernas para andar e fazer tudo e mais alguma coisa e não consigo fazer nada.”
Relação entre as expectativas e a realidade	
Entrevista 1	<p>“(…) as senhoras davam-me o arroz e a massa e essas coisas assim, e ainda hoje me dão. Sim, é suficiente é muito bom saber... porque depois começa-se a contar com aquilo percebe? Começa a fazer parte... (...) podemos contar com aquilo por isso, vai comprar peixe carne porque aquelas coisas já tens: o azeite a massa e essas coisas assim.”</p> <p>“(…) até nem estava a fazer conta com nada. (...) só com as baterias, elas é que acharam que podiam ajudar dessa maneira e para nós foi muito bom, porque como estava a dizer as coisas eram complicadas, mas foi bom claro!”</p> <p>“(…) nós vivemos com o dinheiro que o meu irmão recebe do desemprego. Portanto se ele tiver para pagar a água, luz o que já é mesmo resvés, se ele tivesse de comprar estas coisas que nos são dadas (...) então era muito, mas mesmo muito mais complicado. (...) Tudo o que me dão (...) ajudam-me imenso, não há palavras que descrevam aquilo que elas fazem e já não estou a falar das coisas que elas me dão materiais... comida... já nem estou a falar nisso. O descanso que elas me dão de eu não estar preocupada com o amanhã, faz com que eu consiga viver de outra maneira. Eu não tinha cama, esta cama (...) foi o Sr. Bispo que disse para me darem, mas foram elas que trataram. Desde que as conheci... eu não tinha computador, para mim era impensável algum dia mexer no computador foi o filho da dona (...) que descobriu que havia (empresa), (...) e eu hoje posso mexer num computador, portanto elas só me vieram trazer coisas boas e mesmo que elas não me tivessem dado nada disso, que elas não me dessem os alimentos... só o facto de eu quando estou mais em baixo ou ... saber que tenho ali aquelas pessoas, já é muito mais do que aquilo que possa imaginar.”</p>
Entrevista 2	“Estava à espera que viesse um bocadinho mais, mas só me deram aquilo tive de trazer aquilo que me deram. (...) Se me dessem mais algumas coisitas agradecia, mas não me deram.”
Entrevista 3	“(…) quem precisa, precisa sempre, neste caso é uma situação em que vivo sozinha, não tenho trabalho. Trabalho fixo já não tenho para aí há quatro ou cinco anos, se aparecer uma hora ou outra faço. Portanto, quem precisa na minha situação precisa sempre.”

	<p>“Não estava à espera que fosse tanta coisa (...). Estava só a fazer conta que viesse uma coisita assim e então quando veio um sumo da Compal, veio atum, salsichas e houve um ano que no Natal veio um cabaz tão recheado que trazia bacalhau trazia couves, trazia azeite, trazia tudo que eu digo assim “<i>Meu Deus saiu-me o totoloto</i>”.</p> <p>“(…) é sempre bem vindo e parece que vem sempre nas alturas certas. Calha mesmo bem. Sabe tão bem.”</p>
Entrevista 4	<p>“Eu achava que ia receber menos, mas não há dias em que me mandam mais.”</p>
Entrevista 5	<p>“(…) hoje já não, eu hoje já vou buscar a alimentação chego aqui meto o saco em cima e logo ou depois é que vou tirar.”</p> <p>“Não tenho já aquela coisa que tinha antigamente parece que antigamente as coisas eram diferentes a gente tinha mais aquele carinho àquilo que davam e a gente ia logo ver o que era, tínhamos aquela ansiedade de ver o que era. Hoje a gente já sabe mais ou menos o que é já não vamos ver o que é que lá está no mesmo dia não é. Eu chego aqui com a alimentação meto aqui, lá para a noite ou à tarde é que eu vou ver e antigamente não. (...) Dantes quando eu era mais novo davam um pacote de arroz, esse pacote de arroz para a gente era como se fosse um saco cheio de alimentos é a isso que eu quero chegar. Um quilo de açúcar era uma festa, aquilo era uma festa (...) hoje o açúcar é muito barato já não é aquela coisa que a gente tem que ... um açúcar é um quilo de açúcar e antes não era uma coisa muito diferente (...), a gente agarrar e irmos com o açúcar... mesmo que dessem só um pacote de massa a gente ficava contentes aquele pacote de massa a gente fazia, comíamos com satisfação... (...)”</p> <p>“(…) as senhoras chamavam à atenção porque a Assistente Social estava a dar e que a gente escusava de andar a pedir, uma vez que a gente tem apoio da Assistente Social não é. Eu pus na cabeça, como tinha apoio da alimentação e desta pensãozita do dinheiro evitar mais andar a pedir às pessoas.”</p> <p>“(…) estamos sempre à espera de receber mais e aquilo que a gente recebe não é, tudo faz falta em casa não é? Certas coisas que faz falta não vêm, (...) como o azeite óleo ... carne.”</p>
Entrevista 6	<p>“Qualquer ajuda, tudo o que vem é ajuda, seja o que for, para mim tudo o que dão é ajuda (...). A gente recebe aquilo que nos dão assim como há muitos que mandava fora despejava para o lixo e mandavam fora, despejava aqui para o rio também há aquela pessoa que não tem nada, e que a gente pode não precisar muito que damos e que agradecem ... já estou a dizer que a gente reparte com alguém que precise, porque às vezes pode acabar por se estragar damos... agora mandar para o contentor do lixo ou para o regueiro não.”</p>
Entrevista 7	<p>“(…) vou buscar alimentos a O pergunta-me o que é que faz falta lá em casa, se você me perguntar a mim, você deve pensar que eu vou lá ao móvel ver, eu não vou, eu não vou, e eu digo assim “<i>Oh P é melhor seres tu a tratar disso porque...</i>” (...) ligo para a R e passo o telefone à D.(…) É assim eu</p>

	<p>aqui (...) não tenho razão de queixa de nada, aliás aquilo que tenho hoje, presentemente posso-lhes agradecer a elas, tanto faz alimentos, tudo, tudo, tudo. Posso-lhes agradecer a elas (...). Para mim é muito, aquilo que vem é sempre ganho é sempre uma grande ajuda.”</p>
<p>Funcionamento do Serviço</p>	
Entrevista 1	<p>“Eu gostei muito delas (...) sei lá havia de haver muitas mães assim, porque ela não julga as pessoas ela mesmo quando diz as coisas, ela diz de uma forma carinhosa, quando elas aqui vieram elas vieram trazer-me aquilo que eu precisava, que era só <i>“olha podes estar descansada que nós vamos estar sempre aqui”</i>, às vezes não se precisa de nada, eu não preciso de dinheiro ou dos alimentos, às vezes eu preciso só de saber <i>“eu estou aqui”</i>. (...) as senhoras (...) o que me trouxeram de melhor, e pode querer que as baterias foram muito importantes, até os alimentos são, mas o melhor foi mesmo o <i>“eu estou aqui”</i> o saber que eu vou dormir descansada porque eu tenho alguém (...) mais que não seja para às vezes falar ou desabafar ou qualquer coisa que esteja aqui entalada e elas estão sempre lá. Isso é o mais importante de tudo.”</p> <p>“Elas fazem o que mais ninguém anda aí a fazer, é suficiente sim é mais do que suficiente (...) elas fazem o que podem e coitadas sabe Deus. E o que elas se esforçam para conseguirem dar o que dão (...) elas não param, não param mesmo. E quer dizer não é uma família são muitas.”</p>
Entrevista 2	<p>“Eu acho que é bem feito. (...) eu gosto de receber, mesmo pouco é melhor do que nada...”</p>
Entrevista 3	<p>“O que eu acho injusto é por exemplo, eu e dois filhos recebo uma quantia de alimentos e certos e determinados alimentos e vai outra pessoa que é ela sozinha mais o marido recebe mais alimentos, e alimentos diferentes. Acho que não está bem distribuído. (...) Tenho pouco conhecimento de como é que aquilo funciona porque é só chegar lá trago o saco entrego o saco, entrego o vazio e trago cheio não estou na altura a ver o que está e o que não está (...) mas depois falamos umas com as outras (...). A distribuição, quanto a mim, está mal gerida não sei, mas também não sei como é que aquilo funciona lá dentro.”</p> <p>“Quando lá vou sou bem recebida, bem atendida. Tudo gente simpática e porreira.”</p> <p>“É bom, uma maravilha, é espetacular, é divertido, é de confiança porque já me conhecem... a J já conhece o meu historial sabe já um bocado da minha história de vida...”</p>
Entrevista 4	<p>“Olhe agora como somos três é mas lá está como eu digo quando a minha filha vier (...) Eu já disse á N que ela vinha, e era bom ela a conhecer, porque devem sempre dar mais por causa dela porque eu sei quando é isso eles dão sempre mais alguma coisa... (...) Eu dou-me bem com a N (...) dou-me bem</p>

	com elas, gosto delas. Também são a minha família, com que eu posso contar.”
Entrevista 5	<p>“Se eu for buscar a alimentação uma vez por ano, que calha uma vez por ano à Assistente Social (...), naquele mês não recebo (...) e no princípio recebia, não tinha nada a ver (...). Não estou a perceber aqui esta jogada que isto é uma jogada entre a alimentação (...) no princípio a gente recebia dos dois lados se da Assistente Social não vinha uma garrafinha de azeite uma garrafinha de óleo a gente já contávamos que dali vinha e assim não vem (...) não vem de um lado nem vem do outro...”</p> <p>“Em relação às pessoas que lá estão a dar são boas pessoas, não podem dar, não podem não podem, as pessoas não podem fazer das tripas coração não é, têm que dar um bocadinho a cada pessoa portanto não podem a gente não vai obrigar (...). Eu quando lá chego, calha a minha vez eu entrego o saco que trouxe entrego-o despejado e vem-me outro que já tem as coisas a gente não vê.”</p> <p>“Se eu perguntar, por acaso desde que eu falei naquela garrafa de óleo e ela disse que não tinha e eu nunca mais perguntei, mas às vezes (...) acho que lhe roía a consciência ia lá dentro, ver não sei o que era, e trazia uma garrafa de óleo, mas primeiro não tinha, mas tinha eu de trabalhá-lo para me dar a garrafa de óleo e não podia estar ninguém lá.”</p> <p>“(…) porque a gente não vê as coisas a gente chega ali tem uma mesa a gente encosta-se à mesa, entrega o saco vazio e ele vai lá dentro acho que no saco tem um nome num papelinho chega ali mete o saco “Boa tarde”, “Boa tarde”, e só em casa é que a gente vê.”</p> <p>“A relação boa, boa, não tenho nada a dizer qualquer um deles e das senhoras que lá estão falo com qualquer uma...”</p>
Entrevista 6	<p>“Eu acho que não se pode sobrecarregar as pessoas que são voluntárias nessas coisas.”</p> <p>“Algumas nem as conheço, mas vejo tudo com espírito de voluntariado, simpáticas, atenciosas, colaboram ...”</p>
Entrevista 7	<p>“(…) eu acho que elas deveriam ter mais alguém para ajudar aqui na distribuição (...). Elas deviam ter aqui mais alguém que lhes desse a mão, mesmo na arrumação não quer dizer que não esteja arrumado, nós sabemos que elas têm uma certa idade e já não se conseguem mexer tão bem.”</p> <p>“Eu com elas é um espetáculo, são uns anjos.”</p>
Expectativas face ao futuro	

Entrevista 1	“(...) eu para mim mesmo agora como eu estou se me dissessem assim “ <i>olha</i> ” ... eu mexo no computador e faço montes de coisas aprendi a formatar computadores e essas coisas assim, aprendi no telemóvel ainda agora no computador faço mil e uma coisas, se me dissessem “ <i>tu fazes isto e vais receber este dinheiro</i> ” acredite que eu preferia do que estar a pedir.”
Entrevista 2	
Entrevista 3	“Eu gostava de não receber, era bom sinal. Adorava não receber, para dar a oportunidade a outras famílias que estejam em dificuldades também. (...) gostava de não receber mesmo era isso... é isso a minha expectativa era essa não precisar mais.” “Adorava que me saísse o totoloto, só o dinheiro suficiente para eu sair daqui e começar uma vida nova. Ter uma casa e um trabalho, mais nada.”
Entrevista 4	
Entrevista 5	
Entrevista 6	“Não sei, a maneira como as coisas estão tomar, não sei, é um bocado incerto.”
Entrevista 7	“Isto tem de acabar, queria ver se acabava com isto se tivesse um trabalho que fosse para o estrangeiro.”